

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Rachel Lilienfeld Aragão

“O que se diz e o que se faz”: os significados do casamento, relacionamentos amorosos e
infidelidade para jovens adultos solteiros

MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

São Paulo

2014

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC - SP

Rachel Lilienfeld Aragão

“O que se diz e o que se faz”: os significados do casamento, relacionamentos amorosos e infidelidade para jovens adultos solteiros

MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica sob a orientação da Profa. Dra Ida Kublikowski.

São Paulo

2014

Banca Examinadora

*À minha avó Eva, por me incentivar, a saber
sempre mais.*

AGRADECIMENTOS

Inicialmente, agradeço à minha orientadora Ida, pela disponibilidade em me orientar, acolher e escutar. Ao longo desses dois anos e meio, tornou-se não só minha orientadora, mas uma referência para a vida. Sem você, este trabalho não seria possível.

À Rosa Macedo, por ser A ROSA, por seus ensinamentos e por estar disposta a participar da minha banca.

À Betânia, por sua boa recepção ao meu trabalho e pelas valiosas contribuições durante a qualificação.

À minha mãe, Antonia Eva, por acreditar no meu sonho e sonhar comigo, apoiando-me incondicionalmente.

Ao meu pai, Thomaz, que, mesmo discordando da distância, apoiou minha decisão, colaborando em meu curso e em minha vida.

À minha irmã Deborah, minha tia Doris e meu padrasto Júlio, por acompanharem essa caminhada e torcerem por ela.

Ao Geraldo, por acreditar que “distância não é nada quando se gosta”, por ter acompanhado de perto, e comemorado de longe, todas as conquistas e dificuldades desse trabalho.

Aos participantes desta pesquisa, que se dispuseram a abrir suas vidas para mim, emprestaram seu tempo para a pesquisa e contribuíram para meu conhecimento. A importância deles é indescritível.

A todos que cruzaram minha vida nesses anos em São Paulo: colegas de apartamento, amigas, companheiras de mestrado, grupos de estudos, cursos e demais pessoas que de alguma maneira colaboraram com meu crescimento profissional e pessoal, ajudando-me a ser a pessoa que sou hoje. Em especial à: Fernanda, Juliana, Maíra e Mariana, sempre presentes, em Fortaleza ou em São Paulo.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, CNPQ, pelo auxílio financeiro que possibilitou a conclusão desse trabalho de pesquisa.

À todas essas pessoas, o meu MUITO OBRIGADA.

EPÍGRAFE

- *Estou surpresa com os pais dela. Dizem que é um casamento por amor.*
- *Por amor? Que ideias antediluvianas! Quem, hoje em dia, fala em amor? – disse a esposa do embaixador.*
- *O que fazer? Essa antiga moda tola ainda não caiu em desuso – disse Vrónski.*
- *Pior para aqueles que seguem essa moda... Só conheço casamentos felizes feitos por conveniência.*
- *Sim, mas em compensação quantas vezes a felicidade dos casamentos por conveniência se dissolve como pó, justamente porque aparece aquela paixão à qual antes não deram importância – disse Vrónski.*
- *Mas chamamos de casamentos de conveniência aqueles em que ambas as partes já tomaram juízo. É como a febre escarlatina, é preciso ter sofrido para não adoecer de novo.*
- *Nesse caso é preciso inventar um modo de inocular o amor artificialmente, como a vacina contra a varíola.*
- *Quando moça, me apaixonei por um sacristão – disse a princesa Miágkaia. – Não sei se isso me trouxe algum benefício.*
- *Não, brincadeiras à parte, creio que para conhecer o amor é preciso errar e depois corrigir-se – disse a princesa Betsy.*
- *Mesmo após o casamento? – perguntou a esposa do embaixador, em tom jocoso.*
- *Nunca é tarde para se arrepender – o diplomata repetiu o provérbio inglês.*
- *Exatamente – apoiou Betsy -, é preciso errar e depois corrigir-se. O que pensa a senhora sobre isso? – voltou-se para Anna, que, com um sorriso constante e quase imperceptível, ouvia a conversa em silêncio.*
- *Penso – respondeu Anna, brincando com a luva que despira -, penso... se há tantas cabeças quantas são as maneiras de pensar, há de haver tantos tipos de amor quanto são os corações.*

(Anna Kariénina - Liev Tolstói, 1828 – 1910)

“O que se diz e o que se faz”: os significados do casamento, relacionamentos amorosos e infidelidade para jovens adultos solteiros.

RESUMO

Nos últimos 60 anos modificaram-se as formas de pensar o mundo e as relações sociais. Em meio à ambiguidade gerada pela relativização dos valores, os relacionamentos amorosos acompanharam essa mudança e se desdobraram em múltiplas possibilidades, tornando-se mais líquidos e fluidos. Nesse contexto o presente trabalho foi desenvolvido a partir de uma visão sistêmica e teve por objetivo compreender os significados atribuídos ao casamento, relacionamentos amorosos e à infidelidade por jovens adultos solteiros, na intersecção entre o fluxo horizontal e o fluxo vertical, ou seja de uma perspectiva atual e intergeracional no ciclo vital da família. Para tal, foi desenhada uma pesquisa qualitativa, desenvolvida por meio de entrevistas semi-estruturadas e genogramas. Foram entrevistados dois homens e duas mulheres, com idade entre 25 e 34 anos, representantes da assim denominada Geração Y, com grau universitário completo ou em curso. Os resultados indicaram que o casamento, assim como as uniões estáveis, são vistos como escolha e não obrigação. Os relacionamentos amorosos estão pautados na parceria e igualdade, regidos pela concepção de relacionamento puro, igualitário, que propõe a satisfação mútua e a possibilidade de rompimento quando tais condições não são atendidas. A infidelidade se apresenta com significados tradicionais e emergem questões de gênero, dado que à leveza masculina, que permite um rompimento fácil, se contrapõe a insegurança feminina frente à ambiguidade que pode ser observada nos diferentes significados atribuídos ao compromisso. Ao considerarmos a intersecção entre os fluxos horizontal e vertical, tornou-se patente que esses representantes da Geração Y se desenvolvem nas novas organizações familiares e concebem as relações de intimidade a partir dos horizontes culturais, que oferecem a ideia dos relacionamentos puros, e as crenças e valores apropriados de suas famílias de origem em um processo pelo qual as relações se afiguram não tão líquidas quanto deveriam parecer nem tão puras como imaginadas.

Palavras-chave: *Relacionamentos amorosos. Casamento. Infidelidade. Intergeracionalidade.*

“What is said and what is done”: meaning of marriage, romantic relationship and infidelity for single young adults.

ABSTRACT

The way of thinking of the world and social relationships has changed in the last 60 years. The relativism of values generated an ambiguity that is evidenced in romantic relationships that have also changed and taken multiple configurations, becoming more liquid and fluid. In this context, this work was developed from a systemic perspective with the objective to understand the meanings of marriage, romantic relationships and infidelity among single young adults. This work intersects the horizontal and vertical flows – from current and intergenerational perspectives in family life cycle. To obtain these results, this paper consisted of qualitative research, developed by semi-structured interviews and genograms with two men and two women, between 25 and 34 years, which represent Generation Y, currently in the university or with a university degree. The results indicate that marriage, as well as “stable union” are seen as a choice not an obligation. Romantic relationships are guided by partnership and equality, governed by the concept of “pure relationship” that provides mutual satisfaction and the possibility of separation when these conditions are not fulfilled. Infidelity presents itself with traditional meanings and some gender issues emerge, given that the male lightness enables an easy break up, against female insecurity, marked by ambiguity that is observed in different meanings assigned to commitment. When considering the intersection of horizontal and vertical flows, it is evident that these representatives of Generation Y were raised in new families arrangements and their idea of intimate relationships were constructed based on cultural concepts of pure relationships and the beliefs and values that came from their families. This process reveals that the relationships are not as liquid as they should appear and not that pure as imagined.

Keywords: Love relationships. Marriage. Infidelity. Intergenerationality.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO 1 – ATÉ QUE A MORTE OS SEPARE: <i>CASAMENTO E AMOR NA LINHA DO TEMPO</i>	17
1.1 Do surgimento do casamento ao amor romântico.....	17
1.2 Convivendo com o amor, amor romântico e amor líquido.....	21
1.3 O casamento na confluência e na liquidez amorosa	23
1.4 Das mudanças na legislação	25
CAPÍTULO 2 – A GERAÇÃO Y	28
CAPÍTULO 3 – HOMENS E MULHERES: <i>CONSTRUÇÕES DE GÊNERO</i>	32
3.1 A construção da intimidade	32
3.2 Questões de gênero	33
3.3 Relações amorosas na contemporaneidade.....	35
3.4 Infidelidades	38
CAPÍTULO 4 – TRANSMISSÃO DE PADRÕES INTERGERACIONAIS: <i>COMO NOSSOS PAIS</i>	41
4.1 A família.....	41
4.2 A transmissão intergeracional.....	43
CAPÍTULO 5 - MÉTODO.....	45
5.1 Participantes.....	45
5.2 Instrumentos	46
5.3 Procedimento	47
5.4 Análise dos dados.....	47
CAPÍTULO 6 – ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DAS INFORMAÇÕES	49
6.1 Análise dos genogramas	51
6.2 Análise das entrevistas	66
6.2.1 Casamento.....	66
6.2.1.1 Casamento como parceria e escolha.....	67
6.2.1.2 Casamento como obrigação	67
6.2.1.3 Casamento como sucesso	68
6.2.1.4 União estável.....	69
6.2.1.5 Morar junto	69

6.2.2 Relacionamento amoroso	70
6.2.2.1 Percepções de si nos relacionamentos amorosos	70
6.2.2.2 Relacionamentos abertos e monogâmicos	72
6.2.2.3 Ideal de relacionamento	73
6.2.2.4 Relacionamento como posse.....	73
6.2.3 Amor.....	74
6.2.3.1 Intimidade + compromisso	74
6.2.3.2 Amor romântico	75
6.2.3.3 Poliamor.....	76
6.2.4 Infidelidade	76
6.2.4.1 Traição da confiança.....	76
6.2.4.2 Infidelidade como falta de respeito	77
6.2.4.3 Espaço para infidelidade nas relações	78
6.2.4.4 Infidelidade relativa.....	78
CONSIDERAÇÕES FINAIS	80
REFERÊNCIAS	82
APÊNDICE 1 – E-MAIL ENVIADO A LISTA DE CONTATOS DA ENTREVISTADORA PARA PEDIDO DE PARTICIPANTES	91
APÊNDICE 2 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	92
APÊNDICE 3 – ROTEIROS DA ENTREVISTA DO GENOGRAMA E DA ENTREVISTA.	94
APÊNDICE 4 – CATEGORIAS DE ANÁLISE.....	95
<i>Casamento</i>	95
- Casamento como parceria e escolha	95
- Casamento como obrigação	96
- Casamento para o sucesso.....	97
- União estável.....	98
- Morar junto.....	98
<i>Relacionamento amoroso</i>	99
- Percepções de si nos relacionamentos amorosos	99
- Relacionamentos abertos e monogâmicos	100
- Ideal de relacionamento	101
- Relacionamento como posse	102

<i>Amor</i>	103
- Intimidade + compromisso.....	103
- Amor romântico.....	103
- Poliamor	104
<i>Infidelidade</i>	104
- Traição da confiança.....	104
- Infidelidade como falta de respeito	105
- Espaço para infidelidade nas relações	105
- Infidelidade relativa	105
APÊNDICE 5 – TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS	107
ANEXO – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP	

INTRODUÇÃO

“Agora sente-se e escute: eu te amo não diz tudo.” (Martha Medeiros)¹

Nos últimos sessenta anos, observamos inúmeras transformações que modificaram não só as relações sociais, mas também a forma de pensar o mundo. Saímos do paradigma da modernidade, onde o mundo tinha regras bem específicas, para o paradigma da complexidade que vê o mundo de forma mais ambígua. (NAJMANOVICH, 1995; SANTOS, 1988).

Nesse mundo ambíguo, em que os valores se modificaram, os relacionamentos amorosos acompanharam essa mudança. Com o surgimento da pílula anticoncepcional, o advento do divórcio e o crescimento da presença das mulheres no mercado de trabalho, as interações amorosas e sexuais entre homens e mulheres se modificaram, o ideal de amor romântico, onde os casais se completavam e os relacionamentos tinham por objetivo apenas constituir uma família, convive com práticas flexíveis obrigando às pessoas a viverem em uma ambiguidade de vivências e conceitos. Observamos também uma dificuldade para nomear os relacionamentos, pois nomear é criar regras. Mas como nos faltam palavras para defini-los, recorremos aos significados que a cultura nos oferece para entendê-los, o que recursivamente nos conduz às normas instituídas, que apesar de diferentes, continuam sendo normas com seus pontos de chegada que estabelecem o que é bom e desejável. Cria-se então um vácuo entre o que se espera e o que se faz, pois ainda somos regidos, em certa medida, pelos ideais. (FEIJÓ e MACEDO, 2012; FÉRES-CARNEIRO, ZIVIANI e MAGALHÃES, 2011; JABLONSKI, 2011; CAVALCANTI CHAVES, 2010; BAUMAN, 2004; GIDDENS, 1993).

O casamento, tal como o conhecemos hoje, com consensualidade, surgiu por volta do século XVIII, influenciado pelo amor romântico e pelos ideais da burguesia nascente. Até essa época, os pais cuidavam do casamento dos filhos (ARAÚJO, 2002), onde não existia nenhum vínculo amoroso e sexual. O casamento era um contrato entre duas famílias que firmavam uma aliança econômica e, muitas vezes, política.

Os casamentos eram dissociados da sexualidade, mas em alguns contextos da aristocracia a liberdade sexual era incentivada. Giddens (1993) falou em amor apaixonado, como uma ligação entre o amor e a sexualidade. Entretanto, definiu amor romântico como

¹ “PENSADOR. Martha Medeiros: Eu te amo não diz tudo O cara diz que... Disponível em: <<http://pensador.uol.com.br/frase/MzU4MDk2/>>. Acesso em: 20 Fev. 2014.

amor apaixonado acrescentando-lhe valores da moral cristã. O amor romântico se tornou o modelo e o ideal de relacionamento almejado pelas pessoas.

O casamento evoluiu de um contrato de aliança entre famílias para uma escolha entre dois indivíduos que se amam. Para Araújo (2002) essas mudanças impunham ao casal expectativas e ideais de felicidade, que quando não correspondidos acarretavam conflitos e desilusões.

Ao contrário do amor conjugal que aumentava com o tempo, o amor-paixão tende a acabar com o tempo. Esse é o grande desafio que os casais modernos enfrentam nos dias de hoje e que os leva a redefinir expectativas e idealizações sobre o casamento. (ARAÚJO, 2002, p.73).

As ideias de Giddens (1993) são semelhantes a essa ideia de Araújo (2002) ao conceituar amor confluyente, como um amor ativo e presente, contrapondo-se ao amor romântico idealizado e “para sempre”. O relacionamento puro, conceituado por Giddens (1993) como um relacionamento pelo próprio relacionamento, tem se tornado presente em várias relações sociais, principalmente no casamento, associando-se com o ideal de amor confluyente.

Por sua vez, Bauman (2004), em seu livro *Amor Líquido*, apresenta as relações amorosas e familiares fluídas, onde as pessoas não se aprofundavam nos vínculos, sempre os deixando em aberto para o surgimento de outras oportunidades, o “amor líquido”. Pensamos então que o amor líquido é fluído e mais “sem amarras” do que o amor confluyente devido a sua brevidade. Observamos que o amor confluyente, o amor líquido e o amor romântico parecem coexistir e conflitar em nossa sociedade.

Ferreira e Schultz (2005) apontavam que durante a escolha do parceiro ocorre um processo de expectativa e realidade. Também Bauman (2004) nos recorda das escolhas diárias que devem ser feitas nos relacionamentos a fim de reafirmar os vínculos construídos.

O movimento feminista tinha por foco a igualdade entre os gêneros, igualdade esta que começa a ser buscada dentro da própria casa, interferindo e modificando os valores familiares e construindo uma nova realidade de comportamento e interação familiar. Segundo Féres-Carneiro (2008), há um paradoxo na vida em casal, de um lado duas individualidades que buscam se satisfazer a todo o momento; do outro a construção de uma vida comum, em uma zona de interação. Apesar disso, Jablonski (2011) demonstrava que mesmo com essa mudança nos valores, os jovens pretendem casar.

Klintonowitz (2006, p.57) acreditava que existe uma grande contradição em nossa época, pois “no grande mercado do amor livre, as pessoas ainda buscam alguém para partilhar a vida

nos termos de amor romântico e a família tradicional é um exemplo do que é projetado para o futuro”. Nesse sentido, observamos inúmeros casais jovens morando junto como uma experiência antecessora ao casamento.

Pascoal (2010) apresentou que a coabitação pode ser considerada uma íntima união entre duas pessoas não casadas que partilham a mesma casa por um contínuo de tempo. A autora acreditava também que é “o melhor dos dois mundos”, pois se divide a casa e a vida com o ser amado, mas torna-se mais fácil de desfazer que um casamento legal. Para ela, a coabitação é um passo natural do relacionamento não significando, entretanto, que haverá um casamento legal.

Duarte e Rocha-Coutinho (2011, p.123) estudaram sobre o “namorido”, que se refere “a um tipo de relação em que o casal, após um breve período de namoro, passa a morar junto, sem que a união necessariamente seja ou venha a ser formalizada”. Esse período pode ser considerado como um período de teste para o casal. Apesar de algumas vezes a coabitação ocorrer em virtude de questões financeiras, a vontade de estar junto do casal também aparece como um dos motivos para essa prática. A partir das entrevistas de Duarte e Rocha-Coutinho (2011) entendemos que a coabitação em si já pode ser considerada uma forma de conjugalidade, pois segundo algumas entrevistadas nessa pesquisa o “status” da união já é dado pelo próprio casal.

As uniões consensuais, segundo Bauman (2004, p.46), “ganham o atrativo de que carecem os laços de afinidade. Suas intenções são modestas, não se prestam juramentos, e as declarações, quando feitas, são destituídas de solenidade, sem fios que prendam nem mãos atadas”. Diferentemente dos casamentos, civis e religiosos, as pessoas parecem unir-se com a finalidade de estarem juntas, mas longe da expectativa de vínculos fixos, o que observamos no Censo de 2010, com o aumento desse tipo de união.

Ao nos voltarmos para os dados da Estatística de Registro Civil do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE observamos que o número de nupcialidade legal, que envolve casamentos registrados, aumentou 1,4% no ano de 2012 em relação ao ano de 2011, entretanto, esse número ainda é mais baixo que os das décadas anteriores. Em 2012, foram 6,9 casamentos por mil habitantes, na década de 1970 eram 13 casamentos por mil habitantes (IBGE, 2012).

Nesse contexto, nosso objetivo geral nesse trabalho foi contribuir para uma compreensão, da perspectiva de jovens adultos solteiros, dos significados atribuídos ao casamento, às relações amorosas e à infidelidade.

Para tal fim, os objetivos específicos se voltaram para:

- compreender os significados recebidos intergeracionalmente por jovens no fluxo vertical do ciclo de vida familiar;
- compreender os padrões de interação amorosa atuais no fluxo horizontal do ciclo de vida familiar;
- mapear e compreender os padrões de interação amorosa na interseção entre os fluxos vertical e horizontal, conforme proposto por Carter e McGoldrick (1995).

Para entendermos essa dinâmica foi necessário conhecermos esses jovens, através de entrevistas e do genograma, uma demonstração gráfica das relações familiares. A família se torna importante aqui, pois como McGoldrick (1995) apontou a família é mais que a soma das partes de cada indivíduo. É a partir do ciclo de vida familiar que o indivíduo vive seu ciclo de vida.

No seio da família, a única pessoa que escolhemos para fazer parte dela é o cônjuge, todos os outros membros do sistema ou já estão nele ou nascerão, não cabendo ao indivíduo escolher. Entretanto, mesmo a escolha do parceiro sofre influência da família através de padrões intergeracionais.

Existem dois fluxos familiares, o vertical e o horizontal. O fluxo vertical tem relação com os padrões e valores familiares, tabus, expectativas, rótulos e são transmitidos intergeracionalmente. “Podemos dizer que são como a mão que nos maneja: eles são os dados. O que fazemos com eles é problema nosso”. (MCGOLDRICK, 1995, p.11). Já o fluxo horizontal, tem relação com “a ansiedade produzida pelos estresses na família conforme ela avança no tempo, lidando com as mudanças e transições do ciclo de vida familiar” (MCGOLDRICK, 1995, p.12). Esses estresses supracitados têm a ver com aspectos desenvolvimentais acidentais ou esperados, como morte ou casamento e podem gerar sistemas disfuncionais.

Pensamos que a relevância desse tema dentro da área da Psicologia se dá em virtude do paradoxo dos relacionamentos amorosos entre pessoas jovens. Historicamente, o casamento era um contrato entre duas famílias com a finalidade de manutenção e aumento do patrimônio, entretanto com a disseminação do amor romântico tornou-se o objetivo em si mesmo, principalmente para as mulheres que tornaram-se as soberanas da intimidade, tendo como principal função cuidar do marido, da casa e dos filhos. Com a saída das mulheres da

esfera privada, as mudanças nas tradições, a liberdade sexual e amorosa, uma ambiguidade parece surgir nas relações e na vida dessas pessoas.

O IBGE denominou “nupcialidade legal” o casamento, que é definido por uma cerimônia ou processo que constituiu a relação legal entre homem e mulher. Já “união consensual” é entendida pelo mesmo órgão como as uniões onde as pessoas coabitavam sem terem contraído casamento civil ou religioso, incluindo os que têm contrato de união estável (IBGE, 2010).

Apesar de o Código Civil Brasileiro de 2002 descrever “união estável”, como um contrato de convivência pública com a intenção de formar família, o IBGE não apresentou os dados desse tipo de união em separado das pessoas que coabitam, mas não formalizaram um contrato. Portanto, para esse trabalho, tornaremos equivalentes os termos união estável e união consensual, abordando como as pessoas entendem essas denominações.

O tema dos relacionamentos amorosos na pós-modernidade vem sendo amplamente discutido e foco de vários trabalhos, entretanto, está longe de se esvaír, tornando-se importante revisitá-lo e abordá-lo de forma diferente. Importante salientar aqui que nosso estudo busca conhecer a visão de casamento de casais heterossexuais, uma vez que, até recentemente, aos homossexuais o casamento não era permitido.

Para atender aos objetivos propostos, o presente trabalho foi construído da seguinte forma: O capítulo 1 apresenta o casamento numa linha do tempo, assim como as relações amorosas e os aspectos jurídicos do casamento. No capítulo 2, buscamos caracterizar a Geração Y, visando compreender nossas participantes em contexto. O capítulo seguinte aborda as questões de gênero e as infidelidades. E o capítulo 4 discorre sobre a transmissão de padrão intergeracionais. Seguem-se então o método, a análise e discussão das informações obtidas em campo e as considerações finais.

CAPÍTULO 1 – ATÉ QUE A MORTE OS SEPARE: CASAMENTO E AMOR NA LINHA DO TEMPO

A instituição do casamento talvez seja uma das mais antigas do mundo. Inicialmente, visto como uma aliança entre famílias e com fim único de procriação, o amor não era exigido para que se contraísse o casamento. Ele viria depois com a convivência entre o casal (YALOM, 2002; GIDDENS, 1993; MACFARLANE, 1986). Hoje em dia, além das diversas formas de conjugalidade – casamento, união estável, união consensual, união em casas separadas, relacionamento aberto – convivemos com a fluidez dos relacionamentos e dos vínculos entre as pessoas.

Nesse capítulo traçamos uma linha do tempo, abordando as mudanças sofridas no casamento, bem como a forma pela qual o amor foi adentrando nos relacionamentos e se tornando o principal motivo de união. Para essa compreensão recorreremos, também, à legislação vigente, a respeito do casamento e uniões no Brasil.

1.1 Do surgimento do casamento ao amor romântico

O casamento, tal como conhecemos hoje, é um contrato firmado entre duas pessoas com a intenção de constituir uma família. Entretanto, para chegarmos a essa definição, diversas mudanças históricas ocorreram.

Na sociedade ocidental, seguimos a tradição judaico-cristã, que se inicia com Adão e Eva, criada da costela de Adão, para que ele não estivesse só.

E fez o Eterno Deus cair um sono pesado sobre o homem e (este) adormeceu; e tomou uma das suas costelas e fechou (com) carne o seu lugar. E fez o Eterno Deus (da) costela que tinha tomado do homem, uma mulher, e a trouxe ao homem. E disse o homem: Esta vez é osso dos meus ossos e carne da minha carne, esta será chamada mulher, porque do homem foi tomada esta. Portanto deixará o homem a seu pai e a sua mãe, e unir-se-á à sua mulher, e serão uma (só) carne. (GÊNESIS, 2: 21-24).

Tomando a Bíblia como referencial da tradição, observamos que os casamentos ocorriam entre pessoas da mesma família e que um marido podia ter várias esposas, entretanto, para isso era necessário pagar um valor, o que demonstrava que só os mais ricos poderiam ter várias esposas. A esposa era propriedade do marido e o casamento era selado com presentes e dinheiro que eram dados à família da noiva. Nessa época, existia o divórcio, geralmente, pedido pelo marido, em casos de adultério feminino, infertilidade, desobediência,

quadro que foi observado em vários momentos históricos. Essas características estão presentes no Antigo Testamento (MARTINS, 2012; YALOM, 2002).

Para os gregos, o casamento era um negócio. A mulher tinha que ter um dote para ter um noivo. O casamento era selado entre o pai e o noivo, sem a presença da noiva, sendo considerado um ritual de entrada no mundo adulto (YALOM, 2002). A partir desse momento, o homem tornava-se o guardião da esposa, sendo responsável por ela e seus atos, valor esse que perdurou até metade do século XIX. Na Grécia antiga, a busca pelo parceiro, do sexo oposto ou não, estava ligada a um impulso, sendo o amor uma busca pelo bem e pela beleza (GUEDES e ASSUNÇÃO, 2006). Os homens poderiam ter relações sexuais com quem desejassem – fossem homem pré-purberes, fossem mulheres, com exceção das casadas. O foco do casamento era a procriação. O adultério feminino era passível de punição, mas, em caso de infertilidade, os homens poderiam contrair um novo casamento.

Segundo Norgren (2002, p.15), a instituição do casamento, na Grécia e em Roma, era “estabelecida pela religião doméstica, obrigatório, contratado para perpetuar a família e o culto aos antepassados”, como visto acima. A partir dos romanos, o casamento começa a ser consentido pela mulher. Entretanto, ainda não era uma escolha como nos dias atuais. A ênfase do casamento estava no “consentimento como o fator determinante de uma união válida, as autoridades romanas espalharam este conceito por todo o império e, finalmente, através de todo o mundo ocidental” (YALOM, 2002, p.50). Era assim o início de uma nova perspectiva para a mulher, que começava a deixar de ser uma propriedade masculina. Os romanos também possibilitavam a liberdade de ir-e-vir às mulheres, desde que não atrapalhasse o bom andamento da casa. As romanas podiam ter sua própria renda e até seus amantes, desde que em sigilo.

Na Idade média, com a introdução dos valores e da moral cristã, o casamento tornou-se uma obrigação entre homens e mulheres, não podendo transcender o sentimento que se sente por Deus. Norgren (2002) ressaltou que o casamento não era universal, logo, nem todos os filhos casavam-se. O casamento era, também, uma forma de conter a fornicação, de modo que o casal só tivesse relações sexuais para fins de procriação. Dessa forma, a sexualidade, o desejo e o prazer permaneciam fora do casamento. O ideal do matrimônio era que trouxesse bem-estar ao casal e aos filhos. O ideal do casamento medieval era a procriação e a relação sexual, uma obrigação solene, não um ato prazeroso (ARAÚJO, 2002; YALOM, 2002).

Entretanto, mesmo com toda a imposição de valores da Igreja Católica, que transformou o casamento em sacramento, impondo o amor mútuo e temente a Deus, surge

com os trovadores e cavaleiros, o amor cortês e o amor cavalheiresco. Nessa expressão de sentimentos existia uma ligação espiritual, mas apenas no cavalheiresco havia a consumação carnal do desejo dos amantes, em casamento ou adultério (ARAUJO, 2002; NORGREN, 2002; GIDDENS, 1993). O amor cortês, que era contrário ao casamento, sofreu algumas mudanças, tornando-se uma das muitas influências do amor romântico.

A Reforma Protestante introduz relações mais igualitárias para os casais, as esposas deveriam servir e ajudar seus maridos. O casamento começa a se tornar uma fonte de companheirismo. A satisfação sexual mútua é vivida pelos puritanos, como necessário para um matrimônio duradouro (YALOM, 2002; MACFARLANE, 1986).

Apesar das mudanças e das liberdades que algumas mulheres experimentavam o padrão de casamentos arranjados ainda existia, bem como uniões compulsórias, uma vez que havia um alto índice de mortalidade feminina nos partos. O amor conjugal, a afeição entre os cônjuges, era desenvolvida ao longo dos anos de união. À mulher cabia respeitar seu marido, ser-lhe fiel e devotada, cuidar da casa e dos filhos e servir de apoio a ele. Ao marido cabia responder pelos atos de sua mulher, provê-la, o trabalho fora de casa e as decisões políticas.

Com todas essas influências e mudanças que vinham ocorrendo na sociedade, inclusive com a saída dos campos e início da urbanização, o amor romântico emerge como um ideal de relacionamento, representado na literatura, tornando-se almejado por todos (ARAÚJO, 2002; GIDDENS, 1993; MACFARLANE, 1986).

Giddens (1993, p.48) falou em *amor passion* ou amor apaixonado “como a expressão de uma conexão genérica entre o amor e a ligação sexual. [...] O amor apaixonado é especificamente perturbador das relações pessoais”. O amor romântico, então, apropria-se de algumas ideias do amor apaixonado, mas difere deste por lhe acrescentar uma moral cristã. “Rompe com a sexualidade, embora a abarque; a ‘virtude’ começa a assumir um novo sentido para ambos os sexos, não mais significando apenas inocência, mas qualidades de caráter que distinguem a outra pessoa como ‘especial’”. (GIDDENS, 1993, p.51).

A Inglaterra, no século XVIII, tornou-se o primeiro país onde a livre escolha do cônjuge era vigente para ambos os sexos, podendo, inclusive, ocorrer sem o consentimento dos pais e amigos (MACFARLANE, 1986). O casamento torna-se um contrato celebrado entre dois amantes que queriam viver juntos e constituir família.

MacFarlane (1986) discorreu sobre as ideias de Malthus que pregava que os jovens deviam adiar o casamento, pois tratava-se de algo muito oneroso e que nem todos tinham condições financeiras de ter e manter uma família. Essa ideia também escondia a intenção de

manter o *status quo* europeu e levar a diminuição populacional, ideia mais presente entre a burguesia, do que entre as classes mais populares.

Para alguns pensadores da época, o casamento não era uma iniciativa razoável, uma vez que poderia se obter o que se tinha no casamento, fora dele, como satisfação sexual e emocional. Isso pode ser observado na atualidade. Entretanto, essa instituição se mantinha, como apresenta MacFarlane (1986, p.183):

O contrato de casamento era algo a mais do que um simples contrato. De uma forma extraordinária, o que começa como um exercício artificial da vontade, um encontro quase aleatório de dois corpos, mentes e personalidades, torna-se o mais importante e, paradoxalmente, o mais natural dos relacionamentos.

No Brasil, o processo relativo ao casamento ocorreu de forma similar ao da Europa. Os casamentos eram arranjados e, em sua grande maioria, eram negócios entre duas famílias. O poder era dos maridos e às esposas cabia, como sempre, o cuidado da casa e dos empregados. A “dupla-moral” era vigente, uma vez que os homens podiam ter relações sexuais livremente, mas não as mulheres (MARTINS, 2012).

A família patriarcal se caracterizava por “ênfase na autoridade do pai, na dependência da mulher e na poligamia masculina. Eram famílias extensas, com agregados e escravos, e o que elas produziam era destinado à exportação” (NORGREN, 2002, p.19). Tais arranjos não existiam com tanta força no Sul do país, onde as mulheres acabavam liderando a família em virtude das Bandeiras. Com a chegada da família real, em 1808, o ideal da família burguesa, “marcada pela valorização da intimidade e da maternidade” (D’INCAO, 2002, p.223), vem junto, sendo adaptado à família patriarcal.

As literaturas românticas que foram surgindo, bem como o início da industrialização, implementaram, no Brasil, os ideais de amor romântico e do casamento como satisfação do impulso sexual e afetivo. O amor romântico era pensado como o amor pelo amor, ou seja, ama-se o fato de amar, mais do que a pessoa amada. A escolha do cônjuge se dá por amor e há uma mudança da família patriarcal para a “família conjugal moderna”, onde a mulher tornou-se a rainha do lar e a casa o refúgio do mundo externo (SCOTT, 2012).

A mãe brasileira, em um contexto de urbanização, sai do confinamento do período Colonial, para cair nas malhas do poder médico. Sua sexualidade ficou restrita ao papel materno, garantindo a vida familiar. O homem desprovido de suas propriedades dominou a mulher. *‘De propriedade jurídico-religiosa, a mulher passou a propriedade higiênico-amorosa do homem’*. Constituída para sentir, como o homem o foi para pensar, mais inclinado ao sexo que ao amor, a própria natureza masculina e feminina gera uma contradição, que põe em risco a relação. (KUBLIKOWSKI, 2001, p.118).

O casamento e a manutenção da família organizada e educada era a principal tarefa dessas mulheres, que tinham seus corpos e seus prazeres controlados pelos homens.

As duas Guerras Mundiais (1914-1918 e 1939-1945) subverteram os ideais modernos. O caos se instalou, obrigando as mulheres a saírem de casa e trabalharem, transformando a ordem estabelecida. As mulheres, então, conquistaram o voto, o trabalho fora de casa e a sexualidade livre, e isso já não podia lhes ser tirado. A partir da década de 1960 com o advento da pílula anticoncepcional, e depois, na década de 1970, com a legalização do divórcio, o casamento passa a se tornar finito e não mais “até que a morte os separe”.

Entretanto, a sociedade ainda impunha antigos valores, e a cultura do casamento existia como um padrão regente da família.

O casamento era um valor e deveria ser mantido a qualquer custo. A monitoria do casamento, em geral, era feita pelas mulheres, que buscavam redefinir seus laços familiares, reduzindo suas expectativas e trabalhando para conseguir a afeição dos seus maridos. (NORGREN, 2002, p.26).

1.2 Convivendo com o amor, amor romântico e amor líquido

Para alguns autores, como Oltramari (2009), o amor é oriundo de uma ideia grega que o divide em três: *Eros*, *philia* e *caritas*. *Eros* estaria ligado ao sofrimento, o amor que busca ser alcançado. *Philia* estaria ligado ao desejo de partilhar a companhia do outro, é o querer bem. E *caritas* (ou ágape) estaria relacionado ao bem do outro, através do pensamento cristão, fazer bem ao amante. As expressões de amor e nomenclaturas que usamos hoje, de alguma forma, seriam derivadas desses conceitos ou a eles relacionados.

A teoria Triangular do Amor de Sternberg caracteriza o sentimento em três componentes: intimidade, paixão e decisão/compromisso e é explicada por Mõnego e Teodoro (2011, p.97):

Intimidade é a presença de felicidade, respeito, entendimento mútuo, capacidade de entregar-se, apoio emocional, comunicação e valorização. Interações baseadas isoladamente nesse componente caracterizam relações semelhantes a amizade. A paixão diz respeito à atração física e sexual, à uma vontade de estar junto e ao romance, indicando uma união com grande excitação. Decisão/compromisso, por sua vez, está relacionado à decisão de amar e à vontade de que a relação se mantenha em longo prazo. Quando isolado, revela um relacionamento que tende a durar, mas principalmente pela influência de fatores externos, pois a paixão e a intimidade não estão presentes.

Segundo os autores, a junção dos três componentes estabeleceria o amor pleno. Associamos esses três componentes, também, à divisão de Oltramari (2009), em Eros, Philia e Caritas, com Eros ligado à Paixão, Intimidade à Philia e Decisão/compromisso à Caritas.

Mônego e Teodoro (2011) dissertaram sobre a ideia de que dois componentes juntos indicam outras formas de amar, que interagem com a forma como as pessoas irão se relacionar. O amor romântico, para os autores, é a combinação entre intimidade e paixão, sendo este termo bastante presente, ainda hoje, nos ideais de diversas pessoas.

Segundo Norgren (2002, p.25), “o amor tornou-se virtude pessoal, sem compromisso com os ideais públicos, respondendo a uma certa ética pessoal, ou seja, os apaixonados submetem-se a normas impostas por suas próprias consciências”. Nesse sentido, existiria um certo tipo de união com o outro que traria a felicidade plena. Apaixonava-se por uma pessoa e ela era a escolhida para viver “pelo resto da vida”.

MacFarlane (1986, p.190) sugeriu que a relação conjugal chegava a superar as relações familiares, desse modo a ideia do homem e da mulher “como as duas metades de um todo, formando a mesma carne e o mesmo sangue, é fundamental para a moderna concepção da natureza profundamente interdependente da vida conjugal”. Desse modo, os homens tornaram-se os provedores e as mulheres as “rainhas do lar”, valores provenientes da burguesia. O amor tornou-se, então, pré-requisito para o casamento.

Giddens (1993) observou que os ideais do amor romântico voltavam-se para a idealização do outro e uma completude de algo que nem se sabia que faltava. Nesse ideal, a mulher tinha que salvar e modificar o homem. O amor-paixão, que envolvia a sexualidade, devia ser separado do amor romântico e os homens o faziam, mantendo uma amante ou prostituta e respeitando o lugar “respeitável” da esposa. O casamento com o homem pelo qual se estava apaixonada, e que era a sua “metade da laranja”, foi, durante muito tempo, a única experiência de vida viável para muitas mulheres.

Essa identificação projetiva do amor romântico, na qual “o outro te completa”, tornou-se contrária ao desenvolvimento de um relacionamento que envolvia intimidade. Giddens (1993, p.72), então, propõe o conceito de amor confluyente, “um amor ativo, contingente, e que, por isso, entra em choque com as categorias ‘para sempre’ e ‘único’ da ideia do amor romântico”. O autor continuou a explicar que o amor confluyente foi influenciado pelas mudanças ocorridas, como divórcios e separações, ingresso no mercado de trabalho, por parte das mulheres, uma vez que libera o lado sexual dos amantes e a possibilidade de um “eterno enquanto dure”, buscando-se um relacionamento especial, não uma pessoa especial.

O amor confluyente “presume igualdade na doação e no recebimento emocionais, e quanto mais for assim, qualquer laço amoroso aproxima-se muito mais do protótipo do relacionamento puro.” (Ibid., p.73) O relacionamento puro, que é o relacionamento pelo próprio relacionamento, tem se tornado presente em várias relações sociais, principalmente no casamento, associando-se muito bem com o ideal de amor confluyente. Nesse caso, o relacionamento se mantém enquanto os envolvidos assim o quiserem, construindo novas formas de intimidade e confiança. O amor confluyente introduz no casamento a liberação da “ars erótica”, possibilitando que o casal possa experimentar o prazer sexual juntos. Os acordos nessa forma de relação se tornam muito importantes, uma vez que a monogamia e a continuidade da relação só acontecem enquanto for satisfatório para os dois. Insere-se aqui a sexualidade plástica, uma sexualidade descentralizada, onde as pessoas podem experimentar o que lhes dá prazer, no relacionamento em que estiverem, sem receios e sem fins de procriação. No entanto, o próprio autor assinala ser esta uma forma ideal de relacionamento, ou seja, difícil de ser observada na experiência cotidiana, mas que implica o compromisso, o “eterno enquanto dure”.

Por outro lado, Bauman (2004, p.36 -37) sugere o termo “relações de bolso”, que é “a encarnação da instantaneidade e da disponibilidade”, e questiona o compromisso nas relações amorosas atuais, ao sugerir que, em nossa sociedade de consumo, procuramos sempre algo que nos seja mais venturoso, inclusive nos relacionamentos, as pessoas não podem suportar os desgastes de relações amorosas duradouras, procurando sempre escapar desse compromisso.

Cabe, no entanto, ressaltar que as mudanças descritas não ocorrem de forma linear. Podemos, então, observar que, na atualidade, apesar de aparentemente as velhas formas de amor haverem sido descartadas, Figueira (1987), em sua reflexão sobre o tema, evidencia, como o “moderno” e o “arcaico”, continuam convivendo e conflitando no inconsciente familiar brasileiro.

1.3 O casamento na confluência e na liquidez amorosa

Nos séculos XVIII e XIX, quando a base do casamento era o amor romântico, acreditava-se que marido e mulher formariam um par indivisível e solidário. Os fatores mais importantes na escolha do parceiro eram o amor e a atração sexual. Para Ferreira e Schultz (2005, p.7) impunha-se uma relação complementar idealizada característica do amor romântico, pois “a ambos falta o que o outro tem e cada um pode dar ao outro o que ele

precisa”. Quando escolhia-se um parceiro “errado”, todo o relacionamento estava fadado ao insucesso. (MACFARLANE, 1986).

Entretanto, com as mudanças ocorridas em termos de gênero, a individualidade aparece possibilitando oportunidades de relacionamentos não pensados na modernidade. Se o parceiro for o “errado” o divórcio existe para que possa aparecer um “certo”.

Nas configurações amorosas contemporâneas, a escolha está presente nos relacionamentos e, “diferentemente da sina do parentesco, é uma via de mão dupla. Sempre se pode dar meia-volta, e a consciência de tal possibilidade torna ainda mais desanimadora a tarefa de manter a direção” (BAUMAN, 2004, p.46). A pós-modernidade está baseada na velocidade dos acontecimentos e no grande número de ofertas disponíveis. As pessoas precisam sentir-se felizes e satisfeitas em suas relações, os parceiros sempre procurando dedicar-se aos relacionamentos, pois, mesmo com a liberdade de um “relacionamento pelo relacionamento” onde os membros do casal só ficariam juntos se, assim, desejassem, as ambiguidades continuam existindo. (FÉRES-CARNEIRO, 2008; BAUMAN, 2004; NORGREN, 2002).

Não há mais um modelo único, claro e definido a seguir; muito se espera dessa relação, que foi sendo investida ao longo dos anos dos mais diversos ideais. Tudo se espera da relação conjugal: felicidade, amor, paixão, amizade, companheirismo, ajuda mútua, satisfação sexual, auto-realização, segurança emocional e financeira. (NORGREN, 2002, p.28)

Conforme Zagne, Kraichete e Engelhard (2011), o casamento faz parte de uma união com o outro e representa a saída do núcleo da família, sendo importante para a construção da vida adulta. Entretanto, cada membro do casal traz para dentro da relação seus antepassados e modelos familiares, bem como suas ambições, desejos e projeções que podem atrapalhar a vida de ambos, caso não haja diálogo e possibilidades de “encaixar” esse “background”. Norgren (2002, p.35) concorda com isso ao dizer que “o modelo que se tem internalizado não condiz com o ideal que se tem em mente, levando as pessoas, muitas vezes, a agirem de modo dissonante de sua forma de pensar ou sentir”.

Falcke e Zordan (2010) definem como uma das principais características dos casamentos no século XXI:

[...] a pluralidade de modelos de conjugalidade, que vão desde os casais com vínculo matrimonial legal até os coabitantes temporários ou definitivos; dos casais hetero aos homossexuais; dos casais que optam por não ter filhos aos que fazem inúmeras tentativas de inseminação artificial; daqueles que dividem as tarefas domésticas e profissionais até os que mantêm funções complementares ou optaram pela mulher trabalhar fora enquanto o marido cuida da casa e das crianças; dos casais de dupla carreira, em que ambos investem num projeto profissional e competitivo [...]. (p. 145).

Ainda segundo as autoras, nas conclusões deste trabalho, o casamento continua desejado, mas não se torna o único nem o principal projeto de vida dos adultos, podendo acontecer a qualquer momento. Entretanto, é observada também a existência do amor e do romantismo, mas com menor idealização do que no século XVIII e com maior fluidez.

Para Jablonski (2011), as mudanças ocorridas na sociedade brasileira no contexto dos relacionamentos amorosos influenciam, diretamente, os jovens. Apesar da percepção das mudanças nos modelos e valores que os jovens têm com relação ao casamento e a vida em família, em seus estudos, o autor conclui que esses jovens ainda pretendem casar, em acordo com Falcke e Zordan (2010).

1.4 Das mudanças na legislação

O casamento, até o século IX, tinha efeitos legais, apesar de não ser regulamento pelo Direito. Cada sociedade seguia suas regras para a união entre as duas famílias que ali se vinculavam. A partir do século X, a Igreja Católica passa a celebrar os casamentos, inicialmente, nas casas das pessoas, depois, na porta da igreja, e, depois, dentro da igreja. Desse modo, o matrimônio tornou-se um sacramento e a presença do sacerdote fundamental, sendo de muita importância para a religião, como assinalado. Após a Reforma Protestante, o casamento se tornou um assunto civil e um contrato civil entre dois indivíduos. (NORGREN, 2002; YALOM, 2002; MACFARLANE, 1986).

Importante salientar que o casamento deixa de se tornar um ato privado, ocorrido na casa dos noivos, para tornar-se um ato público, onde são feitos os proclamas – que é o anúncio para saber se os noivos já foram casados e que sofre intervenção do Estado e da Igreja (ARIÉS, 1985).

Para Norgren (2002), no Brasil, inicialmente apenas o casamento católico era reconhecido pelo Direito brasileiro. Com o advento da República, o Estado se separa da Igreja e cabe a ele regular os casamentos. Em 1934, o casamento religioso volta a ser admitido com fins legais e se mantém indissolúvel até 1977, com a aprovação da lei do divórcio.

De acordo com dados da Estatística de Registro Civil do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, o número de casamentos registrados aumentou 1,4% no ano de 2012 em relação ao ano de 2011, entretanto, esse número ainda é muito mais baixo que o das décadas anteriores. As taxas de divórcio também aumentaram, após a aprovação da Emenda Constitucional que desobriga a separação de corpos prévia ao divórcio, subindo de 1,8% em 2010 para 2,5% em 2012. Segundo o IBGE, as novas configurações familiares também estão crescendo, bem como o aumento na idade dos casamentos e da saída dos filhos de casa.

O Código Civil Brasileiro (2002) define casamento em seu Art. 1.511: “estabelece comunhão plena de vida, com base na igualdade de direitos e deveres dos cônjuges”. Sendo realizado no momento em que homem e mulher manifestam essa vontade perante o juiz (Art. 1514). O Art. 1.566 apresenta os deveres dos cônjuges: “I - fidelidade recíproca; II - vida em comum, no domicílio conjugal; III - mútua assistência; IV - sustento, guarda e educação dos filhos; V - respeito e consideração mútuos.”

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), de acordo com o Código Civil (2002) define casamento como:

Ato cerimonial ou processo pelo o qual é constituída a relação legal entre o homem e a mulher. A legalidade da união pode ser estabelecida no casamento civil ou religioso com efeito civil e reconhecida pelas leis de cada país. No Brasil, um indivíduo só poderá casar legalmente se o seu estado civil for solteiro, viúvo ou divorciado.

Com relação à união estável, o Código Civil Brasileiro a define no Art. 1.723, como: “É reconhecida como entidade familiar a união estável entre o homem e a mulher, configurada na convivência pública, contínua e duradoura e estabelecida com o objetivo de constituição de família”. Desta forma, ambas as uniões são reconhecidas pela lei, podendo ou não haver coabitação, o que caracterizará a união estável é o intuito de formar família, não havendo mais um tempo mínimo para que seja considerada união estável (CUNHA, 2011).

Cabe aqui ressaltarmos que, independente da formalização ser união estável ou casamento, a assinatura de um contrato pré-nupcial se torna importante, como uma forma de prevenção para o momento da dissolução do relacionamento. Atualmente, quando o casal não assina um contrato pré-nupcial, o regime de bens que rege a união é a comunhão parcial de bens. É importante sinalizar que o contrato pré-nupcial deve ser formalizado em cartório e só tem validade se o casamento ocorrer (LEITE, 2002; VELOSO, 2005).

A união consensual, que no Censo de 2010 também apresenta um grande crescimento, se refere à união de duas pessoas, que coabitam na mesma casa, mas não possuem contrato civil. Para efeitos desse trabalho, utilizaremos como o Censo do IBGE o termo casamento “legalizado”, para os casamentos civis e religiosos e equipararemos união estável a união consensual.

Zordan, Falcke e Wagner (2009, p.60) apontam que, atualmente, o casamento tem, como objetivo, a satisfação das necessidades de intimidade de cada um dos cônjuges. O peso está, portanto, na relação entre os cônjuges e não na instituição casamento. Scorsolini-Comin e Santos (2010, p.525) acreditam na existência de um estágio em que as relações são marcadas por um “aprofundamento do relacionamento íntimo e leva a constantes reformulações dos projetos conjugais”.

Féres-Carneiro (2003) introduz que, com as mudanças nos modos de se relacionar, quando o relacionamento amoroso vai mal, o casamento acaba.

Os cônjuges se divorciam não porque desqualificam o casamento, mas porque o valorizam tanto que não aceitam que a relação conjugal não corresponda às suas expectativas. Portanto, longe de significar uma desvalorização do casamento, o divórcio reflete uma exacerbada exigência dos cônjuges. (FÉRES-CARNEIRO, 2003, p.368).

Desse modo, pensamos que, apesar dos altos índices de divórcio, o retardamento do casamento e as diversas modalidades de união, ainda existem muitas pessoas contraindo matrimônio, desejo que ainda perdura entre as pessoas.

CAPÍTULO 2 – A GERAÇÃO Y

As gerações, geralmente, englobam um intervalo de 20 anos. Porém, esse intervalo não é rígido, dependendo do contexto cultural. Quando pensamos na pós-modernidade, vem logo à nossa mente, a velocidade das mudanças e ausência de modelos rígidos que caracterizam as pessoas nascidas entre o fim da década de 1970 e meados da década de 1990 – a chamada Geração Y. A Geração Y seria a nascida entre os anos de 1978 e 1994 (DOS SANTOS et al., 2011). Já Rocha-de-Oliveira; Piccinini; Bitencourt (2012), sugerem que a Geração Y seria a nascida a partir de 1982. Diante da discórdia dos autores, consideramos, neste trabalho, que a Geração Y são os jovens nascidos entre 1978 – 1994.

Para Rocha-de-Oliveira, Piccinini, Bitencourt (2012), não podemos falar em geração, apenas em termos de anos, mas, também, apontar as experiências e acontecimentos vividos por aquelas pessoas para que assim possa ser denominada. Desse modo, as autoras criticam a uniformização do termo Geração Y, no Brasil.

Rocha-de-Oliveira; Piccinini; Bitencourt (2012) e Basso; Vereguine; Soares (2011) denominam Geração Y os sujeitos que cresceram, em meio a tecnologia, têm acesso rápido às informações, são multitarefas e têm alta disponibilidade para mudança. Conforme define Vianna (2011, p.1):

A geração Y nasceu em meados dos anos 80 e desenvolveu-se numa época de grandes avanços tecnológicos e prosperidade econômica. Conhecida pela sua velocidade e facilidade em aprender e se desenvolver, é uma geração mais individualista e autônoma, que impõe sua opinião e não abre mão de gerenciar simultaneamente sua vida pessoal e profissional. Cresceu vivendo em ação, estimulada por atividades e realizando tarefas múltiplas, por isso, ansiedade e imediatismo são duas fortes características dessa geração.

Dos Santos et al. (2011) acreditam que nem todos os eventos impactantes em outros países tiveram o mesmo efeito em nossos jovens. Apesar dessas colocações, consideramos que as características da Geração Y estão presentes em nossa sociedade, podendo, sim, abranger a experiência dos jovens, nessa classificação.

Vale ressaltar também, que essa geração, nas camadas médias e médias altas populacionais urbanas, além dos avanços tecnológicos, observou o aumento das mães trabalhadoras e independentes, os divórcios e re-casamentos e a estabilidade financeira de seus pais, crescendo com o ideal de ser especial e, portanto, poder ser o que quiser (MORAIS; LOPES; SILVA, 2013; URBAN; FINN, 2013).

Segundo Dos Santos et al. (2011) esses jovens foram preparados para o futuro, fazendo diversos cursos, durante a infância, e, em virtude das mudanças que eles acompanharam ao longo de seu crescimento, têm, por única certeza, a imprevisibilidade (ROCHA-DE-OLIVEIRA; PICCININI; BITTENCOURT, 2012). Assim, esses jovens passam por maiores períodos de experimentação, tanto afetivas quanto profissionais, o que pode ser observado no retardamento do casamento e da saída da casa dos pais, bem como na demora em se estabilizarem financeiramente.

A Síntese dos Indicadores Sociais de 2013 (SIS-2013), do IBGE, aponta que, do grupo etário entre 25 e 30 anos de idade, observou-se que 11,2% estudavam, sendo 8,8% cursando ensino superior, mestrado ou doutorado. Em torno de três quartos ($\frac{3}{4}$) das pessoas deste grupo trabalhavam. Também, segundo o SIS-2013, há um aumento no prolongamento da convivência familiar entre os jovens na faixa etária entre 25 e 34 anos. O aumento foi de 20% para 24%, entre os anos de 2002 e 2012, sendo a maioria de homens.

Para Henriques; Jablonski; Féres-Carneiro (2004), existem questões de natureza emocional e financeiras para continuidade dos filhos em morarem com os pais. Esses “filhos” apresentam altos índices de ocupação profissional, bem assim maior escolaridade. A estatística é de 14% dos jovens entre 25 e 34 anos que continuam estudando, quando moram na casa dos pais, contra 9% das demais pessoas. Ressalta-se que esse é um padrão dos estratos médios urbanos, sendo condizente com a denominação da “Geração Y”. (SIS-2013)

Ao aproximarmos essa visão de geração ao modelo do ciclo vital, observamos que, atualmente, os jovens adultos fazem parte da geração Y, pois os participantes nascidos nos últimos 35 anos observam e acompanham o crescimento e o aperfeiçoamento da tecnologia, sendo diretamente influenciados por ela.

A Cartilha de Políticas Públicas da Juventude divide a juventude em: jovem-adolescente dos 15 aos 17 anos; jovem-jovem dos 18 aos 24 anos; adulto-jovem dos 25 aos 29 anos. Utilizamos, aqui, a nomenclatura de jovens-adultos para nossos participantes, em virtude dos dados do IBGE que demonstram que até os 34 anos estes ainda estão se constituindo profissionalmente e muitos ainda moram com os pais.

Segundo os marcos tradicionais da vida adulta, (BORGES e MAGALHÃES, 2009; CARTER e MCGOLDRICK; 1995; BEE, 1986) o indivíduo caracterizado como jovem adulto pode ser assim denominado, quando sai da casa dos pais, tem um trabalho, adquire relativa independência financeira e contrai casamento.

Tradicionalmente, no ciclo vital da família, a fase em que o casal se torna maduro é quando os filhos atingem a idade adulta, sendo um dos eventos de referência “a saída do primeiro filho de casa, que também caracteriza sua independência e capacidade de gerir a própria vida” (CERVENY e BERTHOUD, 1997, p.105). Entretanto, o processo de transição para a vida adulta engloba, além das “demarcações etárias, os ritos de passagem e as vivências de construção de identidades individuais”, interligando aspectos biológicos, antropológicos, sociológicos, políticos e psicológicos. (RODRIGUES, 2011, p. 36)

Esse momento da mudança é reconhecido por Cervený e Berthoud (1997) e McGoldrick (1995) como o momento em que o jovem adulto “rompe” com a família, não no sentido de conflito, mas de constituir-se, enquanto indivíduo independente e capaz de constituir sua própria família. Quando esta individuação é bem feita, menos estressores verticais acompanharão esse indivíduo ao longo de sua vida e na formação de sua futura família.

Na realidade brasileira, Cervený e Berthoud (1997) demonstram que não há uma cultura dos filhos jovens adultos saírem naturalmente de casa. Geralmente, essa saída se dá ou pela mudança de cidade, em virtude de estudos, ou para juntar-se a outra pessoa para formar uma família. Com a distância geográfica, torna-se possível que os pais reconheçam a autonomia de seus filhos enquanto adultos. McCullough e Rutemberg (1995) colocam também que esse reconhecimento da vida do filho enquanto adulto é importante tanto para pais quanto para filhos. Kublikowski e Rodrigues (2014), em uma visão mais crítica, colocam que esses marcos tradicionais estão menos rígidos, e não mais se aplicam como definidores da idade adulta.

Ainda, segundo as autoras, a transição para a vida adulta pode prolongar-se até a terceira década de vida, sendo marcada pela postergação do casamento, aumento na idade média ao nascimento do primeiro filho, escolarização mais longa e, em consequência, inserção mais tardia no mercado de trabalho.

As mudanças ocorridas na sociedade repercutem na família e no amadurecimento dos jovens. As tarefas consideradas primordiais ao jovem adulto, como inserção no mercado de trabalho, formação de vínculos de intimidade e constituição da família têm sido retardadas, pois embora

[...] a construção do “ser adulto” continue centrada na família, encontra-se cada vez menos sob a expectativa de constituir um percurso pré-definido, vindo a assumir o carácter de um processo orientado pelo valor moral da responsabilidade e legitimado pela aquisição de autonomia. (KUBLIKOWSKI; RODRIGUES, 2014, p. 14)².

No próximo capítulo, exploramos como a formação das relações de intimidade se dá entre homens e mulheres que classificamos como jovens adultos, aqui considerados jovens da geração Y.

² KUBLIKOWSKI, Ida; RODRIGUES, Clarissa Magalhães. “Kangaroo generations”: new contexts, new experiences. No prelo. A ser publicada na Revista Estudos de Psicologia - PUCCAMP - ISSN 0103-166X..

CAPÍTULO 3 – HOMENS E MULHERES: *CONSTRUÇÕES DE GÊNERO*

No capítulo anterior, expusemos a transição para a vida adulta, ressaltando que as tarefas tradicionais necessárias para alcançá-la, as relações de intimidade, a inserção no mercado de trabalho e a saída da casa dos pais, sendo também assinalado o quanto tais marcos deixam de aplicar-se agora a essa passagem.

Nesse capítulo, focaremos em como se constroem as relações de intimidade dos jovens, perpassando pelas formas como os relacionamentos têm se construído atualmente, de uma perspectiva de gênero.

3.1 A construção da intimidade

Bee (1986, p.414) definiu intimidade como “a capacidade de ter relações afetivas íntimas com outros. Essas relações envolvem o dar e receber afeto e costumam ser gratificantes para os dois indivíduos”. Essa capacidade vai evoluindo ao longo da vida da pessoa, sendo a forma como os indivíduos conhecem e se relacionam com seus pares. “A intimidade é, acima de tudo, uma questão de comunicação emocional, com os outros e consigo mesmo, em um contexto de igualdade interpessoal” (GIDDENS, 1993, p.146). Em oposição ao termo intimidade, há o isolamento, que seria a incapacidade de ter relações afetivas íntimas. Essas pessoas ficam em uma espécie de limbo, onde ou gostam demais dos outros, não sendo individualizados, ou não gostam de ninguém. (BEE, 1986)

Cerveney e Berthoud (1997) afirmaram que é esperado do jovem adulto a busca por um parceiro ou parceira para a constituição de uma família. Essa fase do jovem adulto pode ser marcada por evitar relacionamentos ou focar demais em relacionamentos e estilos de vida experimentais, que podem desencadear reações no sistema parental, uma vez que “autonomia e apego são objetivos adultos funcionais, no amor e no trabalho, para homens e para mulheres igualmente” (AYLMER, 1995, p. 170).

Para Cavalcanti Chaves (2010), manter uma relação amorosa com outro podia ser, para alguns, vivenciada como um compromisso e uma responsabilidade com a qual o indivíduo não podia se comprometer, pois tinha que suprir as demandas da sociedade competitiva na qual estaria inserido.

McGoldrick (1995) diz que levamos conosco, em nossa bagagem familiar, padrões intergeracionais que se refletem em nossas ações e escolhas, inclusive de parceiros. A quebra

que poderia ocorrer em relação aos valores e padrões da família de origem nem sempre tem relação com conflitos. O que muitas vezes ocorre é uma experimentação do jovem adulto, até como oposição ao modelo dos pais.

Apesar dessas influências, os jovens têm presenciado situações que lhes possibilitaram se ‘desamarrarem’ dos modelos e tradições familiares, diferenciando-se da família de origem. Essa diferenciação já vinha sendo feita desde a infância, atingindo seu ápice na idade jovem adulta (MCGOLDRICK, 1995).

3.2 Questões de gênero

Gênero foi uma categoria construída socialmente, diferentemente de sexo, que tem relação com o biológico e objetiva compreender uma “sociedade sexuada” (MACEDO; KUBLIKOWSKI, 2006). O conceito de gênero foi desenvolvido no seio dos estudos feministas, “como um modo de olhar para a realidade da vida de mulheres e homens visando compreender as relações sociais entre eles, especialmente as relações de poder entre os homens, entre as mulheres e entre mulheres e homens” (MACIEL JUNIOR, 2006, p.14)

[...] entendemos que gênero deve ser tomado como processo histórico e prática social vivenciados tanto nas relações cotidianas carregadas de poder como nas reformulações identitárias que os sujeitos vivenciam ao longo da vida. Neste sentido, a própria noção de machismo é entendida como construção que se fortalece e, por vezes se enfraquece na história social de longa duração, entrecruzada com os processos de dominação masculina e com a atualização que sujeitos individuais façam ao longo de suas vidas na diversidade dos contextos sociais. (COUTO e SCHRAIBER, 2013, p.48).

Vivemos em uma sociedade onde os valores tradicionais convivem e conflitam com os valores contemporâneos. Historicamente, as mulheres foram subjugadas aos homens. A luta das mulheres por um lugar, enquanto senhoras de suas vidas e do mundo, é muito antiga, oriunda do século XIX (YALOM, 2002; VAITSMAN, 1994). Segundo Maciel Junior (2006), as investigações das feministas não só se referiram às mulheres, mas também aos homens e à hierarquia das relações entre homens e mulheres.

Na década de 1960, o surgimento da pílula anticoncepcional deu às mulheres o domínio de seu próprio corpo, podendo experimentar sua sexualidade com menor risco de gravidez (GIDDENS, 1993). As mulheres já tinham conquistado o direito ao voto, ingressado na universidade e galgavam seu caminho à independência financeira.

Heilborn (2013) afirmou que houve diversas mudanças na sexualidade feminina, pois, décadas atrás, era inconcebível a mulher ter vida sexual fora do casamento. Ao homem era esperado que fosse sexualmente experiente. Essa expectativa a respeito do homem tem relação com a subjetivação masculina, onde é esperado deste, determinadas atitudes que caracterizem a masculinidade (MACIEL JUNIOR, 2006; VAISTMAN, 1994).

Maciel Junior (2006, p.55) definiu hegemonia como “uma relação historicamente móvel. Como conceito, envolve o entendimento de que, em determinado momento do tempo, uma forma de masculinidade, mais do que outras é exaltada”. Desse modo, entendemos que alguns papéis representados pelos homens, como por exemplo, o provimento da família e as mudanças no trabalho, se tornaram dominantes. Cabe ressaltar que também existe uma hegemonia feminina, especialmente, nas tarefas relativas ao âmbito familiar.

O desenvolvimento do ciclo vital feminino era pensado, a partir do homem. A principal tarefa da mulher era cuidar do homem. Elas, geralmente, saíam do seio familiar de origem para o de sua nova família. Entretanto, aos homens cabia a exploração do mundo, podendo aumentar seu grau de escolaridade, viajar, experimentar o mundo para depois casar. As mulheres que “ousavam” tentar o desenvolvimento pessoal tendiam a fazê-lo a uma distância da família de origem (MCGOLDRICK, 1995; GIDDENS, 1993).

Vaitsman (1994) delineou o início dessas mudanças dentro da família e, principalmente, nas relações amorosas. Ao trabalhar com pessoas que estavam na adolescência entre o fim dos anos 1960 e começo dos anos 1970, a autora enfatiza como essa geração modificou as relações, ao romper com valores do casamento tradicional e da virgindade antes do casamento.

Essa geração que, seguindo a denominação internacional, seria chamada de Baby Boomers – os filhos do pós-guerra – vivenciou uma efervescência política que influenciou seus valores e a forma como viam a família. A autora cita, inclusive, que a iniciação sexual masculina acontecia entre os 13 e 14 anos, com prostitutas, empregadas ou homossexuais, enquanto a das meninas se dava após o casamento. Entretanto, essa postura modificou-se, aos poucos, com as mulheres, que estavam sendo estimuladas a estudarem e começarem a ambicionar novos objetivos além do casamento, trazendo a iniciação sexual para o relacionamento amoroso.

Com relação ao casamento, a mulher tendia a antecipá-lo, desejá-lo e programá-lo. Os homens, por sua vez, o experienciavam com ambiguidade. Contudo, McGoldrick (1995) discutiu que, entre as mulheres com maior grau de escolaridade, o casamento demora mais

para acontecer, com maior ocorrência de divórcio; para os homens o processo seria inverso. Quanto maior sua escolaridade, mais rapidamente eles recasam. Para Heilborn (2013, p.123) “o casamento não é, apesar de intensamente desejado, um bom negócio para a mulher”. A desigualdade nos trabalhos domésticos perdura, apesar da mulher também ter um trabalho remunerado, fora de casa. A maternidade, pautada nos ideais do amor romântico na vida das pessoas (JABLONSKI, 2007; GIDDENS, 1993), é tida como natural, enquanto a paternidade não ocupa esse lugar. (HEILBORN, 2013).

Cavalcanti Chaves (2010) e Giddens (1993) expressaram que, em virtude da liberdade feminina crescente, elas já poderiam tomar iniciativa em aproximar-se do outro, em busca de satisfação amorosa e sexual. Entretanto, em sua pesquisa, Cavalcanti Chaves (2010) observou que essa liberdade acabou colocando as mulheres, novamente, em posição de objeto. Os homens se aproveitaram disso para *ficar* com o maior número de mulheres disponíveis. Giddens (1993) lembrou que existe uma divisão entre as mulheres para casar e as para ter apenas relações sexuais. Heilborn (2013, p.121) chamou isso de “manutenção da hierarquia nas relações entre homens e mulheres” que é sentida de forma sutil.

O contexto histórico fez com que existisse um ideal de homem, que: “é forte fisicamente, bem-sucedido na sociedade, estável e capaz de defender a si próprio e à sua comunidade, além de ser um excelente amante heterossexual” (MACIEL JUNIOR, 2006, p. 58). As mulheres transitam com relação ao modelo ideal. Por um lado, temos a “Maria”, vista como a boa mãe, boa esposa, trabalhadora, com comportamentos mais “recatados”. Por outro, temos a “Madalena”, a mulher libertina, que vivencia sua sexualidade livremente, independente financeiramente, que muitas vezes não quer ter filhos.

Se, para os homens, ainda, é necessário que seu processo de socialização afetiva seja feito de modo a suprimir e modificar sua afetividade natural (MACIEL JUNIOR, 2006), para as mulheres as exigências da sociedade deixam-nas vivendo uma ambiguidade entre os papéis tradicionais e os modernos (FEIJÓ e MACEDO, 2012; PINSKY, 2012).

3.3 Relações amorosas na contemporaneidade

No primeiro capítulo, traçamos uma breve linha do tempo onde situamos as mudanças que ocorrem na instituição casamento, bem como sua relação com o amor em suas diversas expressões. Entretanto, o casamento e a união consensual não são as únicas formas de encontros amorosos na contemporaneidade.

Observamos a existência do *ficar* - relacionamento efêmero entre duas pessoas que estão atraídas naquele momento, naquele lugar (bastante relacionado com o amor líquido), a emergência de relacionamentos abertos - onde os participantes podem se relacionar, apenas sexualmente com outros parceiros; do *poliamor*, um amor múltiplo, um relacionamento com várias pessoas independente da identidade sexual e sem o sexo como único propósito (PINSKY, 2012; FÉRES-CARNEIRO, 2008). Essas formas de se relacionar estão de acordo com Cavalcanti Chaves (2010, p. 29), onde “as práticas amorosas são múltiplas e expressam determinadas noções de amor”. No lado oposto desse espectro há os assexuados, que não têm interesse pela prática sexual com parceiros. Oliveira (2014)³ afirma que o conceito é muito novo e ainda estão sendo feitas pesquisas, mas que a pessoa assexuada “não sente atração sexual por ninguém, nem por homens, nem por mulheres. Mas, podem sentir atração amorosa (não sexual). Esta atração amorosa pode ser pelo outro sexo, pelo mesmo sexo, por qualquer dos sexos ou independente de sexo ou gênero”.

Observamos que essas novas configurações são típicas do momento histórico em que estamos inseridos, onde o tempo é muito rápido e os indivíduos não conseguem pensar em projetos a longo prazo em virtude do imediatismo (CAVALCANTI CHAVES, 2010). Além disso, as mudanças supracitadas com relação às mulheres possibilitaram uma tentativa de igualdade no campo amoroso e um aumento no número de parceiros ao longo da vida, como uma forma de experimentação similar a dos homens. “Entretanto, um número expressivo de mulheres experimenta apenas um parceiro ao longo da vida, o que sugere que para as mulheres a vinculação entre sexualidade, amor romântico e exclusividade sexual mantém seu apelo” (HEILBORN, 2013, p.122), demonstrando uma influência dos modelos tradicionais de gênero nas vivências femininas.

O casamento é “lugar de acolhida, mas também de conflito” (HEILBORN, 2013, p. 122), funcionando através da adaptação e arranjos diários entre os membros do casal. Apesar de Norgren (2002, p.36) acreditar que o divórcio e o individualismo atuam contra o casamento, “o que se observa é que o desejo da conjugalidade continua a existir. As pessoas continuam se relacionando e muitas ainda têm como objetivo de vida casar e constituir família”. Em oposição a isso, Falke e Zordan (2010), como já citado no primeiro capítulo, acreditam que o casamento não representa mais um ideal de vida. Prioritariamente, entre os jovens, está o desenvolvimento profissional e individual. Cavalcanti Chaves (2010)

³ Entrevista concedida ao UOL. Disponível na íntegra em: <<http://assexualidades.blogspot.com.br/2014/06/entrevista-completa-sobre-assexualidade.html>>. Acesso em: 2 Nov. 2014.

concordou com essa ideia, sinalizando que, em virtude da ênfase no processo de individuação, a pessoa prioriza a liberdade. O jovem deseja aproveitar mais a vida, sem “amarras” a um parceiro amoroso, valorizando outras dimensões de sua vida, como a profissional e financeira.

De acordo com os entrevistados, a maior instabilidade e insegurança nas relações acontecem em decorrência de vários fatores que estão interligados: o aceleração do ritmo de vida; os problemas financeiros pessoais; a maior liberdade e independência da mulher; o enfraquecimento ou a flexibilização da moral; a facilidade com que a relação sexual acontece; a mercantilização das relações; a busca de prazer imediato; o descompromisso entre os indivíduos e o receio de se envolver amorosamente com o outro; o processo de individualização centrado na valorização do próprio bem-estar, na busca de autorrealização e autossatisfação; e a menor compreensão e tolerância com o outro. (CAVALCANTI CHAVES, 2010, p.39).

O ceticismo em relação ao casamento e às relações amorosas também se dá em virtude do aumento no índice de divórcios, uma vez que a Lei Brasileira permite que, facilmente, seja desfeito o casamento quando não há filhos. (JABLONSKI, 2011, 2007; CAVALCANTI CHAVES, 2010; FALKE e ZORDAN, 2010).

Os jovens entrevistados por Cavalcanti Chaves (2010) expressaram sentir dificuldades em encontrar um “parceiro amoroso no qual confiem e com quem possam construir uma relação satisfatória, para ambas as partes”. Somando-se a isso, há o que Heilborn (2013, p.123) chamou de “o não-cumprimento da exclusividade sexual”. A fidelidade mútua é pressuposto básico para a dinâmica da maioria das relações, principalmente a conjugal. Um relacionamento amoroso sério – ou casamento – se daria, em termos tradicionais, pela somatória entre ser fiel ao outro e ter confiança mútua (CAVALCANTI CHAVES, 2010). Ressaltamos aqui que os relacionamentos abertos experimentaram essa equação de uma forma diferente, uma vez que possibilitam que os participantes tenham relações, geralmente, sexuais com outras pessoas, sem que por isso sejam considerados “infieis”.

O padrão duplo ocorria pela possibilidade do homem ter uma esposa e amantes. Ou seja, uma mulher “privada” que personificaria o recato e com quem ele não explorava sua sexualidade, e uma (ou várias) mulheres na rua, onde ele poderia experimentar diversas formas sexuais (MARTINS, 2012; GIDDENS, 1993; BÉIJIN, 1985). Segundo Pinsky (2012) e Giddens (1993) a tolerância feminina relacionada a traição diminuiu, uma vez que elas também podem ter experiências parecidas. Em sua pesquisa “*Mulheres brasileiras e gênero nos espaços público e privado*”, Heilborn (2013, p.123) confirmou essa afirmação quando observou que “12% delas [mulheres entrevistadas] já tiveram intercurso sexual com outra pessoa na mesma época em que estava em relacionamento amoroso”.

3.4 Infidelidades

Infidelidade, para Leal (2013, p.8), “diz respeito ao comportamento romântico e/ou sexual fora do relacionamento entendido como estável/fixo ou duradouro”. Já Pittman (1989, p.20) a definiu como “uma ruptura com a verdade, a traição de uma relação, a quebra de um acordo”. Entendemos, então, que infidelidade tem relação com os “contratos” de cada casal, tendo se tornado um tema recorrente nos relacionamentos amorosos da atualidade.

Os autores dividiram a infidelidade em infidelidade afetiva ou emocional e infidelidade sexual. A infidelidade afetiva teria relação com estar apaixonado por alguém fora do seu relacionamento estável. Já na infidelidade sexual o comportamento é levado pela experiência sexual e pelo desejo (LEAL, 2013; ALMEIDA, 2007; PITTMAN, 1989).

Zerbini (2014, p.22) acreditou que a infidelidade sexual não captura a amplitude dos comportamentos expressados pelas pessoas, complementando que o segredo, que geralmente ocorre quando há traição, podia ser interpretado como um desinvestimento na relação e no cônjuge. “A infidelidade é como uma perturbação na conjugalidade que é ainda mais marcante pelo significado a ela atribuído”. A mesma autora acrescenta que o adultério masculino era legitimado, enquanto o feminino, geralmente, era punido com morte.

Há muitas subculturas em nossa sociedade para as quais os casos extraconjugais são esperados. Tal questão é vista sem grande desaprovação e sua única regra é que tais relações sejam mantidas em segredo. Essa postura se sustentava na crença de que as esposas, ao que acrescentaríamos os maridos, devem ser poupadas dessa desagradável realidade (PITTMAN, 1989). Almeida (2007, p.50) constata essa informação do âmbito masculino em sua pesquisa, pois “quando questionados, os homens que traíam afirmaram que amavam tanto suas esposas como suas amantes. Com as mulheres isso é um pouco diferente. Em geral, elas precisam de um motivo para trair.” Sousa; Santos e Almeida (2009) sinalizam isso ao indicar, em seu estudo, que as mulheres que traíram, estavam insatisfeitas em seus relacionamentos.

Cabe aqui lembrar, que no âmbito da terapia familiar, os segredos são fenômenos sistêmicos, que moldam as lealdades familiares e têm significados diferentes para diferentes famílias, além de derivarem de significados culturais (IMBER-BLACK, 1994). Como lembra Mason (1994), entre os segredos mais comuns na abordagem familiar, estão aqueles ligados à vida sexual das pessoas, incluindo a infidelidade. Neste sentido, a forma de perceber a infidelidade envolve um julgamento pautado em valores, frequentemente associados à

moralidade tradicional. Mesmo que não pratiquemos a infidelidade, parece que acreditamos que esta não deva ser tolerada.

Entre os mitos que Pittman (1989) citou em relação à infidelidade, destacamos aquele que afirmou que a melhor forma para descobrir um caso do parceiro é fingir não saber e assim evitar uma crise. Desta posição, faz-se possível uma postura de não reconhecer os problemas, que tem por consequência não precisar resolvê-los. Outro mito a ser citado é aquele que afirma que todo o mundo tem casos extraconjugais, assumido em geral por pessoas que cresceram em famílias nas quais os adultos tiveram casos, o que formata uma visão de normalidade em relação à questão. Assim, poderíamos afirmar que exista um padrão transmitido intergeracionalmente. Outro mito está na assertiva de ser a infidelidade saudável para a relação, cuja conclusão lógica seria que relações são, por princípio, insuficientes. Zerbini (2014), diferentemente de Pittman (1989), acredita que nem toda infidelidade destrói, bem como nem toda pessoa que descobre uma infidelidade se sente magoada.

Caminhando para o século XXI, observamos outras questões e visões menos conservadoras sobre o tema. A revisão de literatura realizada por Leal (2013) demonstra que a infidelidade se faz presente em diversos contextos históricos e culturais. No entanto, profundas mudanças ocorridas nas relações amorosas resultaram em grandes transformações na intimidade. A internet amplia as possibilidades das relações interpessoais e, conseqüentemente, os espaços para a infidelidade, cuja definição acaba sendo posta em xeque, inclusive no âmbito jurídico, pois argumenta-se a impossibilidade de se considerar infidelidade uma relação sem contato físico.

É inegável pensarmos sobre a ambigüidade provocada pela infidelidade: ao mesmo tempo que imprime dor e desencadeia rejeição em relação a um dos parceiros, provoca ambivalência de sentimentos no outro, que se sente culpado por magoar o companheiro e não em relação ao ato da infidelidade, que representa excitação e encantamento autoerótico. (ZERBINI, 2014, p.58).

Devemos ressaltar que o contexto de infidelidade e traição não ocorre apenas nos casamentos, mas também em relacionamentos, como o namoro, fazendo-se importante questionar os entrevistados a respeito desse tema.

A (in)fideliidade conjugal encontra assim, no "líquido mundo moderno" referido por Bauman (2004, p.46), condições favoráveis à sua emergência, dado que este mundo "detesta tudo o que é sólido e durável, tudo que não se ajusta ao uso instantâneo" (idem). Nele "as coligações tendem a ser flutuantes, frágeis e flexíveis" (ibid.: 41), pois, "nos compromissos duradouros, a líquida razão moderna enxerga a opressão; no engajamento permanente percebe a dependência incapacitante" (ibid.: 65). (ARENT, 2009, p.154).

Fica então patente que as conquistas femininas têm sido construídas ao longo do tempo na interface entre as relações de gênero fluídas que abrem as portas para a experimentação masculinas e femininas e aquelas cristalizadas por padrões de gênero permanecem nas frestas, ditados pela tradição.

CAPÍTULO 4 – TRANSMISSÃO DE PADRÕES INTERGERACIONAIS: *COMO NOSSOS PAIS*

Nos capítulos apresentados até agora, fizemos uma breve linha do tempo sobre o casamento e o amor; caracterizamos os jovens da Geração Y; discorremos acerca das novas formas de se relacionar, dentro de uma perspectiva de gênero. Todo esse contexto nos serviu de base para entendermos os padrões culturais e da sociedade na qual estão imersos os participantes dessa pesquisa.

Como colocado nos objetivos, nossa proposta foi compreender os significados atribuídos aos casamentos e às relações amorosas, abordados no fluxo horizontal e vertical do ciclo de vida familiar, conforme proposto por Carter e McGoldrick (1995). Nesse sentido, uma vez que o fluxo horizontal tem relação com o momento atual, os capítulos anteriores nos deram uma direção para o início da compreensão da vivência dos participantes. Entretanto, para análise do fluxo vertical, tornou-se importante apresentarmos como a transmissão intergeracional de valores e padrões dentro da família ocorre.

4.1 A família

Definir o que é família, tem se tornado cada vez mais difícil, uma vez que, diversos arranjos entre as pessoas podem constituir uma formação familiar. Macedo (2014, p.4) afirmou que “Bowen foi o primeiro a conceituar a família como sistema natural, como uma colmeia que só pode ser entendida por meio dos fluídos processos entre seus membros.”. Martins (2012, p.15) define família como: “núcleo de convivência considerado pela grande maioria das pessoas, de fundamental importância para o crescimento e desenvolvimento de seus membros. É através dela que aprendemos sobre valores, relacionamentos e reproduzimos o mundo”.

Para clarificação do entendimento de família, recorreremos à definição de alguns tipos de categorias de família, utilizados por Cervený (2000, p.21) em seus trabalhos, a saber: “Família de Origem (FO), Família Extensa (FE), Família Nuclear (FN), Família Atual (FA) e Família Substituta (FS)”.

De acordo com a autora, Família de Origem tem relação com “ascendência e descendência, pressupondo laços sanguíneos” (ibidem, p.22), sendo, então, os pais e os avós dos nossos participantes. A Família Extensa “pressupõe parentesco sanguíneo ou por

afinidade de pessoas ligadas entre si no tempo e no espaço e que se articulam com o presente” (CERVENY, 2000, p.22), sendo composta pelos tios e primos dos nossos participantes.

Família Nuclear seria a unidade entre pais e filhos, geralmente, de ordem biológica. A Família Substituta seria a unidade que acolhe determinados membros e assume sua criação. Já a Família Atual é a família que o membro está formando. No nosso caso, os participantes, por ainda não estarem casados, não têm uma família atual.

O espaço da família é onde a pessoa tem suas primeiras relações com outras pessoas. A partir do bom desenvolvimento destas relações partimos para o mundo e às relações com pessoas de fora do sistema familiar. Macedo (2014, p.7) apresentou que

[...] cada família tem forças de coesão que controlam o sistema emocional. Essas forças relacionam-se a convicções, filosofias, princípios de vida e sentimentos importantes que delineiam os membros de uma família como pessoas semelhantes entre si, que fazem com que os parentes façam muitas afirmações na primeira pessoa do plural (nós), referindo-se ao grupo familiar.

Tornou-se importante o processo de diferenciação, conceito proposto por Bowen, segundo a autora supracitada, que leva a pessoa a afastar-se do “nós” e constituir um “eu”, que assumirá a responsabilidade de sua própria vida e felicidade. (MACEDO, 2014). McGoldrick (2012, p.162) complementa que “diferenciação significa chegar ao ponto de se relacionar de forma individualizada com cada pessoa em vez de se basear no relacionamento daquela com mais alguém”.

Para reconhecer essas forças, tornou-se importante conhecer e identificar os membros da família e as relações e posicionamentos da história desta família, através das gerações. “Essa compreensão pressupõe que qualquer mudança em uma parte do sistema é seguida de uma mudança compensatória de outras partes desse mesmo sistema, que também pode ser pensado como uma variedade de sistemas e subsistemas.” (MACEDO, 2014, p.8).

Sabemos, de acordo com a teoria proposta por Bowen e aqui trabalhada por Macedo (2014), que existem repetições na família. McGoldrick (2012, p.53) explicou esse funcionamento de repetição das gerações que é um “estilo particular de funcionamento (adaptativo ou mal-adaptativo) ou de lidar com os problemas é transmitido de uma geração para a seguinte. Essa transmissão não ocorre necessariamente de uma forma linear”. Cerveney (2000) alertou que alguns destes padrões de funcionamento podem ser percebidos facilmente, ao passo que outros aparecem de forma disfarçada, sendo, assim, mais difíceis de notar.

Para Cerveney (2000, p.35), as novas gerações conseguiram, através de mais informações, lidar com as situações de repetição, de forma diferente de seus antepassados,

construindo novos recursos. “Isso resulta tanto em uma maior percepção das repetições dos padrões interacionais, como em uma melhor maneira de lidar com as mesmas”.

Isso seria a “parte boa” do processo de repetição, poder reconhecer e transformar essa herança intergeracional, entretanto, observamos que muitas vezes existe uma “impotência e uma paralisia em relação aos padrões repetitivos” (CERVENY, 2000, p. 36), tornando essas pessoas “quase predestinadas pelas circunstâncias familiares ao caminho que tomarão na vida” (MCGOLDRICK, 2012, p.56).

Podemos, então, dizer que toda família transmite seu modelo, mesmo quando cuidam para não fazê-lo, sendo de suma importância o estudo da repetição dos padrões interacionais. (CERVENY, 2000).

4.2 A transmissão intergeracional

Os padrões intergeracionais não são transmitidos apenas pela família nuclear, mas por toda a família extensa, algumas vezes, inclusive, pulando gerações. A repetição dos padrões, em muitos casos, dá identidade à família, diferenciando-os dos demais, entretanto, se a repetição impede que o sistema familiar cresça ou mude, podemos estar diante de uma disfuncionalidade familiar.

A transmissão de padrões intergeracionais é realizada por meio de uma seleção do que será transmitido: tabus, segredos, mitos, expectativas e rótulos são passados e muitas vezes, quando a família tenta evitar determinados padrões anteriores na geração atual, acabam caindo em uma profecia autocumprida. (CERVENY, 2000). Segundo McGoldrick (2012, p.115), os padrões se intensificam nas repetições, a cada geração.

Os membros da família em arranjos estruturais similares ao da geração anterior tem probabilidade de repetir os padrões daquela geração. (...) Se uma família tiver três gerações de separação e divórcio, seus membros podem encarar o divórcio quase que como uma norma.

O antimodelo aparece quando temos modelos rejeitados que não querem ser repetidos. Ele se torna, então, tão importante quanto o modelo, que ainda é a referência. Cerveny (2000, p.52) sinaliza que “aquilo que era antimodelo pode ser deixado de lado e trocado pelos modelos aprendidos originalmente.” A repetição do antimodelo é tão forte como a do modelo, lembrando, muitas vezes, o que se quer anular. Um exemplo de antimodelo, segundo a autora supracitada, seria casos em que membros de famílias muito rígidas se tornam extremamente

flexíveis em suas novas famílias. Desse modo, adotar o modelo ou o antimodelo, pode ser visto mais como complementar do que como oposição dentro da família.

A transmissão se dá pelas regras passadas pelas gerações que são seguidas naturalmente. Entretanto, algumas regras importantes passam de forma despercebida na rotina familiar. A comunicação tem papel importante na passagem e continuidade de regras, segredos e mitos.

Diante de tudo que temos apresentado aqui, podemos concordar com Cerveny (2000, p.74) de que “nenhum membro da família é totalmente independente e, admitindo ou não, sempre responde à avaliação de outros membros”.

A afetividade na família é um padrão de interação entre os membros e está “fundamentado na convicção de que nenhum membro do sistema familiar deixa de ser influenciado pelo modelo afetivo proposto pelo sistema familiar” (CERVENY, 2000, p.79). McGoldrick (2012, p.217), então, afirma que “a estrutura familiar sugere expectativas normativas para o comportamento e para as relações”. Podemos afirmar, então, que uma pessoa, ao procurar um relacionamento, leva em sua bagagem “as experiências vividas na família de origem.” (HINTZ; FORGEARINI, 2014, p.132).

Direta ou indiretamente, acabamos procurando pessoas para nos relacionar e relacionamentos que façam sentido dentro da nossa compreensão e vivência familiar.

CAPÍTULO 5 - MÉTODO

Esta pesquisa foi realizada, a partir de uma perspectiva sistêmica, dentro dos princípios do novo paradigma da ciência, que é uma forma de ver, pensar e, também, compreender o mundo, a partir de suas relações (MARTINS, 2012; VASCONCELOS, 2009). Assim, o indivíduo é considerado dentro de um sistema que é a família, inter-relacionando-se com outros sistemas maiores, de uma forma recursiva.

Tratou-se de uma pesquisa qualitativa, pois é de sua competência dar conta do mundo da experiência vivida, entrecruzando-se com a crença individual, a ação e a cultura. “O método de pesquisa qualitativa é uma forma privilegiada de acesso ao mundo vivido, que inclui o investigador, situado social e historicamente, que se propõe a compreender e relatar estas subjetividades”. (DENZIN e LINCOLN, 2006).

5.1 Participantes

Realizamos esta pesquisa com jovens adultos, solteiros, namorando ou envolvidos emocionalmente com outras pessoas, heterossexuais, que não coabitavam com seus parceiros, residentes na cidade de São Paulo, com idades entre 25 e 34 anos, cursando ou com grau universitário completo, inclusive, alguns com mestrado. Estes participantes estão dentro da assim chamada geração Y, tendo sido eleito esse intervalo, a partir da Síntese de Indicadores Sociais, do IBGE (2013), que demonstra aumento no número de jovens que ainda vivem com seus pais, na condição de filhos, em virtude, entre outros aspectos, do aumento da escolaridade e das mudanças ocorridas nas famílias das camadas médias populacionais urbanas. Esta faixa etária também engloba e excede a idade média ao casar das pessoas, segundo as estatísticas do Registro Civil do IBGE referentes ao ano de 2012 (28 anos para homens e 26 para mulheres, no estado de São Paulo), corroborando com o Censo de 2010.

Esta pesquisa contou com a participação de quatro jovens, sendo dois homens e duas mulheres, número considerado suficiente à luz do critério de saturação que para Charmaz (2005) deve atender alguns critérios, a saber: as observações experimentais se mostram contempladas pelas categorias de análise; as informações coletadas e a análise expressam relação consistente; as categorias de análise, ensejadas pela amostra, são capazes de oferecer novas respostas sobre o tema. Tratou-se de uma amostragem intencional, realizada por bola de neve, onde localizamos participantes, a partir de indicação de pessoas que acham que elas poderiam contribuir para o trabalho (PATTON, 2002). Deste modo, os jovens foram

indicados, a partir de amigos em comum que compartilharam o anúncio da procura por participantes divulgado na página da rede social Facebook e por e-mail, entre os contatos da pesquisadora. (Apêndice 1).

Esses indivíduos foram todos classificados como jovens adultos, uma vez que a teoria do ciclo vital classifica-os como indivíduos que estão ingressando no mercado de trabalho, bem como se firmando enquanto um eu diferenciado da família, estabelecendo relações de intimidade. (MCGOLDRICK, 1995).

Antes do início dos trabalhos, os participantes receberam e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice 2), em duas cópias. A coleta das informações teve início, após a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa⁴ da PUC-SP, em abril de 2014.

5.2 Instrumentos

Para atingirmos os objetivos, o presente estudo foi desenvolvido por meio de entrevistas semi-estruturadas, entendidas aqui como uma conversação não diretiva (GUIMARÃES, 2012), entre duas pessoas com um interesse comum, com questões que facilitem a compreensão das vivências dos entrevistados. A finalidade da entrevista foi obter as descrições do mundo vivido dos entrevistados, neste caso, sobre a temática em foco. Segundo Kvale e Brinkmann (2009, p.2) “uma entrevista é uma entre-vista, onde o conhecimento é construído na inter-ação entre o entrevistador e o entrevistado.”

O roteiro da entrevista, que foi elaborado e utilizado nos encontros com os participantes, encontra-se no Apêndice 3, e foi um propiciador das suas falas.

Além da entrevista, trabalhamos com o genograma, que “registra informações sobre os membros de uma família e suas relações em pelo menos três gerações.” (MCGOLDRICK, 2012, p.21). O objetivo do genograma, neste estudo, foi compreender a transmissão de padrões intergeracionais que possam estar presentes na vivência desses jovens nos aspectos relativos aos significados atribuídos ao casamento, relações amorosas e infidelidade. Esse instrumento é uma representação gráfica dos padrões e interações familiares (MCGOLDRICK, 2012).

De acordo com Wendt e Crepaldi (2008), o genograma tem sido utilizado como instrumento científico para coleta de dados, especialmente em pesquisas qualitativas com

⁴ Projeto aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa sob protocolo número 628.086, de 31/03/2014 (Anexo).

famílias, e tem se mostrado muito adequado para a observação da dinâmica familiar em diferentes fases de transição.

5.3 Procedimento

Após o contato inicial com os participantes, via Facebook e e-mail, as entrevistas foram marcadas, de acordo com a comodidade dos entrevistados e da entrevistadora, dentro da cidade de São Paulo. Foram realizadas: uma na casa da autora; uma no local de trabalho da participante; uma na casa da participante; e, uma na clínica da entrevistadora. Foi realizado apenas um encontro com cada um dos participantes, com duração máxima de 2 horas, cada.

Inicialmente, fizemos o genograma, tomando emprestado algumas perguntas sugeridas por McGoldrick (2012), a fim de obter o máximo de informações sobre a família do participante (Apêndice 3). Em seguida, continuamos com a entrevista semi-estruturada. Todo o encontro foi gravado no celular da pesquisadora. Os procedimentos só foram iniciados, após a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Após as entrevistas, o material coletado foi transcrito para análise e o genograma foi transferido para o programa GenoPro, a fim de deixá-lo mais claro para a análise. Suas informações também foram transcritas. A análise do genograma foi feita de modo a compreender os padrões de interação no fluxo vertical e horizontal do ciclo de vida familiar, com foco nos objetivos da pesquisa.

5.4 Análise dos dados

O processo de análise dos dados (Apêndice 4) coletados iniciou-se com a transcrição das entrevistas (Apêndice 5) e uma ampla leitura a fim de entender o que foi dito e o que está expresso no genograma, em seu contexto mais geral. As entrevistas passaram por um processo de classificação, onde separamos o essencial e o não essencial do que foi dito, a partir do objetivo proposto e das teorias estudadas. De uma perspectiva hermenêutica, a interpretação foi além do falado diretamente, para trabalhar relações de significado não aparentes, o que requer uma instância metodológica que recontextualize as informações obtidas com as entrevistas, o que foi realizado por meio da análise (MACEDO, KUBLIKOWSKI e SANTOS, 2004).

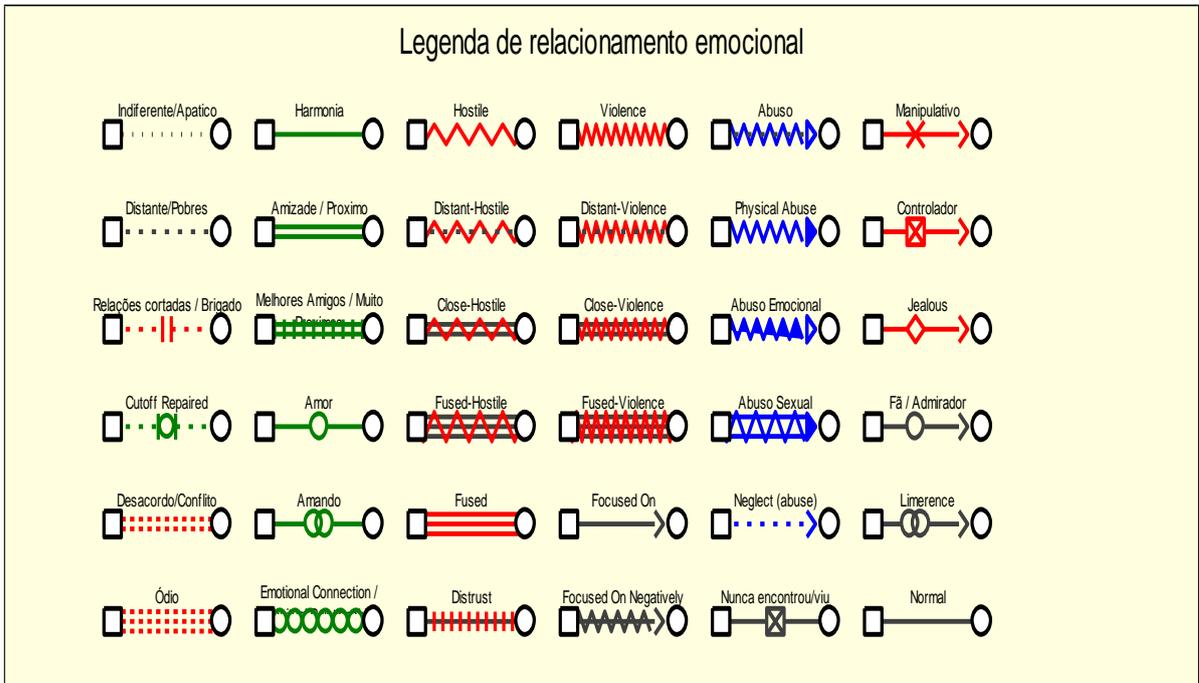
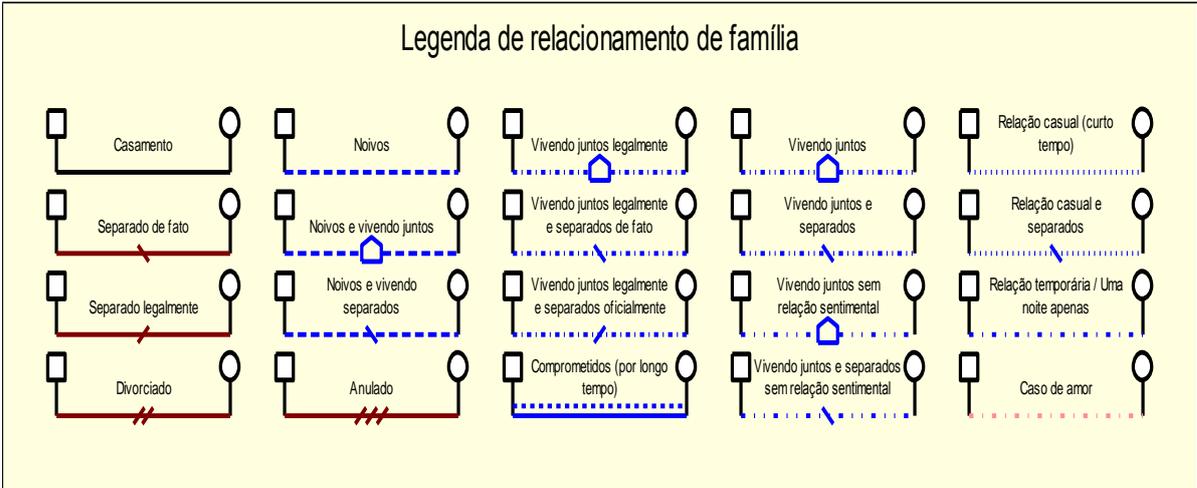
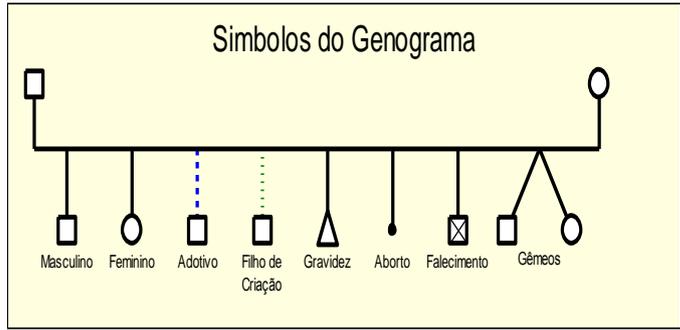
A abordagem aos temas e o retorno a eles, de modo circular, leva a aprofundar seus significados e a chegada às categorias, de forma a permitir “confrontar essas interpretações e arbitrar entre elas. Este movimento entre o todo e as partes é um processo que se repete, e só termina quando os significados dos diferentes temas emergem em uma unidade coerente” (MACEDO; KUBLIKOWSKI e SANTOS, 2004, p.9). A condensação, então, foi feita na procura pelos temas que demonstrassem a vivência de cada participante. Tais temas foram, então, agrupados para todos os participantes. As categorias temáticas emergentes foram: Casamento, Relacionamentos Amorosos, Amor e Infidelidade.

A partir do que conhecemos, foi realizada a interpretação possível, uma vez que, na pesquisa qualitativa, consideramos a vivência dos participantes, que atribuíram sentidos às suas experiências de vida. A compreensão do fenômeno aqui estudado, que surgiu na interpretação, “não é conceituada como um deslocamento para dentro do outro ou limitada pelo horizonte do investigador, mas uma emergência do processo linguístico pela participação em um sentido comum”. (KUBLIKOWSKI, 2001, p.83). Nesse caminho, conseguimos compreender os significados por eles atribuídos às suas vidas.

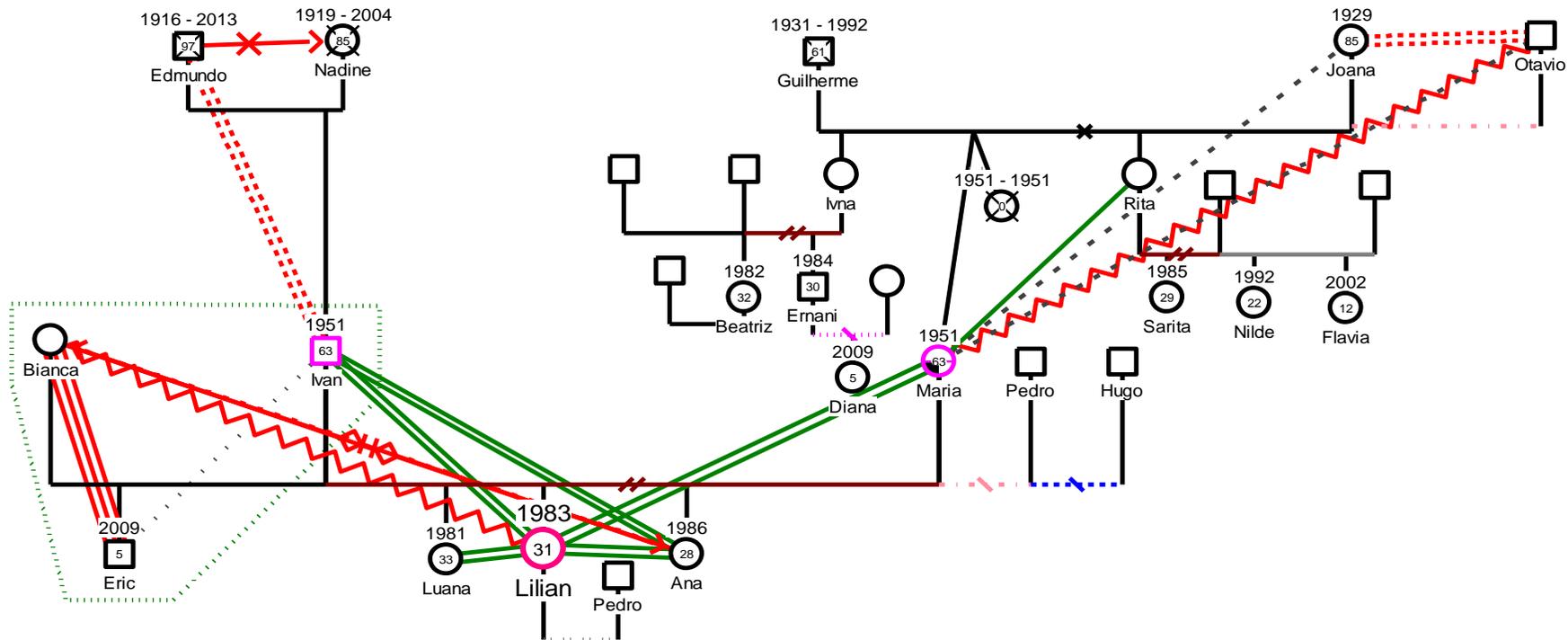
CAPÍTULO 6 – ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DAS INFORMAÇÕES

Neste capítulo, apresentamos a análise das informações coletadas, a partir dos genogramas e das entrevistas, buscando compreender, à luz dos objetivos propostos e da perspectiva dos participantes, os significados atribuídos ao casamento, às relações amorosas e à infidelidade, abordados na confluência dos fluxos vertical e horizontal do ciclo de vida familiar (CARTER e MCGOLDRICK, 1995).

Optamos por apresentar as informações pertinentes à transmissão intergeracional destes significados, a partir de cada genograma. Num segundo momento, foram destacados de cada entrevista, os trechos que apontavam para os significados atribuídos ao casamento e às relações amorosas e infidelidade, que permitiram a construção de categorias de significado.



"Entre tapas e beijos" - Lilian



Participante A: Lilian, 31 anos, nasceu em uma cidade do interior do Rio Grande do Sul, mas cresceu em Porto Alegre, mora em São Paulo há três anos, com colegas de apartamento, graduada, trabalha em sua área de graduação. Lilian tem duas irmãs e um irmão do segundo casamento do pai. Seus pais são separados e cada um deles tem novos companheiros. Toda sua família mora no Sul. Há época da entrevista, estava envolvida com um rapaz, mas não tinha certeza se estavam namorando.

Acerca de sua família paterna, Lilian falou que seus avós ficaram juntos “talvez mais, 50 anos eu tenho certeza que sim”. Entretanto, relatou que o relacionamento deles “era bem ruim. O meu avô era do tipo mandão. (...) Ele se arrependeu muito de ter sido ruim com ela, mas eles tinham um relacionamento bem ruim.” Como seu pai é filho único, não existem outras relações familiares.

Já em sua família materna, a participante explicou sobre o relacionamento de seus avós, que “foi um casamento tipo dos meus avós [paternos], eles ficaram muito tempo juntos”, e seu avô “era muito apegado ao [meu] pai, ele achava que as filhas dele não podiam se separar. Mas, o que sei, é que ele era muito rígido, por ele ser dessa coisa militar, então a minha avó, depois que ele morreu, aproveitou para fazer tudo que nunca tinha feito na vida”. Lilian explicou isto, ao dizer que seus pais esperaram o falecimento de seu avô para se separarem e também para dizer que “minha avó teve namorado primeiro que todas nós”. Sua avó também tem um novo companheiro que “ela diz que não, mas tá, ninguém gosta dele porque ele é chato, ele trata mal minha avó”.

Em sua família materna, suas tias “casaram, separaram e casaram de novo” e “foi uma coisa meio continuada”. Sobre estes casamentos, afirma que “alguns casamentos dessa família significam parceria, são tipo, a minha madrinha, o casamento novo dela é um casal bacana assim, eles são parceiros um do outro. E acho que um pouco de cuidado”.

Sobre seus pais, explicou que seu pai “era noivo e conheceu minha mãe. Enfim, meu pai terminou o noivado dele para ficar com minha mãe”, e que sua mãe “era aquela esposa que estudava, trabalhava, fazia um monte de coisa, mas quando meu pai chegava em casa, tinha uns drinks esperando. Aquela coisa esposa padrão”. Entretanto, seus pais se separaram quando Lilian tinha, mais ou menos, dez anos de idade. Atualmente, seu pai “casou, casou mesmo (...) acho que tem dez anos isso”. Já sua mãe, “pode dizer que ela casou. Ela fez união estável é a mesma coisa que casamento”. Lilian comentou que “é uma relação que eu não gosto. Gosto muito do Hugo, ele é uma ótima pessoa, mas ele é um péssimo namorado (...) a relação deles é conflituosa, eles vivem se estranhando”.

A participante sinalizou que, na época da separação de seus pais, tanto seu pai quanto sua mãe já tinham novas pessoas. Seu pai “namorou com ela [outra mulher], mas não morou com ela”, mas ela e suas irmãs “com as namoradas do meu pai sempre foi assim mesmo, a gente tinha ciúmes dele”. Sua mãe se envolveu com “o Pedro, que foi o primeiro namorado que minha mãe teve depois do casamento. Eles ficaram oito anos juntos. Ele foi uma presença bem marcante. (...) Foi bem ruim quando eles terminaram, porque eles se gostavam, mas não

dava mais pra sustentar, ficar junto”. Para Lilian, esta foi uma época bem difícil, pois, “depois que minha mãe separou dele, foi que ela começou a beber (...) mas ele era ótimo, com minha mãe também era difícil”.

Quando falamos da relação do seu pai com a madrasta, Lilian contou que “o pai se casou com a Bianca e, no final, era porque ela queria ter um filho (...) tem um pouco de jogo, uma coisa não muito boa” e que “no começo [a relação] era super bem, se davam bem, se gostavam, faziam bastante coisas juntos, até o meu irmão nascer”, após isto, disse que a relação deles ficou estranha, pois a madrasta não deixa o seu irmão sozinho com o pai.

O motivo que a fez mudar para São Paulo foi “porque tive um relacionamento bem comprido. Eu fiquei oito anos com uma pessoa, foi meu primeiro namorado, a gente terminou, ficou mais um ano separados, depois mais outro ano juntos, aí, quando terminou esse outro ano juntos, eu fiquei bem deprimida, assim, deprimida de verdade, deprimida de remédio” e “eu não aguentava mais esbarrar nele em tudo que é lugar”.

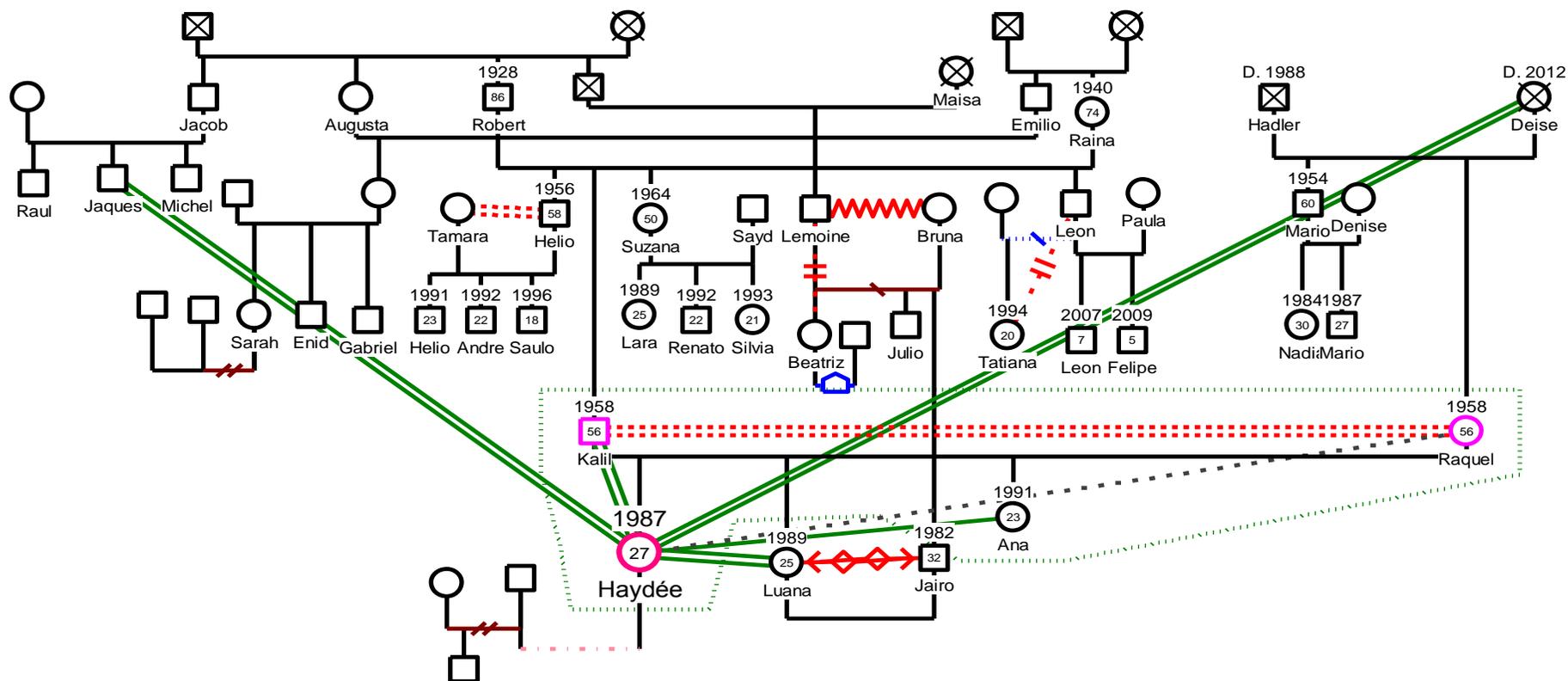
Alguns amigos da participante “têm um casamento que eu acho bem bacana, que se dão bem, que são parceiros um do outro e têm um plano junto”, sinalizando que, em sua família, acha difícil achar esses modelos. Atualmente, disse estar envolvida com “o atual, que eu não sei bem o que é. Temos um problema. A gente tá numa briga justamente (...) porque a gente começou a viver como um casal (...) e ele nunca tinha tido um relacionamento antes”. Isto deixa a participante com dúvidas, uma vez que, para ela, o *ficante* “demorou todo esse ano para descobrir que a gente está namorando e agora que ele descobriu, ele entrou em pânico”.

A partir desses recortes da fala da participante, percebemos que da perspectiva do fluxo vertical, há indícios de transmissão intergeracional de padrões de relacionamentos. Lilian parece não identificar modelos ou as influências que sofre. Em sua família de origem, encontramos transmissão intergeracional de padrões relacionais “ruins” e “estranhos”, que ela reproduz com o parceiro atual, apesar de seu ideal ser um relacionamento que ela denomina de “parceria”. Esse ideal de relacionamento que Lilian expressa, definindo como “casamento bacana que se dão bem, parceiros com um plano juntos”, não é um modelo fácil de encontrar em sua família, e parece ter relações com o que Giddens (1993) chama de amor confluyente, onde a busca é pela satisfação mútua.

Além disso, observamos a presença do ciúme nas relações entre seus pais e entre ela e suas irmãs com o pai, sendo este outro padrão presente na família, apesar das críticas dirigidas à sua mãe, vista como alguém ciumenta e que tem que ter a “posse”. Lilian refere semelhança

com o pai, ao demonstrar sentimentos, entretanto, repete a insegurança da mãe em seus relacionamentos. Em uma família com muitos casamentos e re-casamentos, a participante sente que a realidade dos relacionamentos é muito diferente do que lhe foi passado ao longo da vida. Em sua busca de construção de um modelo próprio, Lilian esboça seu pesar com os relacionamentos, esbarrando nas dificuldades dos parceiros em “assumir” um relacionamento, no caso do ex-namorado, na hora em que deveriam casar, e no caso do atual, na hora de assumir um compromisso.

"Trama: alguém tem que ceder" - Haydée



Participante B: Haydée, 27 anos, nascida em São Paulo, de família árabe. É graduada na área da saúde, tendo concluído um mestrado e atuante na área. Seus pais são casados e ela tem duas irmãs. A irmã do meio casou-se recentemente. Haydée mora com os pais e tem ajuda financeira deles. A família da mãe tem ascendência europeia. Haydée relatou estar solteira.

Na família paterna de Haydée, os “avós são casados até hoje” e, inclusive, “a Augusta [irmã do avô, Robert] casou com o irmão da Raina [avó] e a Raina casou com o irmão dela [Augusta]”, enfatizando como “libaneses são todos primos”. Os avós de Haydée estão casados “há 56 anos”. A participante chamou sua família de “povo persistente”, quando falou sobre a quantidade de tempo em que as pessoas estão casadas.

Ao falar sobre seus tios paternos, relatou que “o casamento do Hélio [irmão mais velho do pai] é mais ou menos igual ao do meu pai, sempre bastante briga. Apesar de que eles não fazem isso na nossa frente. As pessoas da minha família abrem muito a mão de muita coisa, para fazer tudo que todo mundo quer”. Esta parece ser uma característica que Haydée enfatiza em sua família. Sua tia Suzana [irmã do pai], apesar de também ser casada com libanês, “por ela ser mulher, ela respeita o que o homem fala. Independente de ser contra o que a família diz ou não diz, ela assume o que ele quer”. Já o casamento do irmão mais novo do pai, “parece ser muito tranquilo”. Entretanto, a participante comentou que seu tio Leon (irmão mais novo do pai) “tem uma filha mais velha que meio que sumiu do mapa”, mas que não é comentado na família.

Com relação à sua família materna, seus avós “sempre foram casados, eles nunca se separaram” e “parece que eles se davam bem, mas não sei tanto dessa parte [relacionamento amoroso]”. Sua mãe tem um irmão, Mario, que Haydée considera “não que é modelo, mas uma das relações que eu acho que é um pouco mais pacífica, um pouco mais equilibrada (...). Eu percebo que a cumplicidade é muito maior do que a necessidade de ficar cedendo a toda hora. Claro que eles cedem um pro outro, senão você também não vive, mas ele tem uma relação mais tranquila”.

Sobre seus pais, contou-nos que se conheceram no trem, e que o pai “deu o telefone dele pra minha mãe, minha mãe não ia ligar, quem ligou pra ela foi uma amiga dela que ligou se passando por ela, pra poder encontrar com ele”, agora, “estão casados há 28 anos”. Quanto ao relacionamento dos seus pais, disse que vê “um relacionamento, assim, muito conturbado. Eles brigam bastante, mas assim um não vive sem o outro”, além disso, como outros relacionamentos em sua família, comentou que “minha mãe deixa de fazer o que ela gosta, porque meu pai não quer (...) da mesma forma meu pai faz coisa que minha mãe gosta, para tentar agradar e tal. Nada muito absurdo, mas eu acho que, às vezes, tem um pouco de exagero. Você deixa demais de ser você, pra ser quem o outro quer que você seja”. Ela complementou que “não parece ser um absurdo [o fato dos pais cederem um para o outro] (...)

mas pra mim, já é muito. Eu acho que eu não escolheria esse tipo de relação pra mim, pelo menos não desse jeito mais extremo”.

Prosseguindo, comentou que sua irmã do meio, Luana, está casada com seu primo, e que os dois “namoravam faz quatro anos”. Entretanto, para ela ainda “é esquisitão. Até hoje não consigo falar que ele é marido dela”, e que não imaginava o casamento dos dois, “porque no começo do namoro, eles namoraram um tempo escondido, porque eles só se pegavam. Só saiam pra transar.” Para ela, o relacionamento dos dois “é bem provocativo assim, sempre tem um provocando o outro, ou com ciúmes ou com alguma piadinha boba”.

Haydée se preocupava com a irmã, enquanto irmã mais velha, entretanto, disse que “fazia a mesma coisa”. Atualmente, afirmou que “não tenho um namorado fixo, digamos que tem uns rolos no meio do caminho”. Ao falar sobre casamento, disse que “se fosse pensar, num relacionamento meu agora, se eu me casasse com alguém ou se eu namorasse alguém, eu acho que eu não ia querer fazer nada do que eles fazem. Queria fazer uma coisa totalmente diferente”. Em sua família, comentou que apenas uma das primas “já tinha sido casada e ai ela se separou e casou”, novamente.

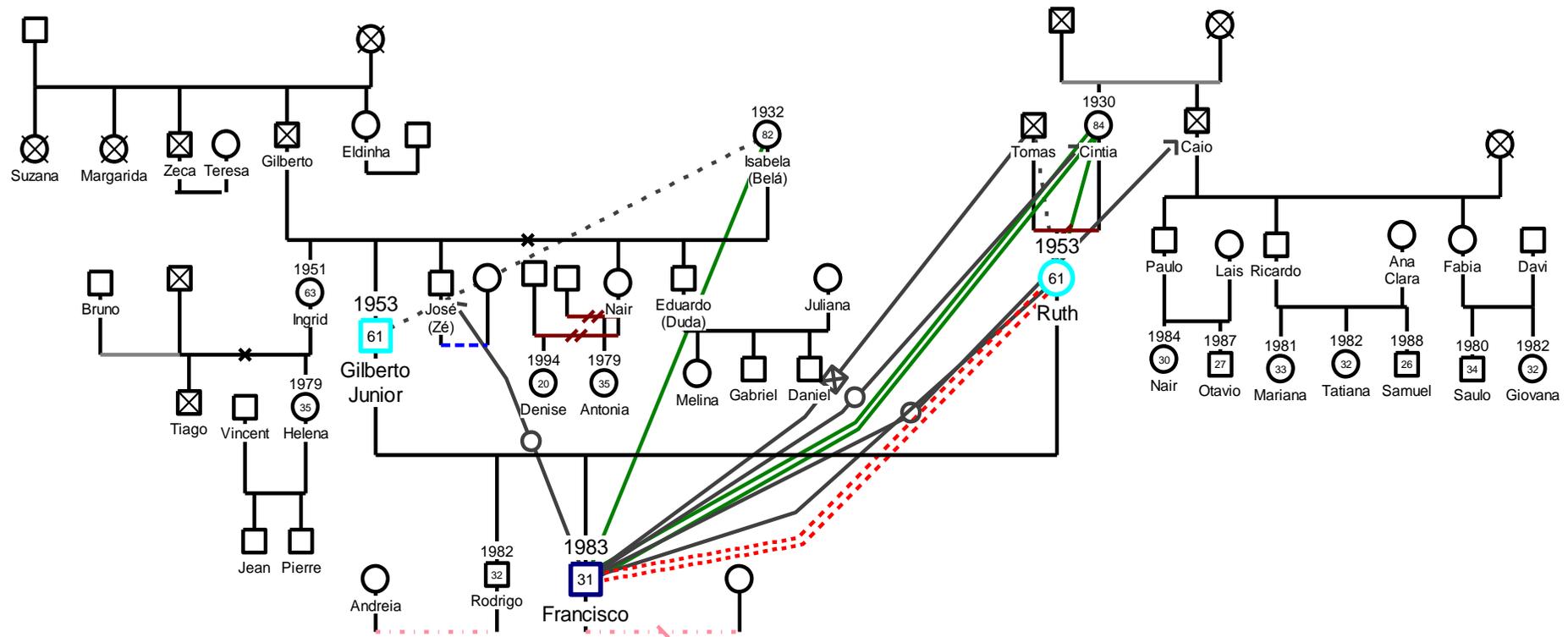
Para a participante, os relacionamentos em sua família são “muito pesados (...) você sempre tá na obrigação de ceder pro outro e não por prazer” e que, a partir disso, não encontra “um modelo que eu fosse (...) ‘esse casal eu faria igualzinho’. Não estou falando que todos eles são ruins, mas funciona, do jeito deles mas funciona, só que o jeito deles eu não gosta tanto assim.”. Desse modo, identificou que, para sua família, principalmente seus pais, “o ideal seria eu casar com um cara que é libanês, com dinheiro”.

A partir dos recortes do discurso da participante e, ao fazermos o genograma, observamos na transmissão intergeracional um valor de complacência no modelo tradicional de relacionamento. Para Haydée, o significado do compromisso vem com a obrigação de ceder para o outro, deixando o prazer de lado, e ela vivencia isso como muito pesado. De acordo com o amor confluyente, segundo o qual a relação tem que ser satisfatória para ambos, a participante detecta o problema e tenta construir uma solução que a afasta do casamento.

Haydée procura diferenciar-se da família de origem, indo para um modelo oposto, evitando relacionar-se e rejeitando os padrões existentes e conhecidos em sua família, mas sem conseguir construir um padrão que possa chamar de seu, o que gera insegurança. Por meio do antimodelo, tenta se individualizar da família vista como “um bloco”. Observamos como esta família, em sua cultura, mantém padrões de gênero bem divididos, em que as mulheres obedecem aos seus maridos. Em seu processo de diferenciação, a participante

“rompe” com o modelo familiar, ao escolher outra profissão e buscar um modelo relacional que diminua sua insegurança, em não saber o que o outro faz.

"Entre a tradição e a não tradição" - Francisco



Participante C: Francisco, 31 anos, nascido em São Paulo, tem formação em engenharia, mas trabalha na área artística. Francisco morou durante 5 anos na Colômbia. Os pais de Francisco são casados e ele tem um irmão mais velho. A família materna de Francisco é de artistas, sendo sua avó materna italiana. A família do seu pai vive uma parte do Nordeste, e outra em São Paulo. Francisco saiu da casa dos pais em 2009 e mora com uma amiga. Francisco relatou estar solteiro.

Em sua família paterna, Francisco observou que os “avós viveram casados até meu avô morrer”, o que chamou de “casamento de famílias ricas”. Na geração de seus pais e seus tios, Francisco observou que “no caso dos irmãos do meu pai, eu acho que cada um teve um destino mais ou menos assim, que eu possa chamar de sucesso ou fracasso”.

A respeito de seus tios, sinalizou que o tio com quem tem afinidades artísticas, José, “foi uma pessoa que demorou a casar”. Sua tia Nair “se casou duas vezes. Hoje em dia, não é mais casada, é separada duas vezes”, e o tio mais novo casou-se com uma mulher “de uma família humilde de Goiás”. Sua tia mais velha, Ingrid, casou-se e ficou viúva, tendo casado novamente, sempre com homens de boa condição financeira. Com relação a seu pai, diz que o “pai foi dos irmãos, o que escolheu o caminho mais certinho. Meu pai foi o mais assim, casou.” O participante enfatizou que tem pouco contato com sua família paterna.

Em sua família materna, Francisco falou que seus avós “se separaram quando minha mãe era relativamente jovem”. Apesar de sua mãe ser filha única, relatou o tio da mãe e seus filhos como pessoas que fizeram parte da sua vida. “A família da minha mãe (...) também é um pouco mais calma nesse sentido, de que os relacionamentos duraram que os casamentos duram até hoje.”

Quando falou sobre seus pais, “tanto meu pai quanto minha mãe, os dois cada um por um motivo, têm traumas da vida que fazem com que eles (...) se sintam bem nessa coisa de ter sucesso na família nuclear”. Francisco identificou seus pais como um modelo de relacionamento, chamando de “bem sucedido no modelo da família nuclear.” Definindo como: “essa coisa do pai e da mãe viverem juntos, assim, e estarem casados sobre o mesmo teto e criarem os filhos juntos e (...) na mesma casa”. Concluiu que “sempre tive meus pais como referência nesse sentido. Eu digo, no sentido do dia a dia deles, porque eles se dão muito bem. Eu vejo o relacionamento dos meus pais como uma coisa, caso de sucesso mesmo”.

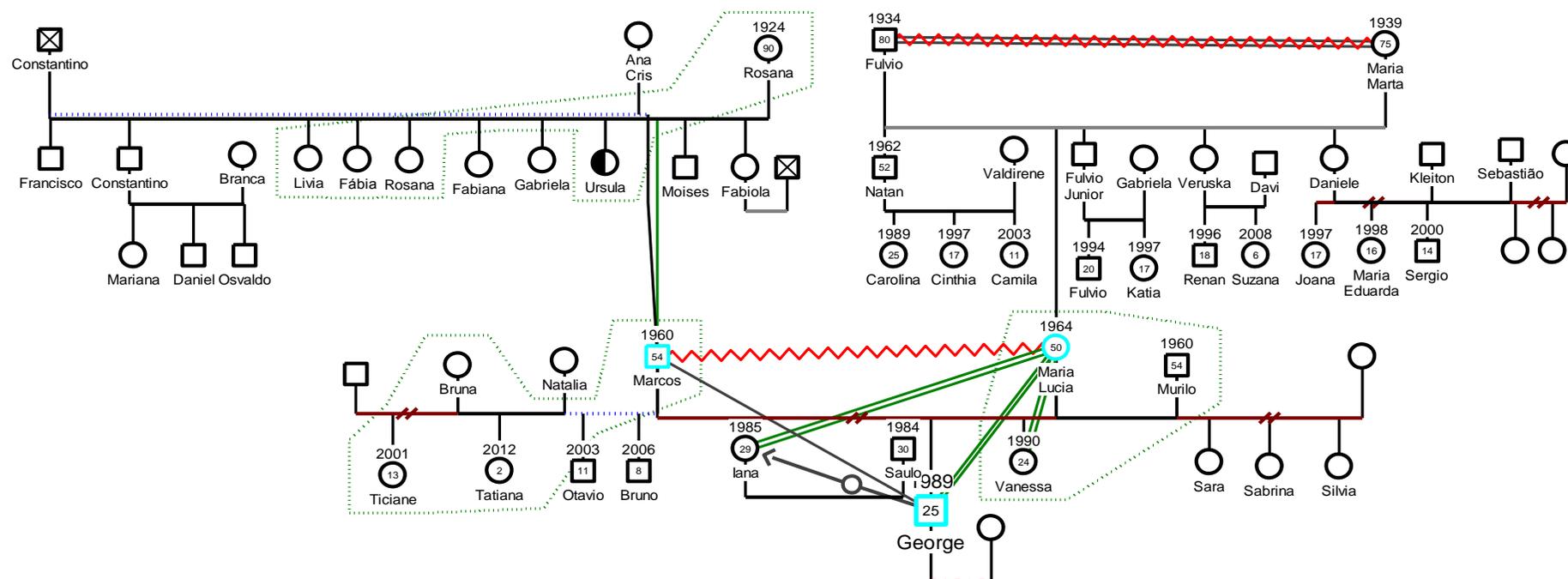
Francisco comentou que seus pais “sempre protegeram muito a gente [ele e o irmão mais velho]. Tanto dos relacionamentos deles, como de todos os outros relacionamentos da minha família.” Assim, para os pais de Francisco e, conseqüentemente, para ele, o seu tio José “nunca casou, ele não sabe o que quer fazer da vida, ele é um vagabundo.” Os conflitos que Francisco disse perceber entre seus pais, “não de um não aguentar o outro. Sempre achei, principalmente, isso. Eles eram referência, contando com todos (...) em oposição a esses exemplos da família do meu pai, que já foram mais caóticos”.

Diante de tais valores e influências, que Francisco ouviu ao longo de seu crescimento, relatou que, de seu último relacionamento, ainda, tem sequelas e que “nunca me considere muito afortunado nesse ramo da vida, quando era moleque”. Com relação a sua visão de relacionamentos, aduziu que “sempre tive uma ideia um pouco mais libertária de relacionamento. Não no sentido de relacionamento aberto propriamente dito”.

Ao mesmo tempo, disse “não tenho isso como objetivo de vida, formar uma família nuclear tradicional. Acho que isso pode acontecer e pode não acontecer. Não combato isso, mas também não defendo (...) sempre questioneei muito toda essa coisa de família nuclear, de casamento e de tradição, de educação e de religião (...), e eu acho que minha família nunca me deixou falar mal da tradição por um lado”.

Ao olharmos os trechos de sua fala, observamos da perspectiva da transmissão intergeracional, que dois modelos contrastantes de casamento e de relacionamento amoroso aparecem. Por um lado, o modelo de casamento tradicional de seus pais, por outro, o modelo de casamento caótico de seus tios. Vivendo neste paradoxo, Francisco parece estar confuso em relação aos seus relacionamentos, uma vez que, entre um modelo questionado de família tradicional, que ele denomina família nuclear, e aquele “caótico”, observado entre seus tios, é construído um padrão de relacionamento mais libertário, não no sentido de relacionamento aberto, mas de que “o mundo dos dois é junto, mas cada um tem sua individualidade”. Podemos aproximar esse ideal de Francisco às ideias de Giddens (1993) de “amor confluyente” e relacionamento puro.

"A leveza de ser com o outro" - George



Participante D: George, 25 anos, proveniente de Fortaleza, iniciou uma graduação, interrompendo-a para vir a São Paulo, cursar uma nova graduação na área de artes, onde mora com amigos. Sempre trabalhou com artes, inclusive, quando ainda morava em Fortaleza. George tem duas irmãs e seus pais são separados, ambos com novos companheiros. A irmã mais velha de George é casada. O pai de George é filho de seu avô com outra mulher, mas a esposa o criou como filho. Além de George, seu pai possui dois filhos com uma ex-namorada, e uma filha com a atual esposa. George recebe ajuda financeira da mãe. George relatou estar iniciando um namoro.

Em sua família paterna, explicou que seus avós passaram a vida juntos, entretanto, “não sei nem direito se a Ana Cris era um caso do meu avô e meu pai nasceu ou se, eu acho que sim. (...) Acho que foi um caso que meu avô teve, e aí meu pai nasceu, e aí eu não sei o que a Ana Cris fez, se ela sumiu, se ela não quis criar o papai, não sei. Meu avô levou papai lá pra casa dele e minha avó criou”. Apesar de uma família numerosa, o participante relatou pouco sobre os relacionamentos de sua família paterna, dizendo, apenas, que “um casal da família que eu acho bacana é meu tio Constantino e minha tia Branca. Eles são muito carinhosos, um com o outro”.

Acerca de sua família materna, George descreveu que, entre seus avós, “rolou bodas de ouro”, e que, em uma época, quando pensaram em se separar, “a galera achou piada, ‘vocês estão juntos há quarenta e cinco anos e vão separar agora?’”. Todavia, o participante acha os avós um casal interessante, visto que “eles são totalmente diferentes um do outro, meu vô é todo certinho, quieto na dele, discreto e minha avó é toda espalhafatosa, assim, são muito diferentes”. E, apesar de que “eles brigam muito, discutem muito, se batendo o tempo todo, (...) eles são muito companheiros”.

Com relação aos seus tios, todos estão casados, e, além de sua mãe, somente a tia mais nova, Daniela, está em um segundo casamento. Porém, George expôs um episódio de traição, por parte do irmão mais velho de sua mãe, Natan, onde sua tia Valdirene “não se separou dele. Eu falei [para minha mãe], ‘puxa porque ela não se separou e tal?’ e ela falou: ‘filho, você não sabe o que é você ter três filhos e tal e tá casado’ e eu falei, realmente, não sei. Porque minha mãe segurou a onda por muito tempo.”

Os pais de George se separaram há 10 anos. Sua mãe “casou de novo, há uns três anos”. Seu pai está casado, novamente, com Bruna, “há uns 5 anos”, e “a Bruna tem uma filha, mora com meu pai”, enfatizando que “Bruna é separada também. Família moderna”. Antes de casar-se com Bruna, George diz, “vi isso se repetir com meu pai [a traição da esposa e ter outro filho], que o Otávio foi um caso que meu pai teve com a Natália. O Otávio nasceu, aí, depois que meus pais se separaram. Ele teve, ainda tinha um relacionamento com a Natália e teve o Bruno”. O participante explicou que, com Natália, seu pai não chegou a morar, mas, “depois do divórcio, a gente passou a conviver porque a gente passou a se relacionar com o Otávio. Eu tentava não misturar as coisas, o que era o casamento do meu pai com minha mãe, e o que é meu pai enquanto pessoa e que tem um filho”.

Para George, Otávio, o filho de seu pai fora do casamento, “foi meio que pivô da separação. (...) Tipo, foi quando a bomba estourou. Na verdade, eu só fui saber que meu pai tinha um filho quando o Otávio tinha 2 anos já.”

Os pais do participante se conheceram durante a faculdade, e “minha mãe engravidou e aí eles se casaram”. Ele percebia que o casamento dos pais “estava respingando muito na gente, o relacionamento ruim deles dois”. Na verdade, o relacionamento dos pais “nunca foi muito bom. Meu pai, assim, ele sempre foi meio ausente em casa, acho que, principalmente, por conta do casamento dele com minha mãe. Ele era ausente no casamento”.

George afirmou sentir que “faltava alegria em casa, faltava ele [seu pai] se sentir alegre” e, quando a família fazia viagens com outra família amiga, “minha mãe ficava muito feliz”. Ainda sobre sua mãe, explicou que a “mãe tentou muito, por muito tempo, o casamento” e que “ela já sabia das histórias dos casos dele, muito antes de acabar o casamento. Mas ela tentava bastante e meu pai sempre dava umas escorregadas”. Atualmente, o marido de sua mãe “é um cara super cuidadoso, era o que minha mãe tava precisando. O que ela não teve com meu pai.”

Em sua história, George disse não saber o que pensar sobre traição, principalmente, quando fala da história de seu pai e de seu tio materno, “não sei se eu me relacionaria da forma como eu penso que me relacionaria, porque eu também não tenho essa estrutura toda diante de mim. (...) porque não é uma verdade absoluta, mas vi que certas pessoas encaram dessa forma, assim de ‘num casamento de muito tempo, com filhos e tudo, não é por pouca coisa que se rompe. Não sei se comigo seria assim. Foi uma coisa que eu realizei na cabeça”.

O participante possui outras duas irmãs, uma mais velha e uma mais nova. A mais velha “namorou com um cara que era super bacana (...) eles namoraram oito anos, estavam para casar, aí a Iana descobriu umas coisas meio ‘paia’ e eles acabaram”. George pensa que sua irmã “é alguém muito dependente, precisa tá com alguém. Eu fiquei feliz por ela ter achado alguém bacana”, o atual marido.

Por fim, George afirmou que “não tenho modelo” de relacionamento, procurando, apenas, se relacionar, de uma forma que o faça bem.

Podemos observar nessa família, da perspectiva intergeracional, não apenas a repetição do fato de ter um filho fora do casamento, mas, também, nas próprias características de George, sempre buscando relacionamentos que sejam “fáceis de sair”. Em sua família, evidencia-se a questão do carinho e de relações ruins, onde o término foi melhor para os envolvidos. Percebemos que George, também, tenta se diferenciar da família, por outros caminhos. Com relação à traição, ele se declara, extremamente, monogâmico. George parece buscar em seus relacionamentos uma estabilidade, tranquilidade e carinho, que nem sempre pareciam existir em seu entorno, mas sendo “leve”, de forma a poder desvencilhar-se rápido, sem muito custo.

Essa característica de George está presente em relacionamentos atuais, todavia, pensamos que sua “leveza”, em ir embora dos relacionamentos, tem semelhanças com a ausência de seu pai na família e separações existentes.

Observamos, nos genogramas, em um contexto de profundas mudanças nos relacionamentos amorosos, a transmissão intergeracional de padrões relacionais (MCGOLDRICK, 2012), que são repetidos por nossos participantes, sem reflexão, o que remete à angústia, desequilíbrio e insegurança para as mulheres, ao contrário dos homens, para quem tais padrões são "mais leves". As narrativas de homens e mulheres expressam tais padrões, que se fazem presentes nas formas de ser com o outro, remetendo às questões de gênero.

Assim, Lilian reproduz padrões “ruins e estranhos”, sentindo um desequilíbrio em suas relações amorosas, o que gera angústia. Já Haydée, percebe, em sua família de origem, um padrão de complacência em que todos cedem aos outros, o que empana a individualidade em casamentos tradicionais, cujo enredo se repete, e onde o prazer é deixado de lado. Por meio do antimodelo (CERVENY, 2000), Haydée constrói, para si, um enredo que a afasta do casamento e de relações “conturbadas e pesadas”, cuja contrapartida é também a angústia e a insegurança, por não saber muito bem como agir. Aqui, para manter a coerência narrativa, o processo de diferenciação da família é ciosamente guardado por Haydée, por meio de um enredo onde descreve, a si, de uma forma que lhe escapa o sentido, na medida em que tal enredo não encaixa na sua experiência.

Francisco, entre a tradição e a não tradição, entre o “tradicional e o caótico”, busca construir-se como libertário nos relacionamentos amorosos, o que não chega a constituir um relacionamento aberto, mas onde “o junto garante a individualidade de cada um”. Já George, reproduz a ausência do pai em relacionamentos leves, sem compromisso, dos quais se sai sem custo, o que vem sendo revisto no seu relacionamento atual, buscando escapar ao destino da infidelidade, que se perpetua em sua família.

A miríade de significados, que a cultura nos oferece para representar os relacionamentos amorosos, são, então, apropriados por nossos participantes e se articula com histórias familiares, para justificar suas ações nas relações a dois, não de forma linear, mas evidenciando as perplexidades geradas pela passagem do tradicional ao não tradicional, nas relações de intimidade, cujo ideal acaba sendo aquilo que Giddens (1993) denomina de amor confluyente e relacionamento puro.

Constatamos, aqui, outras normas que convivem e conflitam com as antigas e, de forma recursiva, formatam as ações dos participantes, no âmbito das relações interpessoais.

Neste sentido, continuam existindo ideais que regem as relações amorosas e que estabelecem o que é esperado e o que é bom.

Por outro lado, não podemos esquecer o quanto o ciclo vital do indivíduo se vê estendido, e, nesse sentido, ao invés de compreendermos as experiências de nossos participantes como disfuncionais, optamos por abordá-las como um processo em curso, no estabelecimento das relações amorosas, dificultado por paradoxos estabelecidos entre o vivido em suas famílias de origem e o que percebem que é deles esperado, dentro de um contexto de incerteza (ROCHA-DE-OLIVEIRA; PICCININI; BITTENCOURT, 2012).

Para além das vivências familiares, as relações amorosas assumem diferentes formas, de acordo com a literatura. Observamos, então, o que Cavalcanti Chaves (2010) e Féres-Carneiro (2008) colocam como novas formas de se relacionar: *ficar*, relacionamento aberto, poliamor, presentes nas falas, mas não nas práticas. Os homens parecem ser mais coerentes em suas falas e práticas, principalmente, no que tange a fidelidade (HEILBORN, 2013; Santos, 2009). As mulheres estão cercadas pela ambiguidade existente, desde que o sexo feminino começou a conquistar direitos iguais. Ao mesmo tempo em que têm liberdade para buscar os parceiros que quiserem, colocam-se incertas em como agir com diante deles, o que as leva a insegurança e ansiedade nesses relacionamentos (FEIJÓ e MACEDO, 2012; PINSKY, 2012).

6.2 Análise das entrevistas

A partir das informações obtidas nas entrevistas, semiestruturadas, destacamos os significados atribuídos ao casamento e aos relacionamentos amorosos, visando atender aos objetivos propostos.

As categorias emergentes foram: Casamento, Relacionamentos Amorosos, Amor e Infidelidade, que se desdobraram em subcategorias (Apêndice 4)⁵.

6.2.1 Casamento

A categoria casamento se desdobrou em quatro subcategorias, que tentam dar conta da experiência desses participantes e de suas famílias, no que se refere aos significados atribuídos ao casamento.

⁵ Destacamos aqui apenas as falas consideradas mais representativas de cada categoria e subcategoria. Os recortes resultantes da análise podem ser encontrados na íntegra no Apêndice 5.

6.2.1.1 Casamento como parceria e escolha

O casamento, para os participantes, é visto como a escolha de um companheiro para construir e dividir a vida, que tenha os mesmos objetivos, formando, assim, uma parceria. Os participantes também acreditam que o casamento não é mais uma obrigação, como era antes, a busca é por uma relação que respeite a individualidade de ambos.

“O casamento só tem sucesso, se existir essa consciência das duas pessoas de que cada um tem seu mundo e que o mundo dos dois é junto mas que cada um tem sua individualidade. Essa coisa de as pessoas serem companheiras então cada pessoa por si só estar bem, consigo mesma e as duas estarem juntas se apoiando, mas nenhuma precisando da outra. Uma decisão de duas pessoas de seguir a vida juntos, de montar uma vida juntos. Casamento pra mim é no mesmo teto. Significa pessoas sustentando uma casa juntos no mesmo teto, e uma vida. Casamento é quando uma pessoa resolve fazer parte da vida daquela pessoa numa intimidade maior assim. Ela vai se relacionar com aquela pessoa e com a família daquela pessoa, com o universo daquela pessoa.” (Francisco)

Analisamos que as mudanças na conjugalidade, referidas por Féres-Carneiro (2008); Bauman (2004) e Norgren (2002), estão presentes nas falas e vidas dos entrevistados. A presente subcategoria também está, intimamente, ligada com os trabalhos de Jablonski (2011); Falcke e Jordan (2010), ao dizerem que o casamento ainda é desejado, porém não mais como o objetivo único da vida das pessoas, principalmente, para as mulheres.

6.2.1.2 Casamento como obrigação

Para nossos participantes, o casamento, muitas vezes, é visto como uma obrigação social, envolvendo o ideal romântico do “príncipe”, mas podendo existir a separação, mesmo não sendo a melhor solução.

“A sensação que me dá é de uma obrigação. Eu acho que como é uma questão muito mais social do que de parceria, uma questão de mostrar pra todo mundo que você tá casado. Não é isso que vai dizer se eu gosto ou não da pessoa, se eu amo ou não uma pessoa. (Vai muito além disso. Eu poderia amar uma pessoa e não tá casada com ela, Eu poderia casar não amando, o que acontece com uma certa frequência. Segundo meu pai: ‘casamento é uma vez

só na vida'. Não existe separar. Minha mãe acredita que casamento é uma vez só, mas ela é um pouco mais tranquila de pensar assim: 'ah, se precisar separar, separa. E qual o problema?' Isso pra gente. Mas ela nunca separaria do meu pai. E ela já disse isso." (Haydée)

Esta descrição do casamento não corresponde ao que os participantes procuram para si, mas relaciona-se às expectativas dos seus pais. Sendo assim, o “casamento como obrigação” se contrapõe ao “casamento por escolha”, que parece ser o ideal dos nossos participantes. Na teoria, notamos que o casamento tinha, sim, esse fator de obrigação, sendo a forma como as pessoas “legitimavam” suas relações sexuais. (ARAÚJO, 2002; NORGREN, 2002; GIDDENS, 1993). A situação do “casamento por obrigação” é contraposta a do “casamento por escolha”, que se diferencia do amor romântico, já que só é eterno enquanto dure. (GIDDENS, 1993).

6.2.1.3 Casamento como sucesso

O casamento é visto, nesta subcategoria, como uma relação almejada, de parceria, um “caso de sucesso”, de uma “família nuclear tradicional”.

“Meus pais têm essa visão do que eu descrevi como casamento ideal, só que do jeito deles lógico. Eu vejo que eles se apoiam muito, torcem muito um pelo outro e apoiam muito um pelo outro, cada um em seus projetos assim e tem muito sucesso. Então eu acho que eles tem essa visão do casamento enquanto aliança, enquanto sociedade, como se fosse um sociedade. E assim, eu nunca tive intimidade suficiente com meus pais para discutir com eles essa questão sentimental, essa coisa de traição e do que é o que.” (Francisco)

Féres-Carneiro (2008) enfatiza que o casamento são duas individualidades que formarão uma conjugalidade. Quando estas duas individualidades conseguem respeitar-se mutuamente, tendo objetivos em comum, temos um relacionamento bem sucedido, como o que o participante Francisco vê em seus pais, mas que é recusado como modelo.

6.2.1.4 União estável

Para os participantes, a união estável é igual ao casamento, sendo apenas formalizada de modo diferente, ou seja, apenas o contrato do casamento é feito diferente.

“Eu não vejo muita diferença, só muda o trâmite, né? O burocrático da coisa. Eu acho que é [igual ao casamento]. Só formalizou diferente, mas são duas pessoas que decidiram viver juntas.” (Lilian)

Pelos aspectos legais, a união estável envolve, basicamente, os mesmos direitos de um casamento “formal”. O IBGE (2010) chama de nupcialidade legal o casamento formalizado, e união consensual, a coabitação entre um casal, independentemente de possuírem um contrato de união estável, ou não. A diferença entre união estável e casamento está no modelo de contrato e na burocracia, uma vez que a união estável é formalizada de um modo mais simples e a sucessão de bens, em caso de separação e morte, está mais propensa a interpretações jurídicas, podendo ser atenuadas, mediante um contrato de união estável. (CUNHA, 2011; LEITE, 2005; VELLOSO, 2002). No entanto, os aspectos legais não são referidos pelos participantes, permitindo-nos afirmar que os significados atribuídos a ambos os termos são os mesmos.

6.2.1.5 Morar junto

Apenas um participante trouxe a questão do “morar junto”, como uma diferença topográfica, de profundidade. O morar junto, não corresponderia ao casamento, pois se torna mais fácil de terminar, assim como um namoro.

“Se juntar assim é meio que se casar (...). O ‘se tá junto’ e quando você não diz que isso é um casamento, acho que fica um pouco mais leve. Ao mesmo tempo que eu acho que fica um pouco menos profundo, não diria mais superficial porque nunca vai ser superficial uma coisa que você tá morando com a pessoa. Mas talvez seja um pouco menos profundo. Eu não estou falando da questão legal do casamento, eu tô falando de, tipo assim, você encarar isso como casamento.” (George)

O participante apresenta um tema discutido por Duarte e Rocha-Coutinho (2011); Pascoal (2010) e Klintowitz (2006), sobre o fato dos parceiros morarem juntos, antes de formalizar uma união legal. As autoras concordam que a ausência da formalização legal leva a uma “saída” mais fácil do relacionamento, não configurando uma separação, como a de um casamento. Entretanto, afirmam que, muitas vezes, morar junto é uma espécie de teste, para verificar se a relação durará, dentro de “uma coisa mais séria”, ou não. As autoras também apresentam que, o “morar junto”, pode ser feito sem muita reflexão, refletindo o exposto pelo participante, visto que não se pensa na “profundidade” da relação, nem em que aquela mudança, por exemplo, de residência, significaria.

6.2.2 Relacionamento amoroso

A categoria relacionamento amoroso, também, emergiu em subcategorias e englobou o modo como os participantes se percebem nos relacionamentos, a forma como se relacionam e seus ideais de relacionamento. A vivência e as dúvidas sobre o modo de se relacionar, mostraram-se muito presentes entre os participantes.

6.2.2.1 Percepções de si nos relacionamentos amorosos

As mulheres referem insegurança, desequilíbrio e angústia, enquanto os homens referem leveza, a importância do carinho e do toque. Percebemos falta de compromisso para homens e mulheres, demonstrando que o que é leve para eles se torna pesado para elas. Há, aqui, uma questão de gênero referida por elas, que os homens parecem não vivenciar.

“Ainda não achei o equilíbrio pras minhas relações amorosas. O equilíbrio seria eu fazer menos pelos outros, correr menos atrás, demonstrar menos interesse e deixar que o outro faça um pouco mais.(...) Como a pessoa gosta de mim e não sabe se quer ficar junto? Ele já sabe que eu gosto, então me sinto na mão dele. (...) Isso está me angustiando muito, tá me deixando muito sensível” (Lilian)

“Toda hora tentar resolver, de não tá bom, não é o jeito que me faz bem, então eu boto um ponto final rapidinho. Claro que é um custo alto, não é que eu faça isso com a maior facilidade do mundo. (...) Por conta de ficar esperando, eu estava extremamente insegura. Dai fui ficar com outras pessoas porque senão isso me angustiava muito. Acho que entrou

numa neurose minha, sabe? E, por isso que eu tenho ficado com outras pessoas. Na verdade, eu estaria bem só com ele. É uma insegurança minha, e eu percebo que aí eu tiro o foco e não fico mais tão angustiada, do que realmente porque eu gostaria de ficar com outras pessoas, entendeu?” (Haydée)

“Eu acho que eu sou muito carinhoso no sentido do afeto. Tem uma coisa de presença física e de toque muito presente. Em todos os meus relacionamentos sempre foi assim.” (Francisco)

“Eu acho que sou muito leve, mas não leve no sentido de bacana, mas leve no sentido de fácil de ir embora. Terminar um relacionamento pra mim não é a pior coisa do mundo, não morro por isso. (...)E eu sinto que eu tô muito mais disposto a tá nas coisas. A tá mais profundamente no relacionamento. Tô mais disposto a insistir. Insistir é um verbo muito pesado. Mas a não desistir. Eu acho que eu desistia muito fácil dos relacionamentos.” (George)

A questão de gênero se torna visível, pois tais diferenças se associam ao descompromisso, naturalizado entre os homens, especialmente, no que se refere a sexo. Heilborn (2013) refere que as mulheres têm mais liberdade afetiva e sexual, mas, aqui, tal fato afigura-se de forma reativa, ou seja, como uma resposta feminina para lidar com a insegurança gerada pela constatação da leveza masculina (não compromisso).

Para Cavalcanti Chaves (2010), o compromisso, existente na relação amorosa, envolve responsabilidades que, muitas vezes, as pessoas não querem adquirir. Essa flexibilidade nos relacionamentos aparece, principalmente, no discurso delas, pois, apesar da tentativa de igualdade entre homens e mulheres nos relacionamentos, as participantes parecem ser colocadas como objetos dentro destes, expressando um poder do outro (homem), em denominar e significar o tipo da relação. A forma pela qual as participantes lidam com a incerteza de seus relacionamentos, que tem lhes causado ansiedade, é procurando outros parceiros, numa tentativa de não se mostrarem vulneráveis ao “esperar” a decisão do “ficante”.

6.2.2.2 Relacionamentos abertos e monogâmicos

Os participantes tratam os relacionamentos abertos, como uma forma de viver a relação, permitindo ter relação com outras pessoas. Entretanto, nenhum deles diz ter vivido, ou conseguido viver, um relacionamento assim.

“Não sei se daria conta, mas não tenho nada contra.” (Lilian)

“Eu não daria conta. Eu gostaria pra mim, por exemplo, eu ficar com uma pessoa e, se eu tivesse a fim de ficar com outra, eu ir lá e ficar numa boa.” (Haydée)

“Eu já pensei muito nisso, nunca realmente pratiquei isso de verdade.” (Francisco)

“Eu achava absurdo, achava que ninguém ia conseguir.(...) Porque eu não conseguiria. Eu sou muito monogâmico gosto muito de estar com uma pessoa, mas tem gente que não.” (George)

Constatamos, nos participantes, uma diferença entre o que se diz e o que se faz, na medida em que, em alguns relatos, ocorreram relacionamentos “casuais” concomitantes, mas que não são aceitos quando feitos pelo outro. A monogamia aparece, então, como um valor existente nas relações desses jovens.

Féres-Carneiro (2008), quando fala em relacionamento aberto, o define como ter relações sexuais com outra pessoa, fora do relacionamento, desde que haja um acordo entre as partes do casal. O que relatamos na fala dos participantes é a “profundidade” do relacionamento. Quando se está apenas *ficando*, ou quando o relacionamento não é nomeado, a liberdade para ficar com outros é maior, parecendo um acordo implícito da relação, que ainda não tem um “status” mais sério, como o namoro. Parece-nos com o que Bauman (2004) nomeia de “relações de bolso”, pois não se fecha a porta para outras experiências, só ocorrendo quando se muda o “nome” da relação.

Acreditamos, também, a partir da fala deles, que um relacionamento aberto suscita questões de insegurança, especialmente, para as mulheres, remetendo aos significados da infidelidade, conforme veremos adiante.

6.2.2.3 Ideal de relacionamento

Um relacionamento ideal, de acordo com os entrevistados, seria aquele onde exista uma busca de equilíbrio entre as coisas boas e ruins da vida, respeitando o outro e os limites individuais, somando-se e havendo parceria.

“Mas eu acho que a busca tem que ser por essa tentar equilibrar a parte ruim da vida com a parte boa.” (Lilian)

“Respeitar o jeito do outro e respeitar o seu próprio jeito dentro dos limites da pessoa, dentro dos seus limites.” (Haydée)

“Estão se somando e que e tenha esse espaço pra individualidade de cada um.” (Francisco)

“Eu acho que um relacionamento ideal para mim seria esse, de parceria pra caramba, de admiração mútua e respeito mútuo e carinho, muito carinho, parceria mesmo.” (George)

A fala dos participantes leva a pensar na conceituação de Giddens (1993) sobre amor confluyente e relacionamento puro, em que existe o relacionamento, pelo próprio relacionamento. Nessa proposta, o relacionamento se mantém, enquanto for satisfatório aos envolvidos. Diferentemente do amor romântico, que requeria a existência de alguém único e para sempre, o foco aqui parece ser o “eterno enquanto dure”.

Em um contexto de mudanças e incertezas, os participantes parecem construir formas de se relacionar, diferentes das tradicionais, pensando nas satisfações individuais, na relação do casal.

6.2.2.4 Relacionamento como posse

Apesar dos entrevistados procurarem relações satisfatórias para si e para o outro, o ciúme e a posse ainda aparecem.

“A minha mãe tem uma percepção de posse. Tudo isso tem a ver com posse. Com propriedade. E meu pai é muito parecido comigo, é muito de sentimento, de aquilo ser uma união com a outra pessoa. Mas diferente de possuir o outro, ‘é meu não pode pegar’, a minha

mãe pensa bem assim. Ela é muito ciumenta, possessiva, todas essas coisas tem a ver com isso.” (Lilian)

“Eu sou ciumenta, eu gosto da pessoa só pra mim (risadas), não gosto de dividir, ne?” (Haydée)

Observamos, então, uma busca de liberdade nos relacionamentos, que não permite o ciúme, pouco referido pelos participantes, mas percebidos nas famílias de origem.

6.2.3 Amor

Sobre o amor, os participantes se colocaram muitas vezes em dúvida a respeito de sua definição, mostrando-se até, inquietos, por não terem uma resposta “correta”, ou mais elaborada. Sabemos que esse sentimento amplamente difundido, a partir do século XVIII, tornou-se essencial nas relações. Desse modo, aqui apresentamos os significados a ele atribuídos, por nossos participantes.

6.2.3.1 Intimidade + compromisso

Os participantes consideram amor, a participação na vida do outro, podendo durar por toda a vida, ou não. O amor aqui, está intimamente ligado com a felicidade do casal e à demonstração de atos amorosos, em vez de apenas falar que se ama. O amor, também, os levaria a conhecer mais sobre a pessoa amada, com quem vivem a relação.

“É quando tu tá interessado na felicidade do outro. Quer que o outro seja feliz. Dizer só ‘eu te amo’ não bastava para ser amor, que ‘eu te amo’ é só palavras, são os atos que mostram que tu ama a pessoa” (Lilian)

“A vontade de participar da vida de uma pessoa.” (Francisco)

Relatamos, aqui, uma tentativa de significar suas vidas. Intimidade + compromisso é um conceito da teoria Triangular do Amor de Sternberg, aqui apresentada a partir de Mõnego e Teodoro (2011). A intimidade + compromisso estaria relacionada ao que os jovens definem como amor, uma vez que, na intimidade, está presente a felicidade, respeito mútuo, apoio

emocional, valorização, entre outras características, e, no compromisso, estaria a presença de fatores que fazem a relação durar. Associamos esta descrição ao conceito de amor confluyente de Giddens (1993), como já citamos anteriormente, que é um relacionamento pelo relacionamento.

No entanto, intimidade + compromisso estão em processo de construção, conforme observamos nas falas dos participantes. Os ideais tradicionais relativos às relações amorosas foram descartados e substituídos por aqueles pós-modernos. Mas, apesar de estar claro para esses jovens o ponto de chegada, é muito difícil alcançá-lo. Há, nesse percurso, manchas negras geradas pela falta de sentido.

6.2.3.2 Amor romântico

O amor romântico surgiu como ideal de vida dos casais, por volta do século XVIII, e influenciou todas as gerações, a partir de então. Os participantes, apesar de discordarem da ideia de um parceiro idealizado e de um relacionamento que suprirá todas essas expectativas, apresentam visões desse ideal em suas vidas, surgindo, aqui, outra questão de gênero, que reflete as diferenças na educação de homens e mulheres.

“A gente é preparado pra coisas que não existem. É preparado pra o outro ser tudo aquilo que tu espera, pro amor romântico. A gente é preparado pra isso. A gente escuta a vida inteira a historia de se complementar e nada disso existe. Essa educação sentimental é muito cruel, porque depois tu já aprende sabendo que vai ter um monte de tombos pela frente, as pessoas te ensinam sabendo que tu vai cair um monte de vezes, em vez de te ensinarem a realidade das coisas desde cedo. Acho que pouparia muito sofrimento pra muitas pessoas. Se elas idealizassem menos e encarassem as coisas como são.” (Lilian)

O amor romântico é definido como uma idealização do parceiro e da relação, que suprirá todos os anseios e desejos dos amantes, resistindo, inclusive, às dificuldades. (ARAÚJO, 2002; GIDDENS, 1993). Notamos que, mesmo com todas as novas formas de relacionamento que vão surgindo, o amor romântico e a ideia de alguém que lhe “completará”, ainda são passadas às novas gerações, pois estão presentes em filmes e livros. Esse é um fator que pode interferir nas reações, dado que escapa às expectativas do relacionamento puro, conforme exposto por Giddens (1993).

6.2.3.3 Poliamor

O Poliamor é uma configuração amorosa, onde se ama várias pessoas ao mesmo tempo, e que, para Haydée, faz sentido, mas não se transforma em ação.

“Acho que pode ter diversos, eu acho que não existe um tipo de amor só. (...) [O Poliamor] É uma coisa que eu acho muito legal de se pensar, mas eu não conseguiria fazer. Você conseguir amar duas pessoas ao mesmo tempo e ter relação com as duas pessoas ao mesmo tempo. Eu acho isso muito legal, a teoria é muito bonita, de você poder se dividir, você não precisa ter necessariamente um ciúmes da outra pessoa. O fato da pessoa tá feliz, te faz feliz, ela não precisa ser só sua, mas eu não faria um negocio desse, porque eu já não dou conta. Então, acho que me faz sentido você ter várias formas de amar, não necessariamente, você pode amar mais de uma pessoa, de formas diferentes, você pode ter relações diferentes, e não deixa de ser amor.” (Haydée).

O poliamor é uma vivência muito nova de relacionamento e expressão amorosa, sendo explicado, por Pinsky (2012) e Féres-Carneiro (2008), como um amor por múltiplas pessoas, permitindo o envolvimento afetivo com várias pessoas, ao mesmo tempo, independente de sexo e de atração sexual. O poliamor se desvincula da relação monogâmica. Existe um tipo de fidelidade nessa forma de se relacionar, que ainda é pouco explicitada e entendida pelas pessoas, no qual os envolvidos vão fazendo arranjos, de acordo com suas necessidades.

6.2.4 Infidelidade

A infidelidade foi referida pelos participantes de diversas formas, tornando-se naturalizada nas relações, e até aparecendo como padrão familiar.

6.2.4.1 Traição da confiança

A infidelidade, geralmente, é vista como uma quebra dos contratos acordados em uma relação, uma quebra da confiança, pois, com a entrada de um terceiro no casal, um segredo pode ser instaurado.

“Depende de acordo. As pessoas têm acordos, tem gente que acha tudo ok de tá junto e ter outras pessoas. O que eu acho que é traição, na verdade, e infidelidade é...é quando envolve tu trair a confiança da pessoa no sentido de. É outra coisa que não é isso. Isso é só um ato. Acho que infidelidade e traição tem muito mais a ver com tu trair o sentimento que tu tem por aquela pessoa ou a coisa que vocês construíram juntos. Do que propriamente um deslize.” (Lilian)

Pittman (1989) define traição da mesma forma que a participante, como uma quebra de um acordo, inclusive, quando se trata “apenas” do ato sexual, sem envolver sentimentos mais profundos. Nesse contexto, a preocupação se expressa com o segredo e o fato de “esconder” algo do parceiro. Zerbini (2014, p.54) diferencia infidelidade de traição, sendo a primeira uma narrativa de dentro da relação, enquanto a segunda, estaria vinculada ao impacto da infidelidade na relação. Entendemos desta feita, porque a participante difere o ato do sentimento, como se o ato de “trair”, ou seja, estar com outro, tivesse menos importância, se não viesse permeado por sentimentos.

6.2.4.2 Infidelidade como falta de respeito

Se pensarmos nas relações amorosas atuais como contratos que exigem respeito entre as partes, a monogamia fica implícita sem discussão. Mas, se ocorre uma traição, o respeito desaparece da relação.

“Eu acho que é falta de respeito. Eu acho que pra mim a coisa principal seria o respeito entre as pessoas (...) E ai, falta de respeito pra mim é intolerável, então entra nessa parte do muito grave.” (Haydée)

Em nossa sociedade, o padrão da monogamia é seguido sem reflexão, desta forma, qualquer desvio a essa norma seria visto de forma negativa, a partir de um modelo moral que não deve ser tolerado.

6.2.4.3 Espaço para infidelidade nas relações

Quando se pode pensar em uma relação ideal, sem os medos concretos que envolvem estar com o outro, a infidelidade pode aparecer como uma “válvula de escape”, principalmente, quando o relacionamento não está satisfatório.

“As vezes você passa por momentos da vida ou momentos do seu relacionamento com a outra pessoa que abrem espaços para situações que podem gerar infidelidades. E se isso for digerido e bem colocado entre as pessoas acho que um relacionamento não precisa acabar por causa de infidelidade. (...) Nesses outros [relacionamentos] foi uma coisa disso, de ‘eu tô sentindo que eu posso fazer besteira daqui a pouco e eu preciso dar um tempo sei lá’ foram muito isso, então nunca trai nesse sentido. Se ela [a traição] for tratado de uma forma madura, pode ser saudável para um relacionamento. Eu acho que o sexo pode ser tratado de uma maneira diferente do relacionamento. É lógico que sempre ele vai influenciar e é um contato íntimo, quando você escolhe um casamento é um contato íntimo que você tem com uma pessoa só e se você tem contatos íntimos com outras pessoas isso mistura as coisas. Por isso eu não acho que a infidelidade possa ser uma prática constante.” (Francisco)

Para Leal (2013) e Almeida (2007), muitas vezes, a insatisfação no relacionamento leva à infidelidade. Pittman (1989) acrescenta o mito de que a infidelidade pode ser saudável para as relações, mas, assumir essa ideia do autor, requer crermos que a relação, com apenas uma pessoa, não é satisfatória. Acreditamos que, ao trazer a colocação acima, o participante se coloca desta forma, por ser do gênero masculino, a quem a infidelidade foi perpetuada e aceita há décadas. Em seu discurso, apareceu, também, uma traição por ele sofrida, que culminou no término do seu relacionamento.

6.2.4.4 Infidelidade relativa

Ao falarmos em infidelidade – e de relacionamentos em gerais – não temos um único modelo certo e errado, assim, podemos ver as situações caso a caso.

“Já pensei como uma coisa absurda, como uma coisa inaceitável, como uma coisa aceitável, já pensei como uma coisa que faz parte. Já pensei como uma coisa que não significava tanto, mas nunca foi uma coisa que eu fiz. Então, assim eu não sei falar assim, pra mim é muito

confortável falar estando longe disso. Antes, quando um amigo dizia que tinha traído a namorada, assim, tipo, eu achava um absurdo e hoje eu acho a coisa mais normal do mundo. Você sentiu uma necessidade ali, você foi lá e fez e ai viu que não era isso ou viu que era isso mesmo, e ai decidiu acabar o relacionamento ou decidiu que não, ‘não quero acabar o relacionamento’, é com essa pessoa que eu quero ficar. Ou ‘quero ficar com essa pessoa mas não quero deixar de ficar com outras pessoas’. Hoje eu relativizo mais, acho que não dá pra chapar: infidelidade é isso. Hoje eu vejo isso mais caso a caso, acho que sou mais tolerante com isso.” (George)

O participante, em um contexto familiar de repetição da traição, procura entender e significar essa atitude, de acordo com o que acontece com cada pessoa a quem ele está “analisando”. Mais uma vez, os mitos, que Pittman (1989) apresentou, fazem sentido, pois, aqui, a infidelidade está naturalizada, de acordo com a experiência vivida pelo participante.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegando ao término deste trabalho, conseguimos compreender o casamento, os relacionamentos amorosos e a infidelidade, na perspectiva dos participantes que se dispuseram a partilhar suas histórias de vida. Para tanto, foi importante contextualizar o tempo em que estamos e o que é esperado das pessoas. A incerteza e a velocidade das informações e dos relacionamentos fazem com que os participantes vivenciem um paradoxo, deixando-os confusos ao tentarem construir seus próprios modelos de relacionamento.

Nesta construção, os relacionamentos amorosos estão pautados em valores de parceria e igualdade, tendo, como ideal, o amor confluyente, assim como proposto por Giddens (1993), onde o relacionamento deve ser satisfatório para as duas partes do casal. O casamento é visto como uma instituição não obrigatória, que visa o bem dos envolvidos, com objetivo de constituir família. Não parece haver distinção entre o casamento formal e as novas formas de conjugalidade, como a união estável – que pode ter ou não contrato formal. Já a infidelidade aparece de diversas formas para esses jovens, como falta de respeito, quebra de contrato e até como um conceito relativo, sendo tratada, muitas vezes, com naturalidade.

Analisando as respostas dos jovens, pareceu-nos, em um primeiro momento, que estavam cercados pela incerteza de como agir em seus relacionamentos, pois os modelos observados na família, muitas vezes, já não lhes pareciam válidos. Como discutido ao longo do trabalho, o genograma se tornou uma ferramenta importante para o conhecimento da existência dos padrões intergeracionais transmitidos, que tornou clara a importância da família para a construção dos adultos. A família é, para o bem ou para o mal, uma fonte de referência. Por meio de modelos ou antimodelos familiares, nossos participantes buscam se diferenciar da família, se constituir enquanto adultos, e vivenciar relações amorosas, processo que envolve maior sofrimento para as mulheres participantes, e remete às questões de gênero.

Observamos, em nossos participantes, tentativas de dar sentido às suas experiências amorosas, por meio de um processo que faz comunicar o âmbito dos ideais culturais, que, à primeira vista, tudo permitem, e aquele que suas famílias de origem lhes ofereceram. Fica claro que não há uma forma acabada e estática de chegar lá, pois tais padrões vão se constituindo nas relações. A busca por um sentido, para suas experiências, torna-se mais difícil em uma sociedade que prega o imediatismo e o hedonismo. Relatamos que a mudança nos ideais de relacionamento, partindo do amor romântico, onde há a idealização do outro, a “metade da laranja”, para o amor confluyente, onde o relacionamento dura enquanto satisfizer a

ambos, já ocorre na geração anterior. Mas o “relacionamento puro”, descrito por Giddens (1993) como o relacionamento em que há igualdade e satisfação mútua, em um “eterno enquanto dure”, mantém-se enquanto o ideal que esses jovens buscam.

Nesse sentido, podemos afirmar que as relações casuais, que caracterizam o amor líquido, assim como a infidelidade, onipresentes, através dos tempos, nas relações amorosas, como um segredo de polichinelo, se tornam visíveis e dizíveis. No entanto, a expectativa dos nossos jovens descarta tais opções e expressam o amor confluyente, contraposto à insuficiência do amor romântico.

A geração Y se desenvolve nas novas organizações familiares, conforme tão bem ilustram suas narrativas, mas se veem apanhados a ideais de relações amorosas, não tão líquidas, como querem parecer, e nem tão livres, como são imaginadas. Este trabalho, longe de esgotar as questões, acerca dos relacionamentos amorosos, casamento e infidelidade, vem para contribuir com a visão que temos de nossa sociedade e dos relacionamentos que tendem a “não durar”. Acreditamos que, de uma forma recursiva, os participantes – mas não apenas eles – estão repetindo o que não querem repetir, porém, sem saber que assim o fazem.

Assim, a contribuição destes resultados ao psicólogo, reside em chamar atenção sobre o papel da família de origem nesse processo, bem como em desconstruir a idéia da liberdade total de escolhas, no mundo contemporâneo.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Thiago de. Infidelidade heterossexual e relacionamentos amorosos contemporâneos. **Pensando Famílias**, 11, p. 49-56, 2007.

ARAÚJO, Maria de Fátima. Amor, casamento e sexualidade: velhas e novas configurações. **Psicologia: ciência e profissão**, Brasília, v. 22, n. 2, June 2002 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141498932002000200009&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 24 Jul. 2013.

ARENT, Marion. (In) fidelidade feminina: entre a fantasia e a realidade. **Psicologia clínica**. [online]. 2009, vol.21, n.1, pp. 153-167. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-56652009000100011>>. Acesso em: 24 Jul. 2013.

ARIÉS, Philippe. O casamento indissolúvel. In: ARIÉS, Philippe; BÉJIN, Andrés (orgs.). **Sexualidades Ocidentais: Contribuições para a história e para a sociologia da sexualidade**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985. p.163-182.

AYLMER, Robert. O lançamento do jovem adulto solteiro. In: CARTER, Betty; MCGOLDRICK, Monica (cols.). **As Mudanças no Ciclo de Vida Familiar: uma estrutura para a terapia familiar**. 2ª. Ed. São Paulo: Artmed, 1995. p.169-183.

BASSO, Claudia; VERIGUINE, Nadia R.; SOARES, Dulce Helena P. A percepção dos jovens da geração Y sobre o conceito de trabalho. **Anais do XVI Encontro Nacional da ABRAPSO**. 2011. Disponível em: <http://www.ppi.uem.br/camposocial/eventos/i_jornada/039.pdf>. Acesso em: 19 Jan. 2014.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido: sobre a fragilidade das relações humanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BEE, Helen; MITCHELL, Sandra K. **A pessoa em desenvolvimento**. São Paulo: Harbra Ltda, 1986.

BÉJIN, Andrés. O casamento extraconjugal nos dias de hoje. In: ARIÉS, Philippe; BÉJIN, Andrés (orgs.) **Sexualidades Ocidentais: Contribuições para a história e para a sociologia da sexualidade**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985. p.183-193.

BORGES, Carolina de Campos; MAGALHÃES, Andreia Seixas. Transição para a vida adulta: autonomia e dependência na família. **Psico**, [S.l.], v. 40, n. 1, abr. 2009. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/revistapsico/ojs/index.php/revistapsico/article/view/3993>>. Acesso em: 20 Fev. 2014.

BRASIL. **Novo Código Civil Brasileiro**. L-010.406-2002. Disponível em: <<http://www.dji.com.br/>> de 2002. Acesso em: 20 Fev. 2014.

_____. **Políticas Públicas de Juventude**. 2013. Disponível em: <<http://www.juventude.gov.br/documentos/cartilha-politicas-publicas>> Acesso em: 02 Jun. 2014.

CARTER, Betty; MCGOLDRICK, Monica. As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar. In: CARTER, Betty; MCGOLDRICK, Monica (cols.). **As Mudanças no Ciclo de Vida Familiar**: uma estrutura para a terapia familiar. 2^a. Ed. São Paulo: Artmed, 1995. p.7-29.

CAVALCANTI CHAVES, Jacqueline. As percepções de jovens sobre os relacionamentos amorosos na atualidade. **Psicologia em revista (Belo Horizonte)**, Belo Horizonte, v. 16, n. 1, abr. 2010. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S167711682010000100004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 25 Jul. 2013.

CUNHA, Matheus Antonio da. Conceito e requisitos da União Estável. In: **Âmbito Jurídico**. Rio Grande, XIV, n. 84, jan 2011. Disponível em: <http://www.ambito-juridico.com.br/site/index.php?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=9024>. Acesso em Nov. 2014

CHARMAZ, Kathy. Grounded theory in the 21st century. Applications for advancing social justice studies. In: Denzin, N. & Lincoln, Y.S., **The Sage handbook of qualitative research**. Thousand Oaks, London, New Delhi: Sage Publications, 2005.

CERVENY, Ceneide Maria de Oliveira; BERTHOUD, Cristina M. E, e cols. **Família e Ciclo vital**: nossa realidade em pesquisa. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

_____. **A família como modelo: Desconstruindo a Patologia**. São Paulo: Editora Livro Pleno, 2000.

COUTO, Márcia Thereza; SCHRAIBER, Lilia Blima. Machismo hoje no Brasil: uma análise de gênero das percepções dos homens e das mulheres. In: VENTURI, Gustavo e GODINHO, Tatau (orgs.) **Mulheres brasileiras e gênero nos espaços público e privado**: uma década de mudanças na opinião pública. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo: Edições Sesc SP: 2013. p. 47-60.

DENZIN, Norma. K.; LINCOLN, Yvonna. S. **O planejamento em pesquisa qualitativa: temas e abordagens**. 2ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

D'INCAO, Maria Ângela. Mulher e Família Burguesa. In: DEL PRIORE, M; BASSANEZI, C. (org.) **História das Mulheres no Brasil**. 2ª Ed. São Paulo: Contextos, 2011. p. 223-240.

DOS SANTOS, Cristiana F. et al. O processo evolutivo entre as gerações x, y e baby boomers. XIV SemeAd – **Seminários de Administração**. 2011. Disponível em: <<http://www.ead.fea.usp.br/semead/14semead/resultado/trabalhosPDF/221.pdf>>. Acesso em: 1 Abr. 2014.

DUARTE, Juliana Puppim; ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia. "Namorado": uma forma contemporânea de conjugalidade?. **Psicologia clínica**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 2, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010356652011000200008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 17 Nov. 2014.

FALCKE, Denise; ZORDAN, Eliana. Amor, Casamento e Sexo: Opinião de Adultos Jovens Solteiros. **Arquivos brasileiros de psicologia**, Rio de Janeiro, v. 62, n. 2, 2010. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S180952672010000200013&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 25 Nov. 2013.

FEIJÓ, Marianne R.; MACEDO, Rosa M. S. de. Gênero, Cultura e Rede Social: a construção social da desigualdade de gênero por meio da linguagem. **Nova Perspectiva Sistêmica**, Rio de Janeiro, n. 44, dezembro de 2012.

FÉRES-CARNEIRO, Terezinha. Separação: O doloroso processo de dissolução da conjugalidade. **Psicologia em Estudo**, 8, p.367-374, 2003.

_____. **Conjugalidades Contemporâneas: um estudo sobre os múltiplos arranjos conjugais da atualidade**. Projeto de Pesquisa: 2008. Disponível em: <www.antigo.mpmg.mp.br/portal/public/interno/arquivo/id/27139> Acesso em: 30 Ago. 2013.

_____.; ZIVIANI, Cílio; MAGALHÃES, Andrea Seixas. Arranjos amorosos contemporâneos: sexualidade, fidelidade e dinheiro na vivência da conjugalidade. In: Féres-Carneiro, Terezinha (org.): **Casal e família: conjugalidade, parentalidade e psicoterapia**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011. p.43-60.

FERREIRA, Marco Antonio dos Santos; SCHULTZ, Tatiana. **Atributos que definem a escolha de um parceiro na busca de um relacionamento amoroso**. Curitiba, 2005, 22p. Trabalho de Conclusão de Curso do Curso de Psicologia da Universidade Tuiuti do Paraná, 2005.

FIGUEIRA, Sérvulo A. O "moderno" e o "arcaico" na nova família brasileira: notas sobre a dimensão invisível da mudança social. In: FIGUEIRA, Sérvulo: **Uma nova família**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987. p.11-30.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor & erotismo nas sociedades modernas**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.

GUEDES, Dilcio; ASSUNCAO, Larissa. Relações amorosas na contemporaneidade e indícios do colapso do amor romântico (solidão cibernética?). **Revista Mal-Estar e Subjetividade**, Fortaleza, v. 6, n. 2, set. 2006.
Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518->
Acesso em: 13 Ago. 2013.

GUIMARÃES, Cleide M. B. **Um minuto para comprar e uma vida para pagar: padrões de interação em casais nos quais um dos membros é diagnosticado como comprador compulsivo**. 2012. 729p. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2012.

HEILBORN, Maria Luiza. Amor, conjugalidade e família: traição e violência têm vez?. In: VENTURI, Gustavo e GODINHO, Tatau (orgs.) **Mulheres brasileiras e gênero nos espaços público e privado: uma década de mudanças na opinião pública**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo: Edições Sesc SP, 2013. p.119-128.

HENRIQUES, Celia Regina; JABLONSKI, Bernardo; FÉRES-CARNEIRO, Terezinha. A geração canguru: algumas questões sobre o prolongamento da convivência familiar. **Psico**, v. 35, n. 2, p.195-205, 2004.

HINTZ, Helena Centeno; FORGEARINI, Betina Casanova. Genograma Sexual. In: CERVENY, Ceneide Maria de Oliveira. **O Livro do Genograma**. 1.ed. São Paulo: Roca, 2014. p.131-144.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Demográfico 2010: Nupcialidade, fecundidade e migração.** Censo demogr., Rio de Janeiro, 2010. p.1-349.

_____. **Estatística de Registro Civil de 2012.** Rio de Janeiro, v. 39, 2012. p.1-178.

_____. **Síntese de Indicadores Sociais – uma análise das condições de vida da população brasileira.** Rio de Janeiro, v. 32, 2013.

IMBER-BLACK, Evan. Segredos na terapia familiar: uma visão geral. In: IMBER-BLACK, Evan e colaboradores. **Os segredos na família e na Terapia Familiar.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1994. p.15-39.

JABLONSKI, Bernardo. O cotidiano do casamento contemporâneo: a difícil e conflitiva divisão de tarefas e responsabilidades entre homens e mulheres. In: FÉRES-CARNEIRO, Terezinha (org.). **Família e Casal: saúde, trabalho e modos de vinculação.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007. p. 203-228.

_____. O país do casamento segundo seus futuros habitantes: pesquisando atitudes e expectativas de jovens solteiros. In: FÉRES-CARNEIRO, Terezinha (org.): **Casal e família: conjugalidade, parentalidade e psicoterapia.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011. p.27-42.

KLINTOWITZ, Violeta C. **Adultos Jovens e a construção das relações de intimidade: do amor líquido ao casamento.** 2006. 62p. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) Faculdade de Psicologia. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.

KUBLIKOWSKI, Ida. **A meia idade feminina em seus significados: o olhar da complexidade.** 2001, 254f. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2001.

KVALE, Steinar; BRINKMANN, Svend. **InterViews: learning the craft of qualitative research interviewing.** Thousand Oaks: Sage Publications, 2009.

LEITE, Gisele. Cresce a importância do pacto antenupcial na união estável. **Conjur**, 2002. Disponível em:
<http://www.conjur.com.br/2002-ago-17/importancia_pacto_antenupcial_uniao_estavel>.
Acesso em: 15 Nov. 2014.

LEAL, E. N. **Infidelidade na Internet.** Monografia (Especialização em Psicologia). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2013. Disponível em:

<<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/70905/000879011.pdf?sequence=1>>
Acesso em: Nov. 2013.

MACEDO, Rosa M. S. Genograma: origens e usos. In: CERVENY, Ceneide Maria de Oliveira. **O Livro do Genograma**. 1.ed. São Paulo: 2014. p.3-12.

_____; KUBLIKOWSKI, Ida. Família e Gênero. In: CERVENY, Ceneide Maria de Oliveira. **Família e ...** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006. p. 31-46.

_____; _____.; SANTOS, Marilene G. A interpretação em pesquisa qualitativa. In: **Anais: I Cibrapeq**. São Paulo: TecArt Editora, 2004. p.83-93.

MACIEL JUNIOR, Plínio de Almeida. **Tornar-se homem: o projeto masculino na perspectiva de gênero**. 2006, 183p. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.

MACFARLANE, Alan. **A história do casamento e do amor**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

MARTINS, Christiane Machado Romero. **Os mitos familiares na construção da conjugalidade**. 2012, 122p. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

MASON, Marilyn J. Vergonha: reservatório para os segredos na família. . In: IMBER-BLACK, Evan e colaboradores. **Os segredos na família e na Terapia Familiar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994. p.40-54.

MCCULLOUGH, Paulina; RUTENBERG, Sandra. Lançando os filhos e seguindo em frente. In: CARTER, Betty; MCGOLDRICK, Monica (cols.). **As Mudanças no Ciclo de Vida Familiar – uma estrutura para a terapia familiar**. 2^a. Ed. São Paulo: Artmed, 1995. p. 248-268.

MCGOLDRICK, Monica. As mulheres e o ciclo de vida familiar. In: CARTER, Betty; MCGOLDRICK, Monica (cols.). **As Mudanças no Ciclo de Vida Familiar – uma estrutura para a terapia familiar**. 2^a. ed. São Paulo: Artmed, 1995. p.30-64.

_____. **Genogramas: avaliação e intervenção familiar**. 3^a. Ed. Porto Alegre: Artmed, 2012.

MONEGO, Bruna Gomes; TEODORO, Maycoln Leoni Martins. A teoria triangular do amor de Sternberg e o modelo dos cinco grandes fatores. **Psico-USF (Impressa)**, Itatiba , v. 16, n. 1, Abr. 2011. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141382712011000100011&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 25 Nov. 2013.

MORAIS, Bárbara Priscila S; LOPES, Gislane Viegas; SILVA, Valquíria dos Santos. Gerações e uma nova visão de líder: a geração y. **Revista Eletrônica de Administração e Negócios**. 2013. Disponível em: <<http://www.revistaacademica.net/trabalho/18021303.html>> Acesso em: 20 Abr. 2014.

NORGREN, Maria de Betânia Paes. **Para o que der e vier? Estudo sobre casamentos de longa duração**. 2002, 185p. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2002.

NAJMANOVICH, D. El Lenguaje de losVinculos. De la independencia absoluta a la autonomia relativa. In: Dabas, E. y Najmanovich, D. **Redes in el Lenguaje de los vínculos**. Buenos Aires: Paídos, 1998. p.33-73.

OLTRAMARI, Leandro Castro. Amor e conjugalidade na contemporaneidade: uma revisão de literatura. **Psicologia em estudo**, Maringá , v. 14, n. 4, Dez. 2009 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141373722009000400007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 25 Nov. 2013.

OLIVEIRA, Elisabeth Regina de Baptista. **Assexualidades** – Blog Pessoal. 2014. Disponível em:<<http://assexualidades.blogspot.com.br/2014/06/entrevista-completa-sobre-assexualidade.html>>. Acesso em: 17 Nov. 2014.

PASCOAL, N. J. **O namoro no jovem adulto: compromisso e atitudes face à coabitação**. Dissertação (Mestrado). (não publicada). Universidade de Lisboa. Lisboa, 2010. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10451/2926>>. Acesso em: 20 Ago. 2014.

PATTON, Michael Q. **Qualitative Research & Evaluation Methods**. Thousand Oaks, CA: Sage Publications, 2002.

PINSKY, Carla Bassanezi. A era dos modelos flexíveis. In: PINSKY, Carla Bassanezi e PEDRO, Joana Maria (org.) **Nova história das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012. p. 513-543.

PITTMAN, Frank S. **Private lies: Infidelity and the betrayal of intimacy**. WW Norton & Company, 1989.

ROCHA-DE-OLIVEIRA, Sidinei; PICCININI, Valmiria Carolina; BITENCOURT, Betina Magalhães. Juventudes, gerações e trabalho: é possível falar em geração Y no Brasil? **Organizações & Sociedade**, Salvador, v. 19, n. 62, Sept. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S198492302012000300010&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 26 Mai. 2014.

RODRIGUES, Clarissa M. **Processos de transição para a vida adulta: do olhar dos pais a uma compreensão intergeracional**. 2011, 176p. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Um discurso sobre as ciências na transição para uma ciência pós-moderna. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 2, n. 2, Aug. 1988. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010340141988000200007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 25 Jul. 2013.

SCOTT, Ana Silvia. O Caleidoscópio dos arranjos familiares. In: PINSKY, Carla Bassanezi e PEDRO, Joana Maria (org.) **Nova história das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012. p.15-42.

SCORSOLINI-COMIN, Fabio; SANTOS, Manoel Antônio dos. Satisfação conjugal: revisão integrativa da literatura científica nacional. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 26, n. 3, Sept. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010237722010000300015&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 04 Nov. 2014.

SOUSA, Débora L.; SANTOS, Rosita B.; ALMEIDA, Thiago de. Vivências da infidelidade conjugal feminina. **Anais do III Simpósio Brasileiro de Família e Desenvolvimento Humano: prevenção, intervenção e promoção da saúde psicológica**. Curitiba: Paraná, 2011. p.117-119.

TEMPLO ISRAELITA BRASILEIRO OHEL YAACOV. **Lei de Moisés**. São Paulo: Editora Sêfer, 2001.

URBAN, Tim; FINN, Andrew. Why Generation Y Yuppies Are Unhappy. **Huffington Post** Blog Wait but why? Artigo online. 15 de setembro de 2013. Disponível em: <http://www.huffingtonpost.com/wait-but-why/generation-y-unhappy_b_3930620.html>. Acesso em: 10 Out. 2013.

VAITSMAN, Jeni. **Flexíveis e Plurais**: identidade, casamento e família em circunstâncias pós-modernas. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

VASCONCELLOS, Maria J. E. **Pensamento Sistêmico: o novo paradigma da ciência**. 8ªEd. Campinas, SP: Papyrus: 2009.

VELOSO, Rodrigo Tubino. **Validade de contrato pré-nupcial depende de escritura pública**. Conjur, 2005. Disponível em: <http://www.conjur.com.br/2005-jan-02/contrato_pre-nupcial_vale_mediante_escritura_publica>. Acesso em: 26 Mai. 2014.

VIANNA, Rodrigo. **Geração Y e as adaptações necessárias na realidade do pós-crise**. Arquivo da internet. 2011. Disponível em: <https://www.hays.com.br/cs/groups/hays_common/@br/@content/documents/digitalasset/hays_440936.pdf>. Acesso em: 26 Mai. 2014.

WENDT, N. C.; CREPALDI, M. A. A utilização do genograma como instrumento de coleta de dados em pesquisa qualitativa. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 21, p. 302 -310, 2008.

YALOM, Marilyn. **A História das Esposas: da Virgem Maria a Madonna: o papel da mulher casada dos tempos bíblicos até hoje**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

ZAGNE, Ana Maria O.; KRAICHETE, Noemia; ENGELHARD, Suely. O Risco do Bordado: Desfazendo os nós e recosturando o casamento. **Revista Brasileira de Terapia Familiar**. v. 3 n. 1, Dezembro, 2011. Disponível em: <<http://www.abratef.org.br/2013/Revista-vol3/RevistaAbratef2011-V3-pags-17-32.pdf>>. Acesso em: 02 Nov. 2014.

ZERBINI, Maria Irene dos S. **Infidelidade - o virtual invade a conjugalidade: O que buscam os usuários de sites de infidelidade**. 2014. 191 f. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2014.

ZORDAN, Eliana Piccoli; FALCKE, Denise; WAGNER, Adriana. Casar ou não casar?: Motivos e expectativas com relação ao casamento. **Psicologia em revista (Belo Horizonte)**, Belo Horizonte, v. 15, n. 2, ago. 2009. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S167711682009000200005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 02 Nov. 2014.

APÊNDICE 1 – E-MAIL ENVIADO A LISTA DE CONTATOS DA ENTREVISTADORA PARA PEDIDO DE PARTICIPANTES

Estou cursando Mestrado na PUC-SP, e para elaboração de minha dissertação necessito ir a campo para entrevistar pessoas. Portanto, peço sua ajuda, para que se possível me indique pessoas.

Minha pesquisa que tem como título provisório: “*Os significados atribuídos ao casamento e relações amorosas por jovens adultos solteiros*”, objetiva compreender os significados atribuídos por adultos jovens solteiros ao casamento e aos seus relacionamentos amorosos, compreendendo as influências intergeracionais que possam existir.

Sendo assim, preciso entrevistar pessoas, heterossexuais, que residam em São Paulo, com idades entre 25 e 35 anos, que tenham nível superior (ou estejam cursando) e que não estejam casadas nem morando com um parceiro, nem noivas. Eu conduzirei a entrevista e as outras atividades.

Conto com sua ajuda, pois preciso de indicações de pessoas que se enquadrem no perfil citado. Meu e-mail é rachel@lilienfeld.com.br e o telefone: (11) 95206-5377.

Obrigada pela ajuda,

Rachel

APÊNDICE 2 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, Rachel Lilienfeld Aragão, aluna do Curso de Mestrado em Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica de SP, estou desenvolvendo o trabalho de Mestrado intitulado “Os significados atribuídos ao casamento e relacionamentos amorosos por jovens adultos solteiros”, orientado pela Profa. Dra. Ida Kublikowski e venho convidá-lo(a) a participar da pesquisa, cujo objetivo é compreender valores recebidos e os significados atribuídos ao casamento e às relações amorosas, abordados no fluxo horizontal e vertical do ciclo de vida familiar, conforme proposto por Carter e McGoldrick (1995).

Para tanto serão utilizadas entrevistas semi-estruturadas que por meio de perguntas e respostas visam compreender as pessoas vivenciam o fenômeno acima descrito, bem como o genograma, uma representação gráfica da família e das relações familiares, para entendermos as relações familiares que podem estar presentes nessas vivências contribuindo assim para o estudo dos relacionamentos amorosos e do casamento.

Cabe ressaltar que os procedimentos acima descritos são de baixo risco. No entanto, estaremos atentas para eventuais desconfortos que evidenciem a necessidade de intervenção e consequente encaminhamento do(a) participante.

Os(as) participantes não receberão nenhuma compensação financeira ou benefício direto por participarem do estudo. No entanto benefícios podem ser gerados, pois os procedimentos acima referidos permitem a cada participante uma reflexão em torno da experiência em foco, além do estudo poder gerar benefícios para outras pessoas que estejam vivenciando a mesma situação.

O sigilo em torno da identidade e da privacidade dos(das) participantes ficam garantidos por esse termo. As entrevistas serão gravadas e transcritas. A recusa em participar da pesquisa não implicará em nenhum prejuízo ao(à) participante.

A pesquisadora coloca-se a disposição, a partir de dezembro do corrente ano, para informar os resultados obtidos. O encontro poderá ser marcado pelos telefones abaixo especificados. Os resultados também ficarão disponíveis na Biblioteca Central da PUC-SP Nadir Gôuvea Kfourie e poderão ser divulgados para fins acadêmicos.

Qualquer dúvida quanto aos aspectos éticos da pesquisa poderão ser dirigidas ao Comitê de Ética em Pesquisa da PUC-SP, situado no andar térreo do Edifício Reitor Bandeira de Mello, na sala 63-C, na Rua Ministro Godói, 969 – Perdizes – São Paulo – SP – CEP: 05015-001 – Tel./FAX: (11) 3670-8466 – e-mail: cometica@pucsp.br

CONSENTIMENTO PÓS-INFORMADO

Eu, _____, portador do R.G
 _____ declaro:

- Haver compreendido os objetivos da pesquisa “Os significados atribuídos ao casamento e relacionamentos amorosos por jovens adultos solteiros”, inclusive os riscos envolvidos. A saber: compreender valores recebidos e os significados atribuídos ao casamento e às relações amorosas, abordados no fluxo horizontal e vertical do ciclo de vida familiar, conforme proposto por Carter e McGoldrick (1995).
- Haver compreendido que posso me retirar da pesquisa a qualquer momento, sem qualquer consequência para minha pessoa;
 - Haver concordado com a gravação em áudio dos procedimentos, que deverão ser mantidos por 5 anos, com a garantia de acesso restrito ao próprio pesquisador.
 - Haver autorizado a divulgação e publicação dos dados obtidos para fins de ensino e pesquisa, com a garantia de sigilo em torno de minha identidade.

Assinatura do(a) participante

RG:

Fone:

Pesquisador Responsável: Rachel Lilienfeld Aragão

RG: 99002300418 SSP-CE

Fone: (11) 95206-5377

Assinatura: _____

São Paulo, ____ de _____ de 2014.

APÊNDICE 3 – ROTEIROS DA ENTREVISTA DO GENOGRAMA E DA ENTREVISTA

Perguntas retiradas de MCGoldrick (2012) para nortear o genograma.

- Como é a relação do(s) seu(s)/sua(s) irmão(s)/irmã(s) com seus pais?
- Como é a sua relação com seu(s)/sua(s) irmã(s)/irmão(s)? E com seu(s)/sua(s) cunhados(as)?
- Como você via os outros casais?
- Tem algum casal de referencia para você?
- Como seus pais se conheceram?
- Existe algum modelo de relacionamento?
- Quem foi a maior fonte de amor e inspiração para você e os membros da família?

Roteiro de Entrevista

- 1- Como você percebe o casamento?
- 2- O que você entende por união estável e união consensual?
- 3- O que é amor para você?
- 4- Como você percebe suas relações amorosas?
- 5- Como fica o casamento dentro da sua compreensão de relacionamento amoroso?
- 6- O que é o relacionamento/casamento ideal para você?
- 7- O que você pensa sobre a infidelidade?
- 8- Como você percebe a compreensão que seus pais tem do casamento, amor, relações amorosas e infidelidade?

APÊNDICE 4 – CATEGORIAS DE ANÁLISE

A partir da análise das entrevistas, chegamos a quatro categorias: Casamento, Relacionamentos Amorosos, Amor, Infidelidade. As categorias estão divididas por gênero.

Casamento

- Casamento como parceria e escolha

Mulheres:

“É ou deveria ser uma parceria: duas pessoas que se gostam e querem ser parceiras num projeto de vida.(...) Parceria se ajudar, buscar junto o mesmo objetivo, de entender o outro, de... ficar feliz pela felicidade do outro. (...) O casamento é uma parte de buscar o outro feliz, sabe? Se for da vontade dos dois, se dentro dessa felicidade dos dois couber ter um casamento, ter uma vida juntos...acho que é o ideal” (Lilian)

“Já pensei como é que seria, se um dia, surgisse alguém e eu resolvesse casar. Nunca foi ‘eu quero muito alguém pra casar’. Eu quero alguém pra conhecer, pra ficar junto, e que pode ser uma possibilidade e a pessoa quiser também, a gente pode ver. Nunca vou fazer, mas não é o desejo, não é projeto de vida. (...) Não vejo como uma coisa muito legal. Não falaria nunca vou casar, mas também não falaria: ‘quero muito casar.’ (...) Se for uma proposta bacana, uma relação legal, não é que eu não vou pensar nisso, nem falar, ‘nunca quero casar na vida’, mas, não é uma coisa que eu fale: ‘meu sonho’, como muitas mulheres: meu sonho é casar e ter filho. Não, não é. (...) Nunca foi. Na verdade, acho que meio por conta disso, dessas relações muito conturbadas e muito pesadas.” (Haydée)

Homens:

“O casamento só tem sucesso, se existir essa consciência das duas pessoas de que cada um tem seu mundo e que o mundo dos dois é junto mas que cada um tem sua individualidade. Essa coisa de as pessoas serem companheiras então cada pessoa por si só estar bem, consigo mesma e as duas estarem juntas se apoiando, mas nenhuma precisando da outra. Uma decisão de duas pessoas de seguir a vida juntos, de montar uma vida juntos. Casamento pra mim é no mesmo teto. Significa pessoas sustentando uma casa juntos no mesmo teto, e uma vida. Casamento é quando uma pessoa resolve fazer parte da vida daquela pessoa numa intimidade

maior assim. Ela vai se relacionar com aquela pessoa e com a família daquela pessoa, com o universo daquela pessoa.” (Francisco)

“O casamento significa essa questão de escolha o de ‘ninguém tá obrigando ninguém’, a gente não vive numa sociedade que lhe pressiona. A gente vive numa sociedade que lhe pressiona muito mais pra você ser só você e acabou-se. De você não ter filhos, muito difícil pra você ter espaço pra pensar isso hoje. Então, acho que o casamento é essa escolha de tá junto com alguém em parceria mesmo, sem nenhuma obrigação. Se eu engravidar hoje, eu sei que não tenho nenhuma obrigação de tá casado, mas se eu optar por tá casado é realmente uma opção, uma escolha. Então é assim que eu vejo o casamento hoje. (...) A união de um casamento como uma escolha, pra outras gerações isso foi uma obrigação. Enfim, não precisa casar, hoje não existe essa pressão da sociedade pra isso. O casamento acaba sendo uma escolha, então eu já acho isso bonito, alguém que escolhe casar, tá casando porque quer. Pouca gente casa hoje. As pessoas se juntam e isso querendo ou não tem uma responsabilidade um pouco menor. Poucas pessoas que estão juntas encaram isso como um casamento mesmo. Casamento é isso uma vontade de duas pessoas de duas pessoas realmente fazerem um laço mais forte.” (George)

- Casamento como obrigação

Mulheres:

“A gente escuta desde pequena que vai se casar, com o príncipe, vai ter um casamento lindo, só que o final feliz acaba no dia do casamento. Ninguém conta depois como é. A realidade é bem distinta e eu acho que por isso tão difícil lidar com relacionamento porque a gente é preparado pra coisas que não existem.” (Lilian)

“A sensação que me dá é de uma obrigação. Eu acho que como é uma questão muito mais social do que de parceira, uma questão de mostrar pra todo mundo que você tá casado. Não é isso que vai dizer se eu gosto ou não da pessoa, se eu amo ou não uma pessoa. (...)Vai muito além disso. eu poderia amar uma pessoa e não tá casada com ela, Eu poderia casar não amando, o que acontece com uma certa frequência. (...) Minha mãe acredita que casamento é uma vez só, mas ela é um pouco mais tranquila de pensar assim: ‘ah, se precisar separar, separa’. E qual o problema? Isso pra gente. Mas ela nunca separaria do meu pai. E ela já disse isso. Até porque ela não saberia nem o que fazer, sem ele. Ela depende totalmente dele,

financeiramente, de qualquer decisão, de tudo ela depende dele. Ela fica nessa relação por conta dessa dependência. Na verdade, é o que eu interpreto do que ela me diz. Segundo meu pai: “casamento é uma vez só na vida”. Não existe separar. Se a pessoa te bate, se a pessoa é agressiva, obvio que ele não vai querer que você continue com a pessoa, mas casamento é uma vez na vida e é pra sempre. (...) A ideia dele é que mulher precisa trabalhar sim, precisa ter independência dela isso é interessantíssimo, é a atitude dele, mas quando ele entra ali numa questão familiar, o que ele fala é assim: ‘acho que mulher tem que ficar em casa e com os filhos’.” (Haydée)

Homens:

“O casamento já foi, socialmente falando, uma obrigação pra muitas gerações. Pra minha mãe e pro meu pai foi meio que uma obrigação. Minha mãe engravidou, tiveram que casar. Eu acho que casamento já foi uma obrigação e hoje eu vejo o casamento de uma forma muito mais bonita que a maioria das pessoas, ne? A maioria das pessoas veem o casamento como uma impossibilidade. (...) Eles veem isso muito com uma obrigação maior, eles veem isso como uma obrigação social. Primeiro, eu acho os dois super dependentes de relações. Os dois não passam tempo solteiros. Eles sentem uma necessidade muito maior do que eu de estar com alguém sempre. E na idade deles como eles veem a vida, isso quer dizer casamento. Infidelidade, os dois vão ver isso de forma bem diferente porque minha mãe vai ver isso como algo inadmissível ou que signifique uma má inclinação de caráter e meu pai vai ver isso como outra coisa, com um pouco mais de tolerância até porque ele fez isso”. (George)

- Casamento para o sucesso

Homens:

“Meus pais tem essa visão do que eu descrevi como casamento ideal, só que do jeito deles lógico. Eu vejo que eles se apoiam muito, torcem muito um pelo outro e apoiam muito um pelo outro, cada um em seus projetos assim e tem muito sucesso. Então eu acho que eles tem essa visão do casamento enquanto aliança, enquanto sociedade, como se fosse um sociedade. E assim, eu nunca tive intimidade suficiente com meus pais para discutir com eles essa questão sentimental, essa coisa de traição e do que é o que.” (Francisco)

- União estável

Mulheres:

“Eu não vejo muita diferença, só muda o trâmite, ne? O burocrático da coisa. Eu acho que é [igual ao casamento]. Só formalizou diferente, mas são duas pessoas que decidiram viver juntas.” (Lilian)

“União estável é que independente de você tá casado no papel, na igreja, no civil e você mora com uma pessoa. Uma união estável a partir de um tempo que você mora com uma pessoa já é uma união estável independente se você é casado no civil ou não tem papel nenhum ou não é casado na igreja, acho que é isso.” (Haydée)

Homens:

“Eu acho que união estável é um casamento onde as pessoas convivem no mesmo teto e dividem as coisas.” (Francisco)

“A união estável é essa. De pessoas que não são casadas legalmente, mas que estão juntas há bastante tempo, ambos tem correspondência no mesmo endereço, aí você chega no cartório e diz: ‘queremos comprovar que a gente tem uma união estável’ e aí, união estável eu encaro como isso, morar junto sem ser casado legalmente.” (George)

- Morar junto

Homens

“Se juntar assim é meio que se casar (...). O ‘se tá junto’ e quando você não diz que isso é um casamento, acho que fica um pouco mais leve. Ao mesmo tempo que eu acho que fica um pouco menos profundo, não diria mais superficial porque nunca vai ser superficial uma coisa que você tá morando com a pessoa. Mas talvez seja um pouco menos profundo. Eu não estou falando da questão legal do casamento, eu to falando de tipo assim, você encarar isso como casamento.” (George)

Relacionamento amoroso

- Percepções de si nos relacionamentos amorosos

Mulheres:

“Ainda não achei o equilíbrio pras minhas relações amorosas. O equilíbrio seria eu fazer menos pelos outros, correr menos atrás, demonstrar menos interesse e deixar que o outro faça um pouco mais. Eu demonstro muito, sou daquelas que se atira de cabeça. E isso é receita pra desastre. Não dá certo. (...) Quando tu tá num relacionamento amoroso é diferente. Bem ou mal você se envolve num certo jogo de poder assim, quando tu faz muito e tá muito na mão das pessoas, as vezes as pessoas não sabem, acham que isso dá poder sobre a outra pessoa e ai ferra tudo. (...) É bem difícil o cara olhar pra ti e dizer que gosta de ti, mas que ‘ai não sei se quero namorar’. Como assim? Como a pessoa gosta de mim e não sabe se quer ficar junto? Ele já sabe que eu gosto, então me sinto na mão dele. (...) Isso está me angustiando muito, ta me deixando muito sensível. Porque é a primeira pessoa que eu gostei depois de ficar tanto tempo com uma pessoa só, então eu realmente queria que desse certo e isso tá me angustiando. Estar desse jeito indefinido. (...) Porque como não era formalizada, a gente tava só ficando, pra mim era ok. Eu sabia que ele provavelmente ia ta com outras pessoas, mas eu não sabia nem quando, nem com quem, nem *whatever*, então procurei não me estressar com isso. Eu não fiquei porque não quis. Mas nunca cobrei dele isso porque...a gente não tava num relacionamento. Porque agora que, teoricamente, a gente entraria num relacionamento, estamos nesse impasse.” (Lilian)

“Sou muito insegura, de ficar com o pé atrás muito fácil. Qualquer coisinha achar que não é aquilo, que tem que mudar. (...) Ou gosto muito e quero ficar muito com a pessoa, ou percebo que não gosto da pessoa e acaba, não é uma coisa que vai levando. E eu acho que faço muito isso, de botar um ponto final em muita coisa. De toda hora tentar resolver, de não tá bom, não é o jeito que me faz bem, então eu boto um ponto final rapidinho. Claro que é um custo alto, não é que eu faça isso com a maior facilidade do mundo. (...) To tentando ficar um pouco mais...Porque assim, não dá, não vai ser perfeito. Tem coisas que não vão dar certo, tem coisas que não vão ser legais, tem coisas que vão ser. Então acho que você ter uma certa tolerância: ‘não deu certo isso, então eu caui fora e não quero mais nada com a pessoa’. ‘Não deu certo, vamos ver o que que daria certo, como é que dá pra fazer diferente, uma coisa assim.’ (...) Eu fico com uma pessoa um pouco mais fixa. Eu fico com outras pessoas, ai

entra a questão da insegurança, porque o que acontece, é essa pessoa tava com um problema maior (...), já era minha vez de botar um ponto final, num ia mais querer nada, mesmo gostando da pessoa. Por conta de ficar esperando, eu estava extremamente insegura. Dai fui ficar com outras pessoas porque senão isso me angustiava muito. Acho que entrou numa neurose minha, sabe? E, por isso que eu tenho ficado com outras pessoas. Na verdade, eu estaria bem só com ele. É uma insegurança minha, e eu percebo que ai eu tiro o foco e não fico mais tão angustiada, do que realmente porque eu gostaria de ficar com outras pessoas, entendeu?” (Haydée)

Homens:

“Minha visão de amor, de relacionamentos, de participar da vida do outro, as vezes a minha vida é eu pensar em outra coisa. E a pessoa tá do meu lado e eu to gostando que ela ta do meu lado. Essas coisas geram uns conflitos e uns paradoxos assim. Eu acho que eu sou muito carinhoso no sentido do afeto. Tem uma coisa de presença física e de toque muito presente. Em todos os meus relacionamentos sempre foi assim.” (Francisco)

“Eu acho que sou muito leve, mas não leve no sentido de bacana, mas leve no sentido de fácil de ir embora. Terminar um relacionamento pra mim não é a pior coisa do mundo, não morro por isso. Então leve de ser facilmente transitável. Ao mesmo tempo que isso tem *cambiado* um pouco. (...) Eu passei a encarar com mais firmeza, com menos desistência das coisas. Eu sou muito desapegado. Eu comecei a namorar pouco tempo com Nina. E eu sinto que eu to muito mais disposto a ta nas coisas. A ta mais profundamente no relacionamento. To mais disposto a insistir. Insistir é um verbo muito pesado. Mas a não desistir. Eu acho que eu desistia muito fácil dos relacionamentos. (...) Fez um ano que a gente ficou pela primeira vez, mas a gente continuou ficando com outras pessoas também. Mas a gente se conhece há um ano. Ai, ultimamente eu vi que tava realmente envolvido com ela, já não tava mais com vontade de ficar com outras pessoas.” (George)

- Relacionamentos abertos e monogâmicos

Mulheres

“Não sei se daria conta, mas não tenho nada contra. Cada um sabe o que vai fazer feliz. Eu não vejo nenhum problema. Se um dia eu achasse que ia me fazer feliz, eu não vejo porque

não. Hoje não me faria feliz. Mas não porque eu acho que tenha que ter uma regra, mas porque eu não sinto vontade.” (Lilian)

“Eu acho bacana a ideia. Eu não daria conta. Eu gostaria pra mim, por exemplo, eu ficar com uma pessoa e se eu tivesse a fim de ficar com outra, eu ir lá e ficar numa boa. Mas me colocando no lugar da outra pessoa podendo fazer isso, já me causa ciúmes, já me causa insegurança aí eu não gosto.” (Haydée)

Homens:

“Eu já pensei muito nisso, nunca realmente pratiquei isso de verdade, mas sempre foi uma questão de: ‘é um relacionamento, não é’, ‘é aberto, não é’. E eu sempre tive essa visão de que as pessoas tem que ser livres. Sempre sou uma pessoa sozinha e gosto de ser sozinho. Eu acho que um relacionamento tem que ser um lugar onde as pessoas estão confortáveis e não tão precisando do outro, que as pessoas se somam. E não tem sentimento de posse pela outra pessoa, nem sentimento de carência, de necessidade. Acho que são os dois lados da mesma moeda. Não digo que eu não tenho isso, porque eu sou muito carente, muito carinhoso, muito ciumento, sei lá. Mas que isso deva ser combatido, nos limites da lógica. Entre a lógica e o sentimento.” (Francisco)

“Eu achava absurdo, achava que ninguém ia conseguir. Achava que não era verdadeiro, que não podia uma pessoa não sentir nada ou não se incomodar ou até achar bom que a outra se relacione com outras pessoas. Hoje eu vejo isso muito caso a caso, porque, eu não conseguiria. Eu sou muito monogâmico gosto muito de estar com uma pessoa, mas tem gente que não. Que se você não consegue, você vai se propor a viver uma relação monogâmica só pra ficar traindo essa relação? Então acho que é muito caso a caso, vai muito de cada pessoa. Como cada pessoa consegue se relacionar com o mundo.” (George)

- Ideal de relacionamento

Mulheres:

“Um que tu possa ser tu mesma e não queira que o outro mude porque isso é uma perda de tempo. E ques pessoas possam procurar ser felizes juntas, procurar se divertir, procurar conhecer coisas novas, procurar conviver de um jeito que seja harmonioso assim e feliz assim.

Que nem tudo vai ser feliz nunca. Mas eu acho que a busca tem que ser por essa tentar equilibrar a parte ruim da vida com a parte boa.” (Lilian)

“É uma relação de confiança, de parceria, de cumplicidade, de troca, de um respeito muito grande. Acima de tudo muito mais o respeito que qualquer outra coisa. Respeitar o jeito do outro e respeitar o seu próprio jeito dentro dos limites da pessoa, dentro dos seus limites. Ninguém é perfeito, então vai dar merda em algum momento, normalmente dá, respeitar mesmo aquilo que a pessoa dá conta ou não de fazer.” (Haydée)

Homens:

“É um casamento onde as duas pessoas se sintam confortáveis pra seguir seus sonhos na vida e consigam coordenar os relacionamentos nesse sentido, que não fique uma esperando a outra. Estão se somando e que e tenha esse espaço pra individualidade de cada um.” (Francisco)

“Um relacionamento que não ficasse frio com o tempo, na questão carinhosa. Eu sou muito carinhoso, e eu acho tão bonito quando eu vejo um casal que tá junto há muito tempo e preserva isso, ainda sente muita vontade de ser carinhoso, de abraçar, de beijar, de tá juntinho. Eu acho que um relacionamento ideal para mim seria esse, de parceria pra caramba, de admiração mútua e respeito mútuo e carinho, muito carinho, parceria mesmo.” (George)

- Relacionamento como posse

“A minha mãe tem uma percepção de posse. Tudo isso tem a ver com posse. Com propriedade. E meu pai é muito parecido comigo, é muito de sentimento, de aquilo ser uma união com a outra pessoa. Mas diferente de possuir o outro, ‘é meu não pode pegar’, a minha mãe pensa bem assim. Ela é muito ciumenta, possessiva, todas essas coisas tem a ver com isso.” (Lilian)

“Eu sou ciumenta, eu gosto da pessoa só pra mim (risadas), não gosto de dividir, ne?” (Haydée)

Amor

- Intimidade + compromisso

Mulheres

“É quando tu tá interessado na felicidade do outro. Quer que o outro seja feliz. Dizer só ‘eu te amo’ não bastava para ser amor, que ‘eu te amo’ é só palavras, são os atos que mostram que tu ama a pessoa. Ai no final das contas era isso, o interesse na felicidade do outro, querer que o outro seja feliz e contribuir com isso.” (Lilian)

Homens:

“A vontade de participar da vida de uma pessoa. Um amor de um casamento também é isso, uma relação que se constrói naquele momento só que aquele momento pode durar pra vida inteira, como pode que não” (Francisco)

“É difícil significar uma coisa que me ajuda a fazer sentido, a significar tantas outras. Acho que amor é antes de tudo respeito, com admiração em algum aspecto, é querer bem, é aceitar, aceitação assim de vários aspectos ai vem respeito também. Amor é uma coisa muito profunda. Quando você ama uma pessoa, quando tem uma relação realmente amorosa com alguém você conhece vários aspectos da pessoa, você num enxerga só o que a maioria das pessoas vê daquela pessoa, você conhece muito mais profundamente, amor é uma coisa antes de tudo profunda.” (George)

- Amor romântico

Mulheres

“A gente é preparado pra coisas que não existem. É preparado pra o outro ser tudo aquilo que tu espera, pro amor romântico. A gente é preparado pra isso. A gente escuta a vida inteira a historia de se complementar e nada disso existe. Essa educação sentimental é muito cruel, porque depois tu já aprende sabendo que vai ter um monte de tombos pela frente, as pessoas te ensinam sabendo que tu vai cair um monte de vezes, em vez de te ensinarem a realidade das coisas desde cedo. Acho que pouparia muito sofrimento pra muitas pessoas. Se elas idealizassem menos e encarassem as coisas como são.” (Lilian)

Homens

“Eu conversando com a minha mãe sobre essas coisas e tal, eu falei que: ‘Mãe, poxa, pra mim, amor tem que dar uma porrada mesmo, assim você ficar arriado pela pessoa e num querer outra coisa na vida’, sabe eu super romântico, e minha mãe disse: ‘olhe filho, é porque você ainda é muito novo. Você vai ver que as vezes o amor brota de outras questões. O amor as vezes brota, as vezes você tá se relacionando com outra pessoa e ainda não é, ainda não ama assim, mas tá junto, ta casado até, e ai vai desenvolvendo um sentimento’, então lembro muito dessa fala da minha mãe.” (George)

- Poliamor

Mulheres:

“Acho que pode ter diversos, eu acho que não existe um tipo de amor só. (...) [O Poliamor] É uma coisa que eu acho muito legal de se pensar, mas eu não conseguiria fazer. Você conseguir amar duas pessoas ao mesmo tempo e ter relação com as duas pessoas ao mesmo tempo. Eu acho isso muito legal, a teoria é muito bonita, de você poder se dividir, você num precisar ter necessariamente um ciúmes da outra pessoa. O fato da pessoa tá feliz, te faz feliz, ela não precisa ser só sua, mas eu não faria um negocio desse, porque eu já não dou conta. Eu sou ciumenta, eu gosto da pessoa só pra mim, não gosto de dividir. Então, acho que me faz sentido você ter várias formas de amar, não necessariamente, você pode amar mais de uma pessoa, de formas diferentes, você pode ter relações diferentes, e não deixa de ser amor.” (Haydée).

Infidelidade

- Traição da confiança

Mulheres:

“Complicado, porque depende de acordo. As pessoas tem acordos, tem gente que acha tudo ok de tá junto e ter outras pessoas. Eu já trai e eu não me sinto nem um pouquinho mal de ter feito isso. Exatamente, porque acontece. Trair tem outro significado. Tu ficar com um cara ou transar com uma pessoa, se for uma coisa aleatória ou *whatever*. Não acho que isso seja um problema gravíssimo. Acho que a gente é humano, e a gente é passível de erro. O que eu acho que é traição, na verdade, e infidelidade é...é quando envolve tu traír a confiança da pessoa no

sentido de. É outra coisa que não é isso. Isso é só um ato. Acho que infidelidade e traição tem muito mais a ver com tu trair o sentimento que tu tem por aquela pessoa ou a coisa que vocês construíram juntos. Do que propriamente um deslize.” (Lilian)

- Infidelidade como falta de respeito

Mulheres:

“Eu acho que é falta de respeito. Eu acho que pra mim a coisa principal seria o respeito entre as pessoas (...) E ai, falta de respeito pra mim é intolerável, então entra nessa parte do muito grave.” (Haydée)

- Espaço para infidelidade nas relações

Homens:

“As vezes você passa por momentos da vida ou momentos do seu relacionamento com a outra pessoa que abrem espaços para situações que podem gerar infidelidades. E se isso for digerido e bem colocado entre as pessoas acho que um relacionamento não precisa acabar por causa de infidelidade. (...) Nesses outros [relacionamentos] foi uma coisa disso, de ‘eu to sentindo que eu posso fazer besteira daqui a pouco e eu preciso dar um tempo sei lá’ foram muito isso, então nunca trai nesse sentido. Se ela [a traição] for tratado de uma forma madura, pode ser saudável para um relacionamento. Eu acho que o sexo pode ser tratado de uma maneira diferente do relacionamento. É lógico que sempre ele vai influenciar e é um contato íntimo, quando você escolhe um casamento é um contato íntimo que você tem com uma pessoa só e se você tem contatos íntimos com outras pessoas isso mistura as coisas. Por isso eu não acho que a infidelidade possa ser uma prática constante.” (Francisco)

- Infidelidade relativa

Homens

“Já pensei como uma coisa absurda, como uma coisa inaceitável, como uma coisa aceitável, já pensei como uma coisa que faz parte. Já pensei como uma coisa que não significava tanto, mas nunca foi uma coisa que eu fiz. Então, assim eu não sei falar assim, pra mim é muito confortável falar estando longe disso. Antes, quando um amigo dizia que tinha traído a namorada, assim, tipo, eu achava um absurdo e hoje eu acho a coisa mais normal do mundo.

Você sentiu uma necessidade ali, você foi lá e fez e ai viu que não era isso ou viu que era isso mesmo, e ai decidiu acabar o relacionamento ou decidiu que não, ‘não quero acabar o relacionamento’, é com essa pessoa que eu quero ficar. Ou ‘quero ficar com essa pessoa mas não quero deixar de ficar com outras pessoas’. Hoje eu relativizo mais, acho que não dá pra chapar: infidelidade é isso. Hoje eu vejo isso mais caso a caso, acho que sou mais tolerante com isso.” (George)

APÊNDICE 5 – TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

Participante A - Lilian, 31 anos, solteira, natural de Porto Alegre, formada e trabalhando na área, mora em São Paulo há 3 anos.

1ª Parte: Genograma

E: Começar pelo genograma por ti, bolinha mulher e quadradinho é homem. Tem irmãos?

L: Duas irmãs, uma mais velha e uma mais nova. Eu sou a do meio. A mais nova tem 27 e a mais velha tem 33. E tem um irmão mais novo de 5.

E: Pai e mãe ou outra mãe?

L: Outra mãe, essas duas mesmo pai e mãe.

E: Qual nome das tuas irmãs?

L: Luana, a mais velha e Ana, a mais nova.

E: Tu quer começar pelo teu pai ou pela tua mãe?

L: Tanto faz. Indiferente para mim.

E: Pode escolher.

L: Vamos começar pela minha mãe.

E: Quantos anos tem tua mãe?

L: Ela tem 30 a mais que a Ana, ela tem 57.

E: Qual nome da tua mãe?

L: Maria.

E: E teu pai?

L: Meu pai, Ivan.

E: Quantos anos?

L: Meu pai tem 30 a mais que a Luana, ele tem 63.

E: E eles estão separados?

L: Eles estão separados.

E: Quanto tempo eles ficaram juntos?

L: 13 anos.

E: Quanto tempo que eles estão separados?

L: Eu tenho 31, eu tinha 10 quando eles separaram, faz 21 anos que eles separaram.

E: E teu pai casou de novo?

L: Meu pai casou de novo e teve meu irmão.

E: E casou, casou mesmo?

L: Casou, casou mesmo.

E: E faz tempo que ele casou de novo?

L: Ai faz, mas não sei dizer quantos anos faz isso.

E: E como é o nome dela?

L: É Bianca o nome da minha madrasta. Eles casaram quando eu me formei, acho que tem dez anos isso.

E: Quantos anos ela tem, você sabe?

L: Ih, agora você me pegou.

E: E eles tem um filho?

L: Sim, o Eric, tem 5 anos.

E: E sua mãe casou de novo?

L: Não.

E: Nem namorado?

L: Não, minha mãe casou, ne? Pode dizer que ela casou. Ela fez união estável é a mesma coisa que casamento.

E: Atualmente ela é casada?

L: Ela tá enrolada com o marido dela, pode dizer assim? (risos) Eles tão que vão e voltam.

E: Mas ela fez união estável?

L: Sim.

E: Quantos anos ele tem?

L: Ah, não vou lembrar assim.

E: Qual o nome dele?

L: Hugo.

E: E ele tem filhos? Ele era casado?

L: Não.

E: E eles estão juntos a quanto tempo?

L: Uns 5 anos mais ou menos.

E: E aí agora, você quer ir para a família da tua mãe ou do teu pai?

L: Do meu pai que é mais fácil.

E: Ele tem irmãos?

L: Não, filho único.

E: E o nome dos teus avós?

L: Edmundo.

E: Ele tá vivo?

L: Não, morreu.

E: Faz tempo?

L: Não, ano passado.

E: Você sabe quantos anos ele tinha?

L: 97.

E: E ele casou com a?

L: Minha avó chamava Nadine.

E: Ela tá viva? Faleceu?

L: Sim. Faz 10 anos. Ela tinha 85 se não me engano. Talvez um pouco menos ela tenha.

E: E eles ficaram juntos quanto tempo?

L: 50 anos.

E: Certinhos?

L: Mais, talvez mais. 50 eu tenho certeza que sim.

E: E eles só tiveram o Ivan?

L: Sim.

E: E aqui, na família da Maria?

L: Duas irmãs, uma mais velha e uma mais nova.

E: E aí teus avós?

L: Minha avó que tá viva, chama Joana, ela tem 85.

E: Teu avô?

L: Meu avô não está mais vivo, ele tinha 61 quando faleceu. Bem novo.

E: E as suas tias?

L: As minhas tias, a mais nova é a Rita.

E: Sabe a idade?

L: Não. Agora tu me pegou nas idades, tem que fazer as contas, mas aí te digo depois. E a mais velha chama Ivna.

E: Casaram?

L: Casaram, separaram e casaram de novo.

E: A Ivna casou, separou e casou de novo?

L: Anram. As duas.

E: Teve filhos?

L: Sim, com esse marido que ela separou.

E: O primeiro?

L: Sim, meus primos. A Beatriz e o Ernani.

E: A mais velha é a Beatriz? Sabe as idades?

L: A Bia é mais velha que eu, tem 32. O Ernani tem 30.

E: E atualmente ela não tem filho?

L: Não.

E: E a Beatriz e o Ernani casaram?

L: A Beatriz casou e não tem filhos. O Ernani não casou e tem uma filha. Ele não casou. Eles ficaram um tempo juntos, depois separaram.

E: Ele tem uma filha, quantos anos tem ela?

L: A Diana tem 5 anos.

E: E a Rita?

L: A Rita também, casou, separou e casou de novo. Desse primeiro casamento ela teve a Sarita e ela casou de novo e do segundo casamento ela teve duas filhas. Uma é a Nilde e a outra a Flávia.

E: Sabe as idades?

L: Ai, a Flávia tem 12, e a Nilde, que idade tem a Nilde? A Nilde é mais nova que a Ana, ela tem uns 22. Ai gente é muito primo, eu sou muito péssima.

E: E a Sarita? Também não sabe?

L: A Sarita tem 29, não pera ai...A Sarita tem 29.

E: E quantos anos seus avós ficaram casados?

L: Ah, não sei quantos anos agora tu me pegou. Eu não sei quantos anos eles tinham quando se casaram. Foi um casamento tipo dos meus avós, eles ficaram muito tempo juntos. Eu só não sei com quantos anos eles casaram.

E: Até ele morrer?

L: Até ele morrer. Mas isso pode se descobrir.

E: A Luana casou?

L: Não.

E: Namorado?

L: Não.

E: E a Ana?

L: Não.

E: Então essa é a família do pai) e essa é a família da mãe?

L: Isso.

E: E ela é toda de Porto Alegre?

L: Não, a materna é de uma cidade e a paterna de outra.

E: E como vocês foram para Porto Alegre?

L: Meu pai. Meus avós nunca saíram de lá. Meu pai foi estudar em Pelotas e depois foi morar em Porto Alegre.

E: Todo mundo dessa família mora em Porto Alegre?

L: Essa parte aqui mora em Bagé (família da tia Rita), e essa em Cruz Alta (família da tia Ivna). Os meus primos moram em Porto Alegre, mas minha tia e o marido moram em Cruz Alta.

E: Suas irmãs moram em Porto Alegre?

L: Sim. Minha mãe também e meu pai também.

E: Você sabe como seus pais se conheceram?

L: Ai, eu não sei se essa história é oficial, mas sei que meu pai era noivo e conheceu minha mãe. Meu pai acho que tava servindo o exercito, uma coisa assim, e conheceu minha mãe. E, enfim, meu pai terminou o noivado dele para ficar com minha mãe. Essa é a história que eu

sei. É, é isso mesmo. Ele era noivo, namorado, de uma mulher que é mãe de umas amigas minhas hoje. Um troço meio tenso. É isso. Eles se conheceram e logo se casaram e ai foram morar no interior onde a gente nasceu, eu e as minhas irmãs.

E: E quantos anos vocês ficaram lá?

L: Três anos. Foi só o tempo da gente nascer e a gente veio, foi pra Porto Alegre, modo de dizer.

E: E porque eles voltaram pra Porto Alegre?

L: Porque, meu pai, na época, ele era o único médico da cidade. Era uma cidade muito pequena, mesmo. Tipo, essa quadra da Fradique Coutinho. E meu pai era o único médico. Meu pai era...ia ser... queria se candidatar a prefeito, porque afinal, ne? Ele era um cara popular, era o único médico da cidade. Só que ai teve umas questões políticas, ne? Os caras que eram da oposição não queriam, começaram a ameaçar, ai ele resolveu que ia pra Porto Alegre. Tinha duas filhas pequenas e não queria ficar nessa função. E ai a gente foi morar em Porto Alegre.

E: E ai, seu pai é médico e a sua mãe?

L: Advogada.

E: Ela trabalha?

L: Sim. Os dois trabalham.

E: E seus avós, você sabe o que eles faziam?

L: Minha avó era costureira e professora de culinária. E meu avô era do exercito. (maternos)

E: E desse lado (paternos)?

L: Minha avó era do lar, ne? E meu avô era agricultor.

E: E a Bianca?

L: Ela é psicóloga.

E: E ela trabalha?

L: Há rumores de que ela trabalha. Não há comprovação.

E: E o Hugo?

L: O Hugo é professor de física.

E: E Lilian, quando teus pais se separaram, tu tinha o que, 10 anos?

L: Eu tinha uns 9/10 anos, por ai.

E: E como foi isso pra ti?

L: Ai, foi...é que foi toda uma situação bem tensa. Meu avô tava doente na época.

E: Esse? (apontando para o avô materno)

L: É, esse avô. E ai, e os meus pais meio que, hoje eu entendo isso, mas na época eu não sabia...meu avô tava com câncer e meus pais meio que tava esperando meu avô morrer para se separar. Porque meu avô era muito, muito apegado ao meu pai, enfim...e ele achava que as filhas dele não podiam se separar. Que ele era do exercito e era aquela coisa tradicional, rígida, sabe? E eles tavam meio que esperando assim. E ai, meu avô morreu e ai em seguida que meu avô morreu, eles se separaram. E foi, isso ai. Foi ruim claro, eu era muito próxima do meu pai, eu era muito apegada a ele e...mas aos poucos a vida foi se ajeitando e né, tudo...

E: E você ainda é próxima dele?

L: Bastante.

E: E da sua mãe?

L: Bastante hoje em dia. Quando eu morava com ela não era nada próxima. A gente brigava muito. Mas hoje a gente é bem próxima.

E: Então a Maria, o Hugo, a Luana e a Ana moram na mesma casa?

L: Não. Ninguém mora junto ai.

E: Só a Maria e Hugo?

L: Nem a Maria e o Hugo. Só o meu pai e minha madrasta. O resto ninguém mora junto, todo mundo mora separado.

E: Diferente. E, quer dizer que tu ficou mais próxima da tua mãe depois?

L: Depois.

E: Como é tua relação com as tuas irmãs?

L: Hum, bem próxima.

E: Sempre foi?

L: Não. Minha relação com as minhas irmãs começou a ser próxima em 2002. (pausa) Minha mãe... ãh, bebia bastante, depois da separação isso aconteceu. Ela... teve um período bem difícil...com alcoolismo e, isso nos uniu bastante. Ai em 2002 ela foi internada, em 2001, ela ficou internada e tudo e ai depois a gente ficou muito próxima, com esse evento. E ai, aproximou a gente da mãe também de tudo, que era bem difícil conviver com ela. E ai com isso a gente ficou bem juntas.

E: Tu lembra como era a relação da tua mãe e do teu pai?

L: Ai eu lembro pouco, lembro pouco. Eu lembro de fases muito felizes assim, de...a gente tinha um trailer e ia pro final de semana passar num clube e isso era muito feliz, muito divertido. Minha era aquela esposa que estudava, trabalhava, fazia um monte de coisa, mas quando meu pai chegava em casa, tinha uns drinks esperando. Aquela coisa esposa padrão, sabe? E...eu me lembro de coisas felizes e me lembro deles brigando bastante, especialmente no final assim.

E: Eles se falam?

L: O mínimo possível.

E: E tu chegou a conviver com a tua mãe e o Hugo?

L: Conviver na mesma...

E: Não de ter relações, de conviver com eles, sair...

L: Sim! A gente viaja juntos tudo normal.

E: E como é a relação deles dois?

L: Ai, é uma relação que eu não gosto. Eu gosto muito do Hugo, ele é uma ótima pessoa mas ele é um péssimo namorado.

E: A relação deles é conflituosa?

L: é.

E: Você ia falar mais alguma coisa.

L: Não, é isso, eles...ahn...assim, a minha mãe é uma mulher muito segura e ele é um cara muito prepotente, ai junta, sabe, a fome com a vontade de comer, ai é isso. Eles vivem se estranhando.

E: Como é a Maria?

L: Como é a minha mãe? Em comportamento?

E: Não, como você descreveria sua mãe assim?

L: A minha mãe, é...uma mulher muito bonita, muito, muito bonita. É uma mulher extremamente inteligente. É uma mulher de gênio difícil, ariana braba, sabe assim, que não dá pra contraria e ela tem que ser sempre o centro das atenções. Mas ela também tem várias qualidades, ela é super preocupada com a gente e super quer ajudar, e super quer ta sempre fazendo tudo pra todo mundo assim, então...

E: Alguma das meninas são parecidas com ela?

L: Ai, um pouco. Eu sou muito parecida com ela no sentido de que sou muito insegura também. A Ana é muito parecida com ela porque acha que tudo tem que ser do jeito dela. Tudo tem que ser como elas querem.

E: Entendi. E como é a relação com esses primos aqui?

L: Ai é super boa, é super próxima. A gente se vê sempre que pode, sempre vai na casa um do outro, sai pra jantar, super boa, super tranquila.

E: Com todos eles?

L: Com todos. Talvez a única que tenha menos contato é a Nilde porque ela é pouco...a mais novinha, mais rebelde...

E: E com as tias?

L: Também.

E: E como foi para você, assim se impactou a separação das duas tias e da tua mãe.

L: Na verdade assim, ãn... a minha tia Rita, ela separou quando a Sarita era muito pequena, então o marido dela é meu padrinho, mas nem cheguei a conviver com ele, assim não lembro de convivência com ele. Porque eles eram pequenos, a gente era pequeno, eu quase não vejo ele. A última vez que eu vi ele, eu tinha 15 anos. Faz bastante tempo. Não, eu tinha 20, eu fui no casamento do irmão dele.

E: E aqui? Com a tia Ivna?

L: Também, eles eram, eram...separaram novos assim, meus primos eram novos, a gente era novo, então não teve muito impacto porque a gente não tinha muita, muita ideia do que era. E a minha tia logo em seguida casou com o segundo marido, então foi uma coisa meio continuada.

E: E como é a tua relação com a Bianca?

L: A Bianca não tem relação comigo e com as minhas irmãs.

E: Não?

L: Humhum.

E: E você tem relação com teu irmão?

L: Eu só vejo meu irmão quando a Bianca permite, e ela estando presente. Então faz uns bons meses que eu não vejo meu irmão.

E: E algum motivo para isso?

L: Assim, eu me dava super bem com a Bianca, morávamos na mesma casa, eu, a Bianca e meu pai e era super tranquilo...A gente morava na mesma casa, ãn, e a gente tinha uma relação bem boa, eu gostava, eu trabalhava, nessa época meu pai era um dos donos de uma clínica psiquiatra e eu trabalhava lá e eu adorava essas coisas de psicologia e tal, então a gente conversava era legal, e a gente se dava super bem, até que minha irmã se mudou lá pra casa, minha irmã menor, foi morar com a gente, e a Ana é...muito possessiva com meu pai, a Ana foi morar com a gente e ela achava que ela era a dona da casa, a mulher dele. Tipo, e ai rolou um estresse porque ai, ne? Elas começaram a disputar a mesma posição. Até que isso foi chegando a um nível que eu tinha que tomar uma posição, né?

E: Ai você ficou do lado da sua irmã?

L: Fiquei do lado da minha irmã. Minha outra irmã também. A Bianca brigava bastante com a Luana. Implicava muito com ela.

E: Então vocês três chegaram a morar com o pai?

L: Não, a Lu nunca. Só eu e a Ana.

E: Então hoje em dia vocês não tem relação?

L: Não.

E: Só com seu pai?

L: Só com meu pai.

E: Você gostava da Bianca?

L: Eu gostava dela, só que ai ela começou a se comportar dum jeito muito difícil de lidar, e...ela e a Ana pareciam... sabe mulher brigando por homem? Era igual. Só que ai uma era uma guria e a outra era uma mulher que em vez de se comportar como mulher, se comportava como uma guria, parecia as duas brigando, perdia o respeito, sabe?

E: Ela é muito mais nova que seu pai?

L: Ela é uns pelo menos uns 15 anos mais nova que meu pai. Pelo menos, se não for mais.

E: E, como era o relacionamento deles dois?

L: No começo era super bem, se davam bem, se gostavam...faziam bastante coisas juntos, até o meu irmão nascer. Meu pai não queria ser pai, mas a Bianca queria ser mãe e aí, depois disso nunca mais foi igual.

E: Mas ainda estão juntos?

L: Ainda estão juntos.

E: Nesse tempo todinho, a Maria não teve nenhum outro namorado?

L: Ih, a Maria teve todos os namorados que você puder imaginar. (Risos)

E: Algum deles ficou tipo presente ou foi marcante para vocês?

L: Sim, teve o Pedro, que foi o primeiro namorado que minha mãe teve depois do casamento. Eles ficaram 8 anos juntos, ele foi uma presença bem marcante para gente. Depois a mãe teve outros namorados, talvez...é...mas que tenha ficado mais tempo foi o Renato mesmo, os outros foram mais curtos.

E: E, com relação a relacionamento e casamento, tem algum casamento ou relacionamento que tu achasse legal dentro da tua família ou algum significativo fora.

L: Dentro da minha família?

E: Ou fora que você tivesse em contato.

L: Ah, eu tenho alguns amigos que tem casamento que eu acho bem bacanas, assim. São...que se dão bem, que são parceiros um do outro e tem um plano juntos, assim. Então, eu tenho...dentro da minha família ficaria difícil de achar, mas acho que fora eu tenho alguns bons exemplos.

E: E, alguma figura de referencia na tua família?

L: Figura de referencia em que sentido?

E: Que serviu de influência ou inspiração para ti.

L: Ai, acho que...bastante meu pai. Meu pai é muito referencia pra mim. E...a minha irmã mais velha também, a Luana.

E: Ela faz o que?

L: Luana é veterinária. E a Ana é Relações Públicas se já precisar saber também.

E: Hum. Não teve nenhum médico?

L: Nem advogado.

E: Tu lembra como era o relacionamento dos teus avós (paternos)?

L: Ai, era um relacionamento bem ruim assim, o meu avô era do tipo mandão, que chegava e dizia: “Ah, tem que ficar pronta agora, porque eu quero que saia agora” “Comida tem que tá na mesa meio dia”, era bem assim. Meu avô mudou muito depois que minha avó morreu. Ele se arrependeu muito de ter sido ruim com ela e...mas eles tinham um relacionamento bem ruim.

E: E esse aqui (maternos) você sabe alguma coisa?

L: Eu sei pouco. Mais dele como pai do que como marido. Mas o que eu sei é que ele era muito rígido, por ele ser muito, muito, dessa coisa militar, então a minha avó depois que ele morreu aproveitou para fazer tudo que nunca tinha feito na vida. Foi viajar, foi namorar, foi tudo...

E: E hoje em dia, ela tem alguém?

L: Tem. Minha avó teve namorado primeiro que todas nós.

E: (risos) E ela ainda tá com ele?

L: Ela diz que não, mas tá.

E: Porque ela diz que não?

L: Porque as minhas...Ninguém da família gosta dele.

E: Como é o nome dele, você sabe?

L: Nossa, me deu um branco agora.

E: Porque ninguém da família gosta dele?

L: Ai, porque...é Otávio o nome dele. Ah, ninguém gosta dele porque ele é chato, porque ele trata mal minha avó, assim, ele é daquelas pessoas que acham que sabem tudo, e ele é daquelas pessoas desagradáveis, sabe? Sabe aquela pessoa que olha pra ti e diz: “Nossa como você tá gorda”, ele é essa pessoa, entendeu?

E: Entendi. Então ninguém gosta dele?

L: Não.

E: E, dos primeiros maridos das tuas tias assim, o pessoal falava alguma coisa?

L: Eu sei muito pouco dos casamentos, eu sei que assim, meu padrinho, o pai da Sarita, sei que ele não foi um bom marido, mas eu não sei exatamente o que que rolou. Nunca soube dessa história assim como era. E do outro casamento eu também não sei como terminou, porque a gente, eu era muito pequena e isso não virou alguma coisa tipo folclore da família, virou uma coisa que não se fala, muito. Então eu não sei muito dizer de como é.

E: Entendi. É uma família com bastante mulher, né, bem feminina.

L: É, bastante.

E: E o que tu acha que o casamento representaria para tua família, ou os relacionamentos?

L: O que que representaria para minha família? Difícil, porque são tantos casos diferentes, né?...

E: Mas o que tu pensa?

L: Acho que alguns casamentos dessa família significam parceria, são tipo, a minha madrinha assim, ela, o casamento novo dela é um casal bacana assim, eles são parceiros um do outro, sabe. E... acho que um pouco de... cuidado assim, nesse caso da minha tia, assim...eles são bem...Mas eu vejo também um pouco tipo, de chegar a um objetivo. Por exemplo, meu pai se casou com a Bianca e no final era porque ela queria ter um filho, sabe? Tem um pouco de...um pouco de jogo, uma coisa não muito boa. Um pouco é bom e um pouco não é, mas não sei explicar.

E: Tem alguma figura que tu acha que represente assim amor, que seja uma figura amorosa nessa família?

L: Uma figura amorosa? Mas assim amorosa com o parceiro?

E: Com o parceiro ou com vocês.

L: Acho que talvez meu pai, assim. Ele é bem nesse sentido assim, de demonstrar sentimento, de ser bem...E bem o oposto da minha mãe, na verdade.

E: E a relação da Luana e da Bruna com teu pai?

L: É um pouco mais tensa porque elas estão lá. Eu to longe então...Eu sempre fui mais próxima dele, e...mas elas também sempre foram próximas, a gente sempre teve proximidade com ele. Mas se bem que agora tá, passado um pouco dessa crise com a Bianca tá bem assim...Tá todo mundo bem, se...se... é que eles tem um relacionamento mais intenso que eu, eles tem mais motivo pra briga pra estresse, que eu não tenho porque, como a gente se vê tão pouco, quando eu tô com ele a gente tenta aproveitar o máximo, sabe?

E: E como foi essa decisão de vir para São Paulo?

L: Ah, eu vim pra São Paulo fugida. An...Eu vim pra São Paulo porque..eu tive um relacionamento bem cumprido, eu fiquei 8 anos com uma pessoa, foi meu primeiro namorado, a gente ficou 8 anos juntos, terminou, ficou mais um ano separado, depois mais outro ano juntos, aí quando terminou esse outro ano juntos, ãn, eu fiquei bem deprimida, assim, deprimida de verdade, deprimida de remédio. E aí, isso me atrapalhou no trabalho, eu já não tava indo bem, e aí coincidiu com uma época que eu comecei a viajar muito pra cá a trabalho, vinha muito pra cá e eu tinha algumas amigas aqui, aí pensei: “quer saber? Vou embora”. E aí comecei a fazer, mandar currículo, fazer teste, porque tava muito ruim tá lá. Porto Alegre é uma cidade que é um ovo, todo mundo sabe o que todo mundo faz, assim as pessoas andam no mesmo ciclo, eu não aguentava mais esbarrar nele em tudo que é lugar, sabe? Não tava

dando mais. E ai, na primeira oportunidade que apareceu eu vim embora. Primeiro trabalho que teve eu vim. Primeiro trabalho que apareceu eu me joguei e vim embora.

E: E depois dele? Teve mais algum outro namorado ou coisa assim?

L: Depois dele? Ai, assim.. tem, o atual, que eu não sei bem o que que é. Temos um problema. A gente tá numa briga justamente atualmente porque, a gente começou a viver como um casal e ai, ele é mais velho que eu, mas ele nunca tinha tido um relacionamento antes.

E: Quantos anos ele tem?

L: 36. Então ele tá apavorado que nem guri pequeno assim. “Nossa! Eu to namorado e agora”, assim.

E: Vocês estão desde quando assim?

L: Desde julho do ano passado. Mas ele demorou todo esse ano para descobrir que a gente está namorando e agora que ele descobriu, ele entrou em pânico. (risos)

E: E ele já foi casado, não?

L: Nada. Nada. Por isso que ele tem pânico. Eu acho, só posso imaginar que seja isso.

E: Você chegou a noivar?

L: Não. A gente brigou justamente quando eu queria casar.

E: Você tem algum modelo de relacionamento?

L: Ai, tu me perguntou..

E: Ah, você falou dos amigos, ne?

L: É, tenho alguns amigos que são bons casais.

E: Como é o relacionamento das tuas tias com a tua avó?

L: Ai, a minha avó foi uma mãe bem complicada. A minha mãe era gêmea e ai a gêmea da minha mãe morreu quando a minha mãe nasceu, dai minha avó passou por um período bem complicado de...

E: Então ela tinha outra irmã?

L: Sim, que morreu uma semana depois de nascer. E...eu sei mais a relação da minha mãe com ela, que era uma relação bem difícil porque ela culpava muito minha mãe pela morte da irmã. E com as minhas tias eu sei que ela era bastante rígida que nem meu avô, mas hoje elas tem uma relação harmoniosa. Elas brigam de vez em quando por causa de dinheiro, porque minha avó ficou com muita grana depois que meu avô morreu, mas fora isso, nada muito dramático.

E: E as irmãs?

L: A Rita que é a mais nova é bem próxima da minha mãe, se dão muito bem. E a mais velha ela é um pouco separada assim do resto. Se dá bem, mas num é a mesma coisa assim, sabe?

E: E do teu pai com teus avós?

L: Ah, com a minha avó era tudo bem, se amavam e tudo, era tudo tranquilo. Mas com meu avô era muito difícil relacionamento. Até minha avó morrer, meu pai e meu avô quase não tinham relacionamento. Meu vô era aquele pai muito seco, sabe? Mas depois que ele viu minha avó morrer, ele mudou da água pro vinho.

E: Você lembra do que ela morreu?

L: Ai, na minha família quase todo mundo câncer. Ela morreu de câncer no pâncreas.

E: Teu avô também (materno)?

L: Sim, só que o dele era câncer nos ossos, osteoporose.

E: Tem muito conflito não é na sua família?

L: Bastante.

E: O que tu acha disso?

L: Acho ruim. Acho ruim porque, principalmente depois que eu vim pra cá, que a gente se dá conta do quanto a gente perde tempo com essas brigas que não fazer o menor sentido. E eu dou muito mais valor quando eu vou pra lá e quero ficar perto, e minha mãe xinga, ai eu

digo: “Tá, pode xingar”, só quero ficar perto, sabe? A gente perde muito tempo com isso, e um tempo que é muito valioso.

E: Se tivesse que dar um nome pra tua família?

L: Um nome?(risos)

E: Uma frase, um nome, algo que represente.

L: Ai, o que que eu vou dizer? Uma coisa assim: “Entre tapas e beijos, sabe?”, todo mundo briga mas todo mundo se ama, sabe, no final das contas, entende? Uma coisa bem assim.. (risos)

E: Posso colocar “Tapas e Beijos”?

L: Pode, pode. É mais ou menos isso, o pessoal briga mas se gosta também que briga. Não consegue expressar isso de outro jeito.

E: Agora, com relação ao Pedro, que tu disse que ele foi importante, que tua mãe passou muito tempo em relacionamento com ele, vocês tinham uma relação boa com ele?

L: Nossa muito. Pedro era um cara inteligentíssimo, ele era advogado também, e...e ele era cheio da grana. E ele nos proporcionou muita coisa, ele gostava muito da gente. Por exemplo, ele sabia que eu gostava muito de ler, então ele tava sempre discutindo comigo sobre literatura, sobre... sabe, eu gostava muito de história, então ele me ensinava muita coisa, sabe? ele era muito legal. Ele era um cara com uma cultura riquíssima e ele dividia muito daquilo. A gente aprendia muito com ele. Eu pelo menos tenho essa sensação assim sabe?

E: E como foi quando eles acabaram? Ele chegou a morar com vocês?

L: An, alguns períodos, mas breves. Ele não chegou a morar, morar de fato. Ele tava sempre lá em casa, na verdade, mas não era um morar oficial, ne? E...depois que minha mãe separou dele foi que minha mãe começou a beber. Foi ai que a coisa ficou bem tensa lá em casa. E...mas ele era ótimo. Mas com minha mãe também era difícil. Como ele era negro, minha família tinha um certo receio, minha avó não gostava, e...a família dele também achava que minha mãe era interesseira, que tava com ele por interesse, mas nada disso, eles se gostavam mesmo. Foi bem ruim quando eles terminaram, porque eles se gostavam, mas não dava mais pra sustentar ficar junto. Foi bem difícil.

E: Tu acha que a mesma coisa aconteceu com teus pais?

L: Não sei. Não sei se a mesma coisa aconteceu com eles. Acho que eles chegaram num ponto de não se gostar mais quando se separaram. Não acho que tenha sido a mesma coisa, eles já tinham pessoas quando se separaram, já tinham outras pessoas, acho que já tava...já tinha desgastado, sabe? Estavam só naquela situação de esperar o meu avô morrer pra poder fazer alguma coisa. Então já tinham acabado.

E: Você disse que eles tinham outras pessoas. Teu pai já conhecia a Bianca? Ou era outra pessoa?

L: Era uma outra mulher.

E: E ele chegou a morar com ela?

L: Não, ele namorou com ela, mas não morou com ela.

E: Vocês gostavam dela? Ou não conheceram?

L: A gente conheceu mas não teve um convívio tão próximo assim, era ok. Não tinha nada muito...

E: E a tua mãe? Era o Pedro?

L: Sim. E...com as namoradas do meu pai sempre foi assim mesmo, a gente tinha muito ciúmes dele e tal e as coitadas passavam um dobrando com a gente.

E: E a relação dele também é próxima com a Luana?

L: Um pouco menos que comigo e com a Ana.

E: O que mais você pode me dizer sobre sua família?

L: Não sei. O que mais você pode querer saber?

E: Acho que já fiz todas as perguntas importantes

M: E o que é a segunda parte?

E: *A segunda parte são umas perguntinhas sobre relacionamentos propriamente ditas...*

2ª Parte: Entrevista

E: *Como você percebe o casamento?*

L: Hum..Perguntinha cretina. Como eu percebo o casamento...ai, pra mim casamento é ou deveria ser uma parceria, eu percebo isso: duas pessoas que se gostam e querem ser parceiras num projeto de vida. Eu percebo assim...

E: *Como seria essa parceria assim?*

L: Parceria de... se ajudar, de... buscar junto o mesmo objetivo, de entender o outro, de... ficar feliz pela felicidade do outro. Parceria nesse sentido.

E: *Algum relacionamento aqui (genograma) que você viu com esse tipo de parceria? Ou só o da tua tia?*

L: Hoje é o que mais me chama atenção de ter esse tipo de parceria. Não vejo nos outros relacionamentos essa parceria.

E: *O que você entende por união estável e união consensual?*

L: União estável e União consensual?

E: *É. Se tem alguma diferença? O que é uma e o que é a outra? O que tu acha que seja uma ou outra?*

L: Eu não vejo muita diferença, eu acho que é...só muda o trâmite, ne? O burocrático da coisa.

E: *Tu acha que união estável é a mesma coisa que casamento?*

L: Ai eu acho que é. Só formalizou diferente, mas são duas pessoas que decidiram viver juntas.

E: *Mas a tua mãe e o Hugo tem união estável mas não moram na mesma casa?*

L: É.

E: *E o que tu acha disso?*

L: Ai, acho ótimo. Se morassem na mesma casa, já teriam se matado. (risos) Acho bom essa coisa da, de tu entender como é o outro, os dois são cheios de mania, não tinha porque se colocar pra brigar em nome de ter um relacionamento, sabe? Então respeitar a individualidade do outro, nesse caso é necessário.

E: *O que é amor para você?*

L: Ai, eu vou te dizer...eu li um texto essa semana que pra mim definiu muito isso de uma forma que mexeu comigo, porque..ãh, pra mim é quando tu tá interessado na felicidade do outro, sabe? Quer que o outro seja feliz. Resumindo assim, hiper resumindo tudo que diz no texto.

E: *Qual o texto?*

L: É um texto da Martha Medeiros muito bonito.

E: *Você lembra o nome?*

L: Não, mas eu tenho no meu e-mail, eu passo pra ti depois. É muito bonito, porque falava sobre esse que dizer só “eu te amo” não bastava para ser amor, ai ela ficava explicando que não, que “eu te amo” é só palavras, são os atos que mostram que tu ama a pessoa e ai ela ia descrevendo isso. Ai no final das contas era isso, o interesse na felicidade do outro, querer que o outro seja feliz e contribuir com isso.

E: *Como você percebe suas relações amorosas?*

L: Ai, bom...Tu me apertou. Eu percebo, que eu ainda não achei o equilíbrio pras minhas relações amorosas.

E: *Como é que seria o equilíbrio?*

M: O equilíbrio seria eu fazer menos pelos outros, correr menos atrás, demonstrar menos interesse, e deixar que o outro faça um pouco mais. Eu demonstro muito, sou tipo daquelas que se atira de cabeça, sabe? E isso é a receita pra desastre. Não dá certo.

E: E como é isso pra ti, de se atirar de cabeça?

L: Ai, é que eu sou mais ou menos assim nas coisas que eu faço em geral, quando eu gosto muito de uma pessoa, não precisa ser, por exemplo, um namorado. Se tu é minha melhor amiga, eu vou fazer o que tiver ao meu alcance pra te ajudar, sempre que tu precisar. Se tu é meu amigo, se tu é meu parente, se tu é.. eu sou assim com todo mundo que eu quero muito bem. Só que quando tu tá num relacionamento amoroso é diferente de quando tu tá numa amizade, ou parente e tal. Porque... bem ou mal você se envolve num certo jogo de poder assim, quando tu faz muito e tá muito na mão das pessoas, as vezes as pessoas não sabem, acham que isso dá poder sobre a outra pessoa e ai ferra tudo.

E: Você tá passando por isso agora?

L: Mais ou menos (risos). Mais ou menos porque eu gosta bastante do Paulo e é bem difícil esse fato de o cara olhar pra ti e dizer que gosta de ti, mas que “ai não sei se quero namorar”. Como assim? Como a pessoa gosta de mim e não sabe se quer ficar junto, sabe? E, eu já... ele já sabe que eu gosto, eu já disse, então me sinto na mão dele.

E: Nesse tempo que vocês estão juntos, tu saiu com outras pessoas?

L: Não.

E: E ele?

L: No começo sim.

E: E como foi isso pra ti?

L: Ai...não foi na verdade, porque...Porque como a gente não tinha uma coisa, não era formalizada, a gente tava só ficando, pra mim era ok, entendeu? Eu não tava sabendo o que tava acontecendo. Eu sabia que ele provavelmente ia ta com outras pessoas, mas eu não sabia nem quando, nem com quem, nem *whatever*, então procurei não me estressar com isso. Eu não fiquei porque não quis. Mas nunca cobre dele isso porque...a gente não tava num relacionamento. E ai, foi a grande jogada, porque agora que, teoricamente, a gente entraria num relacionamento, estamos nesse impasse.

E: Como fica o casamento dentro da sua compreensão de relacionamento amoroso?

L: Como fica o casamento? Ai...o casamento é uma parte de buscar o outro feliz, sabe? Se for da vontade dos dois, ah, formar uma família, ter filhos, ou não, ou viver juntos ou não, se dentro dessa felicidade dos dois couber ter um casamento, ter uma vida juntos...acho que é o ideal, ne?

E: O que é o relacionamento/casamento ideal para você?

L: Ah, casamento ideal? Ai, seria um que tu possa ser tu mesma e não queira que o outro mude porque isso é uma perda de tempo. E que as pessoas possam procurar ser felizes juntas, procurar se divertir, procurar conhecer coisas novas, procurar conviver de um jeito que seja harmonioso assim e feliz assim. Que nem tudo vai ser feliz nunca, sabe? Mas eu acho que a busca tem que ser por essa tentar equilibrar a parte ruim da vida com a parte boa.

E: É o que tu tem feito agora, ne?

L: É to tentando.

E: Tu pensa em casar?

L: Já pensei mais (risos) não penso tanto mais não.

E: E ter filhos?

L: Tenho muito medo. Tenho muito medo de ser mãe, tenho muita vontade, mas tenho muito medo.

E: Não perguntei, sobre teu primo que tem uma filha. Como foi pra família?

L: Foi uma surpresa, mas depois todo mundo super adorou e todo mundo ajuda e todo mundo apoia e todo mundo adora, na hora foi um susto, porque eles eram namorados e pessoas novas, ne? Que não moravam juntos, não tinham nada.

E: Eles ainda estão juntos?

L: Não, mas eles, em seguida que se deu tudo isso, a família super apoiou, todo mundo ajuda, todo mundo cuida, dá presente, paga o que precisa... Todo mundo super comprou a ideia, sabe?

E: Ele mora com a tua tia?

L: Não.

E: Então só as mais novas que moram com os pais?

L: Não, a Nilde já se mudou pra Porto Alegre.

E: O que você pensa sobre a infidelidade?

L: O que eu penso da infidelidade? Ân...o que eu penso? Complicado isso...Complicado, porque eu acredito que depende de acordo, sabe? De cada relação, as pessoas tem acordos, tem gente que acha tudo ok de tá junto e ter outras pessoas. Assim...

E: Mas o que VOCÊ acha?!

L: O que EU acho? Eu já trai e eu não me sinto nem um pouquinho mal de ter feito isso. (risos) Exatamente, porque acontece. Eu acho que trair tem outro significado, sabe? Tu ficar com um cara ou transar com uma pessoa, e num sei que, se for uma coisa aleatória ou *whatever*, sabe? Não acho que isso seja um problema gravíssimo. Acho que a gente é humano, e a gente é passível de erro. O que eu acho que é traição, na verdade, e infidelidade é...é quando envolve tu trair a confiança da pessoa no sentido de...sei lá sabe? É outra coisa que não é isso, sabe? Isso é só um ato, sabe? Acho que infidelidade e traição tem muito mais a ver com tu trair o sentimento que tu tem por aquela pessoa ou a coisa que vocês contruíram juntos, sabe? Do que propriamente um deslize, sabe?

E: Algum caso de traição na tua família?

L: Caso de traição na família... Meus pais não dá pra contar porque eles já tavam meio separados quando começaram a ficar com outras pessoas, então acho que não se tratava bem de traição. Não, acho que não. Que eu saiba não.

E: E o que tu pensa de relacionamentos abertos?

L: Não sei se eu daria conta não, mas não tenho nada contra. Acho que é...cada um sabe o que vai fazer feliz. Eu não vejo nenhum problema. Se um dia eu achasse que ia me fazer feliz, eu...eu não vejo porque não.

E: E hoje?

L: Hoje não me faria feliz. Mas não porque eu acho que tenha que ter uma regra, mas porque eu não sinto vontade.

E: Como você percebe a compreensão que seus pais tem do casamento, amor, relações amorosas e infidelidade?

L: Ai, meus pais? É que são percepções bem diferentes, eu acho... Eu acho que a minha mãe tem uma percepção de posse. Tudo isso tem a ver com posse. Com propriedade, ne? E meu pai é muito parecido comigo, é muito de sentimento, ah, de aquilo ser uma união com a outra pessoa, sabe? Mas diferente de possuir o outro, “é meu não pode pegar”, a minha mãe pensa bem assim. Ela é muito ciumenta, possessiva, todas essas coisas tem a ver com isso.

E: Como é a relação do teu irmão com teu pai?

L: Nossa é horrível. Meu irmão é muito pequenininho, ne? Mas a minha madrasta criou ele de um jeito, e meu pai deixou, obvio, que meu irmão só anda com minha madrasta. Meu irmão não fica sozinho com meu pai. Meu irmão não faz nada que não seja com minha madrasta. Minha madrasta era o sonho da vida dela ser mãe, e quando meu irmão nasceu, ela quase morreu no parto. Foi bem tenso, foi muito difícil, eu tava lá. Então, pra ela aquilo ali é uma coisa muito preciosa assim, e ai ela é muito possessiva com ele. Ela só anda com ele, ele só anda com ela, tudo só se ela decidir, então meu pai tem uma relação muito distante com meu irmão. Tu morar na mesma casa e não ficar sozinho com teu filho é bem bizarro. Que mais?

E: Que mais que você pode me dizer? Como você está se sentindo?

L: Ai, acho que já te disse tudo. Como eu to me sentindo?

E: Agora?

L: De esta respondendo tudo isso? Ah, é difícil né? Porque mexe com...uma coisa que tem a ver com relacionamentos, com amor, com casamento e com tudo isso é uma coisa que tem muito a ver com tudo que tu é e coisas que tu escuta desde pequena, sabe? E quando tu cresce tu vê que as coisas não são como tu esperava. É bem...

E: O que tu diz que escutava desde pequena?

L: Ah, a gente escuta desde pequena que a gente vai se casar, com o príncipe, vai ter um casamento lindo, num sei que, só que o final feliz acaba no dia do casamento, ne? Ninguém conta depois como que é. E...a realidade é bem distinta e eu acho que por isso tão difícil lidar com relacionamento porque a gente é preparado pra coisas que não existem. A gente é preparado pra o outro ser tudo aquilo que tu espera, pro amor romântico, né? A gente é preparado pra isso. A gente escuta a vida inteira a historia de se complementar e nada disso existe. Acho que essa educação sentimental é muito cruel com a gente, porque depois tu já aprende sabendo que vai ter um monte de tombos pela frente, as pessoas te ensinam isso sabendo que tu vai cair um monte de vezes, em vez de te ensinarem a realidade das coisas desde cedo. Acho que pouparia muito sofrimento pra muitas pessoas. ... Se elas idealizassem menos e encarassem as coisas como são. Acho que eu te disse bastante.

E: Achei que você ficou emocionada..

L: Não é que eu to num momento meio assim meio ruim, porque to nessa história de gostar do cara e ele dizer que gosta, mas não quer namorar e ai a gente tá nesse, faz umas 3 semanas nesse chove num molha, que ele disse que não quer namorar mais me liga todos os dias e se não atendo o telefone se desespera: “o que aconteceu contigo, tá tudo bem?” Então...isso está me angustiando muito, ta me deixando muito sensível assim.. Porque é a primeira pessoa que eu gostei depois de ficar tanto tempo com uma pessoa só, então eu realmente queria que desse certo e isso tá me angustiando. Estar desse jeito indefinido.

E: Saindo um pouco do que tu estava falando. Tu ou tuas irmãs tem ajuda financeira dos teus pais?

L: No momento não, tem um tempinho já. Acho que depois que cada uma de nós se formou, ficou cada uma por si. Bem tranquilo. Claro, se precisar de alguma ajuda pontual, a gente pode contar. Ajuda mensal e certa não tem.

Participante B – Haydée, 27 anos, nascida em São Paulo de família árabe. Formada na área da saúde com mestrado concluído.

1º Parte: Genograma

E: Vou começar por você. Você tem irmãos?

H: Somos em três, irmãs. Três mulheres

E: Você é a mais velha?

H: Sou... Ah, é uma árvore genealógica praticamente?

E: Tipo uma árvore genealógica. Sua irmã tem 25 que você falou? Como é o nome dela?

H: É. Luana. Na verdade eu me confundi, essa que tem 25 é casada e a que tem 23 que não é casada.

E: Tudo bem. E ai você tem outra de 23 é isso?

H: Isso. Que é a Ana.

E: Todos do mesmo pai e da mesma mãe?

H: Humrum.

E: E você falou logo que a Luana é casada é isso?

H: Isso.

E: Com o?

H: Jairo.

E: Faz tempo?

H: Não casaram em novembro.

E: Você sabe a idade dele?

H: Pera aí. Pode ser mais ou menos? Uns 32, 32 – 35.

E: E seus pais?

H: Minha mãe é Raquel.

E: Sabe a idade dela?

H: Sei, 56. Meu pai também tem a mesma idade que ela.

E: E o nome do teu pai?

H: Kalil.

E: Estão casados ainda?

H: Estão.

E: Você quer começar pela família da sua mãe ou pela família do seu pai?

H: Olha, as duas são bem confusas. A que você quiser.

E: Não pode escolher...

H: Pode ser pela família da minha mãe.

E: Certo. Ela tem irmãos?

H: Tem um irmão.

E: Mais velho?

H: Mais velho. Que eu não sei a idade exata mas deve ter uns 60 por aí.

E: Como é o nome dele?

H: Mario.

E: E seus avós?

H: Os dois faleceram já. A minha avó faleceu faz dois anos, ela chama Deise. E meu vô faleceu faz tempo pra caramba. Eu era criança, num lembro na verdade. Eu tinha uns dois anos, devia ser 88. Ela chama Hadler.

E: Quanto tempo eles ficaram casados, você sabe?

H: Não sei, foi até ele falecer. Eles sempre foram casados, eles nunca se separaram. Não sei te dizer assim.

E: Quantos anos seus pais são casados?

H: 28.

E: E o Mario? Ele é casado?

H: É.

E: Até hoje?

H: Até hoje.

E: Mesma mulher?

H: Humrum. Povo persistente, ne?! (risadas)

E: Tem filhos?

H: Tem. Dois filhos, um casal.

E: Quem é mais velho?

H: O Mario, que é filho dele...Não, minto, errei. É a Nadia, que é a mais velha.

E: Você sabe a idade dela?

H: Ela tem, deve tá com 30 ou 31, ela era muito mais velha que eu. E o Mario tem 27 também.

E: E como é o nome da mulher do Mario?

H: Denise. E eu não sei a idade dela.

E: Nadia é casada?

H: Não.

E: Mario é casado?

H: Também não.

E: E a família do Kalil?

H: Do meu pai são três irmãos. Além dele tem mais três, são quatro.

E: Mais velhos, mais novos?

H: Tem um mais velho e dois mais novos. Quero ver caber...

E: É...eu sempre tenho esse problema pra fazer caber...

H: É, mas a minha família é grande.

E: Ah, mas a família do pessoal tá sendo grande mesmo. O mais velho, é homem ou mulher?

H: É homem é Helio. Hum, não lembro a idade dele. Ele deve ter uns 58, 57/58, porque ele não é muito mais velho que meu pai.

E: E aí, depois?

H: Depois é a Suzana, minha tia a idade dela...deixa eu pensar...meu pai tem 56...assim, eu posso te falar mas eu vou tá meio no chutômetro, ta? 50.

E: E o mais novo?

H: É o Leon. Que eu não lembro a idade dele.

E: Casados?

H: Todos. Lá vai...

E: Vamos lá. Helio?

H: Casado com a Tamara, que eu não sei a idade também.

E: E tem filhos?

H: Tem três filhos. Cada um deles tem três.

E: Você sabe dos seus primos, o nome?

H: Dos meus primos eu sei. É o Helio o mais velho, o Bruno é do meio e o Saulo o mais novo.

E: Sabe as idades?

H: Sei. O Helio tem a idade da minha irmã mais nova, tem 23. O Bruno deve ter uns 22, que também é tudo escadinha. E o Saulo tem...19, 18 errei que ele agora que tirou a carta, lembrei.

E: Nenhum deles é casado.

H: Não.

E: Nem tem filhos?

H: Não.

E: E aqui, a Suzana?

H: A Suzana tem três também. Todos eles tem três...vê como você coloca ai...

E: Qualquer coisa depois eu passo a limpo.

H: São duas mulheres e um homem, ta? A mais velha é a Lara. O do meio é o Renato. E a mais nova é a Silvia.

E: Idades?

H: A Lara tem a idade da minha irmã do meio, tem 25. A Sil tem 21 e o Renato tem uns 22...Até que não to muito mal da idade deles, achava que eu ia lembrar muito menos.

E: Como é o nome do marido da Suzana?

H: Sayd.

E: E o Leon também é casado?

H: Esse é complicado. Esse deixa eu te explicar antes que você coloque alguma coisa. Ele tem dois filhos pequenos, mas ele tem uma filha mais velha que foi meio que, sumiu do mapa. Sumiu do mapa não, na verdade assim, ele assumiu a filha, com o nome dele e tal, mas ele nunca mais teve contato, desde quando ela era pequenininha. Então ela mora, tipo, na Bahia assim.

E: E ele foi casado com a mãe dela?

H: Não. Só tiveram uma filha.

E: Você sabe o nome dela?

H: Tatiana.

E: E da mãe?

H: Da mãe dela eu não sei, eu sei da mulher dele atual.

E: E aí a menina chama Tatiana. Você sabe quantos anos ela teria mais ou menos?

H: Mais ou menos ela deve ter a idade do...deixa eu ver, eu não lembro...ela deve ter...posso chutar ou você prefere que eu não diga a idade? Uns 20. Mais ou menos 20.

E: E aí?

H: E aí ele é casado com a Paula. Com quem ele tem dois filhos.

E: Meninos?

H: Meninos. Um de 7 e um de 5.

E: Nomes deles?

H: É o Leon e o Felipe.

E: Pessoal gosta de nome repetido.

H: Né?

E: E é tudo filho, Junior?

H: É. O meu é Haydé por causa do irmão do meu pai que é Helio. Ai nasceu o Helio depois, nasceu filho dele depois e colocou o nome igual. É uma maravilha, ne?! Uma criatividade...

E: E...elas moram na Bahia?

H: Olha, na verdade eu não sei mais, mas até a ultima contato que eu tive era na Bahia. Mas, assim, ninguém comenta muito, ainda é muito escondido isso. Entendeu?

E: Então não tem relação?

H: Não. Tipo Facebook e Orkut, quando a gente descobriu que...Na verdade, era uma coisa muito escondida, a gente descobriu pelo Orkut e ai foi uma coisa meio assim, entendeu?

E: E seus avós?

H: Meus avós são casados até hoje. A minha avó chama Raina. Ela tem...74 anos. E meu avô chama Robert e tem 86.

E: Da onde são as tuas famílias?

H: A do lado do meu pai é do Líbano e do lado da minha mãe é da Itália.

E: Legal.

H: Né? Uma mistura que você não tem ideia. Dá um trabalho...(risadas)

E: Por que?

H: É...Muito conflito. Assim, é... são famílias muito fortes dos dois lados. Ne, então tem umas características muito presentes, tanto uma quanto outra..

E: Ah, entendi. Que tipo de características?

H: Por exemplo, as básicas...Falar muito alto, ne? Falar para caramba...é... A família do meu pai é muito grudada todo mundo junto, então oficialmente, a família teoricamente é pai, mãe, irmãos, ne? Só que na minha família não. Todo mundo junto e todo mundo mete bedelho na vida do outro. É meio feira ali.

E: Como é isso pra ti?

H: Puta, é péssimo. Na verdade assim, dentro da minha família isso é normal. Só que isso sempre me incomodou muito, tipo...assim, você tem que ser do jeito que eles querem que você seja. Tanto é que assim, a questão dessa minha prima ai que nunca aparece, porque assim, a família perfeita, tem que ter uma fachada perfeita e ninguém pode fazer nada errado, entendeu? Então é tudo muito escondido. Então sei lá...por exemplo, aconteceu uma coisa boba assim, alguém bate o carro, ninguém conta pra ninguém, você fica sabendo depois mas ninguém contou. É uma coisa assim muito...esquisita. É que assim, sabe quando a família é estruturada demais? É forte demais? É tudo muito junto, tudo muito feito tudo junto, você vai viajar tem que tá todo mundo junto, é bem sufocante assim.

E: Então é uma família bem unida?

H: É. Até demais.

E: A do teu pai?

H: É. A da minha mãe nem tanto, a da minha é mais dispersa, tanto é que minha avó tem mais, tinha é que agora também faleceu todo mundo, mas mesmo assim, ela tinha mais nove irmãos e...foi se perdendo assim. A gente teve contato com um ou dois quando era criança.

E: E desse lado aqui, além desses primos todo mundo teve três filhos, ne?

H: É..é meio numero cabalístico, assim. (risadas) Não, não sei porque todo mundo teve três filhos.

E: Entendi.

H: Ai do lado de cá (lado paterno), tem uma parte da família que também tá no Líbano, que são dos irmãos do meu vô e da minha vó. E aí eu tenho contato com eles, a gente viaja pra lá e vai toooodo mundo junto pra lá.

E: Vocês tem contato com eles?

H: Tenho.

E: São os irmãos do Robert?

H: É. Na verdade é mais a irmã dele. Dos outros irmãos eu não conheci muito, conheci mais ela. É que na verdade...eu esqueci de avisar, é que ela faleceu faz pouco tempo. Faz acho, que nao faz nem 6 meses.

E: Mas tinha outros irmãos além dela, teu avô?

H: Acho que tinha sim, mas eu não cheguei a conhecer.

E: Então tu conheceu só ela?

H: Isso. Ela chama Antonieta.

E: E ela faleceu tá com 6 meses?

H: É. Dai ela tem duas filhas e os filhos dela são primos dos meus pais, então a gente tem contato e vira tudo primo de sei lá quantos graus. Por isso que libanês fala que é tudo primo. Porque é tudo primo mesmo. E lá o pessoal tem esse costume de ficar tudo entre família, ne?

E: Ai ela casou e teve?

H: Duas filhas. Ai, uma das filhas tem três filhos e a outra nunca foi casada.

E: A mais velha ou a mais nova que teve três filhos, você sabe?

H: Acho que a mais velha. Tá até acabando sua caneta... (risadas)

E: Meninos ou meninas.

H: Dois homens e uma mulher. A mais velha é uma mulher e os dois mais novos são homens.

E: Você sabe as idades?

H: Hum-hum.

E: De ninguém aqui?

H: Sei, pera aí. O mais novo tem a minha idade, 27. O do meio, não...e os outros dois eu não sei.

E: E os nomes?

H: Ah...chama Sara. Gabriel...não Gabriel é o mais novo, desculpa. E Enid.

E: Algum deles é casado?

H: Ah...a Sarah.

E: E ela é casada?

H: É. Os outros dois não.

E: Tem filhos?

H: Não. Casou faz um ano.

E: Vocês foram pro casamento?

H: Não, foi na França, acabou não dando pra ir. Ela fez um casamento pequenininho...Na verdade assim, ela já tinha sido casada e aí ela se separou e casou com ele. E aí eu não sei como se diz isso...(risadas)

E: Dizendo! (risadas)

H: Nossa, você vai entender isso depois?

E: Vou. Tá gravado. E...aí aqui, o marido da Antonieta também já morreu?

H: Já. Morreu bem antes dela. Há muito tempo atrás.

E: Você sabe o nome dos seus bisavós?

H: Hum-hum.

E: Eles já morreram...

H: Já se foram...

E: Ai essa família daqui (apontando para os irmãos do avô paterno) mora no Líbano?

H: É. Essa parte aqui mora no Líbano. O resto daqui mora todo no Brasil. Na verdade assim, os irmãos deles se casaram. Por exemplo, a Antonieta se casou com um irmão da Raina.

E: Casou mesmo?

H: É.

E: Eles eram irmãos?

H: Casou até no mesmo dia. Assim, a Augusta casou com o irmão da Raina e a Raina casou com o irmão dela [Augusta].

E: Ah, entendi.

H: É que eu não sei se isso faz diferença pra você...

E: Vai falando tudo que você acha. Você não sabe o nome do marido da Antonieta?

H: Não, ele morreu antes de eu nascer, porque eles são muito mais velhos. Ela eu ainda tive mais contato, um pouco mais, mas o resto não. E a Raina tem mais irmãos só que eu não sei quantos...

E: E você não tem contato com eles?

H: Não, muito pouco. Já vi uma vez na vida, mas...nunca mais, entendeu? Ah, eu lembrei do irmão da Raina. Ele chama Emilio.

E: Emilio?

H: É. Olha, eu espero que seja isso. É porque é meio zona assim. É uma coisa meio confusa...é mais ou menos por aí.

E: E...ai todo mundo aqui mora em SP? (família paterna)

H: Todo mundo aqui mora em SP.

E: Você sabe quanto tempo eles estão casados, seu avô e sua avó? Seus avós moram no Líbano ou moram aqui?

H: Moram aqui. Os irmãos dele que moram lá no Líbano. Tem um outro irmão do meu avô que mora aqui e a gente tem pouco contato. Que também tem mais três filhas.

E: Vocês tem relação com elas?

H: Não.

E: Então vamos ficar só aqui, com quem vocês tem relação. E...quanto tempo você acha que seus avós estão casados?

H: Oh...minha avó que tá com 74, casou com meu avô com 18 anos...74 – 18 dá...dá licença pra eu usar a calculadora?

E: A vontade. 54?

H: 56...Esses meus outros avós eu não tenho ideia.

E: Como é sua relação com seus avós?

H: Com a minha avó que faleceu há pouco tempo, eu era muito próxima. É...eu ia morar com ela antes dela falecer, porque ela, tipo, já tava precisando de alguém pra ficar sempre com ela, e eu gostava muito dessa minha vó, então eu ia...ia...morar com ela.

E: Ela faleceu de que?

H: De velha. (risadas). Não teve nada só morreu assim, acho que deve ter tido alguma parada cardíaca e entrou em falência de órgãos. Ela nem foi pro hospital, ela morreu em casa e ficou. E...do meu vô com a minha vó, eu vejo eles sempre, sou bem próxima, mas...é diferente. Não sei...acho que eu sou... eu era muito mais próxima da minha avó Deise por parte de mãe do que dos meus avó por parte de pai. Eles são mais rígidos, assim, mais chatos, pegam muito no

pé, então...são mais pesados, assim, sabe quando é muito difícil o ambiente? Você não aguenta muito..

E: Essa família é pesada? [a paterna]

H: Bastante, de sufocar sabe? De querer tudo certinho, de ter que fazer do jeito que eles querem.

E: Como é sua relação com seus pais?

H: Hoje em dia é muito tranquila.

E: Você mora com eles?

H: Moro.

E: Suas irmãs também?

H: Também, menos a que é casada. A que é casada mora sozinha. Mas já foi mais sufocante assim, até por conta das características a família inteira, então assim de uma pressão muito grande, de ser tudo do jeito X, enfim... Na minha família todo mundo é ou engenheiro ou arquiteto.

E: Quem que é engenheiro?

H: Ân...meu pai é engenheiro. E minha mãe é psicóloga, só que ela não trabalhou na área.

E: Ela trabalha?

H: Não. Ela é dona de casa. E daqui, meu tio Helio é engenheiro, minha tia é arquiteta, meu tio é arquiteto.

E: E as irmãs?

H: Minha irmã do meio é arquiteta e a mais nova é engenheira. Minha avó era cabelereira e meu avô trabalhava com sapato [materna]. É o que todo mundo me fala.

E: E aqui, desse lado paterno.

H: Meu avô era lojista, ne? Não sei como se diz...ele era de loja...

E: Comerciante?

H: É comerciante, obrigada. E minha avó dona de casa.

E: E como isso aqui de que todo mundo é engenheiro ou arquiteto?

H: É então...na verdade assim, eles acham que a melhor coisa do mundo é isso, que é assim que você ganha dinheiro, que só isso importa, num sei que... o dinheiro fica muito na frente, sabe? É um valor muito...é uma questão que pesa muito é a questão financeira. E ai, eu escolhi ir pra saúde porque não concordava com isso, nem gostava de ser da saúde...opa, que ato falho ne? (risadas) Nem gostava de, assim nunca gostei muito nem de engenharia nem de arquitetura e achei que ir pra saúde seria um meio caminho legal, tanto pra ganhar dinheiro como pra me satisfazer pessoalmente, que eu acho que tem muito mais a ganhar do que só o dinheiro, entendeu? E ai foi bem difícil no começo. Brigaram muito comigo porque eu não queria, porque achavam um absurdo eu ir pra saúde. Hoje em dia eles respeitam bastante assim, hoje em dia é bastante tranquilo, meu pai fica super orgulhoso de dizer que eu trabalho na saúde, que fiz mestrado num sei que, mas na época..nossa! Primeiro ano, segundo ano de faculdade acabaram comigo assim, até...mesmo pra eu continuar..eu fazia muita terapia, e tal. Então, dava pra aguentar (risadas)

E: E ai, você diz que agora a relação de vocês tá melhor...

H: Ta..

E: Mas ela é conflituosa? Era mais, menos...

H: Era mais conflituosa, eu acho que eu sempre fui...principalmente com meu pai, meu pai é muito, assim, é assim, chefe de família. Ele que banca tudo e num sei que e ai na hora que você banca sair disso ele num permite muito, entendeu? Ele é assim, digamos assim que ele é uma figura muito chave, ne, de referencia.

E: Ele seria uma figura de referencia pra ti?

H: É...com certeza sim. Tanto pras partes boas como pras partes ruins.

E: Quem mais seria uma figura de referencia?

H: A minha mãe também.

E: Como é tua relação com ela?

H: É...não é muito aberta, por exemplo, pra falar de relacionamentos, eu não consigo conversar com minha mãe. Até porque ela, ela...me parece, ta? To falando assim, do que eu percebo, ta? Posso tá viajando, mas é o que me parece...Ela ta...Ela funciona muito como meu pai. Então, tem muito preconceito, então qualquer relacionamento que eu tenha é: “ah, nada serve, nada é bom” ou “ah, esse cara é assim, esse cara é assado” então serve assim, nada é suficientemente bom pra ficar. Então acaba que minha relação com ela é legal, a gente se dá bem, só que assim é superficial, não tem um... não sento e converso com ela: “ai, putz, to saindo com tal pessoa” “ai o que eu faço”, sabe umas coisas assim?

E: Humrum. E com as suas irmãs?

H: Ah, com as minhas irmãs é ótima a gente super, super divide as coisas, sempre foi, sempre foram muito cúmplices assim, sempre...a gente sempre fez coisas muito próximas, apesar da gente ser muito diferente, termos características totalmente diferentes uma da outra, mas a gente tem uma parceria bacana, assim.

E: Entendi. E com o Jairo?

H: O Jairo na verdade também é meu primo. (risadas) Só que ele é meu primo de terceiro grau. Ele, assim, o pai dele é primo de primeiro grau do meu pai.

E: Então deixa eu ver como desenho...Ele tem irmãos?

H: Ele tem 2 irmãos.

E: Mais velho, mais novo?

H: Os dois são mais velhos. O mais velho é um homem e a do meio é uma mulher.

E: Então o pai dele é primo de primeiro grau do teu pai. Então o pai dele é filho do irmão do teu avô?

H: Isso. Agora eu não sei qual irmão que eu já me confundi inteira, ta?

E: Ta.

H: Porque ai é uma ooooooutra família muito grande, tanto quanto a minha, ai vai fazendo esses caminhos muito loucos.

E: Então, esse cara aqui é irmão do Robert. O avô do Jairo ainda é vivo?

H: Não. Por isso que eu também nem sei o nome dele.

E: Você sabe o nome do pai do Jairo? A avó dele também morreu?

H: Zefa. A avó dele não, a avó dele tá viva, chama Maisa. E o pai dele é o Zefa.

E: Zefa?

H: Humrum. É que na verdade é Lemoine, só que todo mundo, a vida inteira a gente só chama ele de Zefa, então registrado mesmo é Lemoine...

E: Então é Lemoine em francês. E a mãe?

H: É. A mãe é a Bruna.

E: Aqui é o Jairo.

H: A do meio é Beatriz e o Julio. É por conta do sobrenome. Todo mundo tem o mesmo sobrenome.

E: Então tua irmão repetiu o sobrenome?

H: Seria, mas ela ficou só com um sobrenome. Ela nem mudou o nome dela.

E: Então essa família tem o mesmo sobrenome?

H: É. (risadas)

E: É legal...

H: Eu falei pra você que minha família era... (risadas)

E: Sim, você tava me dizendo como é a relação dos seus pais com o Jairo.

H: Então, virou um filho novo, tipo virou mais um filho. É ótima a relação com ele. Ficou muito legal. Meu pai cuida dele que nem um filho, mó barato.

E: E a sua relação com ele.

H: É muito de primo. Continua sendo de primo, apesar de ele ter casado com a minha irmã..

E: Eles namoram faz tempo?

H: Faz uns 4 anos.

E: Como que foi pra ti o casamento da tua irmã?

H: Esquisitão, até hoje eu não consigo falar que ele é marido dela.

E: Por que?

H: Porque eu acho que é muito chocante, porque como ela casou em novembro, assim, você fala: “ah, vamos lá ver o Jairo e a Luana na casa deles”, beleza assim. Mas falar “o marido da minha irmã” é muito estranho assim. Não sei é só esquisito, não é nada contra. É só falta de costume, entendeu?

E: E você tem namorado?

H: Eu? Meio. Na verdade, eu não tenho um namorado fixo, digamos que tem uns rolos no meio do caminho.

E: Entendi. Como tu vê o relacionamento dos teus pais assim?

H: Sinceramente? Eu...vejo um relacionamento assim, muito conturbado. Eles brigam bastante, sempre brigaram, mas assim um não vive sem o outro, sabe?

E: E o relacionamento da Luana com o Jairo?

H: Deixa eu lembrar...É...É bem provocativo assim, sempre tem um provocando o outro, ou com ciúmes ou com alguma piadinha boba. Por exemplo: sei lá, é...não sei, vamos supor, o Jairo sempre provoca ela dizendo de ciúmes com alguém e ela faz o mesmo também.

E: E tu imaginava que eles fossem casar? Pode ser sincera...

H: Não sei, to pensando. Na verdade, não. Não imaginava. Porque no começo do namoro deles, eles namoraram um tempo escondido, porque eles só se pegavam. Só saiam pra transar, entendeu? Não era uma coisa assim de um relacionamento: “ah vamos namorar bonitinho”. Eles se pegavam, saiam no meio da noite, ne? Ficavam juntos e tal, e...ficaram um tempo separados também, por conta dessas idas e vindas. E aí só que eles decidiram casar.

E: Entendi. Então você não imaginava que eles fossem casar. E como era pra ti esse negócio deles dois saírem no meio da noite só pra se pegar e tal?

H: Por ser irmã, eu ficava preocupada. Mas aí eu pensava que eu fazia a mesma coisa, então tudo bem.

E: Você fazia a mesma coisa com algum primo também?

H: Hum...Não, na verdade meus primos são muito mais novos. O único primo que eu fiquei foi um dos primos lá do Líbano.

E: Desses daqui (apontado para a família paterna que mora no Líbano)

H: É, eu fiquei com o do meio.

E: O Enid?

H: É. Mas, assim...fiquei uma vez só. E muito mais por curiosidade do que qualquer outra coisa. Mas de ficar com primo, nunca...Na verdade, a maioria sempre foram muito mais novos que eu. Então nunca rolou nada...

E: Você é a mais velha dos primos, ne?

H: É.

E: E como você vê o casamento dos seus tios?

H: Depende, oh...Do Helio é mais ou menos igual ao do meu pai, sempre muito...sempre com bastante discussão, sempre com bastante briga. Apesar de que eles não fazem isso na nossa frente, mas eu sei de historias que contam. Meu tio é bastante grosso, assim estúpido, no jeito de falar tal, e... E as pessoas da minha família abrem muito a mão de muita coisa pra fazer tudo que todo mundo quer. Então por exemplo, minha mãe deixa de fazer o que ela gosta, porque meu pai não quer. Entendeu? E da mesma forma meu pai faz coisa que minha mãe gosta pra tentar agradar e tal. Nada muito absurdo, mas eu acho que as vezes tem um pouco de exagero. Tipo, você deixa demais de ser você pra ser quem o outro quer que você seja.

E: Entendi. E você deixa de ser a Haydée?

H: Deixava, deixava sim, antes de toda essa história de eu querer ir pra saúde, que eu comecei a ver que isso me sufocava muito e não me fazia bem, eu deixava. Tipo, eu era muito o que eles queriam que eu fosse. Perfeitinha, bonequinha, num sei que, nhemnhem e tal. E a hora que eu fui mostrando que não era bem assim, foi bem difícil, assim, principalmente, acho que o ponto chave foi a questão da profissão. Putz, não vou fazer o que vocês querem. E ai, não é só meus pais que ficaram bravos. Ai, a família inteira, entendeu?

E: E dos seus outros tios, como você vê o relacionamento da Suzana e do Leon?

H: Da Suzana é assim, é mais tranquilo. O marido dela é mais, ele...apesar de ele ser libanês também, ele é de outra família, teve uma criação um pouco diferente.

E: Então ele não tem o mesmo sobrenome?

H: Não. Ele teve uma criação um pouco diferente, ele tem um outro olhar pras coisas. Então por ela ser mulher, ela respeita o que o homem fala. Entendeu? O que meu tio disser, ela faz. Independente de ser contra o que a família diz ou não diz, enfim, ela assume o que ele quer.

E: Aqui também tem o mesmo sobrenome? (Apontando para a família da tia Suzana)

H: Não. Só o miolo aqui. (apontando para o meio do genograma.) (Risadas). E o do Leon, o do Leon é engraçado. Eles parecem ser muito tranquilos, assim entre eles, mas por exemplo, eu percebo que eles dão comandos diferentes pros filhos. Então, por exemplo, a Paula deixa eles fazerem uma coisa e o Leon não deixa. Isso no mesmo momento. Ai um fica des-dizendo o que o outro disse. Sabe assim? Bem contraditório. Informação dupla o tempo todo pra criançada. Meus primos são bastante mimados. Até porque são os mais novos da família, então todo mundo fica em cima. E eu acho que tem uma coisa que é super importante, e que é uma coisa que sempre me incomodou muito é a grosseria. Minha família inteira é estúpida assim no jeito de falar. Eles falam independente de você quer ouvir ou não e é de um jeito muito grosso, então “ah, você tá feio, você tá gordo, você tá isso, você tá aquilo” entendeu?

E: Entendi. A Tamara também obedece o Hélio?

H: Também. Cede bastante...

E: A sua mãe também?

H: Apesar que ela ainda é de bancar assim, [a Tamara], a família dela também é libanesa, é mais...

E: É todo mundo libanês na sua família?

H: Do lado de cá é. (família paterna). Então, meu pai saiu um pouco da vertente, minha mãe é... nasceu aqui, mas os avós dela são italianos. Então é o que sai um pouquinho da...

E: E ela também obedece teu pai?

H: Na maioria das vezes, sim. Mas meu pai também muitas vezes cede pra ela.

E: É uma coisa meio mútua ne?

H: É. Não me parecer ser um absurdo, entendeu? Mas pra mim já é muito. Eu num, eu acho que eu não escolheria esse tipo de relação pra mim, pelo menos não desse jeito mais extremo, entendeu?

E: Como foi crescer nessa família?

H: Oh, quando eu era criança, trabalhado em análise, claro, ne? (risadas). Quando eu era criança eu sempre fui muito, assim, insegura, eu sempre achei que eu nunca conseguia fazer nada, sempre achava que eu era muito burra, sempre nada dava certo, e tal num sei que. Eu tinha uma dificuldade na escola muito grande, tanto é que eu fiz trabalho assim, desde pequena, desde a sexta série fazia professora particular, psicopedagoga, enfim, porque eu tinha muita dificuldade e sempre muito por conta de insegurança, não por não saber ou ter dificuldade, mas por medo. E eu acho que muito disso é por conta desse formato dessa minha família. Então você não pode fazer nada, você não pode sair daquilo ali. Então é meio que você sempre acaba sendo tido como que é incapaz. Além do que é proposto pela família você não consegue fazer, entendeu?

E: Entendi. E a Luana e a Ana? Também tinham o mesmo problema?

H: Não. Elas se encaixam melhor, elas ficam bem com isso. Elas não é uma coisa que aparentemente não incomoda tanto a elas.

E: A Luana também obedece o Jairo?

H: Não tanto, a Luana já é mais, já briga mais assim, já briga mais de frente com ele. Na verdade, o que acontece assim, ela, é muito grudada nos meus pais, sempre foi desde pequena. Tanto é que ela tem medo de viajar absurdo, ela tem piripaque pra viajar, ela tem crise, ela chora muito, mesmo agora. Ela foi pra lua de mel quase morrendo é que o Jairo foi legal e super apoiou e ficou do lado dela e ela foi.

E: Então a relação dela com seus pais é bem próxima?

H: É. Entendeu? A Ana é mais tranquila de ir e tal.

E: Mas você tava falando que ela era super ligada nos seus pais, e ai...

H: Não, aí por exemplo, ela tem muito medo de viajar, ela vai. Mas vai chorando, ela entra em pânico, ela tem vários sintomas assim, mas meu, trabalhar pra quê, ne? Ir pra psicólogo porque a irmã falou não precisa, ne?! Eles são muito contra essa parte, eles acham que psicologia, psiquiatria são coisas que não existem, entendeu? (rindo) Digamos que, eles acham que nunca vai acontecer isso com eles. Minha avó um tempo atrás, a o que, uns três anos atrás....

E: A Raina?

H: A Raina. Ela tava em depressão, tava com problema de estômago, com uma depressão grave, a psiquiatra tinha falado, eles não aceitaram, só que era uma dor de estômago passageira, ela ficou muito mal por um tempo. Até um dia que ela caiu, quebrou a perna e passou a depressão. Mais ou menos isso, porque ela não aceitava tomar remédio, não aceitava nada e ela tava piorando. Eu não sei se foi coincidência do momento, só sei que por algum acaso ela conseguiu sair dessa situação sem fazer um tratamento adequado, entendeu? Graças a Deus porque se não ela já tinha...já era, numa situação dessa.

E: Ela também obedece o Robert?

H: Direto. E meu vô é extremamente ciumento e ta pior agora, que ta ficando mais assim, 86 anos, já não tá mais tão bem, então ele tá pior. Ela...ele vai vigiar ela quando ela faz a unha porque ele acha que tem um homem com ela, olha isso. E ai você fala, eu falei isso pro meu pai, já falei isso pra minha avó, que eu acho que ele devia procurar um médico especialista ou um psiquiatra ou um geriatra, porque ele tem acompanhamento com um clinico geral, ne? Mas, eles acham que não, que ele sempre foi assim, então que num...entendeu? Mas ela também não aceita, ela “ah, deixa assim, deixa do jeito que tá”, entendeu? Pra ela também, ela acaba sendo ...é acaba sendo bom pra ela também ele ter ciúmes dela pra ela não é tão ruim assim, ne? Só que eu percebo que ela sofre bastante com isso.

E: E como é a relação da tua mãe com eles? Com essa família?

H: Então minha mãe acabou se adaptando a essa família. No começo, pelo que minha mãe me conta, ela era muito rejeitada, minha avó nunca gostou dela, na verdade, até por ser brasileira, ne?

E: Mas todos eles aqui nasceram no Líbano?

H: Não. Só meu pai e meu tio. Na verdade, meu pai e meu tio nasceram lá mas moraram aqui sempre, entendeu? O Helio e o Kalil. Eles nasceram lá no Líbano mas moraram aqui a maior parte da vida deles. Acho que eles tiveram uns dois anos que eles ficaram num internato lá. Mas ela, hoje em dia ela se dá super bem assim, não tem problema nenhum, mas ela super se adaptou a família.

E: E como era a relação da sua mãe com a sua avó?

H: Mãe dela?

E: É. Mãe dela.

H: Era, sempre foi muito boa. Sempre foi muito tranquila, minha mãe sempre, assim, ficou junto com a minha avó, ajudou muito a minha avó em tudo, ne? Meu primo, eu lembro de quando a minha avó já tava, meu primo, ó, opa meu tio Mario, o irmão da minha mãe, eu lembro que a hora que a minha avó tava...minha avó já tava bem mais velha e tal, ele ficava muito irritado, porque ela já não escutava, já não enxergava, ele falava uma coisa, ela não entendia e ele era muito grosso com a minha avó, a gente ficava...eu ficava muito puta com ele, assim, nunca bati boca porque era meu tio por uma questão de respeito e acho que é um problema deles e quem tem que se virar é eles, não tem o que fazer. Mas me incomodava bastante isso.

E: Como era a relação deles dois, dos dois irmão a Raquel e o Mario?

H: Nossa se dão super bem. Tem uma questão aí financeira importante, que eu acho que pode ser importante aí pra pesquisa é que é assim: a família da minha mãe sempre teve uma condição financeira muito baixa e a família do meu pai não. Isso sempre foi um peso muito grande pra minha mãe. Então, meu pai já ajudou a família da minha mãe e...só que assim, meu pai é meio contra ajudar esse meu tio, irmão da minha mãe, porque segundo ele é um vagabundo e não faz nada, porque ele trabalha com informática, isso eu esqueci de te contar. E aí pro meu pai assim, quem trabalha com informática não faz nada, entendeu?

E: Entendi.

H: Ou seja, tudo que é fora do que eles acreditam que é bom, é não fazer nada ou não serve pra nada, sabe?

E: Denise trabalha?

H: Denise, trabalhava num buffet infantil mas agora ela trabalha, como se diz quando você faz as coisas em casa, é...tipo peças artesanais em casa....

E: Tipo biscuit?

H: Ela faz colar, brinco, bijuteria, só que ela vende na casa dela, assim. Mas é dona de casa na verdade.

E: E os seus primos a Nadia e o Mário?

H: A Nádia é contadora e o Mario, ele fez adm. Mas os dois tão bem, os dois trabalham, não tem uma...

E: E tua relação com eles?

H: É mais distante um pouco. A gente se vê pouco, até por conta de trabalho um monte de coisa, a gente acaba se vendo pouco. Mas sempre foi muito boa, sempre gostei muito deles, sempre me senti muito a vontade, mais na casa da minha avó por parte de mãe do que da por parte de pai.

E: Você falou que todo mundo é engenheiro ou arquiteto, e os primos?

H: Também. Oh, o Helio tá terminando faculdade de engenharia; o Bruno tá fazendo engenharia também; o Saulo ainda não entrou na faculdade mas provavelmente vai fazer engenharia também, porque já falou porque não tem outra opção. A Lara é advogada que é uma que saiu também, foi fazer outra coisa. O Renato fez engenharia; e a Silvia arquitetura.

E: Então engenharia masculina e arquitetura feminina?

H: Tirando meu tio Leon, é. Não, tirando minhas irmãs também...

E: É verdade. Como são as relações de poder nessa família?

H: Como assim?

E: Como elas existem, ne? Quem tem o poder?

H: Quem tem dinheiro.

E: é?

H: é.

E: E todas essas famílias são bem de grana?

H: São. Tirando a família da minha mãe, da família do meu pai todo mundo tá bem.

E: Teria alguém nessa família que você teria como um casal modelo, um casal assim legal?

H: Deixa eu pensar.

E: Não precisa só ser da família, pode ser alguém de fora assim...Alguém que você tenha visto e tenha pensado que é um casal legal.

H: Oh, não é que é modelo, mas uma das relações que eu acho que é um pouco mais pacífica assim, um pouco mais equilibrada, é do meu tio com a minha tia, da Denise com o Mario, o irmão da Raquel, que é o da minha mãe. Mas não é modelo é só mais tranquilo assim, eu percebo que a cumplicidade é muito maior do que a necessidade de ficar cedendo a toda hora. Claro que eles cedem um pro outro, senão você também não vive, mas eles tem uma relação mais tranquila, assim de...me parece que eles aceitam muito mais a diferença da outra pessoa e acham isso bom, entendeu? Do que os outros casais que eu conheço, então, “ah, você não pode ser diferente, você tem que ser desse jeito, entendeu?” o deles me parece que é: “ah, tudo bem, você fez isso mas...”. Mas aí também, só que, eu tenho muito contato com eles, mas não tanto quanto eu tenho com a família do meu pai.

E: Me parece que esse negocio do ser diferente é um negocio bem...

H: Bem marcante pra mim isso.

E: É pra ti. Como seus pais se conheceram?

H: Na faculdade. Minha mãe fazia...eles faziam faculdade na Mauá, ali na...não, mentira na de Mogi das Cruzes. É faculdade Mogi num sei que lá. Faculdade de Mogi das Cruzes, eles se conheceram no trem.

E: E eles namoraram quanto tempo?

H: Putz, não sei quanto tempo eles namoraram, não tenho ideia.

E: Você sabe como foi mesmo que eles se conheceram no trem, alguma história?

H: Jogando mau-mau. (risadas). Agora não sei se minha mãe ou meu pai que jogava mau-mau, e um sentou pra jogar e ficou lá. E aí, eles começaram a pegar o trem sempre juntos, tal num sei que. E...e aí acho que minha mãe, pelo que me lembro da história ele deu o telefone pra minha mãe, o telefone dele pra minha mãe, minha mãe não ia ligar, quem ligou pra ela foi uma amiga dela que ligou se passando por ela, pra poder encontrar com ele (risadas).

E: Teria um modelo de relacionamento nessa família?

H: Pra mim ou no geral?

E: Que você vê, algum modelo de relacionamento?

H: Hum...não, não sei, pera aí...Na verdade, assim, se eu fosse pensar por exemplo, num relacionamento meu agora, se eu me casasse com alguém ou se eu namorasse alguém, eu acho que eu não ia querer fazer nada do que eles fazem. Queria fazer uma coisa totalmente diferente.

E: Sair de novo?

H: É, sair de novo. Porque é, num sei, eu sinto muito pesado assim, é muito, é...é sempre você tá na obrigação de ceder pro outro e não por prazer, assim, não, sabe assim? Puta não sei explicar melhor isso...Mas não tem um modelo que eu fosse...putz, esse casal faria igualzinho. Não to falando que todos eles são ruins, mas funciona, do jeito deles mas funciona, só que o jeito deles eu não gosto tanto assim.

E: Não tem nenhuma separação, ne?

H: Não, não pode.

E: Como assim?

H: Na verdade assim, poder pode, porque você não vai ficar obrigado a casar com a pessoa, mas a cultura da família, minha família nesse ponto, é...meu pai é muito católico, então assim, separar então é meio absurdo. Desquite....Tem a separação daqui, que é a da Sarah, que lá no Líbano foi mega impacto. Assim, que todo mundo ficava perguntando, porque pra eles lá é muito mais absurdo do que pra nos aqui, pra nos aqui é super comum.

E: Quantos anos ela tem mais ou menos, você sabe?

H: Ela tem uns 29 – 30, que ela é mais velha do que eu.

E: E você sabe quanto tempo a Sarah ficou casada com o primeiro marido?

H: Dois anos. E ai ela morou aqui no Brasil esses dois anos e ai ela voltou pra lá. Quando ela se separou.

E: E ai agora ela casou de novo.

H: E ai agora, o marido dela mora na Alemanha, porque ele trabalha lá, e ela vai pra lá vê-lo enquanto eles num se organizam. Porque faz pouco tempo que eles casaram, então enquanto eles não trabalham no mesmo lugar, eles fazem isso, pegam as férias e vão ver o outro.

E: E a Sarah trabalha com o que?

H: A Sarah fazia biologia molecular, só que ela dava aula, também. Mas agora eu não sei o que ela tá fazendo, ela tinha mudado de trabalho. E ai eu não sei o que ela...

E: Então a única separação que tem aqui é essa?

H: E a do Leon que foi meio inexistente.

E: Mas ele chegou a morar com essa moça, você sabe?

H: Não. Não que eu saiba.

E: E você não tem contato com ela.

H: Não. Tenho assim, tenho ela no facebook, mas não tenho contato com ela.

E: E ele tem contato com ela?

H: Que eu saiba não, só com a mãe por e-mail pra pensão, essas coisas...mas ele não tem contato nenhum com ela. Olha...tem uma outra parte da família (risadas). Tem uma outra parte da família que é bem legal. É assim, a....pera ai. O Robert ele tem um sobrinho que foi casado, ele chamava Jacob e a mulher dele chamava Helena. E eles moraram aqui no Brasil, e eles tiveram três filhos também, três filhos homens que moram em Vitória. E os três são casados, não faz tanto tempo também. E ai são relações legais, são relações mais saudáveis.

E: Ah, entendi. Então tem pessoas aqui que tem relacionamento mais saudável?

H: É. Mas também eu fico muito distante deles, eu não sei de verdade até onde é o que eu vejo e até onde eles mostram.

E: Mas é o que a gente percebe...Quem foi uma figura forte de amor e inspiração pra essa família e pra ti?

H: Como assim?

E: Uma figura que expressasse amor, que tivesse...fosse amorosa...

H: Pra mim é minha avó. Na verdade, a minha avó e esse meu, que seria meu primo também, que é o sobrinho do meu vô, que mora em Vitória.

E: Então ele é?

H: Ele é sobrinho do meu avô. Filho do irmão do meu avô. E ai os três filhos: um chama Jaques...

E: OK, tá.

H: Não eu falei fora de ordem, põe o Raul, que é o mais velho. O Jaques é o do meio e o mais novo é o Michel. E eu sempre tive uma relação muito legal com o Jaques, de assim, de muito próxima, de gostar muito dele.

E: Quantos anos ele tem? Ele tem tipo a idade do seu pai?

H: Não. Ele é bem mais novo. Agora ele deve tá com uns 40.

E: E esse irmão do Robert tá vivo ainda?

H: Não. Ele e a mulher dele morreram num assalto. Quando eles eram pequenos, quando meus primos eram pequenos. É que eu falei deles porque eles são pessoas que...

E: O pai deles é mais novo que o Robert?

H: É, não sei quantos anos.

E: E eles moram em Vitória?

H: É, o Jaques mora em Vitória, o Raul mora em Cuba agora porque ele é diplomata e o Michel mora aqui em São Paulo.

E: E ai eles casaram agora que você tava dizendo?

H: Ah, faz uns 5 anos, mas é recente.

E: Então tua relação sempre foi próxima com o Jaques. E ele que tinha um relacionamento que tu achava legal?

H: É.

E: E ele que casou faz pouco tempo.

H: É que eles casaram todos meio que próximos, um seguido do outro, faz uns 5 anos mais ou menos.

E: Entendi. Eu acho que é um emaranhado do jeito que você falou.

H: Eu falei pra você.

E: Mas é normal, é família assim é assim mesmo.

H: Se fosse normal não tinha graça.

E: As pessoas que você acha que são bem amorosas pra ti é a Deise e o Jaques.

H: É. O Raul e o Michel também são. É que a minha relação com o Jaques sempre foi muito mais próxima. Tipo, de eu chegar uma época assim, e achar que eu tava apaixonadinha por ele, meio adolescente apaixonada. Isso porque eu não via ele com frequência, a gente se via muito no final do ano, quando eles tinham férias e vinham pra cá e passavam o Natal aqui. Mas, deles também, tanto do Raul quanto do Michel, eles sempre foram muito próximos, muito carinhosos. Isso apesar da distância.

E: E pra essa família, teria alguém que fosse inspiração?

H: Pra eles?

E: Pra essa família aqui (apontando para a família toda). Ou até pra você, que fosse inspiração...

H: Então, eu não sei, oh. Todo mundo sempre, os pais deles que eram o Jacob e a Helena, eles sempre falam muito bem deles assim, eram muito, extremamente inteligentes, extremamente carinhosos, que se davam muito bem, que cuidavam muito bem de tudo, ne? Mas eu não sei se seria uma inspiração. Mas...mas é por aí.

E: Você sabe desse relacionamento? Do seus avós. (maternos)

H: Sei, meu vô, eu...eu não sei afirmar se é isso, mas pelas historias que contam, porque também sempre, mesmo assim...mesmo melhor do que esse lado daqui, também tinha coisas escondidas como todo família tem. Eu acho que ele era alcoolista, porque todo mundo sempre fala dele bebendo, dele bebendo muito, ne? E...e a minha avó nunca gostou de sair de casa. Então meu vô, ela ficava arrumando a casa, mesmo de final de semana porque ela queria, e mandava meu vô ir pro bar ficar com os amigos dele, porque ela preferia ficar em casa, ela não queria sair de casa. E minha avó era...quantos anos mais velha que meu vô? Minha avó era acho que 10 anos mais velhas que meu vô. Só que eu não lembro...Era bastante diferença.

E: E eles se davam bem? Tem alguma...

H: Então parece que é isso da situação deles. Parece que eles se davam bem, mas não sei tanto assim dessa parte.

E: Que mais você pode me dizer da sua família ou que você queira me dizer da sua família?

H: Hum...É...eu tenho a sensação que a relação da família do meu pai ela é mais superficial assim, ela é...você num conhece direito a pessoa porque ninguém se mostra muito, sabe? Até por conta de precisar seguir um padrão.

E: Então você acha que são unidos mas superficiais é isso?

H: É, a fachada é toda bonitinha entendeu? Mas de verdade rola ciúmes, inveja, ne?

E: Se você tivesse que dar um nome, uma palavra, uma frase, uma expressão pra sua família...O que você diria?

H: Sei lá...deixa eu ver...acho que eu diria um bloco.

E: Um bloco?

H: É. Acho que como eu vejo eles, todo mundo andando junto o tempo todo, fazendo tudo junto, fazendo a mesma coisa, sabe assim? É meio que uma trama, uma teia e não tem muito pra onde sair.

E: Pra onde você queria sair?

H: Pra onde eu queria sair? Você diz em que sentido de...?

E: No sentido que você quiser...Na profissão você já rompeu.

H: É...acho que agora no relacionamento. Era um lugar que eu precisava sair assim...que eu num...eu num quero...Pra eles o ideal pra mim seria eu casar com um cara que é libanês, num sei que...com dinheiro...

E: Tipo o Jairo?

H: Tipo o Jairo...

E: O Jairo é engenheiro ou arquiteto?

H: Não. Mas ele é comerciante. Ah, e o marido da minha tia também. O Sayd que é marido da Suzana também.

E: Bem libanês, ne?

H: Bem libanês, ne. Só que não é isso que eu quero pra mim. Nada contra ele ser libanês, o problema assim é essa estrutura e ter que ser isso porque eles acham que isso é bom. Entendeu? E ai qualquer coisa que fuja disso é ruim...E isso é uma coisa que eu num...

E: Você já conheceu algum libanês?

H: Já.

E: Namorou com algum?

H: Cheguei a ficar por um tempo, acho que uns três meses. Mas num rolou. (risadas) Acho que eu percebo que, na época eu fiquei meio com medo assim, não contava pra ninguém que eu tava saindo com ele. Porque é muito assim, você tá saindo, você já ta quase casada com a pessoa, entendeu? É meio que...é...você não tem a parte de sair, conhecer e talvez namorar. Você tá saindo, já ta namorando e daqui a pouco você vai casar, entendeu?

E: Com a Luana foi assim?

H: Não porque ela saiu escondido com meu primo. Porque assim, esse meu primo, apesar de ele ter a família libanesa ele é daqui. Então já tem outras características, já é muito mais tranquilo.

E: Então quer dizer que eles resolveram namorar, quer dizer, quando eles assumiram pra família eles já tavam namorando?

H: Já faz tempo, fazia muito tempo.

E: E a Ana?

H: A Ana tá tentando se encaixar. Ela procura ali um cara com dinheiro, que tenha mais ou menos o perfil que a minha família gosta, que ela gosta também. Não to dizendo que não é o que ela quer, ne, mas que pra ela isso é legal.

E: Você ainda tem ajuda financeira dos seus pais?

H: Tenho. Tenho...até um tempo atrás, até fevereiro eu tava num CAPS infantil, e até ai eu conseguia me organizar, pagar minhas contas. Mas ai, o que aconteceu, como eu quis sair de lá pra investir aqui [na clínica], ai eu precisei da ajuda do meu pai. Porque também até você conseguir um fluxo legal de pacientes você precisa de ajuda, e ai ele topou me ajudar numa boa. Agora ele gosta, ele acha que vale a pena, ele acha legal, então é bacana assim...Não é nada... não é ruim isso ai...Como é que se diz? Isso não me sufoca mais, já sufocou antes, já foi uma coisa que me incomodou muito mais.

E: Eles ajudam a Luana também?

H: Não. Ela se vira junto com o Jairo.

E: E a Ana?

H: A Ana também, totalmente. Na verdade, a Ana tá trabalhando com meu pai e a Luana também e meus primos também.

E: Quer dizer que todo mundo aqui (família paterna) trabalha junto?

H: É. O Saulo e o Bruno ainda não. Mas o Hélio, sim.

E: O Renato e a Silvia?

H: O Renato e a Silvia, não. Porque eles trabalham com o pai deles na parte de comércio, apesar de terem feito outra coisa. E a Lara trabalha junto com eles porque é advogada e ai ajuda eles na parte.

E: Mas o Hélio trabalha com o Kalil.

H: O Hélio, o Kalil e o Leon juntos. E a Suzana ajuda o marido dela na loja.

E: Perai, o Helio, o Kalil e o Leon?

H: É, o Kalil, o Helio e Leon trabalham juntos nessa construtora na parte de engenharia. A Suzana já trabalhou com eles, mas hoje em dia ela tá com meu tio, Sayd, o marido dela, que trabalha com comercio. Ela fica na loja com ele. Vou contar uma coisa que eu não sei se é interessante pra sua pesquisa. Eu tive um deja-vu absurdo agora. Com essa cena, de eu te falando isso. Dessa parte de, de questão financeira sufocar antes, agora não...nossa...E eu achei que já te conhecia, sabe?!

E: Vai que era isso que você tava precisando...

H: Talvez.

E: Mas o que mais você ia dizer?

H: Não, era isso.

E: Do deja-vu?

H: É.

E: Que mais que podemos dizer aqui?

H: Você já viu aquele filme casamento grego?

E: Claro.

H: É a cara daquela família. É a cara. Aquele filme casamento grego, na época que eu assisti eu fiquei muito irritada assim, porque eu me via muito nela, putz. Fiquei muito incomodada. Hoje em dia não, isso já não me incomoda mais, tenho outro visão disso. Acho até que por conta da análise e tal, mas é muito engraçado.

E: Que realmente assim, é uma família bem unida e é bem tradicional, pelo visto.

H: É.

E: É católico ortodoxo?

H: A família do Sayd é católico ortodoxo, a minha é católica maronita. E a família da minha avó, oficialmente, é católica. Mas eles são mais prum espiritismo.

E: Eu não conheço católica maronita.

H: É que na verdade, a católica maronita é a católica da igreja do Líbano, que é o de São Barun, fica ali na Liberdade. Ela tem alguma coisa diferente, acho que o ortodoxo não segue o papa, eu não sei direito porque eu não gosto dessa parte religiosa não. E a família da minha mãe é espirita.

E: Sua mãe também?

H: Não. Minha mãe é católica.

E: O que mais que você pode falar? Você falou que uma marca da família é que eles são meio grosseiros. Isso vale para todo mundo?

H: Todo mundo. É o jeito de valorizar desvalorizando. Por exemplo, é...por exemplo, a brincadeira deles é sempre zoar a parte ruim, então, “ah porque você é gorda”; “ah porque você faz coisa errada”; “ah, porque você é burro”, entendeu? É só taxativo da parte negativa. Tudo o que você fala é meio idiota. Sabe assim?

E: É engraçado porque essa família toma de conta, ne?

H: Toma de conta mesmo.

E: E a sua mãe fez uma profissão parecida com a sua. Ela nunca exerceu?

H: É...Não acho que no começo ela exercia até ela casar com meu pai, até ela engravidar de mim, acho que ela deve ter trabalhado uns dois anos. E, aí ela engravidou e parou de trabalhar.

E: E hoje em dia? Nem com seu pai ela trabalha?

H: Não. Ela ajuda de vez em quando as minhas irmãs, alguma coisa assim, acompanha em obra, alguma coisa assim, mas ela não trabalha.

E: Essa família mora perto?

H: Toda a família mora perto. Todo mundo mora em Moema, que fica tudo perto. Só a Luana que foi morar um pouco mais longe. Por exemplo, a gente tem casa no Guarujá, o sonho do meu pai sempre foi pegar a casa e fazer uma casa gigantesca pra caber todo mundo. Entendeu? Só que lógico ninguém nunca deixou, até que enfim ne?

E: Quem nunca deixou?

H: Sei lá. Vão fazendo coisas pra isso não acontecer. Meu pai tem um jeito de pensar que ele acha que todo mundo junto é a melhor coisa do mundo, só que a maioria das pessoas não acham. Acham que assim, tá bom, já tá junto demais, ne? E aí, ele gosta, ele queria que fosse assim, só que cada um tem a sua casa, cada um quer ter seu espaço, num sei que, pelo outro lado.

E: De onde você acha que veio isso do seu pai?

H: Sinceramente? Eu acho que foi muito da época que ele tava no internato. Ele ficou lá com meu tio, meio que quase abandonado, porque aí meu vô veio pra cá com a minha vó, de novo, porque eles precisavam ganhar dinheiro aqui, porque não tinham dinheiro pra sustentar todo mundo, e ele ficou lá no internato junto com meu tio e eu acho que isso pra ele foi um baque muito grande, apesar de ele não admitir e dizer: “não foi a melhor coisa que aconteceu na minha vida, aprendi tudo naquele internato”.

E: Ele ficou quantos anos no internato?

H: Acho que ele ficou dois anos no internato. Ele e o Helio. Isso no internato lá no Libano, e aí quando eles voltaram pra cá já tinham esquecido todo o português, aí faz aula pra aprender português de novo.

E: Eles falam português ou em árabe?

H: Eles falam português e árabe também, mas tem um sotaque em árabe. São mais português que árabe. Meus avós tem um sotaque muito carregado em português.

E: Como foi pra ti ver essa trama?

H: Foi engraçado. Eu sabia que era complicado mas não sabia o quanto. É que eu já tinha feito uma coisa desse tipo por conta da análise, da...

E: Você ainda faz análise?

H: Faço.

E: Você quer passar pra outra parte? Pras perguntas?

H: Pode ser.

2º Parte: Entrevista

E: Como você percebe o casamento?

H: Qualquer casamento ou algum casamento específico?

E: O casamento.

H: O casamento em si. Hum...não me...não vejo como uma coisa muito legal...assim, não é uma coisa que eu falaria nunca vou casar, mas também não é uma coisa que eu falaria: “puta quero muito casar”. Tipo, ok. Se acontecer, for uma proposta bacana, uma pessoa com uma relação legal, não é que eu não vou pensar nisso, nem falar, nunca quero casar na vida, mas, não é uma coisa que eu fale assim: “putz, meu sonho”, como muitas mulheres pensam, meu sonho é casar e ter filho, não, não é.

E: Das suas irmãs era?

H: Da Luana sim. E eu acho que da Ana também. Num sei da Ana direito, mas eu acho que sim também. Mas meu nunca foi. Na verdade, acho que meio por conta disso, dessas relações muito conturbadas e muito pesadas, que tipo...é, num...é que eu acho que sempre vi meus pais brigarem muito e sempre me intrometi muito. Quando era criança eu sempre me intrometi muito nas brigas deles, acho até que por conta de...analiticamente falando, uma questão de Édipo mal resolvida assim, (risadas). Então, isso eu acho que pesava muito. Então não é uma coisa que eu fale “putz que legal, um casamento”, bom pra você, entendeu?

E: Tua relação com teu pai é mais próxima, porque tu disse que com a tua mãe é um pouco superficial, vocês não conversam muito e tal...Com teu pai é mais próxima?

H: Um pouco mais, mas não, por exemplo, é...é mais próxima, mas, assim por exemplo, eu não conversaria de relacionamentos com ele. Mas é próxima no sentido que eu consigo sentar e conversar, eu tenho, por um lado ele é muito parecido comigo, ou eu sou muito parecida com ele, de jeito, de pensar, de jeito de fazer as coisas, e...só que pro outro lado, como os meus valores são muito diferentes do dele e do da minha mãe também, mas principalmente do dele, a gente briga muito. Até que agora a gente não briga mais tanto assim...

E: Você e seu pai brigam muito?

H: É. Mas é interessante é uma briga que a gente fica eternamente discutindo, mas a gente nunca brigou “ah, não vou mais falar com você” de ficar com raiva, é uma briga de discussão, assim, eu gosto muito de argumentar e ele também, então a gente fica eternamente na discussão sem fim, assim, numa boa. Eu acho bacana minha relação com ele, por um lado, acho que é legal.

E: Entendi. O que você entende por união estável e união consensual?

H: Puta, não sei...União estável é que independente de você tá casado no papel, na igreja, no civil e tal, você tá...você mora com uma pessoa. Assim, uma união estável a partir de um tempo que você mora com uma pessoa já é uma união estável independente da, da...independente se você é casado no civil ou não tem papel nenhum ou não é casado na igreja, acho que é isso. E qual que é a outra que você perguntou?

E: Consensual.

H: E consensual eu não faço ideia. (risadas)

E: E o que é amor para você?

H: Puta, complicado pra caramba. (risadas) Amor é...me pegou de calças curtas agora. Amor eu acho que pode ter diversos assim, eu acho que não existe um tipo de amor só, eu acho que, você já viu um vídeo no youtube que fala de... poliamor? Você já viu alguma coisa disso?

E: Já, já sim.

H: É uma coisa que eu acho muito legal de se pensar, mas eu não conseguiria fazer, ta? Mas assim é...no sentido assim, de você conseguir amar duas pessoas ao mesmo tempo e ter relação com as duas pessoas ao mesmo tempo, ne? Eu acho isso muito legal, a teoria disso é muito bonita, de você assim, poder se dividir, você num...num precisar ter necessariamente um ciúmes da outra pessoa, ne? Assim, o fato da pessoa tá feliz, te faz feliz, ela não precisa ser só sua, mas eu não faria um negócio desse, porque eu já não dou conta. Eu sou ciumenta, eu gosto da pessoa só pra mim (risadas), não gosto de dividir, ne? Então, acho que...me faz sentido, por exemplo, você ter várias formas de amar, não necessariamente, você pode amar mais de uma pessoa, de formas diferentes, você pode ter relações diferentes, e...não deixa de ser amor. E não necessariamente o amor não é um homem e uma mulher que vão ficar juntos, ou uma mulher e uma mulher que vão ficar juntos ou, enfim, não é só a parte de casal, entendeu? Te respondi?

E: Acho que sim. Porque essa história do Poliamor tem a ver com o Amor Livre, ne? De tipo, que você ama e tem relacionamento com aquela pessoa, mas você pode ter relacionamento com outras pessoas, mas dentro, tem todo um contexto, não é você sair com todo mundo.

H: É não é por exemplo uma relação aberta, liberal. Eu acho bacana a ideia. Mas, eu não daria conta não.

E: O que você acha do relacionamento aberto?

H: Eu gosto bastante da ideia, mas eu num... Eu gosto bastante da ideia pra mim, entendeu? Mas não acho que isso seja...eu não diria para a pessoa: “ah, você pode ter um relacionamento aberto” (risadas) entendeu?

E: Você teria um relacionamento aberto?

H: Não, não teria. Eu gostaria pra mim, por exemplo, eu ficar com uma pessoa e se eu tivesse a fim de ficar com outra, eu ir lá e ficar numa boa, entendeu? Mas...me colocando no lugar da outra pessoa, a outra pessoa é...podendo fazer isso, já me causa ciúmes, já me causa insegurança ai eu não gosto.

E: Entendi.

H: Eu acho que com relação a amor eu sou extremamente insegura.

E: Amor?

H: Com relação a amor, digamos, homem e mulher. Amor casual, não só amor de outros amores. Eu percebo que eu sou muito insegura, assim, de...de ficar com o pé atrás muito fácil, sabe? De qualquer coisinha achar que não é muito aquilo, que tem que mudar, que num é por ai, entendeu?

E: Tem a ver com a próxima pergunta...Como você percebe os seus relacionamentos amorosos?

H: Então...hum...eu acho que eles são bastante extremos assim. Ou gosto muito e quero ficar muito com a pessoa, ou percebo que não gosto da pessoa e acaba, não é uma coisa que vai levando, entendeu? E eu acho que faço muito isso, de botar um ponto final em muita coisa. De toda hora tentar resolver, de não tá bom, isso aqui não tá legal, não é o jeito que me faz bem, então eu boto um ponto final rapidinho. Entendeu? Claro que é um custo alto, que não é que eu faça isso com a maior facilidade do mundo, ne, mas, acho que é isso?

E: Então diferentemente daqui (família) que tenta dar um jeito, você nem tenta dar um jeito?

H: É. Isso eu to me superando agora, to tentando ficar um pouco mais...Porque assim, não dá, não vai ser perfeito, entendeu? A gente...tem coisas que não vão dar certo, tem coisas que não vão ser legais, tem coisas que vão ser. Então acho que por ai eu acho interessante, você ter uma certa tolerância, assim, não...não deu certo isso, então eu caí fora e não quero mais nada com a pessoa. Ah, não deu certo, vamos ver o que que daria certo, como é que dá pra fazer diferente, uma coisa assim.

E: Tu tá com alguém agora?

H: Então, não namoro com alguém agora, mas eu fico com uma pessoa um pouco mais fixa.

E: Faz tempo que vocês estão ficando?

H: Uns três meses.

E: Mas vocês ficam com outras pessoas também?

H: Então...eu fico com outras pessoas, mas não, ai entra a questão da insegurança, porque o que acontece, é...essa pessoa nesses últimos dias tava com um problema maior, porque ele tem um filho e tem uma ex-mulher no meio e tal...Enfim, tava numa parte de conflitos, só que assim, é...me deu um bolo umas sete vezes e eu fiquei muito puta com isso. Ai, eu já...já queria, já era minha vez de botar um ponto final, num ia mais querer nada e tal num sei que, mesmo gostando da pessoa, ne? Só que eu fico, por conta de ficar esperando, tal e a pessoa tipo, marca depois e no ultimo minuto desmarca, num sei que, eu estava extremamente insegura. Dai que que eu fui fazer, fui ficar com outras pessoas porque senão isso me angustiava muito. Acho que entrou numa neurose minha, sabe? E, por isso que eu tenho ficado com outras pessoas, mas...Na verdade, eu nem...eu estaria bem só com ele. É mais uma insegurança minha e eu percebo que ai eu tiro o foco e não fico mais tão angustiada, do que realmente porque eu gostaria de ficar com outras pessoas, entendeu?

E: Entendi. Como fica o casamento dentro da tua compreensão de relacionamento amoroso?

H: Fica péssimo. (Risadas)

E: Como assim?

H: Não, to brincando. É...eu não sei. A sensação que me dá casamento é de uma obrigação, entendeu? É...eu posso tá falando besteira, porque provavelmente é...sei lá...Assim, eu acho que como é uma questão muito mais social do que de parceira, é uma questão de mostrar pra todo mundo que você tá casado, pelo menos a impressão que eu tenho, não é assim, tão de...Sei lá, é que eu não vejo isso como uma coisa, não é isso que vai dizer se eu gosto ou não da pessoa, se eu amo ou não uma pessoa. Vai muito além disso. É...eu poderia amar uma pessoa e não tá casada com ela, entendeu? Eu poderia casar não amando, o que acontece com uma certa frequência.

E: Isso aconteceu na tua família?

H: Então...não se sabe. (risadas)

E: O que tu acha?

H: Eu acho que sim. Por exemplo, quando meu vô casou com minha vó, eu não sei se minha vó amava meu vô. Pô, primeiro cara da vida dela e meio que na época funcionava muito casamento arranjado, né, então não sei se eles já se conheciam antes, se eles já se gostavam antes, se eles gostaram depois. A maioria provavelmente foi assim, dessa parte dos meus avós, antes dos meus bisavós era muito assim. Isso lá no Líbano.

E: Essa conta tá errada. (Tempo de casamento dos avós paternos)

H: Porque?

E: Porque se teu tio tem 58, eles não tão casados há 56, eles casaram antes.

H: Então eu não sei. Então perai, deixa eu ver o que faz mais sentido. Meu pai eu sei que tem 56 porque ele tem a idade da minha mãe. Meu tio ele não é muito mais velho que ele, então essa conta tá errada.

E: Então deve ser 58 aqui, pelo menos.

H: Vou perguntar e te mando depois. (risadas)

E: E aí você achava que a sua vó não...amava seu avô?

H: Não sei. Não sei dizer, na verdade assim, o que minha avó diz disso, minha avó nunca disse que não gostava do meu avô, a única coisa que minha vó diz é que foi o primeiro cara que ela ficou, né? Que beijou, que transou, enfim, que só foi depois do casamento e...e ela fala pra gente não fazer isso, entendeu? Pra conhecer outras pessoas, num sei que, paquerar, que só pode paquerar. Só que assim, minha avó é contraditória pra caramba, como tudo isso que você tá vendo. Quando a gente era, não era criança, era adolescente, tinha uns 13/14 anos, minha avó virou pra gente, virou pra mim e pros meus primos, a gente tava sentado todo mundo junto conversando. Ela disse “olha, preciso contar uma coisa pra vocês, não pode deixar passar a mão se não, cai”. Porque a gente tava todo mundo começando a ficar mais adolescente com uns assuntos mais assim e ela ficou preocupada, então o jeito dela de dizer “puta não vai sair transando por aí”...”não pode deixar passar a mão se não cai” (risadas)

E: Entendi. E seus pais? Você acha que teve isso também?

H: Não. Meu pai amava muito a minha mãe e acho que minha mãe também.

E: Não ama mais?

H: Não sei. Eles só brigam assim, num sei. Eles se ama senão não estariam juntos, mas acho que, é...a tolerância é muito menor hoje em dia assim. Eles estão juntos...do meu ponto de vista eles estão juntos muito mais por conveniência pros dois, porque por qualquer outra coisa. Pelo que eu ouço minha mãe falar e ouço meu pai contar. Mas se você perguntar isso pra eles, eles vão dizer que não é nada disso que eles se ama sim. O que eu não duvido, eles podem se amar, só que não é...Muitas vezes chega uma hora que não dá e sei lá. Só que pra eles isso não existe, então eles continuam juntos.

E: Seu pai também foi o primeiro da sua mãe, você sabe?

H: Foi. Não, sei se ele foi o primeiro cara com quem ela transou, segundo ela foi, só depois do casamento, mas ela teve outros namorados. Ah, teve uma coisa que eu esqueci aqui embaixo [no genograma]. A mãe e o pai do Jairo estão separados.

E: Alguém separado nessa família. Faz tempo?

H: Faz. Bastante tempo já. Mas ela esperou os filhos dela crescerem, pelo menos os dois mais velhos se casarem, para poder separar dela.

E: Então quer dizer que eles [irmãos do Jairo] também são casados?

H: É. Esqueci de avisar, desculpa. Esqueci completamente deles. O Julio tem 2 filhos, uma filha e um filho e a Beatriz tem 2 filhos, dois meninos.

E: E eles tratam bem essa família que é separada? O fato de eles serem separados aceitam numa boa?

H: Não aceitam numa boa, tratam bem porque são parentes, mas não aceitam numa boa. Tem um preconceito bem grande. É...meu pai bota a culpa na minha tia, que eu chamo ela de tia, dizendo que ela que...que ela foi um absurdo ela se separar dele, porque uma mulher tem que aguentar o marido. Essa é a fala do meu pai, tá? Meu tio, o Zefa que era casado com a Bruna, era bastante agressivo assim. Então essa história não vaza. Pelo que as pessoas me contam, me parece que já chegou a bater nela. Porque ele ia bater na Beatriz que na época casou com um cara que ele não queria que ela casasse, né e ela sumiu e foi morar com o cara. Na verdade, ela nem casou, ela foi morar junto com ele e...e aí, ele foi bater nela e a minha tia defendeu. E aí foi meio que a gota d'água e aí eles meio que se separaram. Meu tio, meio que é uma pessoa que bebe muito, então nas festas, ele causava nas festas, e ela não gostava.

E: Ele também é uma pessoa bem...ele queria que ela obedecesse ele? Ou não?

H: Não, não era isso. É que ele fazia de um jeito que é...ele é muito, putz, como é que eu vou explicar. Pra gente ele era muito legal, muito divertido, muito engraçado, só que pra ela não era tanto. Então, por exemplo, é que me marca muito as festas, quando a gente ia com ele pras festas, assim, dele beber muito, de cair, de...e dela ficar muito mal por conta disso, né? Ele num...Eu não sei, ele não se caracteriza como um alcoolista, mas...né? Enfim...

E: Onde estávamos? Como ficava o casamento dentro da sua compreensão de relacionamento amoroso?

H: O que eu já falei mesmo?

E: Tu já pensou em casar?

H: Já. Mas num é um super desejo assim. Já pensei como é que seria, puta, se um dia surgisse alguém e eu resolvesse casar. Mas nunca foi assim, uma coisa assim, “puta, eu quero muito alguém pra casar”, entendeu? Eu quero alguém pra conhecer, pra ficar junto, se eu achar que é legal e que pode ser uma possibilidade e a pessoa quiser também, acho que a gente pode ver. Não é uma coisa que eu diga que nunca vou fazer, mas não é o desejo assim, não é o projeto de vida, entendeu?

E: Ter filhos?

H: Já pensei em ter filhos, mas de verdade eu tenho medo de ser mãe, assim. Eu acho que talvez por ter trabalhado no CAPS, eu vi muita mãe muito louca, eu fiquei com muito medo de ser igual, então...Eu acho que deixa assim por enquanto.

E: Como seria o casamento ou o relacionamento ideal pra ti?

H: É...relacionamento ideal? Ah, acho que é uma relação de confiança, de parceria, de...de cumplicidade, de troca, de uma...assim, de um respeito muito grande. Acho que acima de tudo muito mais o respeito que qualquer outra coisa, né? É...respeitar o jeito do outro, né e respeitar o seu próprio jeito dentro dos limites da pessoa, dentro dos seus limites. Ninguém é perfeito, então vai dar merda em algum momento, normalmente dá, só que, assim...tem uma certa, respeitar mesmo aquilo que a pessoa dá conta ou não de fazer, sei lá.

E: Parece que teu relacionamento ideal é um pouco distinto daqui [família]?

H: É. Bem distinto. Eu fiz assim oh: eu vi como é que funcionava aqui, peguei falei não vou fazer nada disso, nada disso, nada disso, vou fazer diferente (risadas).

E: E o que você pensa sobre a infidelidade?

H: Eu acho que é falta de respeito. Eu acho que pra mim a coisa principal seria o respeito entre as pessoas, tanto na questão da diferença, na questão é...de, sei lá, de...de olhar da pessoa e tal, tanto...esqueci, me perdi inteira...

E: Você tava falando que achava a infidelidade uma falta de respeito....

H: E ai, falta de respeito pra mim é intolerável. A falta de respeito com o trabalho do outro, ou com o que a pessoa escolheu fazer ou com quem a pessoa escolheu ficar, é...eu acho muito grave assim. Então entra nessa parte do muito grave.

E: Você disse que seu pai hoje em dia aceita numa boa e te apoia e tal. E o resto da família aceita o que você fez?

H: Bastante. Eles gostam bastante hoje em dia.

E: Teve algum caso de traição que vocês souberam na família?

H: Hum-hum. Nunca nada sabido.

E: Nem desconfiou?

H: Não. A única questão era essa da filha do meu tio.

E: Você sabe quanto tempo eles estão casados?

H: Sei. O Leon tem 7, quando eles casaram...deve fazer uns 10 anos, mais ou menos.

E: Então nada que vocês saibam de infidelidade e esse caso não é falado [tio com a filha fora do casamento]?

H: Não. Mas, eu, até onde eu sei, ele falou pra Paula, antes de casar com ele. Mas não é falado pro resto da família.

E: Como você percebe a compreensão que teus pais tem do casamento, amor, das relações amorosas e da infidelidade?

H: É...assim, segundo meu pai: “casamento é uma vez só na vida”, entendeu? Então não existe separar. Claro que ele não vai ficar, por exemplo, ele não acha...por exemplo, se a pessoa te bate, se a pessoa é agressiva num sei que, obvio que ele não vai querer que você continue com a pessoa, mas casamento é uma vez na vida e é pra sempre, ne? E...meu pai é interessante, ele fala que...to falando muito do meu pai porque acho que é quem mais...nesse sentido acaba sendo quem mais conversa comigo, ne? Porque os outros falam, mas num...é mais meu pai. Por exemplo, a ideia dele é que mulher precisa trabalhar sim, precisa ter independência dela isso é interessantíssimo, é a atitude dele, mas ai, quando ele entra ali numa questão familiar, o que ele fala é assim: “acho que mulher tem que ficar em casa e com os filhos”.

E: Então ele acha que a Luana tinha que ficar em casa?

H: Não. Ele diz isso, mas a atitude dele é outra. Ele quer que ela tenha a independência dela, assim como ele quer a minha também, da minha irmã também. E a fala dele pra gente é assim: “ não vocês tem que ter a independência de vocês, tem que trabalhar no que vocês quiserem, vocês não podem ficar em casa porque isso não faz bem” mas quando tá no meio de mais gente: “não porque tem que cuidar de filhos, porque....” entendeu?

E: Tem que ser como a Raquel?

H: É. Acho que é isso.

E: E pra sua mãe?

H: Pra minha mãe? Minha mãe é um pouco mais tranquila nesse sentido, ela não, ela assim...Ela acredita que casamento é uma vez só, mas ela é um pouco mais tranquila de pensar assim: “ah, se precisar separar, separa”. E qual o problema? Isso pra gente. Mas ela nunca separaria do meu pai. E ela já disse isso. Até porque ela não saberia nem o que fazer, sem ele. Entendeu? Então ela depende totalmente dele, financeiramente, de qualquer decisão,

de tudo ela depende dele. Então, ela fica nessa relação por conta dessa dependência. Na verdade, é o que eu interpreto do que ela me diz, tá?

E: É isso mesmo.

H: Mas...e ela acha que, por exemplo, eu e minhas irmãs temos que casar com um cara que tenha grana, que faz x y coisas e tem que ser libanês. Porque ela acha que isso é bom.

E: Mesmo ela sendo italiana?

H: É porque ela se adaptou bem. Ela fez um curso intensivo assim...

E: Até o nome ne?

H: É...Eu não sei porque o nome dela é Raquel.

E: E esse teu nome do meio é por causa do teu pai?

H: Sim. Assim, lá no Líbano, toda família libanesa se conhece, então eles sabem que você é filho de fulano de tal pelo sobrenome. Então todo filho tem o nome do pai no meio. Por exemplo, eu sou Haydee Kalil, a Luana é Luana Kalil, a Bruna é Bruna Kalil. Por exemplo, meus primos: Bruno Helio, Saulo Helio, etc...

E: E não tem sobrenome da mãe?

H: Não. Apaga o sobrenome da mãe. Minha mãe não tem sobrenome. Ela é Raquel Maria, porque Maria é nome, e o sobrenome do meu pai. É uma família muito louca por causa da cultura.

E: Diferente isso. Você falou isso do seus pais que casamento é uma vez na vida. E pra ti?

H: Não. (risadas) Ah, eu não acho, não vejo isso. Não funciona muito conto de fadas comigo, sabe? Não que eu não acredite, não que eu não ache bonito, eu acho legal eles serem casados há muito tempo, acho que é...acho que é muita tolerância você estar casado há tanto tempo com a mesma pessoa, acho isso bacana, mas eu não acho que...por exemplo, eu não...eu não colocaria isso acima de tudo, entendeu?

E: Entendi. Mais alguma coisa que você queira dizer? Comentar?

H: Ah, meu pai tentou juntar eles por muito tempo, [Zefa e Bruna], mesmo depois de separados. Sempre tentava colocar os dois no mesmo lugar, e eles não se falam até hoje.

E: Faz tempo que eles estão separados?

H: Faz. O filho mais velho da Beatriz tem 7/8 anos. E ela deve ter casado com o marido dela antes do Leon casar, eu acho. Deve fazer mais de dez anos, eu não sei quanto tempo faz. Mas foi mais ou menos nessa época, que foi quando eles se juntaram, porque eles não chegaram a casar-casar, que ela se separou dele. Porque ele expulsou ela de casa. Eu não sei da história direitinho porque ninguém conta nada direitinho. Mas eu sei os boatos, é o que vaza. Você sabe o que vaza, você não sabe o contexto todo. Acho que é isso.

E: Tem mais alguma coisa?

H: Não.

E: Como foi fazer isso pra ti?

H: Muito louco, muito legal. Adorei. Achei divertido. É muito interessante contar a história inteira da minha família. Porque as pessoas perguntam, mas você conta os pedaços e tal, alguma coisa assim...Você não conta assim, inteira, inteira, porque é muita coisa.

Participante F - Francisco, 31 anos, solteiro, nascido em São Paulo, formado em engenharia, mas trabalha na área artística.

1ª Parte: Genograma

E: Então vamos lá, vou começar te desenhando. Tem irmãos?

F: Tenho um irmão, um ano mais velho.

E: Qual o nome dele?

F: Rodrigo.

E: E teus pais?

F: Meus pais: Ruth e Gilberto.

E: Quantos anos a Ruth tem?

F: Ela tem...os dois são de 52. Então...52 com 50 dá 2002, 60....62. Eles vão fazer 62, então eles tem 61.

E: Os dois tem a mesma idade?

F: É.

E: E eles ainda estão casados?

F: Estão casados. Graças a Deus.

E: Quanto tempo eles estão casados?

F: Ah, quanto tempo? Eu acho que eles devem ter casado por volta de...Se eu sou de 82, meu irmão de 81, eles devem ter casado em 79, eu acho.

E: 79 para 2009 é 30...

F: 33 anos..

E: É, não, 35!

F: É, 35 anos.

E: E seus avós?

F: Meus avós por parte de mãe é Tomás e Cintia. O Tomas é...

E: E eles ainda estão vivos?

F: Meu avô Tomas ele morreu antes de eu nascer. E a minha avó ela tem...ela acabou de fazer 84 anos?! Ela é de 26, eu acho...Não! Ela é de 29!

E: E seus avós por parte de pai?

F: Meus avós por parte de pai é Gilberto também e Isabela ou vó Belá.

E: Gilberto também...

F: Já morreu.

E: E quantos anos tem a vó Belá?

F: Eu acho que se a vó Cintia tem 84, a vó Belá tem 82, eu acho.

E: E você sabe quando seu avô morreu? Você conheceu?

F: Não. Meu avô morreu eu tinha, eu tinha menos...devia ter uns 5 anos. Sei que eu tinha menos de 7 anos. Acho que ele morreu ai, por volta de 88.

E: E, você tem tios por parte de pai/mãe?

F: Minha mãe é filha única. Meu pai acho que tem mais 5 irmãos. É o Zé, Duda e o meu pai.

E: São mais velhos?

F: Não. Tem uma mais velha e o resto é tudo mais novo que ele.

E: Você sabe o nome da mais velha?

F: A mais velha é a Ingrid.

E: Ela é casada?

F: Ela é casada com o Bruno.

E: Você sabe a idade dela?

F: Ela deve ter, se meu pai tem 61, deve ter uns 63 assim.

E: E os irmãos?

F: Os irmãos depois o mais próximo do meu pai é a Nair... Não, não é o Zé. José. Eu não sei a idade, assim pra baixo. Ai depois a Nair e depois o Eduardo.

E: Eles são casados, seus tios?

F: É, são. Todos. Ah, não. A Nair não é casada. O José eu não sei se ele é casado, casado, mas ele mora com uma mulher. Não sei se...acho que ele casou sim.

E: Eles tem filhos?

F: Não, eles não tem filhos. O José não, especificamente.

E: E a Ingrid tem filhos?

F: A Ingrid tem, um filho que já morreu que é o Tiago. E a Helena.

E: Você sabe a idade da Helena?

F: A Helena deve ter uns 34/35, por volta disso. Ela é mais velha que eu e meu irmão.

E: Ai o José não tem filhos...

F: O José não tem filhos, a Nair tem a Antonia, ela é solteira hoje em dia

E: Ah, ela é separada?

F: Só que ela casou duas vezes. Ela tem a Antonia de um casamento e a Denise de outro.

E: Ela separou, ne? Do primeiro casamento é a Antonia. Quantos anos tem a Antonia?

F: A Antonia tem por volta de 35, não sei exatamente quantos.

E: Ai, do outro casamento ela teve...

F: Do outro casamento ela tem a Denise.

E: E hoje em dia ela é separada?

F: É. Denise tem uns 20 anos.

E: E o Eduardo?

F: O Eduardo tem 3 filhos. Ele é casado com a Juliana e tem 3 filhos que são: A Mel, Melina, Gabriel e Daniel.

E: Nessa ordem?

F: É! Nessa ordem. O Daniel é o mais novo.

E: Você sabe as idades?

F: Putz, eu não sei. A Mel deve ter uns 22 também, o Gabriel uns 18 e o Daniel uns 15, 14, sei lá.

E: E a sua família toda é daqui de São Paulo?

F: Minha mãe e meu pai são daqui de São Paulo. Minha avó (materna) é italiana. Minha avó Cintia, ela nasceu na Itália. Meu avô Tomás é de Belém do Pará. E minha avó Isabela é daqui de São Paulo e meu avô Gilberto é de Maceió, Alagoas. Não necessariamente de Maceió, uma cidade do lado.

E: E como é tua família?

F: Eu sinto ela bem tradicional, assim. Pelo menos dessa fatia, minha família nuclear mais próxima. Pai e mãe, assim. Eles são assim...considero é...bem sucedido no modelo da família nuclear, assim.

E: E o que tu chama de família nuclear?

F: É essa coisa do pai e da mãe viverem juntos assim, e estarem casados sobre o mesmo teto e criarem os filhos juntos e da...né...na mesma casa. Meu...Por parte de mãe, meu avô e minha avó eles eram atores, meu avô inclusive é bem famoso. Conhece o Tomas? Sua mãe deve conhecer, porque ele é das antigas. Porque ele morreu antes de eu nascer, ele morreu, sei lá, por volta de 76, eu acho, sei lá...E...então eles se separaram quando a minha mãe era relativamente jovem.

E: E eles voltaram a viver juntos?

F: Não. Nunca mais viveram juntos. Meu avô Tomas inclusive morava no Rio e minha avó morava aqui.

E: Quantos anos tinha sua mãe, mais ou menos?

F: Ela devia tá na faculdade, ela devia ter por volta de uns 20, quando eles se separaram. Então, meu avô ficava no Rio e minha avó ficava aqui e minha mãe ficava aqui com ela, fazia faculdade aqui, estudava aqui e tudo, só que ia é...Por parte de pai eu acho que também é meus avôs viveram casados até meu avô morrer, dessa forma.

E: E o Tomas teve outra pessoa?

F: Casado não.

E: Mas ele morou com outra pessoa?

F: Não. Que eu saiba não. Assim, não oficialmente, tipo, porque ele era artista e tinha essa coisa, ne? Ele era uma figura pública também. Então ele não morou com outra pessoa, mas ele morava no Rio e minha avó aqui.

E: E sua avó?

F: Minha avó também não. Nunca mais, por incrível que pareça. O meu pai é que brinca que, porque minha avó é atriz e depois ela foi pra área de direção assim, ela não trabalha muito e ela só conhece o meio do trabalho dela. Meu brinca que até hoje todos os homens que estão em volta da minha avó são homossexuais. São os gays velhos artistas (risos). E minha avó nunca mais, minha avó é mais assim...é uma pessoa especial, nesse sentido ne?

E: E do lado do seu pai? A família dele?

F: Do lado do meu pai é...era uma família muito rica, a família do meu pai aqui em São Paulo. E era muito rica e foi dividindo as heranças e foi dividindo a família assim. Então é, eu acho que no caso dos irmãos do meu pai eu acho que cada um teve um destino mais ou menos assim, que eu possa chamar de sucesso ou fracasso. Também é que eu não vejo como sucesso e fracasso não, mas sucesso e fracasso em relação a um modelo, que nem eu acredito também assim, ne? Então não acho que fracasso seja ruim. Mas, então eles tiveram várias, várias, acho que cada um tem uma história que dá pra contar assim. A minha tia Ingrid ela era casada, ah, tem uma observação, o Tiago e a Helena não são filhos do Bruno. Eles são filhos do primeiro marido da Ingrid, que chamava Tomás também e ele morreu também já. Então a Ingrid teve esse lance do...da morte desse marido dela e esse marido dela, eles eram muito ricos porque esse marido...Primeiro que a Ingrid já era de uma família que era tradicionalmente rica e ela casou com um cara, esse Tomas que ele trabalhava em Bolsa de Valores essas coisas e tal, então eles tinham uma vida, ela ainda tem uma vida muito luxuosa, porque também o Bruno é um super executivo, mas quando o Tomas morreu, o Tiago e a Helena era muitos pequenos. O Tiago devia ter uns, sei lá, uns 15 anos e a Helena devia ter uns 13 assim, eles eram meio que adolescentes assim, então foi um momento conturbado na vida deles, na história pessoa da vida deles, assim. Tanto que o Tiago morreu assim, o Tiago teve um, muitos problemas de identidade, dessa coisa de perder o pai assim, a gente sente isso, assim. Que ele sempre foi depois disso um adolescente, um jovem meio problemático, assim na visão dos meus pais, dos meus avós e tal, que não sabia o que fazer da vida e...é...isso ne? E ele acabou morrendo cedo de um aneurisma que acho que foi complicação de coisas de, de drogas ne? Nessas coisas assim... Ele teve uma vida meio conturbada. E essa foi uma marca da família da Ingrid. Depois ela casou com o Bruno e vive até hoje com o Bruno que é um executivo e a Helena já tá casa também com o...Vincent e eles tem dois filhos, que é o Jean e Pierre, são pequenos tem, sei lá, 3 anos, 4 anos. Então é isso. O José ele também, ele era músico. Hoje em dia ele trabalha com paisagismo e tal, mas ele era músico, tentou a vida de músico quando era jovem e, também se envolveu com bastante coisa. Demorou pra casar, demorou pra se formar, ele foi começa a trabalhar mesmo assim, só quando ele tinha uns 40 anos assim, mas ai ele foi pro lado da agronomia, fez faculdade de agronomia, começou a trabalhar com coisa de cana-de-açúcar, hoje em dia ele trabalha com coisa de paisagismo. Ele é casado com essa mulher dele, que eu esqueci o nome dela agora. Acho que ela chama...não sei...Que ela é paisagista e eles trabalham juntos. Mas ele assim foi uma pessoa que demorou a casar, tipo, meu pai foi dos

irmãos o que escolheu o caminho mais certinho, assim. Meu pai foi o mais assim, casou, fez medicina, se formou em medicina...

E: Então seu pai é médico?

F: Não. Ele não é mais. Meus dois pais se formaram médicos. Eles se conheceram na residência, mas eles...nenhum dos dois pratica mais. Meu pai hoje ele cria peixes, ele é fazendeiro. Só que meu pai trabalhou muito tempo como executivo de indústria farmacêutica, trabalhou com coisa de laboratório, de fertilização, trabalhou com coisa assim, mas na parte gerencial, de executivo. E minha mãe virou pesquisadora e ela dá aula hoje em dia de microbiologia em uma universidade, ela virou acadêmica. Então meu pai foi esse que seguiu esse caminho mais certinho e tal. O meu, a Nair se casou duas vezes, hoje em dia não é mais casada, é separada duas vezes. Então ela também sempre teve uma...Eu vejo isso de um jeito muito natural. Eu, eu...ouço desde pequeno do meu pai uma visão muito taxativa em relação ao José, a Nair e ao Duda, o Eduardo. O Eduardo casou com a Juliana, ele sempre foi casado com a Juliana e ele morava no interior de Goiás numa fazenda que a minha família tinha. E a Juliana é de uma família muito humilde de Goiás e meio que a filha do capataz da fazenda, (risos). Só que o tio Duda foi morar nessa fazenda porque ele meio que não sabia o que fazer da vida, não queria,.. ele surfava, era meio músico também, mas não era tão... Meu tio José é mais músico de estudar mesmo. O Duda era um playboy. Ele entrou nessa vida, ele surfava, fazia musica e tal, não sabia o que queria da vida direito e, ai foi morar nessa fazenda, tentando cuidar dessa fazenda e não conseguiu muito, e eles até tiveram que vender essa fazenda e hoje ele mora em Brasília e, ai ele fica pulando de coisa. Fica fazendo concurso pra ver se arranja emprego.

E: Então ele mora em Brasília, ne?

F: É! O Eduardo mora em Brasília. O resto todo mora aqui. Então ele fica, assim, ele não se formou em nada, não fez faculdade, então ele presta uns concursos, ai ele as vezes abre uns negócios de, de agricultura assim...ele tava trabalhando com orgânico esses dias. Antes ele tinha umas máquinas que faz terraplanagem, ele vai meio que pulando de bico em bico.

E: E os avós aqui, o Gilberto e a Isabela? Eles fazem o que?

F: É...o Gilberto que era de Maceió, ele que veio...Os dois era um casamento de famílias ricas assim. Então o Gilberto que era de Maceió, a minha família tinha uma usina de açúcar lá, que vendeu faz uns anos assim. Então o Gilberto era um desses filhos da usina que era um dos sócios fundadores de uma marca de açúcar daqui, de São Paulo. O meu pai quando era pequeno, assim, até a juventude dele, a infância inteira dele, meu avô era o Gilberto do açúcar, por isso eles eram muito ricos, e ai depois vendeu essa sociedade do açúcar e foi ai meio que... é um período muito traumático pro meu pai, que ele conta, ne? Quando eles deixaram de ser uma família super rica, milionária e passaram a cada um ter que administrar seu dinheiro, ainda sendo muito ricos, mas cada um administrando o seu. E a minha avó Isabela era de uma família rica daqui que tinha alguma coisa a ver com essa coisa do açúcar, mas eu não sei exatamente o que era, assim... Mas a minha avó sempre foi mais assim, dondoca. Sempre foi mulher de família rica. Então ela tinha umas coisas de igreja, ela fazia essas coisas, nunca teve uma atividade realmente profissional assim.

E: E você e o Rodrigo? Rodrigo faz o que?

F: Rodrigo é artista plástico e ele dá aula hoje em dia, na escola onde a gente estudou. Ele dá aula de educação artística. E ele é formado em comunicação social, e ele trabalhou um tempo em agência, com criação, desenhando, só que...assim, eu me formei engenheiro e depois decidi ser artista. Eu costumo dizer que o artista da família é o Rodrigo assim, porque ele desde criança tinha esse lado sensível e artístico muito a florado, e ai ele me inspirou em muitas coisas dessas, ne?

E: Como você disse que é a relação de vocês dois?

F: Ela é distante, mas não é...num é uma distancia por não gostar. A gente se gosta muito mas a gente não se fala muito. Se fala quando a gente se encontra durante a família, e oi que legal. Mas a gente não é próximo assim, do dia a dia.

E: E do seu pai e da sua mãe? Quem é mais próximo.

F: Então, essa historia de eu ser artista foi uma coisa que me separou muito deles, assim, porque foi uma decisão que eu tomei e tive que me separar deles e agora eu tenho me aproximado mais, nos últimos anos. Tem sido um pouco mais legal. Desde que eu sai da casa deles...

E: Quando você saiu de casa?

F: Eu sai em 2009, fim de 2009 para 2010. Desde que eu sai e eu sai pra ser artista, pra ir morar num lugar onde a gente ia trabalhar e foi pra dividir uma casa ali e foi pra começar um negócio de trabalhar com isso e tal, e isso foi um momento conturbado e também conturbado não só, assim logico que uma coisa influencia na outra, mas também pelo período de vida da minha mãe e do meu pai e acho que minha mãe sentiu mesmo essa coisa de que o filho cresceu. E foi muito doloroso pra minha mãe esse processo todo, porque eles são muito, é... eu sinto, que tanto meu pai quanto minha mãe, os dois cada um por um motivo tem traumas na vida, que fazem com que eles é... se sintam bem nessa coisa de ter sucesso nisso que te falei, de ter sucesso na família nuclear. Então eles prezam muito isso, apesar de eles sempre terem sido muito livres com a gente, eu não acho que a gente tenha tido uma educação autoritária nesse sentido...Nunca foi...é... o meu pai era a figura um pouco mais autoritária da casa e tal, mas mesmo assim eles sempre educaram a gente a pensar livremente assim, ne? Mas eles tem esse trauma também, essa coisa de responsabilidade, de trabalho, de dinheiro, de o que você vai fazer da vida, o que você vai ser na vida, isso é uma questão muito...e eu acho que cada um é explicável isso, tanto a minha mãe por ter tido pais artistas e que se separaram muito cedo e que conviviam num meio que a minha mãe acha isso tudo “ai essa coisa de droga”, “esses artistas loucos” minha mãe tem meio medo disso, ne? É...e o meu pai por essa questão de ele ter tido uma infância muito rica e muito confortável e ter visto tanto o que aconteceu com os irmãos dele, como o que aconteceu com a família em geral quando se perde dinheiro, quando se, ne essas coisas assim. Então acho que isso também doeu pra ele nesse lado, que ele teve que acordar, montar a vida dele, hoje em dia o apartamento que ele mora ele comprou com o dinheiro dele, ele é todo orgulhoso nesse sentido assim. Então eu ter saído de casa, tanto eu quanto meu irmão, a gente é... demorou muito, eu não digo que demorou, mas era um conflito com os meus pais o que a gente vai ser da vida assim.. Porque meu irmão ele sempre foi...ele tem um talento artístico incrível, mas ele nunca, ele...falta alguma coisa pra ele ser um...pra ele encarar a vida de ser artista mesmo assim, e que ele, as vezes...ele normalmente não quer ser só artista, ser um pintor. Mas, ele pinta, desenha, ele escreve, faz um monte de coisa, mas ele sempre ficou nisso...Ai foi fazer comunicação social, ai trabalhou um tempo na publicidade, só que ai ele não tinha o perfil de trabalhar com publicidade e ele não tinha o perfil, dessa coisa de trabalhar com prazo, da competição e do num sei o que, então ele sofria muito e ai ele não sabia se fazia um mestrado, e acabou fazendo um mestrado em artes, ai agora ele tá trabalhando na escola e tá muito mais realizado. Porque meu irmão, ele herdou um pouco disso dos meus pais dessa...de gostar das coisas certas e de ter uma garantia, de ter a vida assim, bem organizada...

E: O Rodrigo é casado?

F: Não. Ele namora com ha muito tempo com a Deia, Andreia, eles namoram acho que faz uns 6 anos.

E: E você?

F: Eu não, não namoro. Eu assim nunca namorei muito tempo, ne? É...então, eu tive um ultimo relacionamento que terminou, assim, terminou faz uns 2 anos já, mas ele carregou ainda muitas sequelas até pouco tempo atrás, assim, ne? Mas, eu assim, nunca namorei mais

de dois anos. Meu namoro maior eu acho que namorei 3 anos, por ai, não mais do que isso. E as vezes indo e voltando assim.

E: E porque você acha isso? Que foi assim?

F: Eu não sei. Eu...é uma boa questão assim, ne? Porque...pra mim sempre foi. Eu nunca me considerei muito afortunado nesse ramo da vida quando era muleque, ne? Nessa coisa de primeiro beijo ou primeira transa ou primeiro num sei que... Sempre foi assim, porque sempre fui muito tímido, ne? E...e ai, eu fui começando a...além disso eu sempre tive uma ideia um pouco mais libertária de relacionamento. Não no sentido de relacionamento aberto propriamente dito. Se bem que eu já pensei muito nisso e eu já assim, tentei pensar nisso, nunca realmente pratiquei isso de verdade, mas sempre foi uma questão de: “é um relacionamento, não é”, “é aberto, não é”. E eu sempre tive essa visão de que as pessoas tem que ser livres e nunca gostei assim de,... Sempre sou uma pessoa sozinha e gosto de ser sozinho, ne? Então eu acho que um relacionamento tem que ser um lugar onde as pessoas estão confortáveis e não tão precisando do outro, que as pessoas se somam. E não tem nem assim, nem por um lado um negocio de posse, sentimento de posse pela outra pessoa, nem sentimento de carência, de necessidade. Acho que são os dois lados da mesma moeda, ne? E eu sempre acho que isso, não digo que eu não tenho isso, porque eu sou muito carente, muito carinhoso, muito ciumento, sei lá. Mas que isso deva ser combatido, nos limites da lógica. Entre a lógica e o sentimento.

E: E no caso, além dos seus pais teve mais algum casal, alguma figura que assim que fosse presente pra ti?

F: Ah, não sei. Porque a gente mudou bastante de vida. Porque quando eu tinha uns 7 anos, meus pais, a gente se mudou pra Colômbia, e eu morei 5 anos na Colômbia. Tipo, de 89 a 94, eu morei na Colômbia. Então eu fiz lá do pré até a 4ª série. Ai depois a gente voltou aqui pro Brasil, então tem toda...a gente mudou de escola bem ali no pré já mudou, ai quando tá chegando na quinta série ai muda de novo, acho que...Não sei o quanto isso contou.. Pra mim, eu sinto isso muito positivamente porque é um desprendimento que você...E assim, me ensinou a conhecer pessoas diferentes e ter essa habilidade.

E: E você falou muito que um relacionamento tem que se somar, não é isso? Você acha que seus pais eles se somam? Como você vê o relacionamento dos seus pais?

F: Acho. Eu vejo o relacionamento dos meus pais como uma coisa muito assim...caso de sucesso mesmo, eu diria. Porque eles se gostam muito. Eu nunca presenciei eles brigando. Quando eu era pequeno, menos ainda. Porque...eles costumavam esconder, assim costumavam proteger a gente muito. Isso eu acho que foi um dos, um dos pontos fracos da educação deles. Não digo falha porque cada um tem seus motivos. Mas eu digo assim, eles sempre protegeram muito a gente. Tanto do relacionamento deles, como de todos esses outros relacionamentos da minha família.

E: Então vocês eram muito vocês?

F: A gente era muito fechado a gente, assim... A gente com as respectivas avós. A minha avó Cintia, ela é mais participante, porque teve um devido momento que meu pai brigou com a minha avó, mãe dele. Então a minha avó Cintia ela é muito participante assim. Acho que a minha avó Cintia eu vejo mais do que a minha mãe. Porque de vez em quando eu almoço com ela e tal. E teve um momento da vida que meu pai brigou com a minha avó Isabela aqui, e meio que parou de falar com ela, e... Hoje em dia assim, ele ainda é meio brigado com ela, mas é mais tranquilo mas a minha avó, ela acabou.. a nossa relação acabou ficando meio distante por isso, assim.

E: Então a relação de vocês é um pouco distante?

F:É um pouco distante.

E: E com esses tios então...(paternos)

F: Com esses tios é mais distante ainda. A gente sempre foi muito fechado assim...Ai, eu tenho primos da minha mãe por parte dela, é uma família que é um núcleo pequeno.

E: São o que? Irmãos da Cintia?

F:É. Minha avó Cintia tinha um irmão que era o Caio.

E: Ele ainda tá vivo?

F: Não, ele já morreu já. E, os dois vieram da Itália criança, os dois são italianos e aí minha avó só teve minha mãe e meu tio Caio teve 4 filhos. Que é...eu não sei a ordem das idades. Então é: Paulo, Ricardo e Flavia. Três só. O Paulo, o Ricardo e a Fábria. E..O Paulo teve dois filhos, ele casou com a Lais, é casado ainda e teve a Nair e o Otávio.

E: Tem muita Nair, ne?

F: É...tem. O Ricardo casou com Ana Clara e teve 3: a Mariana, a Tatiana e o Samuel.

E: Você não sabe as idades, ne?

F: Oh, a Nair é quase a minha idade, ela é um pouco mais nova que eu, então ela deve ter trinta. O Otávio deve ter uns 27 por aí. A Mariana tem uns 33, a Tatiana tem uns 32 e o Samuel é mais novo que o Otávio então ele tem uns 26/27, sei lá. E a Fábria teve o Saulo e a Giovana. Casou com o Davi e tem o Saulo que é o mais velho dos primos e a Giovana.

E: O Saulo tem quantos anos?

F: O Saulo deve ter uns 34/35, sei lá e a Giovana, é mais velha que eu acho que ela tem 32 também. Então assim, esse núcleo que é dos primos da minha mãe com os meus primos assim é o núcleo que eu convivi mais quando eu era criança. Então assim, quando a gente morava na Colômbia e vinha passar férias aqui no Brasil, eu passava com eles, dormia na casa deles. Meu avô Caio ele tinha um, meu tio-avô Caio, ne? Ele tinha uma casa em Cotia que ia todo mundo, passava o natal, passava essas coisas ne? É.... Porque o meu pai sempre foi, é... mais brigado com a família. Ele é uma figura mais assim...intensa, sentimental assim...Ele sempre foi mais brigado com a família dele. Então a relação...eu tinha relação muito com a família de Maceió. O Gilberto aqui tem toda uma árvore aqui pra Maceió, que acho que é muito longa...

E: Mas se você quiser fazer...

F: Não...acho que não...

E: Era o irmão dele? (avô paterno)

F: É...tinha um irmão que era, chamava Zeca...Todos os irmãos do meu avô já morreram. E tinha as irmãs, que era a Suzana, a Margarida e a Eldinha. Só a Eldinha tá viva ainda. A Suzana e a Margarida já morreram. Então, tudo isso...e essa família abre a árvore pro meu bisavô que teve outro irmão e tudo isso era uma coisa que morava junto nesse lance da usina de Maceió que existia. Era uma usina que meio que polarizava a família toda de Maceió ali. E...também, quando a gente morava na Colômbia que vinha passar férias, ficava em São Paulo com a família por parte de mãe e ia pra Maceió pra ficar com a família de lá. Mas a relação com essa família de Maceió era muito mais assim de férias, ne? De passar 15 dias ali, ir pra praia e tal, dar risada, essa família de Maceió sempre foi muito animada.

E: E eles eram casados?

F: A tia Suzana e a tia Margarida nunca casaram, elas morreram solteiras. E o resto tudo casou. Meu tio Zeca casou com a Tereza, que era prima dele inclusive. Ela era filha do irmão do pai deles. Eles eram meio que primos de 2º ou de 3º grau. E meu avô Gilberto casou com a minha avó e a minha tia Eldinha casou não sei com quem, e eu não sei exatamente quem é filho dele, porque aí junta a família, esses filhos que são do meu bisavô com o irmão do meu bisavô que teve outra árvore ali, que agora eu não vou lembrar os nomes e que junta todo o núcleo da família aqui de Maceió.

E: E hoje em dia você não tem mais relação com esse núcleo de Maceió?

F: Principalmente, depois que vendeu a usina. Essa usina foi vendida meio que tipo em 2008, 2007, por aí assim, rolou esse lance da venda da usina e meio que foi também um outro episódio assim de racha familiar. E eu tenho contato com alguns primos e a gente tem indo

muito menos, a gente ia pra Maceió todo ano quando meu pai tava trabalhando, e era executivo, ne? E a gente morava na Colômbia e ele ganhava melhor e a gente viaja mais. E a partir do momento que ele foi ficando mais velho, ele foi fazendo mais só que uns trabalhos meio de consultoria, ai foi começando a cuidar desse sitio onde ele cria peixe agora. Ai, quando rolou essa venda da usina, coincidiu com o momento que ele foi demitido de um trabalho que ele tinha numa empresa, de executivo, ai ele já tava meio que velho, não tava a fim de, pra ele era difícil ingressar de novo assim, ai ele recebeu meio que uma herança grande desse negocio da usina, investiu nesse sitio e começou a meio que trabalhar com isso.

E: Com os peixes?

F: Com esse investimento da herança e com os peixes. E ai ao mesmo tempo a gente deixou de ir pra Maceió muito, porque também era uma época que eu também já tava saindo da casa deles e a gente não era mais uma família...Ele, ai ele viaja bastante com a minha mãe hoje em dia.

E: O Rodrigo mora com eles?

F: O Rodrigo mora sozinho.

E: Não mora com a Andreia?

F: Não mora com a Andreia. E o Rodrigo demorou mais pra sair de casa do que eu, inclusive. Porque eu sai de casa já em 2009, e o Rodrigo ainda foi fazer um mestrado na Inglaterra e ainda ficou morando com meus pais e tal. Ele saiu de casa acho que faz um ano, pouco mais de um ano assim.

E: E teria algum desses casais dessa família que você tivesse como referência?

F: Eu sempre tive os meus pais como referência nesse sentido assim. Eu digo no sentido do dia a dia deles, porque eles se dão muito bem assim. O que eu falo, eu nunca vi eles brigando, mas eu já senti assim momentos em que eles não estavam bem, mas nunca vi eles brigando. E esses momentos que eles não estavam bem eram por conflitos existenciais deles, e da idade e de coisas assim, e não por conflitos de um não aguentar o outro. Sempre achei principalmente isso. Eles eram referencia contando com todos...em oposição a esses exemplos da família do meu pai, que já foram mais caóticos. Essa família da minha mãe aqui já esta, também é um pouco mais calma nesse sentido, de que os relacionamentos duraram, que os casamentos duram até hoje. É...mas eu sempre tive meus pais como referencia máxima assim em termos de relacionamento.

E: Quem tu acha que foi uma pessoa de referencia e inspiração pra ti?

F: Olha eu tive já várias inspirações em muitos momentos da vida e por motivos diferentes. Esse meu tio José, eu, a minha relação com ele é, não foi muito, acho que de todos esses tios foi com quem eu menos me relacionei, mas como ele era músico e ainda quando eu era pequeno, ele era mais musica, mais assim artista, eu gostava do...tinha ele como referencia assim, ele sempre foi muito, viveu uma vida muito interessante. Ele morou um tempo em Maceió, trabalhando no esquema da usina quando estudava agronomia, num sei que, então ele tinha uma vida natureba, ia pescar, tinha num sei que, ele era todo assim meio...era uma referencia nesse sentido, mas eu nunca convivi muito com ele, principalmente porque o meu pai, meio que, meu pai brigou com toda essa família dele, nesses momentos, e sempre foi passado pra mim e pro meu irmão, eu sinto que de uma forma meio pejorativa isso. Tipo, “pô, olha ele nunca casou, ele não sabe o que quer fazer da vida, ele é um vagabundo...” e porque eles faziam jus a isso, porque sempre levavam uma vida meio complicada mesmo, mas cada um tinha sua personalidade ai, ne?

E: E? Quem mais?

F: E meu tio Caio também, sempre foi uma boa referencia porque ele tinha uma...uma casa em Cotia, que era meio que a casa de férias dessa família da minha mãe que era super legal, era assim aquela coisa que...ele que fazia o papel daquele avô que tem aquela casa que você descobre na garagem seus brinquedos, brinca de nave espacial de sei lá o que, era esse lugar

assim meio mágico, era essa casa desse tio Caio que me conectou com essa família da minha mãe, a gente sempre foi muito mais próxima deles.

E: Você tem contato com eles ainda?

F: Tenho, mas é um contato muito assim de ver em festa de família e só. Não convivo hoje em dia com ninguém da minha família de convivência cotidiana, é mais a minha avó que de vez em quando eu falo com ela, e mesmo assim é uma coisa que eu vejo minha avó uma vez por semana.

E: Quem seria uma figura amorosa? Uma figura que representasse amor nessa família.

F: Ah, minha mãe. Eu quando era pequeno era muito grudado na minha mãe, nesse sentido de filho que fica grudado assim. Eu sempre fui muito grudado na minha mãe e...tenho essa referencia.

E: Tu consideraria esses casais aqui como um caso de sucesso? (Família materna)

F: No sentido amoroso, sim. No sentido de ter um relacionamento sim. Mas eu falo um caso de sucesso, mas eu não digo necessariamente que eu busque esse sucesso pra minha vida, necessariamente. Mas um caso de sucesso para uma família nuclear tradicional, e eu assim...

E: Você considera eles uma família nuclear tradicional?

F: É, considero. E eu já questionei muito isso, e até hoje questiono, hoje não assim, não tenho isso como objetivo de vida, formar uma família nuclear tradicional. Acho que isso pode acontecer e pode não acontecer. Não combato isso, mas também não defendo.

E: Você falou que faz uns 3 anos que você acabou o último relacionamento?

F: É, uns 2 anos.

E: E durou quanto tempo?

F: Ele durou, com idas e vindas uns 2 anos. Mas assim, com uma interrupção no meio. Mas durou no total uns 2 anos.

E: Vocês chegaram a morar juntos?

F: Não. Eu morava no Cambuci, quando eu sai da casa dos meus pais, foi um tempo depois ainda, então eu morava lá e ela...Foi o relacionamento que eu mais assim convivi com a pessoa no sentido dela dormir em casa e tal. Porque antes quando eu morava em casa com meus pais não era tão...Assim, eles não se sentiam confortável com namorada dormindo na casa deles. Então, quando eu morava com eles os meus namoros era mais essa coisa assim de dormir no motel, de não dormir junto, era o namoro mais de eu na minha casa, ela na casa dela, só que meus pais viajavam muitos fins de semana pra esse sitio do meu pai, e eles permitiam, nunca proibiram nada, então a namorada dormia em casa só de sábado pra domingo, quando podia, e quando os pais dela liberavam, que não era sempre.

E: Você falou que era muito tímido. Quando foi essa primeira namorada?

F: De idade? Eu tava no 2º colegial. Eu tinha 16 anos.

E: Durou muito?

F: Durou uns 9 meses, de janeiro até novembro.

E: Durou o período da escola?

F: É, durou o período da escola, porque ela cursava o 3º colegial e quando ela foi prestar vestibular, eu tava chegando no terceiro, ai acabou.

E: E esse ultimo, foi você ou foi ela?

F: Foi ela. Por isso que eu digo das sequelas. Acabou e ela foi viajar, ai ela voltou e ai ela já tava meio que em outro relacionamento, mas a gente se via de vez em quando, ai ela terminou esse relacionamento e a gente começou meio que a se ver, mas ela não sabia. Isso foi ano passado. E ai, acabou que ela entrou em outro relacionamento e ela engravidou. Esse meu ultimo relacionamento é uma novela. Acho que vai ter muito combustível.

E: Mas o filho é seu?

F: Então, ele teve possibilidades de ser meu. Por isso que...Isso foi uma coisa que assim arrastou muito esse meu ultimo relacionamento. A gente tava junto até mais ou menos o fim

de 2012. A gente já tava ruim no meio de 2012 e foi descambando e terminou meio que por novembro de 2012. Ai, ela foi viajar e conheceu um cara. Ela foi viajar por uns 3 meses e conheceu um cara nessa viagem e quando voltou, em 2013, voltou com esse cara. E ai ela ficou meio que namorando com esse cara, mas a gente se via de vez em quando, durante o primeiro semestre de 2013. E ai, ela terminou com esse cara meio que por abril/ maio, e ai a gente meio que se viu uma meia dúzia de vezes e ai ela meio que conheceu outro cara, que já era um rolo de antes dela e num sei que. Ai ela me contou que tava se envolvendo com esse outro cara, que tava confusa e tal, e a gente meio que se separou, ai um mês depois ela me liga e diz: “Descobri que estou grávida.” E nisso ela tinha terminado com esse outro cara, saído comigo e começado um novo relacionamento, no período de um mês, que foi o mês que ela ficou grávida. Ai, eu acompanhei todo esse processo da gravidez dela e, meio que: “Qualquer coisa tô aqui”. E a gente viu de fazer o exame, mas era muito caro pra fazer antes de nascer, ai o filho dela nasceu em dezembro. Ai, agora em janeiro/fevereiro de 2014, que a gente foi fazendo os exames e foi descobrindo que, graças a Deus, o filho é do atual namorado dela. O cara tá lá com ela agora, ai ela já tá lá com ele, criando o filho dela. Essa, porque enquanto existia essa possibilidade do filho ser meu e essa possibilidade do filho ser do atual namorado era meio que a menor delas. Podia ser meu ou do anterior. E isso me ligou a ela ainda, porque ne? Eu fiquei ainda ligado a isso, ai quando saiu a confirmação ai foi...

E: E essa possibilidade de ser pai?

F: Me atormentou o ano passado inteiro. Foi...Foi muito intenso essa coisa do ano passado assim, mas é por outro lado faz, é o tipo do susto que faz você...Eu nunca...eu achava que essa coisa de ter filho ia ser muito distante de mim, e quando eu vi essa possibilidade acontecendo, eu acho que o que ficou pra mim de lição é que assim, “não é tão ruim”, eu tava assim: “se for meu tá ótimo, eu vou querer educar ele, tá com ele”, vamos trabalhar, vamos fazer, não é o fim da vida. Sei lá. Fez eu enxergar várias dessas coisas mas foi uma frustração assim, do final, né? Porque no fundo eu também tinha uma ponta de esperança de ser meu, assim. Eu gostava dela...E...então rolou esse choque assim.

E: Qual nome você daria para sua família?

F: Um nome?

E: Um apelido, um sentimento, uma palavra...

F: Nossa, pra sintetizar tudo assim? Eu acho que é...ela tem a ver com o entre a tradição e a não tradição, porque é uma família que é muito tradicional de certa forma e isso me fez enxergar e questionar muitas coisas sobre tradicionalidade e até aceitar, ne? Aceitar eu não digo, eu digo assim, porque por um momento, principalmente quando eu decidi ser artista, foi um momento na minha vida em que você começa a questionar tudo e eu sempre fui mais assim, eu gostava de ser questionador nesse sentido de filosofia, sempre gostei muito dessas coisas todas, e...sempre questionei muito toda essa coisa de família nuclear, de casamento e de tradição, de educação, de religião, que eu gosto muito de discutir isso assim...e, eu acho que a minha família nunca, assim, me deixou falar mal da tradição por um lado. E, também por outro lado tem todos os casos clássicos do que a tradição pode fazer de ruim pra uma família, ne? Eu vejo os exemplos dos meus tios e das coisas em volta, assim. Mas tem essa coisa, a minha avó Cintia, a mãe da minha mãe, ela pra mim representa, ela é uma boa referencia pra mim no sentido artístico. Porque ela é excepcional nesse sentido. Ela é, eu sou muito... Eu admiro muito ela nesse sentido assim porque ela, quando você decide ser artista da vida, e começa a se perguntar o que sou eu, o que é minha arte, você começa a ver a ancestralidade, ai eu conheço e trabalho com muita gente que é do nordeste e o pai e o avô era num sei que e que mexe com os tradicionais, eu fico vendo: “e a tradição da minha família?”, que eu fico vendo que é todo mundo meio riquinho, é todo mundo meio playboy, é todo mundo num sei que, ai você por vários momentos, eu falava assim: “pô, cadê o roots da coisa?”. Mas a minha avó e o meu avô, o meu avô eu não posso falar muito porque eu não conheci, mas ele é uma

sombra muito forte na família artisticamente e ele era um ator super famoso e super considerado assim, e minha avó em especial ela trouxe essa coisa europeia, essa coisa da cultura assim. Ela vai assistir ópera desde que ela tem 5 anos de idade. Minha bisavó, a mãe dela, era professora vocal de ópera, de canto, num sei. Então a minha avó é uma pessoa muito ligada, é uma pessoa hiperculta, é uma das pessoas mais cultas que eu conheço nesse sentido. Tem uma biblioteca gigante, já leu um monte de coisa e tem essa coisa da música clássica, de teatro clássico. O teatro que ela fez aqui...Ela é uma das fundadoras do teatro antigo daqui, junto com a geração dinossaura do teatro. E a minha avó tem essa coisa muito da cultura, da cultura tradicional, dessas coisas que eu questiono o dia inteiro com a arte que eu faço, no meio que eu to. Mas que me alimenta demais essa tradição. Porque hoje em dia, a gente já tá dando a volta. Se questionou tanto a tradição e já está se voltando para ela e achando o tradicional legal. Então eu devo isso muito a minha avó, eu acho que ela é essa ligação com a tradição cultural, a referencia de cultura pra mim.

E: Você e a sua mãe estão melhor?

F: Estamos, mas a nossa relação é distante. Assim é distante porque o meu mundo funciona em outro fuso horário, né? Então durante a semana a gente fica na correria ali, mas eu sempre tento almoçar com ela uma vez por semana, pelo menos. Mas assim, eu tipo, amo minha mãe e ela me ama, mas a gente teve, teve esse conflito quando eu sai de casa, que foi muito marcante, principalmente pra essa relação com ela, de que eu era muito ligado. Assim, é lógico que eu deixei de ficar grudado na minha mãe antes de eu sair de casa. Quando a gente começou a ficar mais, a ter carro, a ter mais de 18 anos, a faculdade, eu vivia muito na rua. Minha mãe falava que a casa era hotel. “A casa aqui não é pensão”, essas mães que falam isso. Porque eu chegava em casa só pra dormir. Isso fez eu me individualizar em relação a eles. Buscar o que eu era. E também quebrar muito desses padrões que eu quebrei ao escolher seguir essa vida que eu sigo que não é a vida dos meus pais. E é uma vida que eles sempre ou combateram ou tiveram medo ou tiveram preconceito, foi justamente o que eu escolhi da vida, o que eles mais temiam.

E: Como se você voltasse pro Tomas e pro José?

F: Exatamente, como se eu voltasse pro Tomas e pro José. E exatamente isso, porque o Tomas se separou da minha avó, e dizem que ele era uma pessoa muito intensa, que era muito artista ator, num sei que, então era explosivo, tipo esquecia a minha mãe, combinava de ir buscar ela não sei aonde quando ela pequena e esquecia dela. E o José também ficou muito tempo... É como se eu resgatasse isso mesmo.

E: E você sabe como seus pais se conheceram?

F: Eles se conheceram na residência. Meu pai fez Santa Casa e minha mãe fez USP, só que minha mãe fez um tempo na Santa Casa.

E: Você sabe a especialidade?

F: O meu pai era cirurgião urologista. A minha mãe eu nunca sei a especialidade dela, ela fez algo de clínica geral.

E: Você sabe quanto tempo eles tiveram entre se conhecer, relacionamento e casamento?

F: Não sei. Deixa eu calcular. Eu acho que meus pais se formaram por volta de 1976. Eles devem ter se conhecido por volta de 1973/74 e casaram por volta de 1978/79.

E: Mais alguma coisa que você possa falar da sua família ou que você queira dizer?

F: Não. Acho mais isso. Eu acho isso. O que eu vejo é isso. O que juntou os meus pais e ao mesmo tempo me fez questionar muito e brigar muito com eles foram os conflitos de família que cada um teve por determinados motivos. Meu pai teve por motivos financeiros e minha mãe mais por motivo de escolha de vida e de carreira.

E: Ela se dá bem com sua avó?

F: Muito bem, minha mãe é muito ligada na minha avó, porque é filha única. E minha mãe cuida muito da minha avó e elas se falam todo dia. Meu pai já não se dá tanto com a mãe dele.

E: Eles ainda estão brigados?

F: É eles assim, não estão tão brigados, mas meu pai assim teve uma época da vida que ele não falava mesmo com a minha avó assim. Era mui brigado. Hoje em dia eles se aguentam, assim. Porque a minha avó sempre foi muito complicada em relação essa coisa de dinheiro e coisa de herança, de distribuição de bens, de escritura da casa de num sei que, se vai dividir, num sei que, aí meu pai queria fazer um negocio no sitio e o sitio era da minha avó e minha avó...eles sempre tiveram esses conflitos dessa ordem material, de coisas assim, de minha avó gastar muito e meu pai achar isso um absurdo e num sei que.

E: E você e sua avó?

F: Eu sempre gostei muito da minha avó, quando eu era pequeno eu sentia muito mais afeição pela minha avó Cintia, mas nunca desgostei da minha avó Belá. Mas, sempre tive muita afeição por ela. Hoje em dia eu gosto muito da minha avó, assim, ela inclusive me ajudou por um bom tempo quando eu sai da casa dos meus pais, com dinheiro, me ajudando a pagar o aluguel, assim. Porque quando eu sai da casa dos meus pais, eu sai meio que numa coisa muito turbulenta, porque eles questionavam muito minha decisão, porque eu tinha acabado de me formar em engenharia e ia perder isso e ia ser artista, e eles ficavam: “e você vai ser artista como”; “você vai ganhar dinheiro?”. Eles me questionaram muito então era uma coisa de...é, assuntos financeiros com meus pais sempre foi uma coisa muito difícil pra mim. Eu sempre tive muita dificuldade em assuntos financeiros com eles porque eu sempre fui relativamente relaxado, eu nunca fui assim irresponsável, já fui algum dia, já fui adolescente, ne? Mas assim, quando começou essa coisa da vida adulta assim, a parte financeira sempre foi complicada porque, porque eles sempre questionaram essa minha decisão de vida e essa minha coisa de ser artista. Essa coisa de eu querer uma vida mais simples e eles, sei lá. Então quando eu sai de casa teve essa coisa de eu não, eu sai de casa assim, fiz uma promessa pra mim de que eu não ia depender financeiramente deles.

E: Eles não te ajudam?

F: Eles não me ajudam. Desde que eu sai de casa, eles me ajudaram pontualmente duas vezes. Uma vez que eu tava, tipo eu trabalhava na época ainda com engenharia, eu fiz um estagio e trabalhava numa fábrica, então até tinha uma grana, quando eu sai de casa, aí saí desse emprego e eu ainda tinha um cartão de crédito, aí acumulou o cartão de crédito, num sei que. Ai eles me ajudaram pontualmente nisso, com muito sofrimento e com muita discussão. E, mais uma vez assim. De resto eu nunca pedi dinheiro pra eles nem pra nada, nem pra por gasolina no carro, nem pra pegar ônibus. Por causa disso assim, porque sempre foi uma relação muito dolorosa quando se trata de dinheiro com eles. Então, a minha avó acabou me ajudando financeiramente nesse período. Principalmente porque ela não falava muito com meu pai e ela, sempre foi muito carinhosa e amorosa com a gente, sempre foi muito acolhedora, apesar da gente ter convivido pouco com ela por causa da relação dela com meu pai. Então ela é sempre assim: “Po, você tá precisando de alguma coisa?”, e eu: “To saindo da casa dos meus pais”. Ai ela: “eu quero te ajudar. Deixa eu ajudar você a pagar seu aluguel”. Então ela sempre foi muito solícita, uma época que eu viajei ela me ajudou também. Então essa é a relação que eu tenho com ela, muito amorosa, mas eu vejo pouco ela assim, por questão de tempo mesmo. Então é isso. Acho que isso é uma coisa que marca também, essa relação financeira que eu tenho com meus pais, que é complicada. Porque eles tem uma relação com o dinheiro e com uma posse de bens material muito, que a meu ver é muito complicada. Mas é muito responsável. É pelo lado de “tenha tudo certinho, pague tudo em dia, seja responsável”, e qualquer coisa que sair disso um pouco é o caos. Eu sou muito mais relaxado. É isso.

E: Mais alguma coisa que você queira dizer, colocar?

F: Eu acho assim, sobre relacionamentos, sobre a minha visão de relacionamentos, já que é disso que se trata, ou a gente vai chegar lá?

E: Se você quiser falar mais alguma coisa da sua família. Se não podemos fazer a segunda parte.

2ª Parte: Entrevista:

E: Como você percebe o casamento?

F: Como eu percebo o casamento? Eu percebo o casamento como uma decisão de duas pessoas de seguir a vida juntos, de montar uma vida juntos, em termos de montar...Casamento pra mim é no mesmo teto. Significa pessoas assim, sustentando uma casa juntos no mesmo teto, e uma vida, ne? Em termos de relações familiares.

E: O que você está chamando de relações familiares?

F: É assim de você acompanhar a vida de uma pessoa ne? Assim, acompanhar a...o casamento é quando uma pessoa resolve fazer parte da vida daquela pessoa numa intimidade maior assim. Então ela vai se relacionar com aquela pessoa e com a família daquela pessoa, com o universo daquela pessoa. A família qualquer que seja. Seja a família de sangue ou não, mas ela vai participar da vida social da outra pessoa, da vida familiar da outra pessoa.

E: O que você entende por união estável e união consensual?

F: Não sei o que são. Eu acho que união estável é um casamento onde as pessoas convivem no mesmo teto e dividem as coisas, e união consensual deve ser quando as pessoas ainda tem que estar juntas por causa de um filho ou coisa assim, mas elas estão livres para ter seus relacionamentos amorosos por ai.

E: O que é amor para você?

P: Amor pra mim é a vontade disso. A vontade de participar da vida de uma pessoa. Em qualquer nível, ne?

E: Como assim em qualquer nível?

F: Assim, eu moro com uma amiga, e eu a amo e ela me ama, mas nos somos irmãos assim. É uma coisa que daqui a pouco a gente pode se separar, ela ir fazer a vida dela em outro lugar, e eu não sei que, mas é uma relação que a gente construiu ali que é momentânea. E eu acho que um amor de um casamento também é isso, uma relação que se constrói naquele momento só que aquele momento pode durar pra vida inteira, como pode que não. Mas é algo que se constrói nesse presente assim. E, lógico eu tenho um nível de intimidade com minha amiga que vai até certo ponto, se ela fosse minha mulher, minha namorada seria diferente.

E: Como você percebe suas relações amorosas?

F: É, eu percebo...Eu percebo que eu tenho essa necessidade de tá sozinho de vez em quando, de ta na minha cabeça. E isso prejudica as minhas relações amorosas por causa do outro, não por causa de mim. Isso assim sempre foi uma, acho que em todos os namoros que eu tive, é...essa reclamação apareceu em algum momento: "Você fica ai no seu mundo da lua e eu to aqui do seu lado.". Mas, é essa faz parte, isso faz parte da minha visão de amor, de relacionamentos, de participar da vida do outro, só que as vezes a minha vida é eu pensar em outra coisa. E a pessoa tá do meu lado e eu to gostando que ela ta do meu lado, mas ne? Essas coisas geram uns conflitos e uns paradoxos assim. Mas, eu vejo minha relação amorosa assim. Sei lá. Eu acho que eu sou muito carinhoso no sentido do afeto. Tem uma coisa de presença física e de toque muito presente. Em todos os meus relacionamentos sempre foi assim. E com meus amigos é uma coisa de, eu sinto que eu sempre tenho essa figura de tá sempre bem, de tá do lado. Então é isso.

E: E dentro disso que tu falou de como tu vê o relacionamento, de tu tá no teu mundo e outro está do lado, como fica o casamento?

F: Eu acho que o casamento só tem sucesso, entre aspas, no meu ver, se existir essa consciência das duas pessoas de que cada um tem seu mundo e que o mundo dos dois é junto mas que cada um tem sua individualidade ali, que você precisa...Essa coisa de as pessoas

serem companheiras então cada pessoa por si só estar bem, consigo mesma e as duas estarem juntas se apoiando, mas nenhuma precisando da outra.

E: O que seria o relacionamento/casamento ideal para você?

F: O casamento ideal pra mim é esse. É um casamento onde as duas pessoas se sintam confortáveis pra seguir seus sonhos na vida e consigam coordenar os relacionamentos nesse sentido, que não fique uma esperando a outra. Esse destino na vida pode ser uma coisa que elas façam juntos como pode ser que não. Seu emprego, sua vida, ter ramos diferentes...Porque quando se casam dois artistas que trabalham juntos ou dois médicos que abrem um consultório, que num sei que, ou pode ser que cada um vá pro seu lado, mas que eles tenham esse suporte.

E: Então o relacionamento ideal pra ti seria isso que os dois estão lá se somando?

F: Isso. Estão se somando e que e tenha esse espaço pra individualidade de cada um.

E: O que você pensa sobre a infidelidade?

F: Eu acho que não é...Eu acho que se ela for tratado de uma forma madura, pode ser saudável para um relacionamento.

E: Como assim? Fala mais um pouquinho...

F: Porque eu acho que esse, eu acho que o sexo pode ser tratado de uma maneira diferente do relacionamento. É lógico que sempre ele vai influenciar e é uma coisa assim, é um contato íntimo, quando você escolhe um casamento é um contato íntimo que você tem com uma pessoa só e se você tem contatos íntimos com outras pessoas isso mistura as coisas, né? Por isso eu não acho que a infidelidade possa ser uma prática constante. Uma coisa assim de você ter um relacionamento aberto e tem outros relacionamentos e tem o seu casamento. Mas eu acho que a infidelidade as vezes acontece e, e no meu casamento ideal existe um espaço pra isso.

E: Como assim?

F: Porque as vezes você passa por momentos da vida ou momentos do seu relacionamento com a outra pessoa que abrem espaços para situações que podem gerar infidelidades. E se isso for assim, digerido e bem colocado entre as pessoas assim, eu acho que isso...acho que um relacionamento não precisa acabar por causa de infidelidade.

E: Você já traiu?

F: Já?

E: E aí? Você contou? Como foi?

F: Não contei, trai uma vez só. Tecnicamente assim falando. Porque outras vezes, eu sempre tive relacionamentos que tiveram, meus dois últimos relacionamentos grandes assim, tiveram interrupções assim, e essas interrupções que tiveram no meio dos meus últimos relacionamentos foram causadas por mim. E aí depois o término definitivo por ela. Os dois últimos relacionamentos foram mais ou menos parecidos nesse sentido. E, foram causadas por mim por esse tipo de conflito, muitas vezes assim. E eu não cheguei a trair. Eu cheguei a trair no meu outro relacionamento, três relacionamentos atrás. Nesses outros foi uma coisa disso, de “eu to sentindo que eu posso fazer besteira daqui a pouco e eu preciso dar um tempo sei lá” foram muito isso, então nunca trai nesse sentido.

E: E como elas reagiram?

F: Muito mal.

E: E você já foi traído?

F: Já.

E: E como você reagiu?

F: Muito mal. Muito mal assim, porque isso não foi, é assim, eu fui traído no meu primeiro relacionamento, no meu primeiro namoro, ele acabou com isso, com uma traição, que nunca foi contada pra mim, mas eu soube, entendeu? E era com um amigo meu inclusive, e isso foi um baque muito grande pra mim, porque foi meu primeiro relacionamento e eu era bem novo.

E, eu não sei se foi a partir disso que eu passei a pensar assim, mas isso com certeza influenciou muito nesse...Mas, assim, desde pequeno eu sempre tive um pensamento, uma cabeça muito prática, muito aberta pra tudo. Mas, sei lá acho que esse primeiro relacionamento marcou muito nesse sentido, dessa decepção assim. E você carrega isso, né, pra vida toda.

E: Achei interessante que você não falou nenhuma situação de traição na sua família.

F: É. Porque eu não conheço muitas. Pra falar a verdade eu não conheço nenhuma. Talvez assim da família lá de Maceió, alguma história, entre os meus primos com certeza eu sei mais, entre meus primos lá de Maceió e tal, mas assim traição de que eles são da minha idade e são recém-casados e que traem, mais na esfera da minha geração. Mas nas gerações acima, tipo, não por causa dessa situação de que a gente sempre foi muito protegido.

E: Como você percebe a compreensão que seus pais tem do casamento, amor, relações amorosas e infidelidade?

F: Eu acho que meus pais tem essa visão do que eu descrevi como casamento ideal, só que do jeito deles lógico. Eu vejo que eles se apoiam muito e, né, torcem muito um pelo outro e apoiam muito um pelo outro, cada um em seus projetos assim e são muito, tem muito sucesso. Meus pais são pessoas de sucesso, eu enxergo elas assim. Minha mãe é uma pesquisadora, pesquisadora. Meu pai era workaholic, executivão assim, e hoje ele, assim, quando ele parou de trabalhar e começou a criar peixe, eu fui um dos maiores incentivadores dele fazer isso, porque até então ele achava que não existia vida sem um emprego. E eu disse “não, vai a gente já.”, eu já tinha 26/27 anos, a gente já tá se virando aqui. Então eu acho que eles tem essa visão do casamento enquanto aliança, enquanto sociedade, como se fosse um sociedade. E assim, eu nunca tive intimidade suficiente com meus pais para discutir com eles essa questão sentimental, essa coisa de traição e do que é o que. Não sei.

E: Eles não demonstram carinho entre eles?

F: Não, eles demonstram muito carinhos entre eles. A falha é que eles nunca demonstraram uma falta de carinho. Nunca brigaram na nossa frente, então, pra mim até eu me dar conta, quando eu tinha 14/15 anos, meus pais eram uma família perfeita nesse sentido, sempre se amaram, sempre se adoraram, sempre tudo bem. Eu não sei se foi realmente assim, eu imagino que não tenha sido exatamente assim, mas não foi passado pra mim. Mas eles sempre fizeram isso pra proteger a gente. Pra separar a gente desse tipo de intimidade deles. Eu já senti eles muito, em momento de período de conflitos, mas nunca perguntei porque, eles também nunca me falaram. Hoje eu sinto eles muito bem, assim. Eles retomaram o amor e o companheirismo de vida e tão muito bem. Mas há uns tempos atrás eles não estavam tão bem.

E: Você quer dizer alguma coisa? Fazer algum comentário, alguma pergunta?

F: Eu queria dizer que isso, eu acho que eu tenho uma visão de eu vivendo sozinho a vida inteira, como tenho um visão de eu com uma mulher e com um filhos, ou com filhos e sem uma mulher e eu deixo todas essas portas muito abertas para mim assim. E eu acho que todos nós somos condicionados a ficar com medo disso, de falar assim, existe uma pressão social por você ter uma família e ter uma mulher e ter filhos, e apesar de ter muitas pessoas que não seguem isso e são felizes. Mas não dá pra negar, que existe quem questiona isso e existe a pressão, se existe alguém questionando. Mas eu, assim, um dia eu chego lá nesse sentido de poder ter um relacionamento 100% maduro nesse sentido de não haver trai...- de a traição não ser uma traição, e da aliança ser uma aliança e ter uma individualidade, são sempre coisas que você tem que tá balanceando. Um amigo meu que é uma referencia muito nisso, ele é artista também, ele é muito doidão, a gente estudou filosofia muito tempo juntos. E ele tem a visão mais assim radical em relação a relacionamento que eu já vi, e radical no sentido de que ele é muito bem resolvido com essa visão assim, libertaria de amor. E muito bem.. e consegue construir relacionamentos incríveis desse jeito. Ele namora há uns 3 anos, com uma menina. E eles de vez em quando eles estabelecem períodos, em que eles dão tempo, “um mesinho aqui,

não tô bem, quero ficar com outras pessoas, quero num sei o que” e eles vão se separam, ficam, brigam, ficam com ciúmes, sei lá se resolvem, tão bem de novo. E ele consegue, ele é muito inspirador nesse sentido assim, pra mim, de uma pessoa que consegue. Porque eu sempre fui partidário do namoro aberto, mas nunca consegui colocar isso em prática por causa das minhas namoradas que sempre foram excessivamente carentes. Eu acho que eu atraio e porque eu também sou. E eu atraio esse tipo de pessoa porque eu também sou. Apesar da minha cabeça eu tenho essa ideia libertaria, eu também sou carente, ne? Então é esse conflito que a gente tem que gerenciar. Agora eu to numa fase, depois desse meu último relacionamento nessa coisa de quase ser pai, de não ser. E dessa menina que eu gosto muito, gostei muito e ela é bem mais nova e nosso relacionamento acabou por causa de crises dela.

E: Ela é a que teve o filho?

F: É, ela que teve o filho. Ela tem tipo 22 anos. E esse relacionamento acabou por crises dela, da idade dela, e é compreensiva, porque eu também já tive 21/22 anos e ela também é uma pessoa muito intensa e ai, isso me deixou, hoje em dia eu passo por um período to muito focado em trabalho e espero ter um relacionamento.

E: Você teve pressão dos teus pais pra ter filhos, família, casar?

F: Minha mãe fala muito disso. Ela não pressiona no sentido de “a você vai ne?”, mas ela já tá numa fase de vida que ela tá “Po, gostaria tanto de ter um netinho”.

E: Ela fala pro seu irmão também?

F: Ela fala pro meu irmão também. A relação do meu irmão com a namorada dele também é outro capítulo a parte. Porque o meu irmão é mais complicado do que eu. Eu sou meio enrolado mas eu sou meio “foda-se” pra certas coisas, sou meio rebelde, pra sair de casa. Meu irmão sempre foi assim mais complicado. Ele é o mais velho e o mais complicado, porque ele é o mais velho, ne? Eu sempre senti que meus sempre tiveram muito mais cuidado com meu irmão e isso também me fez ser mais, você vê assim: “Ah, no ano que meu irmão sei lá foi tirar a carta” então meus pais ficavam, e meu irmão sempre foi mais desesperados assim, “Ai não sei se vou conseguir” e ai meus pais saiam pra dirigir com ele e tal num sei o que, e ai ele vai fazer a prova, será? E ai no ano que eu fui tirar a carta meus pais foram: “Ah, vai ai na escola, se inscreve pra tirar a carta, vê ai como é que é”. Ai eu fui ver como é que é, tem aula ai. Eu implorei pra minha mãe pra ela sair comigo na véspera da prova, ai ela “ai, tá bom, vai”. E meu irmão diz que sente isso de mim, que eles são mais atenciosos comigo e menos com ele, então vai ver pra umas coisas comigo e pra outras coisas com ele. A visão que eu tenho dele é que ele é mais complicado. E ele tá namorando com esse menina há muito tempo e eles já tão num esquema assim muito juntos, mas ele fica...ele sempre é...ele é muito mais indeciso do que eu. Porque eu assim, queria ser artista, não sabia o que ia fazer direito, mas sai da casa dos meus pais. Meu irmão patina muito mais nesse sentido. Então ele tá namorando com essa menina, mas há muitos anos eu escuto ele “Putz, mas eu não sei se é bem isso”, mas ele não consegue terminar. E eles tem uma relação muito próxima, todos os feriados ele passa com ela na casa dos pais dela, no sitio dela, ela passa com ele no sitio dos meus pais, estão sempre juntos, réveillon, natal, estão sempre grudados um no outro, fazendo, todos os feriados saem pra viajar, mas não moram juntos ainda porque meu irmão acha que ele não tá no momento ainda porque ele não ganha o suficiente, porque quando ele tiver uma família, ele quer ter uma família que ele possa sustentar, então ele tá esperando ele chegar talvez num...Ele é muito prevenido, excessivamente prevenido, nesse sentido.

E: Você também tem esse pensamento de ter uma família quando tiver uma condição financeira boa?

F: Não. Eu tenho pensamento de ter uma família quando eu tiver de ter uma família. Principalmente depois dessa historia desse filho, isso também me mudou muito nesse sentido, porque antes eu tinha um pouco desse pensamento, que eu não pensava em ter uma família porque eu pensava assim: “eu quero ser artista – se eu for artista eu vou ganhar mal – se eu

ganhar mal eu não vou ter uma família.”. Esse era o primeiro pensamento que me veio automático. Só que hoje em dia eu penso diferente, eu vou ter uma família quando eu encontrar uma pessoa com quem eu queira ter uma família, e eu vou ter um filho, ou quando a natureza me der um filho ou encontrar a pessoa com quem eu quero ter um filho. E meu irmão ele já assim...Então essa menina você sente que ela tá esperando o momento que eles vão casar e meu irmão fica “ah, não sei”. Então meu irmão por ser mais prevenido e gostar mais dessas coisas, ele tem uma visão um pouco mais tradicional de família, apesar de ele ser muito indeciso.

E: Então você que o Rodrigo é mais tradicional um pouco?

F: Acho.

E: Então o Rodrigo seria a tradição e você a não tradição?

F: É. Exatamente.

E: Bom, se você tiver mais alguma coisa a falar...

F: Não, acho que cobrimos tudo.

Participante G - George, 25 anos, nascido em Fortaleza, mora em São Paulo há 2 anos, artista, cursa graduação na área artista que atua. Graduação em comunicação interrompida.

1a Parte: Genograma

E: Tem irmãos?

G: Tenho

E: Mais velhas, mais novas?

G: Tenho uma mais velha e...por parte de mãe e pai, de pai e mãe são três: a Iana, minha irmã mais velha, eu sou o do meio e tem a Vanessa, minha irmã mais nova. Só que ai meu pai tem mais três filhos.

E: Então tu tem uma irmã mais velha de quantos anos?

G: vinte...vinte e nove anos.

E: Você que tem 25 e ?

G: Isso. E uma mais nova que tem 24.

E: Essas são de pai e mãe, ne?

G: Isso.

E: Seus pais então estão separados?

G: Sim.

E: Você sabe quanto tempo eles ficaram juntos?

G: Ficaram...vinte anos.

E: E já tão separados faz tempo?

G: Faz...uns 10 anos, mais ou menos, onze anos.

E: O nome da tua mãe?

G: Maria Lucia.

E: E o nome do teu pai?

G: É Marcos.

E: Ai tu disse que ele tem mais três filhos...

G: Isso.

E: De um segundo casamento?

G: É...um é do segundo casamento. O outro não é de casamento. (Dá uma risadinha)

E: Mas ele é mais novo, mais velho?

G: É o seguinte, tem o mais velho que é o Otavio, que não é de casamento, que tá com, sei lá, tá com uns onze anos.

E: Ah, entendi. É de mãe diferente então?

G: Isso. São dois de uma mãe, e a mais nova é da segunda esposa dele.

E: Hum...Então essa primeira mãe...

G: Confuso...

E: Então essa primeira mãe foi só namorada?

G: Isso.

E: Eles chegaram a morar juntos?

G: Não.

E: Então, e os nomes deles é o...?

G: É o Otavio que é o mais velho, e o Bruno que deve tá com 8?!

E: Ai dessa ele não está mais junto?

G: Isso. É.

E: E ai, agora ele tá casado de novo...

G: Isso, ai teve a Tatiana.

E: Que tá com...

G: 2 anos.

E: O nome dessas mulheres?

G: É Natalia, a mãe do Otavio e do Bruno. E a Bruna.

E: *A mãe da Tatiana?*

G: Isso.

E: *Mas ele morou junto com a Natalia, ne?*

G: Não, ele...

E: *Só teve os filhos?*

G: Isso.

E: *E quanto tempo faz que ele tá com a Bruna?*

G: Vixi, faz uns 4 anos.

E: *E qual a idade do seu Marcos?*

G: Tá com uns...Nasceu em 60...

E: *Tá com 54?*

G: É...(risadas)

E: *É a idade da minha mãe e a dona Maria Lucia?*

G: Nasceu em 64..ta com...50 ne?

E: *E ela? Casou de novo?*

G: Casou. Casou de novo. Com o Murilo.

E: *Mas não tem filhos?*

G: Não. O Murilo tem as três filhas mas...

E: *De um primeiro casamento?*

G: De um primeiro casamento. (risadinhas)

E: *Tu tem relação com elas?*

G: Tenho a relação...que elas vão muito na casa da minha mãe que é casada com o Murilo...

E: *Sabe as idades e os nomes?*

G: Olha (risadinha), o nome sei. Sarah a mais velha, Sabrina a do meio e Silvia a mais nova.

E: *Sabe a idade do Murilo?*

G: O Murilo é 54 também. Quase certeza.

E: *E quanto tempo eles estão juntos, sua mãe e ele?*

G: Hum...deixa ver uns 3 anos. É uns 3 anos. Acho que meu pai e a Bruna estão há mais tempo que eles, uns 5 anos.

E: *E, suas irmãs são casadas?*

G: A Iana é casada.

E: *Faz tempo?*

G: Faz...2 anos.

E: *Tem filhos?*

G: Não.

E: *Como é o nome do marido dela?*

G: Saulo.

E: *Sabe a idade dele?*

G: o Saul, tem...difícil isso. Acho que é a mesma idade da Iana, acho que é 30..

E: *E a Natalia e a Bruna, você sabe a idade delas?*

G: A Natalia não sei. É...a Bruna tem 36, eu acho.

E: *Certo. E você quer que eu comece pela família da sua mãe ou do seu pai?*

G: Tanto faz. Eu não sei o que é pra fazer.

E: *Não, agora vou perguntar dos teus avós...*

G: Ah! Pode ser....Vamos começar pelo meu pai (risadinhas)

E: *Ele tem irmãos?*

G: Tem. Vários, cara.

E: *Mais velhos? Mais novos? Mais velhos e mais novos?*

G: Mais velhos e mais novos. E nem pergunte que eu não sei como é que é. Porque são 13, assim... (risadinhas) Ai eu não sei quem é quem, assim...

E: *Tu não sabe a ordem?*

G: Não.

E: *Mas tem contato com alguns?*

G: Tenho, tenho contato com todos assim, mas um pouco mais distante. Mas tenho contato.

E: *Vai me falando ai...*

G: O nome da galera?

E: *É para gente ir colocando aqui...*

G: Tem o tio Francisco, é tio Constantino, tia Lívía, tia Fábía, tia Rosana, será que vai caber tudo nesse?

E: *Cabe, tem mais papel... tem problema não.*

G: (risadinhas) Tia Rosana, tia Fabiana, tia Gabriela,

E: *É muita gente.*

G: (risadinhas) É...

E: *Estamos em 7. Ainda faltam 6.*

G: Ai...

E: *todos vivos?*

G: É...teve um que morreu, mas eu não sei se 13 são com...

E: *Ah, entendi...*

G: (risadas) Eu demorei anos assim até pra decorar o nome de todos, assim...é...

E: *Gente....*

G: Mas, tia Úrsula...Lívía já foi ne?

E: *Francisco, Constantino, Lívía, Fabia, Rosana, Fabiana, Gabriela, Úrsula e Marcos...ai tem teu pai, quer dizer.*

G: Desculpa é que é muita gente...e eu vejo muito pouco. Agora...a tia Fabiola, eu to na duvida até se ela é irmã do meu pai, porque eu conheci no contexto...mas é...ou ela é prima do meu pai, meu Deus? Ela é irmã do meu pai e casou com um primo do meu pai. É isso.

E: *Fabiola?*

G: Fabiola. É porque tem um porém, também assim...não sei se vai estragar tudo...mas é porque o meu pai ele é filho bastardo, assim...tipo...

E: *Criação, não?*

G: É...ele é filho do meu avô com outra mulher.

E: *Hummm...*

G: Ai a minha avó...

E: *Criou?*

G: Criou.

E: *Entendi. Não, a gente coloca.*

G: Não sei se vai estragar teu desenho.

E: *Não vai estragar meu desenho não. A gente coloca em outro canto.*

G: O negocio é confuso pro lado do meu pai. É...quem mais?

E: *Como é o nome da tua avó?*

G: Rosana. Ah, pera ai...a vó, vó mesmo ou a vó que criou meu pai? Porque assim, ela é a minha avó, eu nem conheço a....

E: *Pera, vamos começar. O nome do teu avô?*

G: Constantino.

E: *Certo, ai ele era casado com a...?*

G: Rosana.

E: *Pronto....Mas, a mãe do Marcos era outra...Eu vou fazer aqui...Depois eu posso passar a limpo. Sim ai, ele teve um relacionamento com a...*

G: Acho que é Ana Cris. Não tenho certeza, mas...Porque assim, nunca conheci...

E: *Ai é só teu pai ou tem outros irmãos?*

G: Só meu pai. Tem que ter um monte de nota de rodapé, ne? (risadinha)

E: *É eu vou colocando aqui as, as legendas. Como é isso pra ti? Essa coisa do teu pai? Não ser filho de sangue da tua avó?*

G: Rapaz, eu acho muito bonito da parte da minha avó assim, sabe? Porque tipo, é...eu não sei nem direito se a Ana Cris era um caso do meu avô e meu pai nasceu ou se, eu acho que sim, por conta da idade dos meus tios, sabe? Acho que foi um caso que meu avô teve e ai, o meu pai nasceu e ai eu não sei o que foi que a Ana Cris fez, se ela sumiu, se ela não quis criar o papai, não sei...sei que meu avô levou papai lá pra casa dele...e minha avó criou.

E: *E.. sabe a idade dos teus avós?*

G: Meu avô Constantino já morreu.

E: *Faz tempo?*

G: Faz. Foi antes de eu nascer. E ai, eu acho bonito isso, cara até...Mas ao mesmo tempo que eu vejo, eu vi isso se repetir, com meu pai, assim, tipo, que o Otavio é...foi um caso que meu pai teve com a Natalia. E ai...o Otavio nasceu, ai depois que meus pais se separaram, ele teve, ainda tinha um relacionamento com a Natalia e teve o Bruno.

E: *Entendi.*

G: Enfim...

E: *Tua mãe e teu pai se falam?*

G: Sim.

E: *Como foi isso pra ti? Essa repetição?*

G: Achei bem significativo assim. Achei um...achei muito cíclico assim, sabe? É...eu vi muito sentido assim, num sei se...achei muito forte. Meu pai ser um filho bastardo e ter um filho bastardo também, sabe?

E: *Mas o Otavio foi morar com vocês?*

G: Não. Na verdade, ele foi meio que o pivô da separação, assim ne? Tipo...foi quando a bomba estourou, assim. Na verdade, eu só fui saber que meu pai tinha um filho quando o Otavio tinha 2 anos já. Então assim, ele...Não sei se minha mãe descobriu na...e separou assim...Mas eu só fui saber quando o Otávio tinha 2 anos.

E: *Como foi pra ti a separação dos teus pais?*

G: Ah, foi bem tranquila assim, cara. Na verdade foi até bom. Porque...tava respingando muito na gente assim...a...o relacionamento ruim deles dois.

E: *E sempre foi ruim?*

G: Olha, eu posso dizer que nunca foi muito bom, sabe assim...tipo, é...o meu pai, assim, ele sempre foi muito meio ausente em casa, acho que principalmente por conta do casamento dele, sabe, com a minha mãe assim. Ele era ausente no casamento e isso refletiu um pouco em casa, mas com a gente não, assim, a gente tinha muito a presença do meu pai em casa. Ele nunca foi um pai ausente, sabe? Mas, assim faltava alegria em casa, faltava ele se sentir alegre. Hoje eu vendo com certo distanciamento, eu vejo muito assim, tipo, a gente tinha alguns momentos de família mesmo. A maior parte dos momentos de família era eu, minhas irmãs e minha mãe.

E: *Entendi. A Vanessa ainda mora com a tua mãe?*

G: Mora.

E: *Mora a tua mãe, a Vanessa e o Murilo?*

G: Isso. E a Maria que trabalha lá em casa desde que eu nasci.

E: *Posso coloca-la em algum canto aqui do desenho.*

G: Ok. Fica a vontade.

E: *Então o relacionamento dos teus pais ele era como?*

G: Olha, sempre foi muito tranquilo assim. Na verdade, eu, me incomodava um pouco com o fato de que eu tinha muito mais liberdade que as meninas, assim, sabe.

E: *Ah, entendi. Tu era mais livre?*

G: Isso.

E: *Te incomodava?*

G: Um pouco, porque eu...num sei, eu achava que eles, eles não deixavam as meninas viverem as coisas, sabe? Assim, pequenas besteirinhas de ah, ir pros cantos de ônibus, andar a pé sozinha, sabe, tipo assim, as meninas não tinham muito isso. Enfim, mas minha relação com meus pais sempre foi tranquila, assim. Sempre foi tranquila, nunca teve, assim, grandes momentos, assim, marcantes negativos não, assim. Tive meus momentos de levar cagaço, logico, assim, tipo, nunca fui santinho, ne, então? Tinha meus problemas lá, mas sempre foi tranquilo. O único problema, assim, que eu via com meu pai é que ele ficava sendo a..., assim, minha mãe deixava tudo e meu pai não deixava nada, sabe? Tipo assim, meu pai chegava em casa e todo mundo ficava com medo porque ele ia perguntar do dever de casa e tal, era..rolava essa figura meio temida as vezes.

E: *É...teu pai trabalha com o que?*

G: Os dois são jornalistas.

E: *E ele trabalha com isso? Na área?*

G: Sim.

E: *E a Iana?*

G: Também jornalista.

E: *E a Vanessa?*

G: Vanessa faz medicina.

E: *Ah, alguém diferente, até você tentou, ne?*

G: É até eu.

E: *E o Murilo?*

G: Murilo é contador. Na verdade, ele trabalha no TRE, concursado assim, mas ele é contador.

E: *E a Bruna?*

G: A Bruna é contadora também.

E: *E a Natalia, você sabe?*

G: Natalia é jornalista.

E: *E o relacionamento dos teus pais com as tuas irmãs, como era?*

G: Como era?

E: *Como é também.*

G: No casamento, quando eles eram casados, era super tranquilo também. Na verdade era isso, assim, a gente tinha uma relação com a minha mãe muito...muito próxima assim, tipo, minha mãe é uma pessoa incrivelmente leve, brincalhona, sabe? Então ela, a mamãe era muito irmã da gente, também. E ela deixava muito as coisas, então ela era sempre pra quem a gente contava as coisas primeiramente assim. Tipo, acontecia alguma coisa, a gente contava primeiro pra ela com medo de falar pro papai, ne? E com as meninas era do mesmo jeito. Assim, tipo, Vanessa queria ir pro show do Chiclete com Banana, quando tinha 12 anos. Meu pai não deixava, minha mãe falava, “ah, vá falar com seu pai”, sabe? Então era essas coisas. A Vanessa queria fazer piercing no umbigo, num sei que, com 12 anos. A menina era o cão com 12 anos (risadinhas). E ai, ela pedia pra mamãe e a mamãe dizia pra falar com o papai. Era desse jeito assim. A relação era mais ou menos assim, tipo, sempre um podendo, um jogando pro outro, enfim. Mas era tranquilo. A gente não tinha muitos momentos assim de família, sabe? A gente tinha, tem um grande amigo do meu pai que é o tio Geraldo, que mora em Brasília, e, quando ele ia pra Fortaleza, todas as férias, ia ele, a tia Carina, esposa dele, a Mara

e a Joana que são filhas dele. Quando iam pra Fortaleza, a gente, a gente viajava pra todas as praias, sabe? Ai era o momento mais família que a gente tinha.

E: Como é o nome das meninas?

G: Não são parentes de sangue não.

E: Eu sei. Você sabe a idade das meninas?

G: A Mara é da idade da Vanessa, então 24, e a Joana, acho que é uns 22.

E: E a tua relação com teu pai?

G: (risadinha) A minha relação com meu pai melhorou muito depois que eles se separaram assim, e na verdade, a com os três filhos, assim, porque, acho que meu pai se tocou muito, assim, que tava devendo, sabe? Um afeto maior, uma coisa assim. Acho que ele se sentiu muito sozinho quando acabou. E ai, ele ficou muito mais carinhoso, sabe? Deixou de ter aquela, aquela aura assim muito carregada de cobrança, e tal, sabe? Então ficou muito mais afetiva a relação depois disso...é isso ficou mais afetiva e mais confiança e tal.

E: Com todos três?

G: Com todos três. A Van foi a que sofreu mais com o relacionamento porque ela era muito nova ne assim, tinha...e ela era mais apegada ao casamento, eu acho. Ela é muito assim, resistente a mudanças. Então eu acho que ela foi a que sofreu mais com a separação. Mas antes, a relação com meu pai, já era, sempre foi tranquila assim, só que com esse medo que rondava assim. O medo do cagaço dele e do carão que ele dava.

E: Então ele era uma figura que dava medo?

G: Era, mas ao mesmo tempo a gente era muito...tipo assim, eu ia pro estádio com ele, sabe? Enfim, a gente adorava, eu e a Vanessa, fazer a feira com ele, ir no supermercado com ele. A gente ia de patins...

E: E ele e a tua mãe?

G: Ele e a minha mãe eles se falam, eles tem uma relação tranquila assim, a minha mãe acho que ainda guarda um pouco de rancor da historia toda, ne? Mas enfim, eles sempre tem que se falar pra resolver coisas e até coisas profissionais assim, eles ja se cruzaram muito profissionalmente e assim, eles se falam com muito respeito, a gente não precisava evitar, assim: “ah, vou fazer um aniversario meu e um dia vai a minha mãe e no outro”, não, os dois podem estar sentados na mesma mesa, sem problemas, sabe, assim? Isso eu acho muito bacana.

E: E como era o relacionamento deles dois antes de separar?

G: A minha mãe era muito mais carinhosa do que ele..

E: Não, entre eles.

G: Pois exatamente isso, assim, eu notava que minha mãe era o lado carinhoso da relação, sabe? Ela sempre...minha mãe é muito carinhosa anyways, assim, ela era muito carinhosa com ele e ele era mais frio, sabe? Sempre mais frio. E ai, é...era isso minha mãe ficava muito feliz quando a gente fazia essas viagens em família, quando vinha o tio Geraldo e tal, enfim, e ai, tinha algumas coisas meio chatas assim, é f*%& falar da relação dos dois porque eu, eu, não consigo lembrar tanto das coisas, mas as coisas que eu lembro, assim, era muito isso, sabe? Da minha mãe tá, tá buscando ali, porque minha mãe tentou muito, por muito tempo o casamento, assim. Eu acho que ela já sabia das historias dos casos dele, assim, tipo, muito antes de acabar o casamento. Mas, mas ela tentava bastante assim. E meu pai sempre dava umas escorregadas, assim. Ele não gostava muito de conversar sobre as coisas, sabe? Eu notava que ele fugia de certas conversas, e eles brigavam bastante, assim.

E: Eles brigavam bastante?

G: Não sei se bastaaante assim, num sei se bastante, mas brigavam.

E: Vocês conviveram com a Natalia?

G: Olha, a gente passou a conviver depois. Quando acabou, assim.

E: E como era a relação do teu pai com a Natalia?

G: Eu sei dizer o que é hoje ne? Teve um episodio, numa noite que, eu me lembro demais. Acho que eu tinha uns 12 anos, o telefone lá de casa tocou assim, de madrugada e ai era a Natalia. E ela tava lá embaixo no prédio.

E: E teus pais ainda eram casados?

G: É. E eu lembro demais desse dia que foi o maior barraco lá em casa, assim...E, ai foi essa a única relação que eu tive com ela...nem vi nem nada, ninguém viu nada, mas ela tava presente, ne? Tipo assim...e essa foi a relação que a gente teve antes do fim do casamento. Depois do divorcio, é...a gente passou a conviver porque a gente passou a se relacionar com o Otavio, ne? E ai, assim, eu sempre tentava levar isso numa boa. Tentava não misturar as coisas, assim, o que era o casamento do meu pai com a minha mãe e o que é o meu pai enquanto pessoa e que tem um filho ali, sabe, e tão pouco tentava jogar as coisas no Otavio, ta entendendo. Eu noto que a Vanessa e a Iana jogaram um pouco, assim, o peso da, “ah, você foi a razão da separação”, sabe? Não diretamente pro coitado, mas tipo, é...evitaram bastante a relação com ele. Tanto é que o Otavio se dá muito mais comigo do que com as meninas. Porque, acho que ele sentia isso, ne? E também pelo fato dele ser menino, e tal acho que ele se sentia mais a vontade comigo. E o Bruno também. E ai, a relação da gente com a Natalia era isso de ir lá e, as vezes eu ia pegar o Otavio, tipo, porque eu e meu pai, a gente, agora não mais porque eu não moro mais em Fortaleza, mas tipo, quando eu tava em Fortaleza, eu frequentava o mesmo centro espirita que meu pai, então eu, teve uma época que meu pai tava querendo levar o Otavio, e ai, por exemplo, ele não podia ir pegar, ai eu ia lá, pegava o Otavio, levava, sabe? Ai, de vez em quando encontrava a Natalia, nesse.. Me lembro demais que meu pai tinha dado uma bateria pro Otavio e ai eu fui, era uma bateria que meu pai tinha, ai eu tinha pedido pra ele, e ai ele...acabou que ele deu pro Otavio, assim. Só que o Otavio começou a tocar um pouco, ai desistiu assim, ai eu fui pegar a bateria na casa do Otavio, assim, me lembro demais, enfim, eu já visitei a casa da Natalia algumas vezes, pra visitar o Otavio e o Bruno, enfim, a relação é essa, assim.

E: Então mora com a Natalia, o Otavio e o Bruno. E teu pai mora com a Bruna e a Tatiana?

G: É. E ah, desculpa, a Bruna tem uma filha.

E: Mora com eles?

G: Mora com meu pai.

E: Quantos anos tem a menina? Você sabe?

G: A Ticiane tem 13 anos ou 14 ou 15. Botar 13, ai....

E: Ela era casada e agora está separada...

G: É. A Bruna é separada também. Família moderna (risadas)

E: É. Família moderna. Antes de falarmos da separação dos teus pais, estávamos falando da família do teu pai. Da tua avó, ne? e tu estava dizendo que achava muito bonito por parte da tua avó...

G: Sim...

E: Ela tá viva ainda?

G: Sim.

E: Quantos anos, você sabe?

G: Sim, noventa.

E: Então quer dizer que os outros 12 filhos são todos filhos desse casal?

G: É.

E: E só o teu pai que não é.

G: É.

E: E ele é o mais novo?

G: Não.

E: E, como a tua relação com a dona Rosana?

G: Ah, é massa cara. É bem bacana assim. Na verdade, a gente sempre foi meio distante da família do meu pai. Por meu pai ser alguém um pouco mais distante da nossa casa, assim tipo, a gente era muito mais próximo da família da minha mãe, porque...mas também não é só culpa da forma do meu pai se relacionar. Tipo, meu pai era jornalista e ele era repórter, então ele viajava muito, viajava muito, cobrindo muita coisa, e aí, tinha muitos momentos assim que ele não tava em casa. Assim, a gente ia muito mais na casa da minha avó materna do que da mãe do meu pai. E aí, tanto é que eu demorei 16 anos, sei lá, para decorar o nome dos meus tios, assim, sabe? Porque a gente só ia no Natal. Mas assim, a minha relação com a minha avó Rosana é essa a gente só via no Natal praticamente, mas alguém que eu admiro profundamente, sabe assim. Não só, enfim, principalmente pela doçura dela. Ela é alguém muito doce, assim. Tipo, uma figura assim, incrivelmente serena, tranquila e gentil, doce pra caramba. E aí, teve um episódio agora que minha avó tocava um pouquinho de violão..

E: A Rosana?

G: É. E eu nunca tinha tocado pra ela assim. Na verdade, eu nunca toquei muito pra minha família assim, e aí, eu fiz um curso de músicos atuantes em hospitais aqui em SP no ano passado, e eu toquei muito pra paciente em estado terminal e a maioria era idoso ne? E aí, caramba senti falta pra caramba de tocar pra minha avó, minha avó tá quase morrendo..

E: Ela ta doente?

G: Ela ta muito velhinha, já, ne? E aí eu fui lá em julho do ano passado e levei o violão pra casa dela, e toquei pra ela. Ai terminei assim e tava indo embora, aí ela: “obrigada pela musica”, assim, um doce. Foi isso.

E: Então com esses tios aqui a relação é distante?

G: É.

E: Entendi...

G: Distantes mas muito queridos assim, não há nenhum problema com eles nem nada.

E: Tu sabe quanto tempo teus avó ficaram casados?

G: Tenho nem ideia. Eu sei que meu avô morreu em 1984.

E: É...como tu não sabe a idade do filho mais velho...

G: É...

E: E, a família da Maria Lucia?

G: Certo. São cinco filhos e a minha mãe é a segunda mais velha.

E: Então quem é a mais velha que ela?

G: É o Natam.

E: Sabe a idade?

G: Não...quer dizer, acho que ele nasceu em 62, deve ter uns 52.

E: Então é o Natam, a Maria Lucia..

G: Natam, Maria Lucia, deixa eu ver, tio Junior, Fúlvio, Fúlvio Junior...

E: Que tem...

G: Ih, vai ser difícil isso. Ai depois tem a tia Veruska, depois Daniele. Isso. A idade acho, não é tão distante...é meio que de dois em dois anos assim...Enfim, suposições ne?

E: E o nome dos teus avós?

G: Fúlvio e Maria Marta.

E: E Maria Marta. Sabe a idade deles?

G: É difícil. Eu me lembro demais quando minha avó tinha 64 anos, mas faz muito tempo já. (risadas) Mas eles são novos cara...Acho que meu avô tem 80, eu lembro que a gente foi pro aniversário de 80 anos ou foi de setenta?! Meu avô tem 80, vamos botar 80. Minha avó deve ter 75.

E: Estão casados desde de?

G: Ih...Faz tempo.

E: Deve ter uns 50 anos ne? O mais velho tem mais de cinquenta anos..

G: Rolou bodas de ouro, talvez...

E: *E teu avô trabalhava com o que?*

G: Meu avô é agrônomo e aí ele trabalhou muito tempo na SUDENE como, enfim...agrônomo..SUDENE.

E: *E a tua avó?*

G: Minha avó era professora de História.

E: *E a dona Rosana?*

G: Acho que era dona de casa.

E: *E o seu Constantino? Algum ideia?*

G: Ele tinha um posto de gasolina, isso eu me lembro, que meu pai trabalhou de frentista uma época. E lavava carro lá.

E: *Entendi. E como a relação com essa família aqui da Maria Lúcia?*

G: É bem mais próxima, né? É bem mais próxima, mas aí, tive vários conflitos assim. Vários não. Teve um ano específico que foi 2006, foi um ano meio conflituoso entre mim e a família da minha mãe porque a maioria lá, a galera é meio de direita, sabe? Aí...tive uns conflitos políticos assim. Lembro demais que era a eleição do Lula, né? Enfim, né? Foi todo esse processo. Mas é...a família mais próxima né? Aí é isso. Meus avós são meus padrinhos.

E: *E como é tua relação com eles?*

G: Ah, ótima cara.

E: *E esse pessoal aqui (família materna) eles são casados?*

G: São. Todos.

E: *Então vamos lá. E esse pessoal aqui (família paterna)? São casados? Tu tem relação?*

G: São casados. O Francisco é casado com a Fatima... é muita gente... Eu nunca tinha feito isso.

E: *A gente ainda não terminou aqui (família paterna), né? Ainda faltou gente...*

G: É...mas eu não lembro...

E: *O Constantino é casado?*

G: É, com a tia Branca. A Lívia não.

E: *Fabia? Rosana?*

G: Também não.

E: *Fabiana?*

G: Também não.

E: *E a Gabriela?*

G: Gabriela é casada com o tio Heitor. Aí, elas moram com a minha avó. Só a tia Fabiana que não.

E: *Tá.*

G: E quem mais? Quem é o último?

E: *Úrsula e Fabiola.*

G: Úrsula também não é casada.

E: *E ela também mora com a tua avó?*

G: Ela sim.

E: *E a Fabiola?*

G: A Fabiola é viúva.

E: *E essas que não são casadas, elas fazem o que?*

G: São professoras. A Lívia tem uma filha mas não é casada.

E: *Todas três são professoras?*

G: Sim.

E: *Úrsula também?*

G: Não. A tia Úrsula tem um distúrbio...aí ela nunca trabalhou não.

E: *Tu sabe do que o teu avô morreu?*

G: Sei...de alguma coisa no fígado.

E: Foi cirrose?

G: Hum...não sei.

E: E os tios? Francisco, Constantino?

G: Tio Francisco não sei. Tio Constantino é psicólogo, professor da Estadual e da Unifor, mas é professor universitário do curso de Psicologia. Tu fez lá na Unifor?

E: Acho que ele foi meu professor.

G: É um baixinho, assim magrinho, meio careca...

E: É. Ele mesmo.

G: É bom professor ele? (risadas)

E: E a Fabiana e a Gabriela?

G: A tia Fabiana trabalha no INCRA e a tia Gabriela é professora de nutrição da Estadual.

E: A Fabiola?

G: A Fabiola é...o marido dela era mecânico, tinha uma oficina e ai, ele morreu agora...ela meio que... é dona de casa...

E: Faltam 5...só tem 9, 10 com teu pai, faltam 3. Daqui pra lá tu lembra...

G: Talvez...

E: E aqui na família da tua mãe? Eles são casados?

G: São...todos. O que importa é o casamento atual ou divórcio?

E: Tudo.

G: Porque assim, a tia Daniela ela é divorciada e casou de novo.

E: Então vamos começar do Natam. Ele é casado?

G: É.

E: Com a mesma mulher?

G: É com a tia Valdirene.

E: E eles tem filhos?

G: Tem, três. A Carolina, a Cinthia e a Camila.

E: Sabe as idades?

G: A Carolina é um ano mais velha que eu, vai fazer 26, a Cinthia 17 eu acho e a Camila, meu Deus, 11...

E: Ai tem a tua mãe, ai o Fúlvio é casado?

G: Sim. Casado com a tia Gabriela.

E: Filhos?

G: Sim, dois. O Fúlvio...

E: É neto?

G: Não tem neto. A gente chama de neto, mas não tem neto. Fúlvio e a Katia.

E: Idades...

G: O Fúlvio acabou de entrar na faculdade, faz...20, e a Katia, 18..a mesma idade da Cinthia.

E: E a Veruska?

G: A Veruska é casada com o tio Davi. Tem dois filhos. O Renan e a Suzana.

E: Sabe as idades?

G: O Renan tem a idade da Cinthia, 18, todo mundo tem 18. E a Suzana tem 6...

E: Nossa! Quanta diferença. E a Daniele?

G: Ela foi casada e divorciou.

E: Ela teve filho do primeiro marido?

G: Tem. Três. O Joana mais velha, é...a Maria Eduarda e o Sergio.

E: Idades?

G: A Joana é a mesma idade da galera, do resto...Eu acho que é 17...18 só o Renan. A Maria Eduarda ta com 16 e o Sergio deve ta com uns 14.

E: Ai ela separou do Kleiton. E ai ela casou de novo?

G: Separou. E casou de novo com o Sebastião.

E: Tem filhos com o Sebastião?

G: Não. O Sebastião tem duas filhas, mas...

E: Faz tempo que eles estão juntos?

G: Faz...faz uns 4 anos.

E: AH, profissões. Natam?

G: Natam é empresário. O tio Junior também. A tia Veruska é agrônoma mas trabalha hoje como paisagista.

E: E a tia Daniele?

G: Ela é advogada da União. Advogada.

E: E os cônjuges aqui?

G: A tia Valdirene é dentista. A tia Gabriela é deputada. Davi é arquiteto. O Kleiton advogado e o Sebastião também advogado, é...bota também advogado.

E: Ah, agora entendi porque você teve os conflitos. E a tua relação com essa família?

G: Ah, é a relação mais próxima assim. A gente ia todo domingo pra casa da minha avó.

É...almoçava toda sexta feira lá, na casa da minha avó. É a referencia que eu tenho assim de família, de família grande assim, essa relação é com eles...

E: Como é tua relação com tuas irmãs?

G: Ah, é ótima, cara. Eu brigava muito com a Vanessa por causa dessa proximidade de idade, assim...então passei muito tempo brigando com a Vanessa, até a gente crescer assim, e se tocar que enfim...mas principalmente depois que eu vim pra São Paulo, a minha relação com a Vanessa ficou muito assim, incrivelmente melhor, e principalmente assim, mais afetuosa. É a gente...com a Iana, a Iana é quatro anos mais velha do que eu, então quando a Iana entrou na faculdade, eu tava no 1o ano do ensino médio. Então a Iana foi uma influencia grande pra mim, de trazer coisas sabe, da faculdade. Ela estudou comunicação então assim, ela chegava com vinte indicações de filmes, sabe? E ai, eu ficava dizendo que era filme de velho...Ai, ate o dia que o filme que ela tava assistindo me fsgou assim cara, que desde então, eu fiquei assistindo filme com ela direto. A gente ia na distrivideo e alugava dez, vinte filmes pro final de semana. E a Iana virou então essa influencia cultural pra mim, a Iana abriu muito minha cabeça culturalmente falando. Então foi muito bacana...E ela sempre foi um exemplo assim, principalmente, quando ela foi fazer vestibular ela foi um exemplo porque ela estudava demais, apesar de não ter passado na federal, ela foi muito dedicada, assim sabe? E acho que ela não passou porque era muito nervosa assim...Enfim, ela foi um exemplo já no 3o ano. Quando ela entrou na faculdade então, a Iana, ela se formou em 4 anos. Ela tinha uma pasta muito grossa por semestre assim, sabe? Todos os textos...Ela era a coisa mais CDF do mundo, virginiana, ne assim? Então ela foi muito uma influencia assim. E a Van cara, a gente só brigava, brigava, brigava. Quando a gente era pivete eu não queria que ela saísse com os meus amigos, ta entendendo? Teve uma época que a gente teve um grupo em comum e eu odiava que ela saísse com a mesma galera, principalmente, porque a Vanessa é linda, então, tipo, meus amigos ficando afim da minha irmã...Pelo amor de Deus. Achava um saco assim...Ainda mais porque ela ficava com uns caras tão nada a ver...eu ficava puto...Ai, era essa a relação, ai depois cara, o problema era ela querer carona pra todo lugar. Eu tinha carro, e como eu passei no vestibular, acabei passando pra federal e tal, acabei ficando com o carro, porque foi um carro que minha mãe comprou pra mim e pra Iana, e ai era eu e a Iana tentando...Eu deixava a Iana no jornal e ia pra faculdade. Enfim, era essas coisas...Ai a Vanessa ficava botando banca pra gente deixar ela nos cantos. Sei que depois que eu vim pra São Paulo, tipo, a minha relação com ela melhorou demais. Principalmente, depois que ela passou a, ela faz medicina, ne? Então ela demorou muito a passar no vestibular, passou uns 4 anos estudando assim, e ela amadureceu muito nessa época. Então minha relação com ela ficou muito boa. E é ótima a relação com elas hoje.

E: E a tua relação com o Murilo?

G: É ótima cara. Poxa o Murilo é massa demais. O Murilo é um cara super cuidadoso, era o que minha mãe tava precisando, sabe? O que ela não teve assim com meu pai...Lógico, minha mãe teve outros namorados assim, ne? Depois que acabou...Mas, ela teve...o Murilo é um cara maravilhoso, dono de casa, sabe? Aquele cara que ajeita tudo na casa...Enfim, minha mãe adora isso.

E: E como é tua relação com o teu cunhado, o Saulo?

G: Maravilhosa, cara. Até porque minha irmã namorou com um cara que era super bacana, o apelido dele era Bacana, mas aí, eles namoraram oito anos, eles se formaram juntos na Unifor e aí, eles tavam pra casar...Tinham poupança juntos já. Aí, a Iana descobriu umas coisas meio paia...E aí, eles acabaram... Mas aí o Saulo é massa, cara. Um cara super trabalhador, é educador físico, tipo, um cara muito, muito batalhador mesmo, sério nas coisas, muito cuidadoso com minha irmã, muito cuidadoso comigo, um cara...enfim, estou muito feliz dela ter casado com ele.

E: Como você via os outros casais da tua família? Além dos teus pais?

G: O tio Natam...aí eu vou mais pro lado da minha mãe. O tio Natam é um cara figuraça, engraçado, mas já que a gente tá falando de relacionamentos, depois estourou algumas bombas assim de casos extraconjugais, e tal...E aí, eu fiquei super meio magoado assim porque a tia Valdirene é uma pessoa incrível, assim, principalmente depois que eu tive esses conflitos com a família, a tia Valdirene foi alguém de quem eu me aproximei muito, assim...Principalmente, assim...porque não foram conflitos assim, foram desgastes que eu acabei evitando ficar indo pra casa da minha avó e tal direto...e aí, acabou que ficava aquela saudade, ficava a coisa boa da relação porque você não tava vendo direto, então você não tinha conflito...e ficava a saudade...porque a gente se ama também, ne? Então, assim, a tia Valdirene foi uma pessoa de quem eu me aproximei muito depois dessa história toda, e aí quando eu soube dessa história, foi depois de a gente estar mais próximos. Tipo, a tia Valdirene me deu um piano agora, tá entendendo? Essas coisas assim sabe? E ela não se separou dele. Meio que soube as coisas e não se separou e aí eu vi isso assim ne?, me lembro demais da minha mãe falando: “olhe, é”...eu falei: “puxa porque ela não se separou e tal?” e ela falou: “filho, você não sabe o que é você ter três filhos e tal e tá casado...” aí eu falei realmente eu não sei. Porque minha mãe segurou a onda durante muito tempo. Enfim, aí eu vi essa questão sabe de poxa, é...as...nem tudo é como a gente pensa, nem todas as pessoas se relacionam da forma como a gente se relacionaria, nem sei se eu me relacionaria da forma como eu penso que me relacionaria, porque eu também não tenho essa estrutura toda para...enfim, diante de mim...aí eu vi, eu descobri isso assim, que, num descobri porque não é uma verdade ne, absoluta, mas vi que certas pessoas encaram dessa forma, assim...de poxa, “num casamento de muito tempo, com filhos e tudo não é por pouca coisa que se rompe, sabe?” eles, ne, no caso. Não sei se comigo seria assim. Mas... Enfim foi uma coisa que eu realizei assim na cabeça.

E: Teria algum casal de referencia pra ti?

G: Olha, os meus avós é um casal muito curioso, assim. Por parte de mãe ne? Porque eles são totalmente diferentes um do outro, meu vô é todo certinho, quieto na dele, discreto e minha avó é toda espalhafatosa, assim, são muito diferentes. Me lembro demais que teve uma época assim, na época que minha avó tinha 64 anos (risadas) que eles inventaram de se separar, cara...Aí, tipo assim, a galera achou piada...Pow, vocês tão juntos há quarenta e cinco anos e vão se separar agora? Aí, eles não se separaram, mas não vou dizer que eles são referencia pra mim enquanto casal porque, enfim, é um casal que eu acho curioso.

E: Como é o relacionamento deles dois?

G: Eles brigam muito, discutem muito, se batendo o tempo todo, mas minha avó é muito carinhosa, minha avó é tipo...e meu avô é todo envergonhado, assim, de demonstrar afeto em

público, sabe assim? Ele fica...Mas enfim, eles são muito companheiros...Eu acho isso muito bonito. Um casal da família que eu acho bacana é meu tio Constantino e minha tia Branca. Sabe assim eles são muito carinhosos um com o outro, a tia Branca é um doce de pessoa então ela é muito carinhosa e enfim, eu acho muito bacana a relação deles com os filhos deles, que eles...

E: Eles tem filhos?

G: Tem...três.

E: Todo mundo tem três filhos?

G: rapaz...(risadas). Eles tem a Mariana que é jornalista também. O Daniel que está fazendo vestibular, eu acho. Ah, tio Moises, um tio ai...

E: Num te disse que tu ia lembrar...Sim, eles tem três filhos o Constantino e a Branca?

G: Sim. Mariana, Daniel e Osvaldo.

E: Osvaldo o mais novo?

G: É.

E: Mais algum casal assim...teria algum modelo de relacionamento?

G: Modelo de relacionamento? Tão difícil falar isso, Rachel, assim, não sei...Não, não tenho modelo não.

E: E um casal que tu acha bacana é o do teu tio Constantino e teus avós?

G: É...e acho bem bacana a Iana e o Saulo. Minha irmã e meu cunhado. Acho bonita assim a relação deles.

E: Como teus pais se conheceram?

G: É...meus pais estudaram na Federal os dois, meu pai tava se formando e minha mãe tinha entrado há pouco tempo. E ai eles se conheceram na Federal. Eu frequentei os mesmo banquinhos que eles...E ai, eles...minha mãe engravidou com 19 anos e ai eles se casaram.

E: Tua mãe engravidou da Iana?

G: Isso.

E: Quem foi tua maior fonte de amor e inspiração? Que pode ter sido amor e inspiração pra essa família?

G: Acho que minha mãe, cara. Minha mãe. Acho que ela é um exemplo assim de pessoa amorosa...

E: Como é pra ti falar sobre isso?

G: (risadas) No aspecto freudiano assim?

E: Não...como é que tu ta se sentindo, como é ta pensando nisso...tá falando sobre...

G: Ah, sim... Olha, eu nunca tinha feito isso, assim...Acho que por isso que eu não consegui lembrar de todo mundo. Mas, é bacana cara. Quando você falou de falar de relacionamentos, eu achei que era pra falar como eu via...

E: Vai ter agora, quando a gente terminar isso aqui... (risadas)

G: Mas é super tranquilo cara. Acho bacana.

E: Tem alguma palavra, alguma frase, alguma coisa que tu dissesse que simbolizaria a tua família?

G: Esse desenho todo?

E: Não tipo, alguma coisa que tu dissesse que “isso aqui representaria minha família”, uma palavra...ou alguma coisa que tu tenha sentido, ou alguma coisa que venha na tua cabeça, a gente fazendo isso aqui...

G: É porque eu vejo a palavra família, eu ligo muito a eu, minhas irmãs, meu pai e minha mãe, sabe? Tipo assim, família pra mim se restringe mais a isso do que essa galera toda...Eu me vejo, sabe, eu sinto mais família esses, nos 5 do que todo mundo assim. E ai, eu não sei...se tem alguma frase, alguma coisa que signifique isso...A pergunta é difícil...

E: Alguma palavra ou um título que poderíamos dar para isso [desenho do genograma]...

G: Confuso, ne?! (risadas) Olha, não sei.

E: E como foi que tu resolveu vir pra São Paulo?

G: Eu resolvi vir pra São Paulo em 2008 e só fui vir em 2012. Mas, porque em 2008 eu decidi que ia trabalhar como artista, ainda tava na faculdade de publicidade, mas eu... eu decidi que ia ser artista mesmo. E ai, meu pai tem muitos amigos artistas e ai, eu vi assim que eles sofriam bastante financeiramente, ai eu: “ah, cara..” isso meu pensamento em 2008, “vou ser artista, mas não vou ser artista em Fortaleza não, vou ser artista em São Paulo.” Nem conhecia assim São Paulo, mas ai, com...essa foi o impulso inicial. Eu decidi não abandonar a faculdade por ora assim, fiquei na comunicação até onde deu, ai apareceu muito trabalho em Fortaleza, enquanto artista, ai comecei a tramar, tramar e ai teve época que eu tava fazendo 7 cadeiras, na federal e trabalhando pra caramba. Tava almoçando passatempo no carro, assim. Sabe? Tive gastrite, foi horrível. Ai eu vi que “não cara, vou ter que me decidir”. No semestre seguinte, eu me matriculei em 3 matérias: comunicação e cultura, cinema e audiovisual e filosofia da música, eu já tava me desligando assim...e ai, depois disso eu tranquei mesmo a faculdade ai fiquei só trabalhando com musica. Fiquei 3 anos trabalhando só com musica, ai eu vi que eu não muito além, sabe assim? Que Fortaleza tem um mercado muito restrito e é difícil você trabalhar com música que não seja só música da noite. Ai, eu vim pra São Paulo por isso assim, fiquei muito na duvida se eu vinha pra cá só pra ser instrumentista ou se vinha pra fazer faculdade, porque eu não acreditava que eu...Eu não queria fazer vestibular de novo e tão pouco acreditava que eu pudesse passar. Acabou que eu tive uma tendinite pesada, e ai eu “ah, bicho vou aproveitar esse tempo que eu vou ter que parar de tocar mesmo e vou estudar pro vestibular de novo”, passei um ano quase assim estudando pro vestibular, passei na USP, e ai eu fiz também em Minas, em Campinas, fiz USP, UNESP, UNICAMP e UFMG, acabou que deu certo e ai eu optei por vir pra USP, eu já queria vir pra cá ha muito tempo. Já tinha vindo pra cá em 2010, passei 15 dias aqui estudando com um percussionista e tal, e ai foi super importante pra mim, ah, cara eu quero vir pra cá mesmo, e ai foi bom porque eu vim com outra cabeça, ne? Em outro momento e foi por isso que eu vim... Vim pra ser músico e ter essa formação. Porque eu não queria fazer faculdade, tinha muitos amigos que estudavam lá inclusive tinha muitos amigos que eram professores do curso de música lá em fortaleza.

E: O curso de música é relativamente novo, ne?

G: É. Mas eu achava, assim, não achava tão bacana o curso de musica lá.

E: E o da USP é bom?

G: O da USP é bem bacana. Tem suas falhas, mas é bem bacana.

E: E teus pais te ajudam financeiramente ainda?

G: Sim. Não hoje são eles que me sustentam aqui. Isso foi um baque aqui. Quando eu tava em Fortaleza era eu quem me sustentava, assim, eu morava com a minha mãe mas era eu quem pagava todas as minhas contas, contas do meu carro e tal...e conta do dia-a-dia e ajudava em casa quando minha mãe precisava, e ai em 2011 quando eu decidi fazer de novo vestibular, eu falei: “mãe tu aceita esse marmanjo de novo, enquanto teu dependente?” ai ela: “oh meu filho, logico” e ai, meu pai paga meu aluguel, assim, metade do meu aluguel, eu pago a outra metade e minha mãe me ajudava com as contas assim do dia-a-dia assim, de se sustentar aqui. E aos poucos eu to me desvencilhando disso porque eu tô ficando mais folgado na faculdade porque eu to perto de me formar e ai eu to fazendo mais tramos aqui em São Paulo aqui aos poucos...Porque também eu... quando eu cheguei aqui eu não queria fazer a mesma coisa que eu fiz em Fortaleza, eu não queria ficar tocando, tocando, tocando, eu poxa, entrei na USP e tal, vou fazer essa faculdade direito, porque eu não consegui fazer a UFC porque eu me dava bem no curso, gostava do curso, mas eu gostava mais de música e tava trabalhando demais e não consegui conciliar as duas coisas e não queria que isso acontecesse de novo. Ah cara, vou fazer a faculdade direito e ai quando eu me formar, eu aos poucos vou me abrindo mais pros tramos e é isso que acontece hoje.

E: Entendi. E as tuas irmãs, elas tem ajuda dos teus pais?

G: Tem. A Vanessa mora com minha mãe, ne? Todos os custos dela são pagos pela minha mãe e um pouco pelo meu pai, mais pela minha mãe mesmo. E a Iana, não. A Iana já tá independente financeiramente, já ta casada.

E: Como foi pra ti o casamento da Iana?

G: Pow, foi ótimo cara. Foi bacana, pena que no dia seguinte da festa eu tive que ir pra Unicamp fazer a prova de musica. Então no dia seguinte eu tava viajando pra Campinas. Mas foi bem legal, bem bacana eu fiquei feliz. Porque a Iana é alguém muito dependente, precisa tá com alguém e tudo mais. Eu fiquei feliz por ela ter achado alguém bacana, sabe? Que não era o Bacana (risadas) e que comprasse a briga, de tudo assim. E ela comprou muito a briga do Saulo assim, eles são muito parceiros. Até porque ela precisava também de uma independência, porque dos três filhos ela é a que mais dependia da minha mãe, sabe, de falar tudo, de se confessar assim com minha mãe, minha mãe sabia tudo que acontecia na vida dela, dos paquerinhas dela, tudo...Eu acho que ela precisava soltar um pouco isso.

E: Mais alguma coisa que tu queira dizer daqui?

G: Não.

2o parte: Entrevista:

E: Como você percebe o casamento?

G: Olha hoje, eu acho que o casamento já foi, socialmente falando, uma obrigação pra muitas gerações assim. Tipo por exemplo, pra minha mãe e pro meu pai foi meio que uma obrigação ne? Tipo, minha mãe engravidou, tiveram que casar. Minha mãe ainda tava na faculdade, meu pai tava terminando a faculdade, trabalhava numa rádio, ia pra rádio de bicicleta, sabe? Tipo assim, não tinham a mínima condição, poderiam ter criado assim, a Iana, de forma independente sem precisar ter o custo de uma casa e tudo mais, mas se casaram, porque meu avô e minha avó era super conservadores e tal e fizeram meus pais se casarem.

E: Tu acha que se eles não tivesse casado teria sido diferente? Eles teriam ficado juntos?

G: Nunca parei pra pensar nisso. Mas acho que sim, cara, na época meu pai era bem apaixonada pela minha mãe assim, mas, foi bom eles terem se casado, ne? Mas, enfim, é isso assim, eu acho que casamento já foi uma obrigação e hoje eu vejo o casamento de uma forma muito mais bonita que a maioria das pessoas, ne? A maioria das pessoas veem o casamento como uma impossibilidade assim...

E: Impossibilidade? Como assim?

G: É. A maioria. Como algo impossível de se manter, sabe? Uma coisa inviável pros dias de hoje, e já eu não. Hoje eu vejo a união de um casamento como algo, como uma escolha antes de tudo, já que em outras gerações isso foi, pra outras gerações isso foi uma obrigação, assim, hoje eu vejo como uma escolha. Hoje em dia é super normal alguém ter um filho com outra pessoa e nem ter sido namorado. Enfim, não precisa casar, hoje não existe essa pressão da sociedade pra isso. Então o casamento acaba sendo uma escolha assim, então eu já acho isso bonito, alguém que escolhe casar, tá casando porque quer, sabe? Porque acha isso uma coisa bacana. Pouca gente casa hoje. As pessoas se juntam e isso querendo ou não tem uma...responsabilidade um pouco menor, ne assim? Poucas pessoas que estão juntas encaram isso como um casamento mesmo...Enfim, ai hoje o que vejo, como eu penso casamento hoje é isso uma vontade de duas pessoas de duas pessoas realmente fazerem um laço mais forte, sabe?

E: Tu falou isso de duas pessoas que as vezes se juntam e não acham isso um casamento. Tu também acha isso?

G: Não, eu acho que, se juntar assim é meio que se casar, mas eu acho que é...comparo um pouco com aquele lance de ficar com uma pessoa, sei lá, você fica com uma pessoa há seis meses, você tá ficando com a pessoa e é só com ela, praticamente, que você fica ou só com

ela mesmo que você fica, mas você não se diz namorando. “Vocês tão namorando?” Não, não...Nunca pediu o outro em namoro, sabe? Nunca formalizou isso, estamos namorando. E eu acho que o se juntar e não dizer que tá casado é praticamente a mesma coisa. Você tá ficando com alguém há sei lá, seis meses e não disse que tá namorando, isso lhe deixa mais a vontade pra chegar e ah, teve um probleminha mais sério e vai e some e vai saindo assim de uma forma mais tranquila do que terminar um namoro, sabe?! E aí, eu acho que o se juntar, o se tá junto e quando você não diz que isso é um casamento, acho que fica um pouco mais leve pra essa questão, sabe? Ao mesmo tempo que eu acho que fica um pouco menos profundo, não diria mais superficial porque nunca vai ser superficial uma coisa que você tá morando com a pessoa, ne? Mas talvez seja um pouco menos profundo...Não sei...Mas eu não estou falando da questão legal do casamento, eu to falando de tipo assim, você encarar isso como casamento.

E: E o que tu entende por união estável e união consensual?

G: A união estável é essa, ne? Que a gente tá falando, de pessoas que não são casadas legalmente, mas que estão juntas há bastante tempo, enfim, ambos tem correspondência no mesmo endereço, aí você chega no cartório e diz: “queremos comprovar que a gente tem uma união estável” e aí, união estável eu encaro como isso, morar junto sem ser casado legalmente. Ai a outra é?

E: União consensual.

G: Ai a outra nunca nem ouvi falar.

E: O que é amor pra ti?

G: Profundo. Cara, amor pra mim assim, não sei. Pra mim amor é uma palavra que costuma significar outras coisas, sabe? Que costuma me ajudar a significar outras coisas.

E: Por exemplo?

G: Num sei, significar minhas relações, sabe? Dar significado a certas atitudes, sabe assim? Mas é difícil significar uma coisa que me ajuda a fazer sentido, me ajuda a significar tantas outras. Mas, amor pra mim, acho que, amor de casal, ne?

E: Amor. De casal também porque a gente tá falando de relacionamento, mas amor.

G: Cara, acho que amor é antes de tudo respeito, ne, assim, com tipo admiração em algum aspecto, você... sei lá, é querer bem, é aceitar, aceitação assim de vários aspectos aí vem respeito também. Porque amor é uma coisa muito profunda, você...quando você ama uma pessoa, quando você tem uma relação realmente amorosa com alguém você conhece vários aspectos da pessoa, você num vive só, num enxerga só o que a maioria das pessoas vê daquela pessoa, você conhece muito mais profundamente, amor é uma coisa antes de tudo profunda, ne? É difícil significar para além disso. Já sei que quando chegar em casa vou ficar triste de não ter...

E: Como tu percebe as tuas relações amorosas?

G: Olha, eu acho que eu sou muito, eu acho que sou muito...eu vou falar a palavra mas não no sentido, assim, acho que eu sou muito leve, mas não leve no sentido de bacana, mas leve no sentido de fácil de ir embora, leve no sentido de ser...por exemplo, eu to longe da minha família e isso para mim é tranquilo. Tipo, terminar um relacionamento pra mim não é a pior coisa do mundo, não morro por isso, assim...é...então leve nesse sentido de ser, de ser facilmente transitável, sabe? Ao mesmo tempo que isso tem...ia falar em espanhol (risadas)

E: Pode falar...

G: Ao mesmo tempo que isso tem cambiado um pouco (risadas). É...isso tá um pouco diferente assim, eu tenho me notado, principalmente depois do meu último relacionamento...

E: Faz tempo?

G: Faz um ano que a gente acabou. Eu e a Lua minha ex-namorada. Desde o meu relacionamento com a, depois que eu acabei com a Lua, principalmente, eu passei a encarar mais, talvez com mais firmeza, com mais...com menos...com menos desistência das coisas. Eu

sempre notei assim que eu sou muito desapegado sabe? Tipo assim, eu sou muito desapegado das coisas. Eu me adapto muito rapidamente, muito rápido a, muito rapidamente a situações, tipo, se eu to solteiro, eu me toco rapidamente que eu to solteiro e que não tenho mais aquela pessoa do meu lado e eu me acostumo que não tem mais aquele toque, sabe? Mesmo que dali há 3 meses eu vá sentir uma falta terrível assim, mas rapidamente eu me toco disso. E agora, eu comecei a namorar pouco tempo com Nina..

E: Quanto tempo?

G: Um mês.

E: Quantos anos tem a Nina?

G: Ela tem 24.

E: Ela é daqui de São Paulo?

G: Ela é do interior, de São José dos Campos.

E: Entendi. Pode continuar.

G: E eu sinto que eu to muito mais disposto a, a ta nas coisas, sabe assim? A ta mais profundamente nas, no relacionamento, sabe? To mais disposto a insistir...Insistir é um verbo muito pesado. Mas a, a não desistir, sabe assim? Eu acho que eu desistia muito fácil assim dos relacionamentos.

E: Tu ficou quanto tempo com a Lua?

G: Com a Lua eu fiquei dois anos e meio. E antes dela, que foi o meu primeiro namoro sério assim, que foi com a Cibele, eu fiquei 3 anos e meio.

E: Namoros longos...

G: É...pra hoje em dia, sim.

E: Tu pensa em casar?

G: Muito, muito. Bastante.

E: Como seria esse casamento? De morar juntou ou de papel?

G: Eu penso em casar, casar mesmo, assim, num sei. Sou meio besta nesse sentido assim.

E: E como fica o casamento dentro da sua compreensão de relacionamento amoroso?

G: Acho que aquilo que eu disse anteriormente, que o casamento hoje pra mim significa muito mais essa questão de escolha mesmo de “poxa ninguém tá obrigando ninguém”, a gente não vive numa sociedade que lhe pressiona pra...na verdade, é muito mais o contrário, a gente vive numa sociedade que lhe pressiona muito mais pra você ser só você e acabou-se ne?! De você não ter filhos, pra você num...muito difícil assim pra você ter espaço pra pensar isso hoje, ne? Então, acho que o casamento hoje pra mim, nessa questão de relacionamentos amorosos, é essa escolha de tá junto com alguém em parceria mesmo, assim, sem nenhuma obrigação, ne? Tipo assim, se eu engravidar hoje, eu sei que não tenho nenhuma obrigação de tá casado, mas se eu optar por tá casado é realmente uma opção, uma escolha. Então é assim que eu vejo o casamento hoje...

E: Pensa em ter filhos?

G: Com certeza

E: Três também? (risadas)

G: Talvez três.

E: O que seria o relacionamento ou o casamento ideal pra ti?

G: Olha, já que a gente tá falando de ideal, acho que seria um...um relacionamento que não ficasse frio com o tempo, principalmente na questão carinhosa assim. Eu sou muito carinhoso assim, e eu acho tão bonito quando eu vejo um casal que tá junto há muito tempo e preserva isso, ainda sente muita vontade de ser carinhoso, de abraçar, de beijar, de tá juntinho, tipo.... Eu conheci os pais da Nina recentemente e foi tão bonito ver um casal que tá junto, sei lá, 30 anos e eles são incrivelmente carinhosos um com o outro, sabe assim, pareceiraços assim, sabe? Fazem muita coisas juntos, e são carinhosos, sempre que chegam, sabe, no mesmo recinto vão lá e dão um beijinho, sabe, assim, eu acho que um relacionamento ideal para mim

seria esse, de parceria pra caramba, de admiração mútua e respeito mútuo e carinho, muito carinho, assim, parceria mesmo.

E: O que você pensa sobre a infidelidade?

G: Olha, eu já pensei muita coisa. Já pensei muita coisa e ainda tenho que ver o que eu to pensando hoje. Eu já pensei como uma coisa absurda, já pensei como uma coisa inaceitável, já pensei como uma coisa aceitável, já pensei como uma coisa que faz parte, sabe? Já pensei como uma coisa sabe, que poxa não significava tanto, mas nunca foi uma coisa que eu fiz. Então, assim eu não sei falar assim, poxa, pra mim é muito confortável falar estando longe disso. Mas, mas assim, eu não sei. Hoje... antes, quando um amigo dizia que tinha traído a namorada, assim, tipo, eu achava um absurdo e hoje eu acho a coisa mais normal do mundo. Tipo, poxa, é cara você sentiu uma necessidade ali, você foi lá e fez e aí viu que não era isso ou viu que era isso mesmo e aí decidiu acabar o relacionamento ou decidiu que não, não quero acabar o relacionamento, é com essa pessoa que eu quero ficar. Ou ah, quero ficar com essa pessoa mas não quero deixar de ficar com outras pessoas...enfim, hoje eu relativizo mais isso, acho que não dá pra chapar: infidelidade é isso. Eu acho que, hoje eu vejo isso mais caso a caso, acho que sou mais tolerante com isso.

E: Já te traíram?

G: Que eu saiba, não.

E: Mas engraçado que na tua família tem, né? E que tu foi bem intolerante com teu tio, mas com teu pai tu separou. Teve mais algum caso, além desses dois?

G: Na verdade eu, eu ia dizer que não fui intolerante com meu tio, mas acho que eu fui intolerante com ele, de certa parte, intolerante porque... é acho que eu fui intolerante.

E: Eu tirei porque tu disse: “ah, mas porque ela não separou” e tua mãe disse “ah, mas você não sabe o que é e tal..”

G: É total, mas você captou bem mesmo, acho que eu fui intolerante com meu tio e meu pai não.

E: Teve mais algum outro caso que você saiba de traição na família?

G: Não.

E: E o que tu pensa do relacionamento aberto?

G: É aquilo, assim, penso caso a caso. Antigamente, eu achava absurdo, achava que ninguém ia conseguir assim, sabe, tipo? Achava que não era verdadeiro, que não podia uma pessoa não sentir nada ou não se incomodar ou até achar bom que a outra se relacione com outras pessoas. Mas hoje, hoje eu vejo isso muito caso a caso, porque, eu por exemplo, eu não conseguiria. Eu sou muito monogâmico mesmo assim, gosto muito de estar com uma pessoa assim, mas tem gente que não. Que se você não consegue, você vai se propor a viver uma relação monogâmica só pra ficar traindo essa relação? Então acho que é muito caso a caso, vai muito de cada pessoa. Como cada pessoa consegue se relacionar com o mundo. Porque tem pessoas que não conseguem ficar só com uma pessoa, mas preferem ter uma pessoa como referência, ter uma pessoa a quem se reportar sempre, mas não quer por isso deixar de viver outras coisas, sabe? Já eu não. Quando eu to ficando mais sério com alguém, eu já meio que naturalmente deixo de ficar com outras pessoas porque sabe? Não sinto mais tesão, porque eu acho que eu me envolvo tanto com outras coisas que eu não consigo me relacionar com alguém só porque ela é gata, gostosa e tal e pá. Bicho, se a pessoa for gata, gostosa e totalmente diferente de mim, bicho, eu não consigo, não sinto tesão e não consigo ir além. E aí, então, quando eu to com alguém que eu me sinto pleno, me sinto contemplado, assim, nas minhas aspirações de relação, poxa, encontrei uma pessoa massa, eu naturalmente vou deixando de me interessar por outras e aí eu vejo que porra, realmente...dessa vez eu vi, porra sou realmente monogâmico. Eu tava ficando com a Nina, tava nem namorando e aí a gente, a gente fica desde o ano passado...

E: Vocês tão ficando há quanto tempo?

G: Olha, fez um ano que a gente ficou pela primeira vez, mas a gente continuou ficando com outras pessoas também, e tal. Mas a gente se conhece há um ano. Ai, ultimamente eu vi que tava realmente envolvido com ela, assim, tipo, já não tava mais com vontade de ficar com outras pessoas. Até tive oportunidades e tudo mais, mas não tava afim. Poxa, achei bacana, mas ai eu vi que eu sou realmente monogâmico. Mas também fui deixando rolar. Desde que eu terminei com a Lua eu bati o martelo de que eu não vou pedir pra namorar com a pessoa enquanto eu não tiver plena certeza. Porque eu senti que isso foi um grande problema na minha relação com a Lua, assim, quando a gente começou eu não tava tão seguro disso e ai, eu falei pra mim mesmo, “bicho, eu não vou começar um relacionamento enquanto eu não estiver preparado para tal”, que eu não sentir vontade, de porra, eu quero namorar, eu quero tá mais sério com alguém. E a Nina tava na mesma vibe e a gente foi levando isso muito naturalmente até que...bicho, ela viajou assim na semana santa e eu sentia falta dela a cada minuto, e eu queria muito ta com ela, ai eu decidi, cara, vou pedir pra namorar com ela, não tem jeito. Ai, eu pedi.

E: Como você percebe a compreensão que seus pais tem do casamento, amor, relações amorosas e infidelidade?

G: Cara, eu acho que eles veem isso muito com uma obrigação muito maior, tipo, eles, acho que eles veem isso como uma obrigação social. Primeiro, eu acho os dois super dependentes assim, tipo de relações. Os dois não passam neca de tempo assim solteiros. Meu pai...minha mãe, quando terminaram o casamento eram sempre namorando, pingando, pingando e nunca estavam sós. E ai, eu vejo isso, que eles sentem uma necessidade muito maior do que eu de estar com alguém, assim sempre, sabe? E na idade deles como eles veem a vida, isso quer dizer casamento, sabe? Então assim, é isso. Infidelidade assim, os dois vão ver isso de forma bem diferente porque minha mãe vai ver isso como algo inadmissível ou sei lá que signifique uma má inclinação de caráter e meu pai vai ver isso talvez como outra coisa, com um pouco mais de tolerância até porque ele fez isso. E o que mais?

E: Como eles percebem o casamento, o relacionamento, o amor e a infidelidade.

G: É acho que é isso. Acho que eles veem o amor, vixi, eu me lembro demais quando meus pais já tavam separados e eu ainda tava com a Cibele, minha primeira namorada, e eu falei que, conversando com a minha mãe sobre essas coisas e tal, eu falei que : “Mãe, poxa, pra mim, amor tem que dar uma porrada mesmo, assim você ficar arriado pela pessoa e num querer outra coisa na vida”, sabe eu super romântico, e minha mãe disse: “olhe filho, é porque você ainda é muito novo. Você vai ver que as vezes o amor brota de outras questões. O amor as vezes brota, as vezes você tá se relacionando com outra pessoa e ainda não é, ainda não ama assim, mas tá junto, ta casado até, e ai vai desenvolvendo um sentimento”, então lembro muito dessa fala da minha mãe. Meu pai, eu nunca conversei isso com ele. Mas lembro muito dessa fala da minha mãe, porque eles veem muito mais, não sei se como uma coisa social, mas assim... Eles veem isso de uma forma um pouco mais racional do que eu.

E: E pra ti? Tu é romântico?

G: Acho que também por ter levado bem menos porrada da vida, talvez, mas eu sou de fato bem mais romântico do que eles.

E: Mais alguma coisa que você queira falar?

G: Não, acho que não.

E: E como foi pra ti fazer essa entrevista, responder o genograma...

G: Oh, foi massa! Gostei.

